

# SEBASTIANÓPOLIS

*Adelino Magalhães*



SEBASTIANÓPOLIS - denominação que o autor empresta à cidade do Rio de Janeiro - é uma coletânea de textos integrais, reunidos em publicações no período de 1916 a 1946.

No resgate desse conjunto notável de obras, buscou-se apresentar um painel que evidenciasse as vertentes consideradas marcantes na criação literária de Adelino Magalhães. Complexa estrutura subjetiva: prosa fragmentária, monólogo interior, fluxo de consciência, revelando angústia metafísica, delírio, polifonia caótica; alto índice de invenções verbais: neologismos, estilo telegráfico, registro da língua popular; flagrantes dos meios onde ressaltam os instintos e sofrimentos rudes: mórbido erotismo, simpatia pelos injustiçados, reivindicação social; a vida nos bairros, as inesquecíveis figuras dos morros da cidade, as festas em quintais, as chácaras, tílburis e bondes, os cafés, a feérica Avenida.

Parte essencial de sua obra já havia sido publicada antes do

SEBASTIANÓPOLIS  
*Adelino Magalhães*



COLEÇÃO  
Biblioteca Caroca





SEBASTIANÓPOLIS  
*antologia de contos*

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Cesar Maia

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Helena Severo

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E  
INFORMAÇÃO CULTURAL

Graça Salgado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Heloisa Frossard

CONSELHO EDITORIAL

Graça Salgado (*presidente*), Beatriz Resende, Lygia Marina Pires de Moraes, Heloisa Frossard, Paulo Roberto Elian dos Santos, Heloisa Buarque de Hollanda, Margareth da Silva Pereira, Anna Maria Rodrigues, Margarida de Souza Neves, Alexandre Nazareth e Renato Cordeiro Gomes.

# ***SEBASTIANÓPOLIS***

*antologia de contos*

*Adelino Magalhães*

1994



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
Secretaria Municipal de Cultura  
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural  
Divisão de Editoração

Coleção BIBLIOTECA CARIOCA  
Volume 30  
Série Literatura

Organizadora  
Heloisa Frossard

© 1994 by Luiz Augusto Magalhães

Direitos desta edição reservados ao Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura.

Proibida a reprodução, total ou parcial, e por qualquer meio, sem expressa autorização.

*Printed in Brazil* Impresso no Brasil

ISBN 85-85632-04-6

Capa e projeto gráfico da coleção  
Heloisa Frossard

Criação da logomarca e arte-final da capa  
Rosanda Ribeiro

Equipe de editoração  
Ana Lucia Machado de Oliveira  
Celia Almeida Cotrim  
Diva Maria Dias Graciosa  
Paulo Roberto de Araujo Santos  
Rosemary de Siqueira Ramos

Organização da antologia  
Ana Lucia Machado de Oliveira  
Diva Maria Dais Graciosa  
Rosemary de Siqueira Ramos

Catálogo: Divisão de Processamento Técnico da Diretoria de Bibliotecas C/DGDI

---

Magalhães, Adelino, 1887-1969

M188s

Sebastianópolis: antologia de contos / Adelino Magalhães.  
Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento  
Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de  
Editoração, 1994.

272p. - (Coleção Biblioteca Carioca; v. 30, série literatura)

1. Contos brasileiros. I. Título. II. Série.

CDD B869.3

CDU 869.0(081).3

---

Divisão de Editoração C/DGDI  
Rua Amoroso Lima nº 15, sala 112 - Cidade Nova  
20211-120 - Rio de Janeiro - RJ  
Telefone 273 3141  
Telefax 273 4582

## SUMÁRIO

- 9 PREFÁCIO
- 15 NOTA DO EDITOR
- 17 SEBASTIANÓPOLIS
  - 19 A galinha
  - 24 A Nicota do Castelo
  - 29 Chico-Vovó
  - 35 O presente
  - 38 Pássaro morto
  - 43 Francisco
  - 46 Gari
  - 54 Sonho acordado de uma noite de estio
  - 59 Lembranças à Matilda
  - 69 A festa familiar em casa do Teles
  - 78 A greve
  - 96 Dias de chuva
- 107 A rua
- 127 Um prego! Mais outro prego!
- 149 Avante! Avante!
- 189 Morreu o Juvenal
- 196 Plenitude
- 261 BIOGRAFIA
- 264 BIBLIOGRAFIA
- 265 SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O AUTOR



## PREFÁCIO

### O quarto das maravilhas de Sebastianópolis

Os subúrbios de Adelino Magalhães tinham ainda aqueles cenários felizes de trens passando por árvores frondosas de chácaras, sítios e casas de gordos quintais. Bondes atravessam o Centro ainda chique, ainda cheirando aos cavalos dos tálburis e a Pereira Passos. Uma Baixada pouco habitada e povoada por gente que nascera ali. Tempos velhos, anteriores ao Estado Novo, época de crimes de paixão e roubo de galinha, de filhos de pródiga sensibilidade nascidos e torturados na mediocridade da pequena burguesia, burra e malvadamente rancorosa e hipócrita com os seus, quando diferentes.

Adelino Magalhães nasceu em 2 de setembro de 1887, em Niterói, e viria a falecer em 1969, do outro lado da Guanabara, na sua Sebastianópolis, de cuja humanidade estagnada, escabrosa, mórbida e apertada - encontrando no humor de amanuenses e boêmios o pouco ar que podia respirar - fala tanto. Ele teria sua *Obra completa* publicada em 1963 pela Editora Aguilar, recebendo no ano seguinte o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras.

É verdade que não há a amargura e o desen-

canto dos romances de Lima Barreto, nem a descontração irônica oscarwildiana dos contos e crônicas de João do Rio: nas pequenas histórias de Adelino Magalhães irão aparecer instantâneos mais abrangentes de seu tempo; nele há apetite para todos os mundos de sua cidade.

Ele não se detém em nenhuma temática. Irá além dos dramas de famílias empobrecidas, das soluções para os apertos domésticos encontradas pela empregada negra da casa. "O meio é furtar uma galinha...do vizinho". Partirá sempre para fragmentos de outras misérias e delicadezas, retratando o grotesco com sua rápida linguagem impressionista. "Tudo em mim é fracionário: um turbilhonamento de anímicas frações..."

Sua produção literária vai de uma guerra a outra, num vertiginoso galope modernista. Essa modorrenta vida da Primeira República vai sendo levada até surgirem as reformas de Vargas. É um Rio que faz pensar nos pedaços de sua cidade que Alfred Döblin pôde reunir em *Berlim, Alexanderplatz*, que tem desemprego, que tem decadência, que tem fome e que bebe. As expressões da cidade se sucedem em quadros quase surrealistas.

São ratos e baratas que já tinham de novo se acostumado à arquitetura cosmética que ficara nos arredores da avenida Central. Longe do Catete, de palacetes, do Botafogo e do Flamengo elegantes de Paulo Barreto e Laurinda Santos Lobo, viceja

numa penúria disfarçada a cidade que rói. É em meio a doces apelidos familiares, coisas de uma monarquia ainda não distante, que Adeline destila a amargura e a fadiga moral diante de transformações desagregadoras que faziam os preparativos para a modernidade brasileira.

Nicotas, Mariquitas, Pequeninas, Zitocas, Zezês eram "coitadinhas" que ficavam nervosas com os acordes de violões na sala de visitas. Elas sabiam-se desde há muito menstruadas e, na sucessão de regras quebradas, não viam muito bem como casar seus desejos, seu erotismo infibulado, quando as tradições de mãe e vovó pareciam tornar-se trágicas farsas escorregadias e gaiatas. Iriam se perder inseguras em esparrelas do desejo, cujos mecanismos estavam sendo reinventados. Como, aliás, uma peregrina nostalgia por um Rio de antanho leva a atual e maltratada ex-capital da República a se perguntar confusa em que logros veio progressivamente caindo.

Em "Chico-Vovó" está o relato comovente do homem-menino febril que vive no quarto, apavorado pela delicadeza de suas lembranças e que é obrigado por todos da família a se embrutecer, a acordar, a se levantar, a parar de sonhar com a avó. Diante da ansiedade, para se livrar de todos que querem separá-lo de sua "vovozinha", de suas recordações, começa então "a chorar até ficar doente", a conversar com ela:

- Que está você fazendo aí, Chiquinho?

Ele responderia, em voz trêmula e se remexendo, à beira da cama:

- Estou pensando na Princesa Azul, Vovó! E no Príncipe, que se deve casar com a Princesa!

Esta antologia de Adelino Magalhães vai pontuando uma a uma essas contradições domésticas e sociais. Esse não convencimento da perda de quotidianos passados, da luta para conservar seus remanescentes, do desatino diante das primeiras greves, de se descobrir operário cercado de companheiros imigrantes, italianos e espanhóis, sem mais aquela quase igualdade de todos, súditos diante de um vetusto trono. Sem ser reconhecido como “operário fidalgo”, deliciosa expressão de Adelino em “Avante! Avante” (*A hora veloz*, 1926). Surgirá então uma nova ordem social, onde “o capitalista hediondo, o burguês que se locupleta à custa do vosso trabalho - são seres que brincam com vossa credulidade, como se brinca com as crianças... Quando muito deixam os operários fazerem irrisórios *meetings*, onde se berra...berra, e não se faz nada.”

Se os operários de Adelino gaguejam diante de todo um novo vocabulário e nomes exóticos, pernósticos são seus doutores, os bacharéis, aquilo que, nos *Bruzundangas*, Lima Barreto ordena numa nova aristocracia, mas aristocracia de hospício.

“Um prego! Mais outro prego!”, publicado em

1920, no livro *Tumulto da vida*, é um conto exemplar de Adelino Magalhães. Está ali reconstituído um pedaço perfeito de documento de vida carioca daquele então. É uma dança macabra, cujo ritmo, algo flamenco, é marcado pela polifonia sempiterna do bater do martelo nos caixões, é uma cidade de São Sebastião assolada pela peste, em plena gripe espanhola.

Em *Plenitude* (1939), todos os recortes que vinham falando do Rio formam a colagem de sua própria vida. É um relato autobiográfico que em muitos aspectos antecipa a obra tardinha e de fôlego maior de Pedro Nava. Ao assumir, entretanto, seu aspecto de memorialista, Adelino Magalhães irá precocemente, trinta anos antes de sua morte, deixar de publicar.

Ele desvela o talento de uma sensibilidade indeterminada. A tudo busca, sem desejar saber o quê. *Plenitude* é ao mesmo tempo um título contraditório para uma obra inacabada, pois que nela faltam vinte anos de memórias. Mas é também o universo que deveria caber numa sala num *Wunderkabinett*, em gabinetes de curiosidades. Não se trata de um pátio dos milagres, mas de coleções fantásticas que parecem encerrar frações de todos os mistérios do mundo. Sejam bem-vindos ao quarto das maravilhas de Sebastianópolis.

*Julio Bandeira*  
jornalista



## NOTA DO EDITOR

*Sebastianópolis* é uma coletânea de textos integrais reunidos em publicações, no período de 1916 a 1946.

Estes contos foram selecionados de forma que o leitor possa ter uma visão abrangente da obra de Adelino Magalhães. Evidenciam as vertentes marcantes de sua criação ficcional, ressaltando, ainda, cenas e perfis, magistralmente fixados, do cotidiano carioca. Foram incluídos textos curtos extraídos de cada volume, publicados pelo Autor, e um texto mais longo que constitui a obra *Plenitude*.

Ao final dos textos apresenta-se o título dos livros em que cada um foi publicado pela primeira vez.

Foi utilizada a *Obra completa*, da Companhia Aguilar Editora (Biblioteca Luso-Brasileira, Série Brasileira, v. 13), edição organizada com a assistência de Adelino Magalhães, para estabelecimento dos textos-base.



*SEBASTIANÓPOLIS*  
*antologia de contos*



## A GALINHA

“Então, Maria, que havemos fazer?”

Espremendo com a destra o peitilho do roupão cor-de-rosa, e os grandes tufos do penteado com a outra mão, a senhora falava escancarando os olhos para a mesa de mármore, cuja alvura era destoada pelo amarelecido de um pedaço de cebola e pelo rubro de três tomates, agrupados em torno de um vidro de sal, quase vazio.

Depois, ouvindo a resposta da rapariga, principiou a agitar as mãos, exclamando:

- “Você diz, Maria, que há um meio muito fácil... muito fácil, mas qual é, afinal?”

- “Ué, gentes, o meio... o meio é furtar uma galinha... do vizinho!...”

O surto de esperança que a animara um instante desapareceu, numa dor asfíxiante... Ela ficou mais suspensa, mais abobalhada, acabando por desprender, em voz sumida:

- “Furtar!? Mas...furtar como?”

- “Furtar...furtando! Espera aí, patroa, que eu lhe vou dizer como...”

- “Que vais fazer, rapariga?”

Trocou por um olhar de pavor o olhar de asco, com que parecera dominar a audácia da outra.

Sacudida por um grande tremor, acompanhou a massa de trapos e de carapinha que, em frente ao fogão, acabara de remexer a lenha incendiada, sempre a crepitar; e depois, quando os pés negros se puseram a andar, sem ruído, no ladrilho desgastado, ela atirou-se à porta do quintal.

- “Aonde vais, rapariga?”

- “Ora, patroa, deixa a coisa por minha conta... Nós falemo depois...”

- “Mas olha...olha cá, rapariga! Maria!”

Antes que acabasse de falar, já lhe apareciam aos olhos

incendidos duas pernas negras e uns molambos, sobre o muro. Sumiram logo, deixando-a muito aflita, estonteada, batendo com os dedos na aresta do muro, quase sem poder dar palavra:

- "Ma...ria! Maria! Cui...dado! Ó Maria? Olha que vem...gente! Qualquer uma...Maria...qualquer uma... serve... Anda, Maria!"

A parede da casa vizinha, um pouco lá, adiante, parecia-lhe prestes a gritar, ofegante! Parecia-lhe gritar a calmaria do espaço ensolado e ela, de respiração contida, sentia-se na angustiada véspera de estourar...

Oh! para que viera ali?

Ao esvoaçar e ao cacarejar das galinhas, um calafrio rasgava-lhe o corpo! Trôpega, foi acompanhando a crioula que, dali a instantes, corria para a cozinha, com uma gorda carijó, suspensa pelas asas retesas.

Diante do pescoço da galinha, esticado à beira do prato fundo, sob a mão da rapariga, ela resmungava, dali a momentos, virando os olhos loucos pelo espaço estreito todo negro de fumaça:

- "Depressa! Depressa, Maria! Que vagareza! pega o bico...Que pamonha és! Não deixa esta faca bater tanto no prato..."

Tonta de inferioridade agradecida diante da ousadia alheia, esteve para encostar os seus aos lábios grossos da molecota, no instante em que espirros de sangue foram cair num avental maculadíssimo, numa carapinha e num esborrachado nariz!

Minutos antes, um estonteamento de cólera, de desespero, de pavor, apoderara-se dela quando ouvira a galinha, que libertara o pescoço, esparramar pelo espaço um som grave, flutuante, com reticências, apagando-se aos poucos...

Irrequieta, ansiosa, teve precauções de assassino, durante todo o tempo em que foi depenada a ave, mandando à criada que derramasse água quente com cuidado...que evitasse o chiado...que ficasse de costas para o muro.

Às grandes penas; às penas menores e à penugem ela catava, uma por uma... Com um pano, limpava o ladrilho da cozinha em todos os sentidos, muitas vezes; arremessou por fim os trapos encharcados ao fogo, e tudo sem parar, fatigante, insuportável, com detalhes novos, mais ridículos cada vez. Recomendava à rapariga em voz baixa, lúgubre, com os olhos escancarados para as portas, "que tivesse muito cuidado com algum gato, que aparecesse... que enterrasse as penas e os ossos, tudo o que sobrasse!..."

Para que o cheiro não fosse lá, para fora, pôs a tranca ao batente, na porta que dava para o quintal.

- "E se eles dão por falta, hein, Maria? Se vierem cá?"

- "Se eles vié cá... a patroa manda eles entrá na sala de visita... Qu' é que há nisso?"

Ela achou na primeira coxa de galinha que levou da terrina ao prato fundo um gosto pérfido, monstruoso, sádico, como o que sente o criminoso na coisa roubada, pensando na inútil tentativa do dono em readquiri-la.

- "Estou a te papar, deliciosa coxinha, e o bobo do vizinho ignora isto. Coitado!"

Que sarcasmo havia nos besuntados e afunilados beiços dela enquanto chupavam o alongado osso!...

Pouco a pouco, foi-se imobilizando diante do escândalo de gordura que boiava na canja, e na sala escura, onde só era ouvido o rumor monótono do relógio, começou a andar desordenadamente, ora com os olhos arregalados e com os braços meio abertos; ora, com a cabeça pendente, em atitude resignada...

Aquele momento, já a criada deles havia, sem dúvida, dado por falta da galinha; já haveria contado à patroa e a patroa não iria desconfiar da gente de outro lado, porque era a gente rica do médico...

Oh! ela estava descoberta! O negócio acabaria na polícia!...

E que estupidez! que estupidez!... Tudo por causa de uma galinha!

Para que foi ela ouvir o diabo daquela rapariga?

E ela teria de mudar de casa!... Imediatamente! Mas como?

Como, se ela ... não tinha dinheiro?!

- "Maria! Maria!"

Quando a rapariga apareceu, ela não sabia o que dizer...

Queria... não queria!...

- "Fecha aquela janela, rapariga!"

E como a rapariga, passando, observasse, muito pasma, que ela havia deixado toda a canja, ordenou, asperamente:

- "Leva, leva esta canja!"

E depois:

- "O pouco que eu comi mesmo, hei de pôr fora... É como que um... como que um filho... natural, que eu tenho dentro de mim!"

Pôs-se de novo a girar loucamente pela sala de jantar, acabando por se dirigir à sala de visitas porque o barulho das panelas e das caçarolas que a rapariga lavava; o cacarejar das

galinhas lá, no quintal; vozes não longínquas, talvez de “lá” também ... tudo metia-lhe um pavor tétrico, incomensurável! E aquela fraca sombra, assim marchetada dos últimos sons do cair da tarde, a invadir a casa, parecia uma confirmação solene aos fatos realizados do dia, irrevogáveis, bons ou maus que fossem!...

Abriu a janela da rua, após uma luta de pesadelo, decidida enfim pela necessidade absoluta de distração: de movimento, de vida, de atordoadoras sensações... Uma primeira onda, vitoriosa, entrou-lhe pelo ser, trazendo-lhe todas as ousadias da rua e ela sentiu no rosto como que um brilho gorduroso de cinismo entre rugas de macabros esgares; e, na garganta, sentiu uma ânsia de gritar que roubara... que ainda ia roubar mais... que ia ser ladra profissional... que o roubar fora saboroso... que ela ia ser ladra, e tudo o mais... e tudo o mais que fosse condenado...

Em pouco porém constringiu-se, no seu íntimo, amargo gosto e teve vontade de chorar diante da nesga do céu, prateada; diante dos automóveis que passavam, das carroças e dos bondes, cujos sons se misturavam num som único, vago, irisado, delirante, despedaçador; diante dos homens, das mulheres; das crianças, que pelas calçadas falavam, riam, tinham exclamações e gestos, a andar ou a correr; diante, enfim, da cara irônica e perversa dos vizinhos roubados, que segredavam, que segredavam... com sorriso amarelo!

Sim... estava tudo descoberto!

Fechou a janela com calafrios, com febre: um terror infinito ia dominando-a e, como um crepúsculo brilhante e sanguíneo, atravessou-lhe, rápida, a idéia do suicídio... Parecia ouvir, distintamente, no silêncio da sala escura e cheirando a mofo, a voz zombeteira:

- “E então você, com esta parte de muito honesta!... Você... roubar uma galinha!... Você, a Emília Soares, muito honesta, hein!”

Os calafrios aumentavam; a enxaqueca surgia com ímpeto desconhecido; o estômago tinha vãos desejos de vomitar; um mal-estar insuportável, enlouquecedor, aniquilador... um inferno, tomava-lhe todo o corpo e ela não podia sair do lugar...

Surgiam-lhe visões...

E as visões que lhe surgiam eram pernas de galinha... gatos... risos do diabo... bocas de velha, soldados... forca... galinhas de *pince-nez*; galinhas com cara de megera; galinhas a ameaçar, medonhas!

Eram também pernas negras... molambos... um muro... asas

retesas por um braço negro...uma gorda carijó, e tudo isto se embrulhava, se embrulhava pavorosamente, enquanto ela se ia sentindo, com langor, mais febril, a desfalecer...

Num momento, mui vagamente, pareceu-lhe ouvir bater palmas...Sentiu um longínquo revolver de sua sensibilidade apagada, quase nula e mal, muito mal, a visão percebeu de uma carranca: a carranca do vizinho!

Despertou um pouco. Não havia ninguém...

E, de novo, gatos; e pernas negras; e bicos e *pince-nez*, e asas de galinhas carijós, suspensas no ar... ela ia vendo, menos distintas, contudo, menos...numa confusão crescente!

A cabeça lhe ia andando em torno; o estômago lhe pesava, num grande enojo; um calafrio contorcia-lhe pelo corpo; soava um extenso chiado no ouvido...

Ela se sentia cair, atordoada, mais uma vez!

(Casos e impressões / Vida burguesa)

## A NICOTA DO CASTELO

- "Viva! Viva a Nicota!"

Logo depois, noutro tom e desencostando-se da mesa:

- "Olha, minha gente, quem está aí!"

- "É vero, é vero! Ecco! Per Baccho! E viva la Nicota!"

- "Eia, com mil demônios! Olha por cá, outra vez, a cabrita!"

- "Nicota! Caramba! Vieni a tu Alonso, Nicota!"

Os três brancos haviam saltado para junto do crioulo que dera o alarme, e, com este, em roda de uma *cabritinha*, à luz da porta, faziam trejeitos de festiva surpresa...

A rapariga respondia aos desengonços estrepitosos dos homens com passos e com braçadas de caqueira, exclamando:

- "Qu' é lá, ó xentes? Qu' é que há por aí, xentes?..."

- "Muitas saudades de você, Nicota!"

Em poucos minutos se haviam reunido à frente da sala todos os indivíduos que, antes, ocupavam as mesinhas enfileiradas até aos fundos; e todos, batendo palmas, sambando uns, trepados outros sobre as toalhas, entre a louça, berravam:

- "...Saudade de você! Nicota...Nicotazinha! Entra, Nicota!"

- "A xainte xa non podia bibere sain ti, ó Nicota!"

- "Per Dios, Nicota, caramba! Vaya! Io morrer...nunca ha visto..."

- "Cala a boca, seu espanhol, que não vale três caracóis! Então a Nicota é p'rus teus beijo?"

- "Daixem ela entrare, ó xainte!"

Assim falando, por último, um rapazelho, com longo pano sujo pendente de uma das mãos, foi puxando com a outra o braço fininho da rapariga. Um outro rapazelho, também de pano à mão, veio gemendo, em tom de reza apressada, às catadupas:

- "E é o figado com arroz!...e é o ensopado de tripas com elas!...e é o picadinho à mineira!...e é o angu à baiana!...e é o repolho recheado!...e é com elas ou sem elas..."

Dois braços torudos e cabeludos se esticaram para o galeguinho, enquanto uma voz de canhão decretou:

- "Ó sô safardanazinho, ou bocê si cala...ou bocê leva uma daquelas...Bocê não está bendo que a Nicota chigou?"

E a Nicota foi levada em triunfo, até ao meio da sala!

Com sua blusa vermelha, de pintas brancas; com seu vestido cor de chocolate; com seus sapatinhos brancos, a baloiçarem...a crioula sorria e fazia trejeitos, assentada nos braços presos um ao outro, de dois homenzarrões!...

Em torno dela, o cortejo de sujíssimas camisas de flanelas e de esburacadas calças, arregaçadas, sem cor, lá ia, socando o chão com uns pilões muito negros, que talvez fossem pés; pontilhando o cortejo, umas caras vermelhas se esticavam, barbadas e de cabeleira desgrenhada, entreoutras caras de variadas cores e imberbes, e de rasa cabeleira.

Havia brancos, negros e mulatos, falando várias línguas...

A Nicota ia assim...como numa consagração universal!...

- "Põe ela em cima desta mesa! Ó sô Manel, traga cá da milhori pinga para a Nicota!"

- "Não, quem quiere suon io! Per Baccho! Ê...ê...ê! Buon vinho per la Nicota!"

- Cala a boca, carcamano safado!"

Dois homens se enfrentaram no meio do grupo; mas os outros empurraram-nos, cada um para seu lado...Ao mesmo tempo, um mulato chegou-se à Nicota, que se pusera a dançar, em cima da mesa.

Ela dançava o cateretê, com o focinho muito para a frente, tal qual desfiasse, em seu despeito de negra, a pretenciosa imbecilidade dos brancos.

- "Mas enfim, Nicota - perguntou o mulato - como é que você apareceu por aqui, hoje? Onde está o Rufino?"

Ela parou de dançar, bruscamente e respondeu:

- "O Rufino é uma besta! Ele pensava que eu ia me assujeitá às maluquice dele, de ciúme, mas tá muito enganado! Macaco é outro!"

- "Era el que não te deixava viri aqui?", perguntou um sujeito palitando os dentes, e de pernas abertas...

- "Pois entonce! Ele não me deixava nem aparecê à janela!...

No fim, nós já brigava todo o dia!..."

- "E hoje, per Baccho, Nicota?"

- "Ah! hoje, ele saiu - foi non sei onde - e eu toquei pra cá..."

Antes de acabar, já estava a crioula, outra vez, no samba, e

todos acompanhavam-na cá, embaixo, batendo palmas, num ritmo de solavancos, de lúbricas decisões em séric...

Tudo parecia bailar! As toalhas sujas, a louça e os restos de jantar enlixados sobre as mesas; a parede denegrida e as duas vistas do Pão de Açúcar que nela havia broxadas; o ladrilho sem cor e lustroso, de sujo; as correntes de papel lá, no teto, cobertas de moscas; as teias de aranha que freiriam no espaço, impacientes, sem dúvida, para fugirem ao cheiro das sebatas comidas, requentadas e decompostas; as duas *iracemas*, nas tinas, à porta, com as folhas sinuosas e duras, de pedaços rasgados e secos - folhas cujo verde, ao longo da nervura, em faixa, se rende a um tom claro, quase amarelo; e as armações, com as fileiras ortodoxas de garrafas; e o balcão brilhante e vivaz dos copos lavados...tudo parecia se torcer, procurando avidamente cada coisa gozar-se, a si mesma numa grande feeria de lubricidade cantante e empinada!

Por vezes, alguma vozes estribilhavam a cantilena e a dança:

- "Ó sor Manel, o melhor binho aqui para a Nicota! Nada de zurrapas qu'ela l'arrumaria à cara! Ó sor Manel!"

- "Já lá bai!", irrompia dum ventruado que servia no balcão, sem cessar, com os braços nus vagando em todas as direções. E gente se esforçava por galgar as armações; e havia quem encostasse os pés nos ombros dos que estavam embaixo...

- "Caramba, Nicota, logo mais...yo resultado teo..."

- "Nicota, este teu zé ainda cá está...às tuas ordres..."

- "Nico...o...ota! Ai...i...i! Ai, Nico...oti...inha!"

Falavam em todos os tons, e faziam sinais obscenos...Faziam caretas de gozo; pegavam no pênis por cima das calças; sacudiam o corpo para a frente e para trás, naquele entusiasmo de apoteose à Nicota!

- "Não te esquece, Nicota, do que você me aprumeteu há muito tempo!"

- Nicota, não, você hoje é minha! Você vai dormir hoje lá, em casa, comigo..."

- "Viva! Olha, gentes, o Rufino!"

E num momento, todo o mundo estava a exclamar, num tom mais velado:

- "Olha o Rufino!"

Nicota ainda continuou por algum tempo a sapatear, mas sentindo que as palmas haviam murchado e que depois todos haviam ficado quietos, completamente quietos, parou de repente, olhando asperamente para o homem que entrara.

“Nicota, me acompanha!”

- “Não!”

O mulato avançou um pouco, no grupo que lhe abriu caminho, e disse, cabisbaixo:

- “Me acompanha, já te disse!”

Ela, de um salto, pulou da mesa e pondo as mãos à cintura, respondeu:

- “Não, já disse, também ! Qué que você qué mais? Eu não tenho medo de você!”

- “Nicota! Mas...vê bem, Nicota...vê bem, rapariga, no que...você tá fazendo!”

- “Eu não tenho medo de você - já não escutô? Você sabe, meu véio...você já me deve conhecê bem!”

E erguendo a cabeça e arcando muito o corpo para a frente, enquanto batia rudemente com a mão ao peito:

- “Óia, você deve conhecê bem a Nicota, caboclo! A Nicota do Castelo, véia de guerra!...que só diz as coisa uma veis!”

- “Vamo acabá com isso!” - berrou o homem, com uma decisão selvagem.

- “Eu dou tudo que você quisé, e nós vamo vivê sem briga...nós vamo combiná, com jeito, nossa vida, Nicota! Me acompanha!”

Ela sorriu desdenhosa, ante a súplica do rapaz, e muito seca, num tom irrevogável, exclamou:

- “Não! Não! E não!”

Uma lâmina luziu no espaço, já meio escuro com a agonia crepuscular. O brilho sereno, de prata, foi rápido e, num momento, apagava-se no peito da crioulinha...

O corpo caiu como um saco de chumbo, sem que um grito, um gemido, um ronco lhe saísse da garganta. Quando já estava estirada no ladrilho, a vítima fez esforço lento para se ir pondo de bruços, enquanto o assassino, com a faca ensangüentada à mão, transpunha o portal, numa velocidade de raio, perseguido por algumas vozes túbias, surpresas, apavoradas:

- “Pega! Pega!”

Corridos minutos, no espaço que se iluminara com algumas raras lâmpadas, as vozes se faziam ouvir mais desembaraçadas, com o estribilho cavernoso do hoteleiro, que mal se podia ter em pé, muito trêmulo! Enquanto falavam, os informantes estendiam os dedos, longos e hirtos, aos guardas:

- Olha, é essa! é essa! Ele matou e correu logo!”

A crioula, cada vez mais, esforçava-se para se levantar, conflagrando as feições em caretas hediondas.

Em certo momento, fazendo por vencer a balbúrdia que dominava a sala, escancarou a boca e os olhos, numa decisão extrema!

Toda enrolada de sangue, foi dizendo, entre dentes:

- Me dá...me dá uma...faca que eu... eu estripo...este filho da...da pu...uta! Eu mo...orro!”

Caiu depois, aos poucos, sobre todo o busto. E quase sem fôlego, estrebuchando, arrancou ainda:

- “Uma fa...ca...me...dá!...Is...so não...po...de fi...cá...as...assi...im!”

*(Casos e impressões / Casos e perfis)*

## CHICO-VOVÓ

- "E há de ficar sempre um Chico-Vovó!"

Na cama - na sua boa amiguinha - com as pequenas mãos espalmadas nos joelhos, acorcundando, ele tremia, numa subida ânsia.

Lá, na sala, a Mamãe falava ainda:

- "Pois é: não dá para nada, esse moleirão..."

Ele há de ficar sempre um Chico-Vovó!"

Escutando passos, cada vez mais distintos, o medo lhe crescia de que chegassem até ali, ao quarto! Chegava a contá-los, para avaliar a distância, e abaixava instintivamente a cabeça, como se a Mamãe já estivesse pertinho repreendendo-o, muito vermelha e trêmula, a balançar os braços para todos os lados; a ranger os dentes; a dar passinhos para trás, passinhos para diante... Depois, menos convulsionado, percebendo o "raque-raque" da tesoura que cortava a costura sobre a mesa; depois, percebendo que a Mamãe se fora sem dúvida lá, para a cozinha, ainda vencido pelo eco daquele tom de enfado, de impaciência e de indignação que o sufocara, ele começou a olhar, com uma doce recordação de intimidade, para as listas, para as faixas vermelhas e róseas da colcha, de fundo amarelado; a olhar para os pés da cama, nos quais um dos ferrinhos estava solto e bambo, deixando o companheiro sozinho no grande vão; a olhar para a dançarina de porcelana sobre a cômoda e para os potezinhos e para os vasos pequeninos onde Mamãe e, antigamente, a Vovó punham tanta coisa, desde fios de cabelo até sementes de hortaliça; a olhar para o relógio, tão elegante e tão severo, como uma torre de pau, fazendo um tique-taque amigo, carinhoso e embalador - embalador de convidar a dormir; e para a caixa de folha, desconchavada e seca, e para o cabide com roupas de homem, com roupas de mulher, todas bambas, tristes, querendo chorar, como ele!...

Querendo chorar! E no entanto aqueles amigos do quarto

falavam com tanta ternura, com tão velha amizade, forte e meiguíssima, que ele parecia encorajado para resistir à Mamãe!

Falavam sobre aquelas conversas - falavam sobre aquelas coisas que só eles entendiam: - aquelas coisas doces, tão bonitas e tão longe, que pareciam dizer assim:

- "Vocês não devem dar confiança a mais ninguém! Só vocês... só vocês..."

E quando a Vovó era viva?...

Ah! mas ele não dava para mais nada!

Dava para sonhar e dava...para lavar as xícaras lá, na cozinha, com a Hermogênia, e para pôr a mesa...

Punha a mesa, com muito capricho, puxando bem a toalha, de modo a ficar sem rugas e a ficar com as beiras tombando igualmente, nos dois lados opostos; separava um prato do outro por dois palmos e meio, bem contadinhos; os copos e os guardanapos, na mesma fileira, ficavam distantes do prato por quatro dedos...

Farinheira, prato de pão, moringas...tudo o mais tinha sua posição relativa, muito bem determinada...Ele sentia mesmo um certo orgulho, quando a Hermogênia gritava, da porta da sala:

- "Sô Chico, óia, é hora de pôr a mesa!"

Mas naquele momento, tal qual noutros, ele tinha um mau deslumbramento, pavoroso, a se lembrar que nunca poderia ser um homem, como o "seu"Roberto, a falar de negócios, vivo, nervoso; nem como o doutor Castro, a contar à Mamãe, risonho, um pouco curvo, de como havia passado dona Gertrudes naqueles últimos dias e o que ela tinha, exatamente; nem podia ser como o "seu" Duguinha, indo de pijama, a assobiar para o banheiro.

Ele se sentia subir todo desorientado, sem esperança, sem idéias, sem sentir, vendo tudo escuro; como se fosse, junto ao dia, apagando lá, atrás da vidraça empoeirada. Porque, de fato, ele não dava para nada, e andava a fugir de todo o mundo, a fugir da consciência que tinha, tremenda, implicante, perseguidora, de todos os momentos: a consciência de que não podia ser visto "como gente", por ninguém.

Quando levava recados da Mamãe para a dona Custódia, esquecia-se da metade; quando fazia compras, deixava-se enganar, ao receber o troco...

Também não trazia nunca, exatamente, o que a Mamãe encomendava.

Ia pelo caminho a resmungar, repetindo baixinho o que ouvira, de modo a não se esquecer: isso, com tanto maior

facilidade, quanto escolhia sempre os pontos mais desertos para andar. Mas quando chegava ao fim, a fisionomia da pessoa a quem ia falar, fazendo-se contraída, no esforço de atenção, espantava-o e ele se punha a titubear, atarantado, com calafrios, quase a cair.

Um dia, veio correndo pela rua afora, na mais fria palidez possível! Levava ao *turco* um dedal para ver se trocava por outro: o homem, antes de reponder, um tanto abstrato, pegara numa tesoura, para cortar uma chita...

E contudo...os outros...

E contudo, os "outros", iam fazendo a melhor figura, segundo diziam todos os que se assentavam à mesa do jantar: tanto os de casa, como os de fora, os quais sempre perguntavam pelos "rapazes". Diziam, às vezes, haver sabido notícias deles, por esse ou por aquele...

O Gustavo, repetiam, estava ganhando maior ordenado e era, cada vez, mais estimado pelos patrões: gracejavam mesmo dele, com uma das filhas do Lopes, o sócio mais moço, porquanto o rapaz escrevera que, na última vez que fora visitá-lo, a moça lhe dera uma rosa muito bonita e prometera algumas mudas que ele, em breve, mandaria para casa.

Mamãe estava recebendo, constantemente, cartas do Fredinho, anunciando que ele ia muito bem nos estudos; que os professores estavam muito satisfeitos; que apenas numa, ou em duas cadeiras é que se sentia um pouco fraco, mas iria estudá-las, desde então, com o maior cuidado; que havia estado com o compadre Teles, da Mamãe, o qual havia dado a ele um bonito livro de História Natural ...

Ficava muito atrapalhado, muito zozzo, quando falavam sobre os outros, na mesa: olhava disfarçadamente para uns e para outros, olhava para as paredes e para o teto, alisava a toalha, abria e procurava consertar o guardanapo roto, fazia bolinhas de pão... Mais nervoso ficava porque se punham a falar do "brilhante futuro" dos rapazes; a dizer que eles honravam a família; que "se fossem todos como eles, estava tudo muito bem" - que eles tinham sido sempre assim...

E recordavam-se de passados feitos dos dois "homenzinhos"!

Oh! os dois nunca haviam sido verdadeiros irmãos para ele!

Desde cedo, haviam-se tornado "belos meninos" lá, da Mamãe e dos amigos da Mamãe; e ele, atirado ao lado, sem carícias e sem elogios, imprestável, magro e feio (ele bem o reconhecia!) fora sempre um cachorrinho, aturado na casa,

apanhando as botinas e a roupa e copo de água para os outros...

Ai dele, se não fosse a Vovó...

Sentia um grande alívio, no instante em que, à mesa, mudavam de conversa; levantava o corpo, tomando fôlego e se punha, de novo, a mastigar a comida. Depois, lembrando-se da palestra acabada:

- "Quem sabe que se fosse também para a Capital...?"

Mas tinha medo... Não queria sair de casa: nem podia compreender isto.

Podia-se empregar, quando muito ali, em Friburgo! A primeira vez não fora bem, era fato; não havia dado para caixeiro, no armarinho do "seu" Bernardo.

Ou antes: "seu" Bernardo havia dado com o metro de pau em cima dele, porque ele estava distraído no momento em que uma crioulinha entrara, para comprar uns cadarços...

Ele fugiu, temendo apanhar mais; chegando em casa, àquele dia de trabalho, a Mamãe perguntou-lhe "como era aquilo"?! Contou tudo e levou uma surra de sapato: depois, ficou preso no quarto escuro, a arroz e a caldo de feijão...

Para os livros também não dava: mesmo porque ninguém queria explicar a ele...

Às vezes, pensava em fazer um bonito, como o Fredinho: pensava estudar muito e muito, numa vasta ânsia de redenção, de ser mesmo o filho daquela que ele não podia sentir como sendo sua Mamãe; de sentar em qualquer parte da casa, de dia ou de noite; de olhar para todos desassombadamente; de não andar mais com a Hermogênia; de ser "outro", enfim!

Mas qual!...

Punham diante dele uma porção de livros, e lhe mandavam dar a lição, sem haverem ensinado patavina!...

Punham-no de castigo, em frente às páginas cheias de letrinhas que, para ele, nada significavam! Para se distrair, ia vendo as gravuras e pensava numa porção de coisas - tão bonitas!

- Como só ele sabia, e como a Vovó também sabia... antigamente!

Oh! a Vovó! A Vovozinha!

Tanto se lembrava dela!

Diziam que era a única coisa para que ele dava: falar na Vovó!

Quando era viva a Vovó, andava-lhe sempre agarrado às saias e parecia uma verdadeira sombra atrás dela...

Ajudava-a, isto lá era... Ou talvez atrapasasse mais do que

ajudasse; contudo, estava sempre procurando adivinhar o que ela queria para ir buscar, para ir fazer por ela...

Era tão amiga, tão boa! Um doce, uma bala, uma gulodice... tirados não se sabia donde... mas uma coisinha qualquer, sempre, a Vovó tinha para ele!...

A Vovó era tanto dele!

De noite, sentava-se à cabeceira dele para contar histórias...

Gostava, a mais não poder, das histórias que Vovó contava: Vovó contava tão bem, e contava coisas tão bonitas!

Quando caía doente, ou quando a Vovó caía doente, ficava um tanto satisfeito, porque daquele modo podia tê-la, sossegada, junto dele quase todo o tempo, falando da fada que tinha a varinha de condão; do "Turco, Leão, Falcão!", da "Bela do Bosque", da "Princesa Azul" que esperava o seu noivo encantado!...

Mesmo quando estava de pé, rodando, todo serviçal em torno da Vovó, não a deixava descansar um instante, perguntando:

- "Mas Vovó, a Princesa se casou afinal?"

Às vezes, punha-se a pensar a um canto, enquanto Vovó trabalhava: pensava no Príncipe e na Princesa... que se deviam casar por força! Outras vezes, abria os olhos, à manhã, chorando e dizendo, muito comovido, coisas como esta:

- "Vovó! Vovó! Olha, sonhei que o Príncipe veio correndo e que encontrou a Princesa morta. E eu sonhei... que a Princesa... era a Vovó!"

E antes de dormir, muito satisfeito do silêncio em que a casa toda caía, embalado pela toada dos grilos e dos sapos lá fora, - sonhava, de olhos abertos, com as fadas que vinham de tão longe, dolentes e esguias, com porte e gestos e vestimenta de rainhas moças...

E o Príncipe... e a Princesa...

Pareceu-lhe sempre que Mamãe não gostava dele andar tanto com a Vovó!

Mamãe tinha talvez ciúmes dele andar mais com a Vovó do que com ela! Ia ralhar sempre com ele, quando estava com a Vovó na cozinha, na copa, no tanque, no quarto...

Quando vovó saía, ele sumia-se num canto a chorar e Mamãe, quando o encontrava, aproveitava-se da Vovó estar fora, para surrá-lo. Vovó não consentia que ele apanhasse, quando ela estava em casa. Mamãe gritava, então muito vermelha, balançando os braços:

- "É a Mamãe quem perde este menino!"

Às vezes, saía com a Vovó; mas faziam caçada, às

escondidas, dela, muito pobrezinha vestida e com modas do tempo antigo, e vinha para casa, a choramingar, sem que Vovó pudesse saber por quê...

E naquele instante ali, na cama, ele se lembrava tanto...

Sentia as lágrimas lhe correrem pelo rosto...

Oh! no dia em que a Vovó morreu, ele chorou até ficar doente!

Não dormira, a bem dizer, sempre junto da cabeceira, desde que a Vovó caíra de cama; estava com os olhos em cima do rosto dela, instante a instante, e escutava, todo trêmulo, o que se dizia baixinho, enquanto ela dormia...

- "E há de ficar sempre um Chico-Vovó, este moleirão!..."

La viver... ia continuar a viver, xingado e batido pela Mamãe, ouvindo que o Fredinho e o Gustavo estavam fazendo muito bonita figura, e ele sem poder ser um homem... assim como os outros homens e - pior de tudo - sem poder ver mais, nunca mais! a Vovó!...

Ele arregalava os olhos, brilhantes de lágrimas, como que procurando a Vovó, com seu vestido azul-escuro, de lã, a que ele se agarrava, a todo o momento, no tempo do frio; com sua blusa pintada duma porção de pontinhos.

Procurava-a, tal qual ela era, de cabelos muito brancos; de rosto cheio de rugas; de boca quase sem dentes; de queixo saindo um pouco... podendo ser mais curto, a falar a verdade.

E ela ia sempre sorrindo, pegando no avental, andando muito depressa e soprando os dedos que tinha quase em carne viva...

- "Oh! quem sabe, quem sabe se a Vovó não seria capaz de aparecer ali, à porta?"

E havia de perguntar a ele, muito boazinha:

- "Que está você fazendo aí, Chiquinho?"

Ele responderia, em voz trêmula e se remexendo, à beira da cama:

- "Estou pensando na Princesa Azul, vovó! E no Príncipe, que se deve casar com a Princesa!..."

*(Casos e impressões / Casos de criança)*

## O PRESENTE

Sim, era isso mesmo... Era do que a Mamãe gostava: as balas de coco! Sempre que podia, a Mamãe estava com uma bala à boca...

- "Mamãe, que bala é que você está chupando?"

- "É de coco! Que quer você agora? Não me pode ver chupar uma bala que também não queira, não é?"

Não era por mal, no entanto, que ele perguntava à Mamãe: era, em verdade, para lhe causar uma surpresa... certo dia!

Certo dia... o dia do aniversário dela - para dizer logo o que ele pensava; e a surpresa consistia, exatamente, em comprar daquelas balas de que tanto gostava a Mamãe. Comprar e dar a ela numa caixinha muito bonitinha, que ele havia de arranjar com a Mamãe mesma, sem ela desconfiar...

Como arranjou por fim!

- "Mamãe, me dá essa caixinha que foi dos seus sabonetes?"

- "Mas, menino, você não está vendo que a caixinha está com as agulhas e com a linha?"

- "Não, Mamãe, essa é outra!"

- "Pois, então, leva..."

A Mamãe respondera distraída, atarefada como estava, adiante do fogão, fazendo o jantar.

Na caixinha, ele dispôs as vinte e cinco balas em duas fileiras, ficando uma por cima, cruzando com a direção das outras. Ele não pôde arranjar de outro modo, apesar de ter mexido com as balas em todas as ordens e em todas as confusões possíveis dentro daquele espaço de papelão, mais comprido do que largo; o qual ainda conservava uma boa intenção de perfume que havia também de agradar à Mamãe!

E que eram vinte e cinco balas - não havia dúvida! Contar-as, bem contadinhas, desde que dera ao caixeiro do "seu" Fernandes as duas moedas de duzentos réis e a de tostão!

De tudo isto ele estava certo, de tudo isto se lembrava, nas menores particularidades, naquele momento em que ele ia buscar enfim, para dar a Mamãe, a caixinha escondida debaixo do colchão dele...

Escondida? Escondida, sim; porque o Bentoca, o irmão mais velho, não tinha pena de comer os doces e as balas que “ele” comprava ou que a Mamãe dava a ele...

Oh! daí a instantes, ele estava às voltas com o Bentoca...

Uma luta desesperada!

Mamãe bateu em ambos, por castigo, mas especialmente nele; Bentoca havia jurado à Mamãe que ele é quem havia provocado...

Ele não respondeu nem que sim nem que não...

Como poderia ele dizer à Mamãe a razão da briga se não queria que ela soubesse nada a respeito do presente que ele... ia dar!

O Bentoca havia roubado as balas; “ele” quando viu a caixinha vazia, rasgou de raiva o papel de seda em que ia embrulhá-la e sentiu os olhos cheios de água...

Os olhos cheios de água, como agora em ouvindo a Mamãe falar, nervosa, puxando os cabelos de cima do rosto, muito vermelho:

- “É isto! Não estão contentes enquanto não me vêem enfezada... Esse ruço então, hoje, saiu fora do sério!”

Esse ruço... ele! Hoje!

Devia contar à Mamãe? Ou não?

- Assim, como estava, era melhor; mas...

- “É verdade, até esse ruço hoje... Com esta cara de santinho!”

Oh! ele acabaria chorando!

Que contrariedade! A Mamãe a fazer anos àquele dia; e àquele dia logo é que a Mamãe se ia zangar tanto!...

Zangar por causa dele; por causa do presente dele, afinal!

Contaria, de uma vez, à Mamãe? Abraçá-la-ia, um beijo e, assim as pazes feitas...

Sim, porque ela havia de ficar contente com ele e havia de perdoá-lo!

- “Esse ruço!”

Mas, não! Ele não tinha coragem, não tinha jeito; tremia todo e ficava frio só de pensar nisso!

E nessa indecisão, acororado no banquinho da copa, ele sofria cada vez mais, em escutando a Mamãe falar, sem descanso:

- “Sim, senhor, com a tal cara de santinho, lembrou-se também de me enfezar! Não sei como lhe veio essa idéia hoje!... Esse ruço!...”

Oh! pôr que não haveria ele de falar logo, de uma vez?!

Mas... os beiços dele estavam duros, e a língua estava dura, como pedra!

Quando ele queria contar à Mamãe “tudo”, num grande arranco de coragem, a tentativa ficava na boca, e um calafrio corria-lhe pelo corpo!

- “Logo hoje! Este ruço!”

Tremia todo! E só umas lágrimas vagarosas desciam pelas faces dele...

---

De meu Pai, um transmontano genuíno, herdei a máscula consciência da Realidade.

A meiguice e a profundidade dos Devaneios, herdei-as eu de minha Mãe, de Quem uma velha fotografia que possuo mostra uns grandes olhos negros, cheios de romanesca indulgência.

*(Casos e impressões / Casos de criança)*

## PÁSSARO MORTO

Sem dúvida, ele estava esfalfado.

Esfalfado, nada mais... Seria impossível que, por tão pouco, ele estivesse outra coisa do que esfalfado.

Lembrei-me do que lera ou ouvira sobre o método de se puxar ritmicamente a língua aos asfixiados; com mãos trêmulas, abri-lhe o bico meio espatulado, numa emoção maior à vista do, insucesso que experimentara junto à bacia.

Apanhando-o no chão, com o mais carinhoso cuidado, eu o levava à bacia do lavatório, com a ânsia de vê-lo prontamente desentorpecido da comoção que lhe causara o choque. A brilhante cabecinha azul se balouçava, muito bamba, numa desordem desengonçada de movimento.

Com o ânimo sufocado, na asfixiante bruteza da calamidade; com sôfrega ternura a saltitar, de leve, em esperanças esgarçadas, aproximavam-me do pequenino corpo que eu pousara no leito.

Soprei-lhe ansioso, delicado... ferino talvez, a garganta cujas penugens se eriçaram, num gesto de mãos a acenar... um aceno triste, nostálgico! E as penugens caíam depois, como a dor da separação, envolvida na floconosa gaze de sua consciência resignada.

De um róseo embaçado, diluído, era a pele que estava embaixo. Embaçado, de sorriso embaçado à fatalidade glacial: de sorriso embaçado, em lábios exangues, ao consumado mal, que passa...

Adeus! adeus que debruça a cabeça desfalecida sobre o braço que se estira para a terra, enquanto para o plangente Mistério o outro braço se estira...

Adeus! expirava o brilho amodorrado dos olhos dele, olhos meio fechados, sob a pálpebra enrugada, em rugas duras e róseas que eu tocava com a ponta do dedo, num tato sumidíssimo, casto, religioso, no receio de ferir... E amimava a suavidade lustrosa

das grandes penas azuis; e a suavidade branca do peito, ainda morno, eu amimava, com a paixão aflita de um Pai que, na confiança louca de sua energia transtornada, milagrosamente, sob influxo divino, não perde segundo no afã de tentar volver o filho à vida...

O pássaro ficou de peito para cima, e com os filiformes dedos, espectrais, emaranhados no espaço. As asas contraídas, um pouco afastadas, pareciam receber o corpo num amplexo de fidalga e discreta hospitalidade; e a cabeça, encostada no travesseiro, afundava-se em parte no peito, numa resignada confraternização com ele, perante a Morte.

A cabeça, no pedacito restado à tona, tinha a expressão do ricto relaxado que as crianças escancaram quando se lhes fazem cócegas.

Quando levei-o, embrulhadinho em meu lenço, para o canto mais modesto do quarto, eu estava vencido, enublado numa grande ausência de mim mesmo, numa despersonalidade quase absoluta... Depois, fui caindo nesse estado de duras realidades, cada vez mais reconhecíveis: estado de enojosa normalidade que sucede às ilusões incompletas, atordoadas em mórbidas sensações... Estado de dúvida angustiada, de sensibilidade afiada ante perspectivas dúbias, de acontecimentos que se esperam com toda alma, alerta!

Ganhei em minutos o gozo que se estira na calma, sabiamente conquistada à desilusão e sorri para a ilusão primitiva, bulhenta contudo de dores, de asfixias, de tempestuosa tortura. E sorri para as ânsias da dúvida que se haviam esfrangalhado, em espirais loucas, de tétricos meneios, enquanto meu olhar espocava, numa grande interrogação, berrante e titanésca, sobre o infinito do cadaverzito implacável...

- “Ei-la, a cabeça que se mexe!”, exclamou em mim o homem-infância ao homem-velho que, ambos, existem em minha juventude...

E também:

- “Ei-las, as perninhas que se reptilizam, num primeiro esforço... as asas que fremem, num primeiro desejo, redivivo...

- “Ei-los, os olhos que se abrem, num primeiro sorriso para o azul, bebendo sofregamente o brilho deles que se tinha ido... que volta impaciente, nas saudades rebeldes do lar...”

Olho o espaço estrondoso de luz e, debruçado à janela, pergunto:

- “Como me teria vindo a idéia?”

É possível mesmo que me não tivesse vindo idéia nenhuma quando o vi: que aquilo fosse instintivo, um assomo talvez de hereditariedade má, assassina!

Se não me engano, eu queria apanhá-lo para tê-lo às mãos, entre carícias, como o pretendem as crianças ao ver os irmãos dele brincarem, no espaço...

O certo é que mal entrei no quarto e o vi voar entre as quatro paredes, peguei a toalha de rosto, com uma impaciência de luta.

Após a apoteose de uma surpresa felina, em vendo uma vítima tão fácil, zás! prontamente comecei de perseguir a pobre ave...

Persegui-a, desprendido de toda minha sensibilidade; da minha sensibilidade, preponderante quase sempre nessa vida que levo, arredio às brutesas.

Como uma Fúria, persegui-o, loucamente.

Dava pinotes enquanto levava a toalha ao ar... Levando a toalha ao ar, ora eu a abria, como grandes asas; ora, eu enrolando-a sobre ela mesma, puxava-a para mim e distendia-a logo depois, bruscamente...

Quando o pano feltrado dava um estalo seco, eu sentia pelo braço e no ombro um delicioso repuxão, muito sensível, porquanto o tecido estava molhado; molhado no contato freqüente com minhas mãos, ávidas de água, como todo meu ser é ávido de calma, cada vez mais que dela se afasta...

Mas não pegava o pássaro que voava...que voava sempre...

Se às vezes, procurava safda, num sentido ou noutro, o pobre esforço alado não a encontrava porque tudo estava fechado: a janela, a porta para o outro quarto e a porta para o corredor, cujo batente eu encostara logo que viera e percebera o vôo.

O vôo produzia um vum! vum! tenaz, um tanto sinuoso, abaixando de tom, por ocasiões...

Descia o pássaro e subia: ia para um lado, ia para outro, em grandes curvas que gritavam pavor e misericórdia! em todos os sentidos...Não raro, parava em cima do armário; em cima da estante, entre uns livros velhos; em cima do espelho, a sacudir as asas e a olhar sofregamente para todos os lados, preparando o vôo...

E de novo se punha a voar, sofregamente, expulso pela toalha, em cujas dobras frementes ele se parecia envolver, por ansiosas feitas...desprendendo-se contudo!

Com franqueza o digo: parecia-me que seus olhinhos pretos dardejavam-me, ininterruptamente, numa ira macabra, de bruxa! E eu tremia...

Tremia de tal forma que errava os golpes, um atrás outros, em ocasiões que derrubá-lo-ia com a máxima facilidade!

Derrubou-o enfim a fadiga: ele foi voando menos, menos...mais baixo, cada vez mais baixo e, súbito, como um peso, tombou em vertiginosa e dura vertical...

A luta durara muito!

Abri a janela e o primeiro hausto de luz e de ar que me veio do jardim embriagou-me mais, em vez de desentorpecer-me do cansaço...

Eu estava, de fato, fatigadíssimo, a suar, revoltado, trans-tornado... Senti-me muito bem quando me assentei à beira da cama, havendo levado - com uma imensa satisfação de carinho e de esforço esperançoso - o pássaro, de olhos quase cerrados.

Ele tinha uma expressão de desprendimento pesaroso, cruelmente resignado, sob a fatalidade do Mal que triunfou!

Eu o levava pouco antes à bacia, onde espargira água sobre a brilhante cabecinha dele, azulmente festiva!

Ainda hoje, quedo-me acabrunhado, vencido por uma emoção inimiga, careteira e megera...

- "Por certo - pus-me a pensar dali a dias com a consciência tranqüilizada, algum tanto -, por certo que era um malefício alado, esse pássaro era um destruidor das plantas úteis, das sementes futuras, de frutos de sabor amável e melodioso...

Era um precursor da fome espectral, por certo, esse pássaro: eu fiz bem em matá-lo!

Bem, imenso bem!...

Que pueris, que insensatos pesares me estavam a torturar o pobre ânimo excêntrico: este meu pobre ânimo, de sentimentalidades tenebrosas!"

E ria...

Foi pela tarde, dali a dias e ao meu lado, Nácio, moleque da pensão, enxotava uma galinha do jardim.

- "Ué, xente...Óia, sô Dilino, um ninho de andorinhas ali, na caia!..."

Olhei, e um pássaro azul passou, não longe de mim: um pássaro azul como... "aquele"!

Andorinha!

Era uma andorinha...e esse nome me fez o que o próprio pássaro tanto não conseguira! Era uma mensageira azul da Primavera a que eu matara, velha conhecida minha de legenda, dos livros amáveis e das canções e de cismares nostálgicos...Era um aviso graciosíssimo de graça do ano...era uma das clássicas glórias da Natureza bela, festival, imorredoura!...

E eu que sacrifico a gostosa normalidade da vida em burguês rebanho, pelas agruras das visões belas; que sou triste, da tristeza universal, secular - erguia tristeza contudo de esteta, que se debruça num gesto de inconsciente almejo, vão; eu, Arcanjo negro que desencantei o anonimato de todas as dores - oceânica voz, apavorada, da humanidade que à humanidade procura e ao Destino - Arcanjo e oceânica voz de Legenda; eu, cuja melancolia, com ânsias messiânicas, gozosa de decadência e de ressurreição se alça, bela e esgalga como a andorinha, indefinível como a graça da andorinha - à andorinha exatamente é que...oh! para que lembrar?

Ainda hoje, através de uma lágrima tenuíssima, como as coisas longínquas, eu vejo, entre as angústias de dois imensos apelos de saudade, em linha de silhueta, o vôo de um pássaro pelo azul...

Vôo ideal...amplíssimo...nostálgico, sob o escancarado céu a clamar, na feeria do imaterial delírio, e à estirada campina tentando reter, num grande amplexo de gozo de aconchego; como no seio das velhas amas...

Talvez ainda hoje, nada me impressione, tão esquisitamente, como o eco visual desse vôo; e nada me amargou naquele dia tanto, e nos dias que se seguiram logo e nos dias que depois seguiram... Nem a lembrança do fétido que a envolvia na manhã em que a arremessei podre, pela janela afora, com o lenço que agasalha a derradeira esperança de sua ressurreição - nem a lembrança desse fétido fez cambalear em meu ânimo a impressão acenadora, saudosa e plangente da andorinha que, às toalhas, martirizei, em meu quarto!

Esquercer-me...nunca mais, eu o pressinto!

Andorinha!

Ela esvoaça sempre, teimosa como uma silhueta de graça ideal entre o céu e a campina...

Assim a vê minha tristeza que, às vezes, contudo, debruça-se contrita, como "naquele dia", sobre o pequenino ser, azul e branco, esperando que ele abra os olhos...que ele mexa as perninhas...que ele abra as asas...

E como naquele dia, murmura minha tristeza, ofegante:

- "Sem dúvida que vive! Sem dúvida!..."

*(Casos e impressões)*

## FRANCISCO

- "Goteja! Goteja!

Pam! Pam! Pam!...

Enquanto a chuva cai, como um colosso de farelo através de monstruosa peneira numa toada impertinente, choramingas e lúgubre; enquanto uma fiada apertadinha de pingos fisga o cimento lá, do outro lado da porta fechada; enquanto no ralo se estira o som oco e diluído da água a cair - goteja mais forte lá, em cima no teto, sob a fresta de alguma telha partida.

Pam! Pam! Pam!...

E eu penso:

- "Onde estará? Viverá ainda?"

Nas noites de chuva, como esta, é que eu tinha mais pena do mísero! Oferecia-lhe a varanda, mas ele rejeitava com um "não" muito seco, alheio, importunado...

E lá se ficava, assentado ao portão se a noite fosse estrelada; como se a noite fosse a hospedaria dos mendigos, das outras vezes, em que há lamparinas pelo céu. Em que é a terra um grande colchão, duro, um tanto mais seco, contudo, do que ora!...

Despeitado, voltava eu, com o eco daquela arrogância de vagabundo, com o eco daquela minha derrota ante a possibilidade de fazer o bem; voltava envolto no cobertor, pisando o cimento encharcado no jardim, apanhando a chuva fria e fisgadora.

Pam! Pam! Pam!...

Goteja! E assim, mais um prego, mais outro prego e...outro fechem o vasto caixão das coisas idas, das misérias idas; daquelas, que na fúria de uma pertinácia minuciosa e incansável, sob a macabra fatalidade da luta, tal qual a toada desta chuva, foram rompendo o tempo, foram se afundando no infinito...

Oh! eu me lembro o dia em que, ao lado do guarda, ele desceu a ladeira, mais indiferente do que trôpego, numa despersonalidade idiota...

E se foi para nunca mais voltar..."

Depois, remexendo-me apagamente sob as cobertas, num deslumbramento sinfônico de largas recordações surgidas em cortejo:

- "Ei-lo! Ei-lo em suas muletas, desengonçado, à beira da calçada! Ei-lo com sua cartolinha tombada para a direita, sem cor, em estilhaços; incrível cartolinha, espectral, acentuando em circunflexo o hiato da furiosa cabeleira, achatada, pedindo os horizontes, nos seus enfarruscados anéis abertos, cor de ouro velho!

E debaixo dela, no rosto longo, a barba em ponta - ei-lo! - e a barba exige a direita, numa atitude gritadora de libertação! E os olhos verdes são de um brilho triste, como dois destroços de consciência, naufragando da oceânica miséria, apática, do resto...

Ei-lo, e o resto é um monturo de lixo que tem dois olhos verdes, de um brilho triste!...

Como é extensa a dolorosa confusão desses trapos, em agonia extrema!... Essa muleta, a se despencar, é lama até lá, em cima! E ele nunca se lavou, por certo; os pés estão encapsulados numa reforçada crosta de terra seca, rija...

A cara, essa é de um amorenado à madeira envernizada, lustroso, escorregadiço e alheios olhos que diante dessa miséria se escancaram, enquanto o curioso faroleiro deles tem o estômago revoltado...

Ei-lo!...

Pedaço de lixo, em carne, que foi abraçado por Mãe, por noiva talvez; pedaço de lixo que foi talvez um mundo de honrarias, mais ainda...um mundo de Sonhos, quem sabe!?

A pensar na diferença dele para mim, invade-me um calafrio; e na diferença dessa minha cama para a cama dele, a pensar...

Vendo uma nebulosa de maior negror das sombras, dela sinto o eco emotivo da desigualdade entre os que ficam, como ele, no limiar dos tempos e no limiar da vida e os que, como eu, alcançaram a meta dos Civilizados e dos Venturosos!

Vendo uma nebulosa de maior negror...em modorra, ao som da chuva...

Agora onde estará ele?

Eu me lembro dele, como um pedaço de minha vida que se foi: como um pedaço de vida que não saboreei...que deixei ir... que mal percebi, adormecido, como sempre!

Gostava de vê-lo, sentado na calçada, quando vinha eu para a casa, à tardinha!

Não muito longe dele, vadiava sempre um cão felpudo, amarelo-fosco. Ao vê-los, a ambos, na minha rua solitária, sentia-me bem: com mais amor, olhava um fundo de chácara ali, a dois passos e lá, embaixo, o crepúsculo rubro amplexando a cidade...

Distrafa-me, contudo, do bulfício feroz da cidade, alguma coisa mais que a plácida exaltação do crepúsculo, mais que o carinhoso silêncio do arvoredo: era a humildade triste - longínqua humildade! - do cão e...dele!

Às vezes, cumprimentava-o com carinho: secamente outras e por fim não o saudava mais, retribuindo com minha indiferença a invencível rudeza dele.

Minha meiga filosofia, tecida em torno dele, se ia cansando outrossim, secando, num grande tédio de si mesma.

Onde estará?

Talvez em úmida sombra, sua existência em sombra esteja, Talvez em anarquia muda de ossos! Talvez em boêmia inconsciente, animalesca, esteja; pelas intempéries da terra, afora...

Goteja! Goteja!

Pam! Pam! Pam!...

E a chuva cai...Em pranto de salgueiro cai a chuva; corre o pranto em pálido rosto, tombado numa voluptuosa resignação sobre o regaço da Fatalidade.

Ei-lo!

Eu não pensava talvez em nada, aquele dia...

Sem dúvida, não pensava em nada quando eu o vi levado pelo guarda, naquela sua atitude trôpega, indiferente, idiota...

À janela, com o queixo entre as mãos, eu olhava, inconsciente também, para o manso azul, para a rua sossegada, para o guarda, para ele...

Há quanto tempo, não falava com ele, não pensava nele, não o via!...

Ele não saíra entanto, um dia que fosse, dessa rua em que moro; sobre cujo calçamento escuto o teimoso pingar da chuva...

Pam! Pam! Pam!...

E lá, em cima, no teto do quarto, goteja! goteja!...

*(Casos e impressões)*

## GARI

Eu vi bem que era ele...

Ele tinha a cara quase coberta pelos desbotados destroços do chapéu; mas virou-a um instante, e eu vi bem que era ele.

De mais a mais, o corpo em cedilha era o dele; os cabelos entre castanho e louro, de uma cor encardida, eram os dele...Era dele o movimento indolente, resignado e nostálgico, que mal fazia ondular a blusa azul, desbotada, e a desbotada calça rasgada, de cor perdida, de bruma.

Até o modo de pegar na vassoura deveria ser o dele...

Eu nunca o vira pegar numa vassoura, mas, atendendo ao "feitio" dele, outro do que aquele não podia ser o modo dele enxotar o cisco ante a gana curva da limpeza.

Questão de intuição; de mais que probabilidades!...

Apesar de estar muito de lado e um tanto longe, virando-se de brusco, encarou-me como se meu olhar lhe houvesse varado o corpo, molestando-o; ou como se um sentido de visão estivesse espalhado por toda a pele dele. O olhar foi tão selvagem, tão revoltado, tão ameaçador que, acovardado, continuei precipitadamente o caminho, tomando pela vizinha esquina; e deixei-o lá, cedilhando pesadonamente e rancorosamente o cabo da vassoura!

Não havia andado longe, quando me senti inundado num vasto sorriso debochativo, muito...muito deprimente! Correrá daquele homem como se houvesse corrido de um espectro, infantilmente; e naquele momento, envergonhado, sentia-me invadir uma desconfiança atroz da minha madureza de ânimo.

Reagi, de mim para mim, falei com irredutível superioridade sobre o caso, e dando novo trabalho ao cérebro, para apagar a duêndica impressão, esforcei-me por vestir aquele homem com a roupa com que eu o vira "aquele dia" e por manejá-lo com os gestos com que "naquele dia" eu o vira...

E por escutá-lo com a voz “daquele dia” e por embeber-me no seu olhar “daquele dia”!...

Aquele dia!...

Aquele dia eu o conhecera enfim...eu falara enfim com “ele”!

Henrique de Castro havia tagarelado com todos, havia gracejado com todos, com sua voz forte um tanto rouca, ondulada e indolente, com laivos de voz de matuto. Batia com a mão no ombro de cada um, enquanto falava e fazia trejeitos que participavam numa mescla muito pessoal, da infantilidade e da capoeiragem, tornando-o um verdadeiro *grand enfant gaté* e um palhaço suportável, à falta doutro.

Brincava prediletamente com ele, atiçando-o, seduzindo-o para a brutalidade, como um toureiro; ele, porém, mal percebia ou fingia mal perceber, movendo-se lentamente ao lado da mesa, com uma lentidão de indiferença que cede um pouco à gentileza; com uma lentidão de melancolia que se retrai um tanto para dar passagem a uma longínqua vivacidade de anfitrião, de fastio domado a meio, e assim ia arrumando um prato, dispoendo os talheres, trocando o lugar das garrafas, pondo e tirando a fruteira.

Era manifesto que ele fazia por se distrair; os convivas, uns oito rapazes, ou melhor reportado, uns cinco sujeitos já bem outonais e uns três vintões, sorriam, riam mesmo, em torno do Henrique de Castro, um tanto molemente; não verdadeiramente por complacência ao companheiro mas por interesse próprio, procurando passar o tempo - este tempo de incomparável tédio em que se espera um jantar com o estômago impaciente, choramingando, gritando, esperneando...

Por vezes, o aborrecimento se tornava tão escandaloso, o Henrique tão insuportavelmente insípido e o riso tão impossível, que “ele” exclamava, sem deixar, contudo, de cuidar a mesa:

- “Oh! meus amigos, vocês estão fazendo isto aqui de quarto de defunto! Ficou tudo bestificado hoje?”

- “Olha o porco! À cena o porco - que a gente já está sentindo o cheiro dele, seu Beбето!”

Era o Henrique que gritava com as mãos tubuladas em redor da boca, como se estivesse gritando da margem de um rio para a outra margem distante.

Os outros, numa dessas feitas, viraram, todos, as costas ao palhaço oficial e exclamaram em direção à porta, num verdadeiro coro:

- “Olá, viva! Viva! Já parecia que vocês não vinham!”

E em vozes isoladas, este e aquele:

- "A casa estava triste!"  
- "É verdade, estava tudo murcho!"  
- "O Beбето já estava decidido a fazer anos outro dia, se vocês não viessem".

"Ele", deixando a mesa, veio à porta, dizendo:

- "Ah! não tem dúvida!... Ou mandaria transportar o 'banquete' lá, para a casa de vocês duas!"

- "Ué, xentes! Entences, sem nós, vocês não pode fazê festa nenhuma..."

- "Non acredita, Florripe...Eu jurra qu'eles nem pensavo em nós...Mentirrosos...*cochons*"

- "Não apoiado! Viva a Floripes e a Jeannette..."

- "Vivoo...o...ooo!"

Em torno da crioula e da francesa, os homens se animavam e nas caras devastadas de fastio, como desertos, as palavras e faceirice das mulheres plantaram, bruscamente, em surpresa de milagre, a frescura pitoresca dos oásis... a pujança titânica dos trópicos!

Porque, de fato, em breve, as gargalhadas rompiam, em feerias vesuvianas; os gracejos iam, vinham, ricocheteavam; as cantilenas nadavam, como verdadeiras náiades voluptuosas ou como irrequietos peixes-elétricos e, no mesmo espaço minguaado, as esburacadas paredes de papel desbotado e solto, e o teto muito sujo, rendilhado de teias de aranha, pareciam bater palmas!

Pareciam bater palmas, pareciam sorrir os molambos de papel, caídos, numa desenvoltura de desiludidos; e as caídas teias, do teto, que se balançavam, sorrindo docemente, à ameaçadora carranca do tempo...

Num movimento comedido, de entusiasmo apenas nascente, num movimento gentil e cavalheiroso ele se foi lá, aos fundos, e trouxe uma sanfona: a ansiada fala vencida da sanfona - a fala queixosa da sanfona - alçou-se pela saleta, e, ao estímulo de suas dores sinuosas, as duas mulheres e os homens se puseram a bailar, num bloco espremido entre a parede e a mesa. Esta, várias vezes tremeu, num frêmito rancoroso, aos encontrões dos bailarinos.

A brincadeira ia continuar tal qual, depois do jantar, sob a sedução maior...sob a sedução meiga, melancólica, misteriosa, da amarelenta luz de um lampião de querosene.

- "Pronto, sô Beбето! A sopa tá i!"

Mal a crioulinha falara, "ele" voltando o rosto para o rosto negro, deixou a sanfona e exclamou, com voz rouca e com um meio sorriso, velhaco:

- "Senhores, a sopa está na mesa!"

Foi no momento de se assentarem todos que o Henrique de Castro apresentou-se a "ele", enquanto me apontava o lugar em que devia acomodar-me.

- "Você ainda não conhece, ó Beбето, o meu amigo Manuelino Guimarães?"

E depois, na mesma voz faceta, pausada e estudada, com gaiata cerimônia:

- "Pois o Manuelino tinha muita vontade de conhecer o ilustre amigo..."

Ele sorriu muito delicadamente, com uma discreta ponta de comoção.

Eu, muito vermelho, mexia-me como um macaquinho na cadeira diante do prato e tocando nos talheres...

Até ali, eu fora uma espécie de existência abstrata na sala.

Quando eu chegara, com Henrique de Castro, este palhaço incansável quisera fazer espírito à minha custa; torci porém uma cara muito feia, com tal selvageria sem dúvida e tal asco que o rapaz não mais me importunou, e os outros imitaram-no.

As mulheres olharam para mim, com curiosidade, mal haviam entrado; eu corei e elas, sem darem atenção a isto, viraram-se para o grupo. A "ele" não fora apresentado mas olhei-o muito, sempre persistentemente, fascinadamente, como que saciando uma longa sede, antiga e renitente, convulsa.

E olhei-o desde que entrei até que saí.

Saí uma hora talvez depois do jantar; e saí dominado por um encanto singularíssimo...

Por muito tempo - eu o confesso - fiz o ideal da vida numa larga boêmia, de apoteose! Alguma coisa assim como um bailado frenético, de variadas sensações, em que se dança a valsa macabra do Esquecimento, entre as iluminárias e os acordes extra-terrenos...

Consoante com este sentir, achava que se não devessem reconhecer horas na vida, para se dominar o tempo; que se não devessem reconhecer lares, para se dominar a terra e que se não devesse reconhecer o dinheiro, para dominar o Ideal.

É amar o céu, dormir-se ao relento; e embriagar-se nos cabarés, e abraçar as cortesãs é aproximar-se mais da fraternidade humana, da desdita humana, da humanidade enfim! Comer um

pedaço de pão ou uma bela costeleta aqui... ali, à manhã, à noite, à tarde, à madrugada, é estar mais próximo, mais íntimo das horas irmãs e dos aspectos irmãos da Natureza...

Numa sonambúlica realidade é que eu almejava viver, osculando, glorioso e visionário, a íntima existência de todas as coisas - cada meticulosidade da natureza cantante! Ser um último emancipado, dominando os seres, as sensações, todas as épocas, neste século cada vez mais ralo de largos heroísmo boêmios, como tetricamente eu o pressentia - tal meu desejo supremo, desejo de quem subiu a um morro muito alto no meio da jornada e que, olhando de lá o que restava a andar, enojado, se deixou ficar.

Deixou-se ficar e gozou!

A trabalhar os outros, covardes da vida - escravos! - que não têm o direito de discutir, de palrar!

Esta foi até pouco a minha filosofia de mocidade e conquistei-a palmo a palmo, nas chatezas da vida e com o primeiro ensinamento daquele jantar memorável! Jantar em que os pratos eram ou tostados ou sem sal, por vezes salgadíssimos, salvando-se apenas um talharim magistral, com um profundo segredo de savorosíssimo meio-ranço; jantar em que, porém, se falou de orgias no Rio - neste Rio que eu via através dos meus sonhos de menino de treze anos, numa visão sedutoramente pavorosa: de bailarinas cor-de-rosa levando a gente à perdição, entre taças de cristal, faiscando à luz berrante das lâmpadas! Neste Rio que eu procurava divisar ao longe, na adolorada volúpia dos crepúsculos, como se ele houvesse sacudido seu monstruoso ser, na incontínência cataclísmica de um triunfo! Longínquo Rio que me parecia, assim, uma plácida inquietude, um halo em que se estrebucham, vaporosamente, as energias; uma fraternidade lânguida, rósea, de antagonismos; uma luta de braços que se deixam cair molemente sobre alheios ombros... aos acordes de arroxeados clarões de uma intérmina "última orgia" de viciado heróico!

Neste Rio, no grande aceno... no grande cintilar de estribilho... na visão persistente em minha vida, tão evocada àquele dia!

E quanta novidade picaresca entrou-me, àquele dia, triunfalmente, pelos ouvidos!... A crioulinha então fiquei muito a dever e por fim, ela percebendo que me instruíra, veio se assentar junto a mim e ia se reclinando sobre meu ombro, com atitudes dúbias, quando "ele", com acento muito distinto, repreendeu-a.

“Ele”, em todo o jantar, foi de uma elegância tão natural, tão pouco estudada nas palavras, nos gestos e nas opiniões que eu estava entusiasmadíssimo! Se alguém falava uma escabrosidade maior, com um sorriso muito fino mostrava que a nota fora falsa no concerto e que merecia apenas a indulgência de ser desatendida; se alguém dizia uma necessidade, tinha uma ordem a dar lá, para a criada, abafando imediatamente o mau efeito...

Não havia relógio na sala, nem o possuía nenhum daqueles boêmios; não sei portanto a que horas saí. O que sei é que ao chegar em casa, levei um pito formidável de meu Pai; um segundo, de minha Mãe; um terceiro, de meu irmão mais velho, um outro de meu tio... e assim por diante!

Dali a tempos, muitas outras repreensões semelhantes eu ia levar quando acordava tarde, em pleno dia, das noitadas em claro, olhando fastidioso, revoltado, nostálgico, para a cara fechada do pessoal de casa; aburguesado, mesquinho e vingativo pessoal que de cabeça baixa, ante mim, resmungava ameaças e moralidades para cujo egoísmo familiar, de rotundos ou esmagçados ridículos, eu careteava intimamente. E lembrava-me logo “daquele jantar” em casa dele!

Como me deitara aquela noite!... Não consegui conciliar o sono, e toda a minha adolescência fremente, mórbida, aventureira, desesperada... passou-me aos olhos, enquanto, lá fora, cantavam os grilos e à margem do rio os sapos faziam um crah! crah! laborioso, na treva.

Dali a pouco, meu Pai mudava-se para o Rio, não soube nunca bem por quê! O que sei é que descoberta minha admiração por “ele”, todos me ridicularizavam e achavam-me um menino extravagante, perdido, de mau caráter; que “achava bonito” procurar um vagabundo, um jogador, um bêbedo, um miserável, que andava com mulheres de baixa espécie e que já cheirara cadeia...

E tive ordens terminantes, espectrais de ameaça, para nunca mais falar com ele! Meu Pai as dava, com aquela sua mesma severidade que só lhe permitia olhar para mim de soslaio, à mesa do jantar, enquanto mastigava o guardanapo com a mão...

Contudo, ainda ia vê-lo, ao Sedutor, uma vez, antes de perder o seu vulto e a sua existência por tanto tempo! Vi-o assentado num dos bancos da praça mas não quis ir a ele, intimidado pelas ameaças de meu Pai; fiquei triste e continuei meu caminho, atormentado pelo barulho de um sapateiro a bater sola, ali perto, barulho que escandalizava o silencioso tumulto, solene, de meus pensamentos!

Encontrei adiante meninos da minha idade e conhecidos mas,

como sempre, fingi que os não percebia...

Depois dessa vez, nunca mais o vi e cá, no Rio, a muito custo, conquistei a incerta novidade de que ele estaria por Minas...

Por Minas ou por São Paulo...

A lembrança dele é que não se apagava de mim!

Jamais!

E ele, cada vez mais, me era uma idéia fixa, vitoriosa, na feérica aurora de minha mocidade!

Contudo, já há uns tempos que de um modo estranho me aparecia a sua pertinaz figura!

Ela me vinha então, dolorosa, como a de um sumido companheiro de desilusões; não mais como a lembrança triunfal de um belo companheiro de gozo boêmio!

Gari! Gari!

Eterno farsista ignominioso do próprio espírito, das próprias sensações, dos próprios sonhos, que andas sempre a procurar aquilo de que foges - homem! - mísero derrotado que tão decididamente queres vencer e, sem poderes divisar por que, vences jamais; tua miséria, toda, contida neste símbolo fosse, que meu é, que é teu espectral símbolo!

Tomado, às vezes, eu sou de um grande pavor, estranho! E cada ruído e cada aspecto dão-me a impressão de uma grande catástrofe a suceder!

Gari!

Por uma arrepiadora anomalia o que eu, acovardado, antevejo desaparecer nesta catástrofe, é o Ideal; são as sensações boas, são os pulcros e superfinos sentimentos...

Desaparecer tal qual uma grande saúde é estoutro, hoje, um sonho meu; tal qual serena e branca saúde! Dizer um adeus, envolvido que fosse em derradeiro gesto contrito de amor à vida, e demandar um aluarado cansaço vitorioso, espasmodicamente imortal - e aluarado céu em que visse talvez cintilar o antagonismo gentil da Floripes e da Jeannette!...

E visse eu a esbelta melancolia, a melancolia alourada "dele"!

Por instinto eu vou, sem sensações, assim como que amodorrado numa decadente feeria, deslembado; sem experiência eu vou, apesar de ter sofrido, num constante ineditismo de desilusões, depois da banalidade de desilusões incontáveis: - e vou sem oriente, apesar de ter sonhado - sonhos que tinham a perversidade de um estribilho azul e incendiado:  
- "Goza! Goza, porque sofres!"

E tudo me é uma sombra; e tudo perde a forma, se descora tudo... e se desconcretiza! Nem mais cada coisa suscita, em mim, o desejo doutras coisas, como em idos tempos!...

É que realmente a vida tem-se-me tomado, há tempos, uma feição de desânimo asfixiante, de tédio enlouquecedor!

Um fim que eu já não almejo... uma carreira incoerente que me faz avançar, à procura de um sonho lá de trás!...

Onde está a delícia da vida boêmia?

Oh! eu hoje sinto as noitadas em claro como o peso insuportável de um enfado mau e minucioso, e infindo...

Fujo da tétrica chateza de tudo, e cada vez me sinto mais longínquo do país onde brotam as alegrias fáceis; e cada vez mais isolado, mais transido de solidão, eu vou pela grande rua deserta, varrendo o cisco dos meus sonhos dispersos, retalhados entre misérias tantas!...

- Eu vi bem que era ele...

Gari!

Ele olhou-me irado; eu tive medo. Contudo um pouco antes, talvez, na minha dor, eu estivesse pensando nele... na Floripes e na Jeannette... no Henrique de Castro... no jantar, cujo talharim tinha um profundo gosto de meio-ranço... nas visões luminosas...

Sumiu-se ele por aí depois, nesse tumulto cataclísmico da cidade... Cá dentro, uma coisa me ficou, ressoando como um *De Profundis*, nas sombras espectrais das minhas recordações!

Gari! Gari! Gari!

Essa coisa que ainda hoje me resta, único vestígio da existência dele e mais poderosa que a lembrança "daquele dia" em que eu o conheci, é a nítida palavra e teimosa, como um duêndico Símbolo - como um implacável Símbolo!...

(Casos e impressões)

## SONHO ACORDADO DE UMA NOITE DE ESTIO

- Por certo que foi o choque da lâmpada contra o leito!

Mas... voltemos ao caso do lápis: o lápis saltou da mão do Diretor e foi cair ao chão!

Eu tinha razão... o Diretor era o Diretor... e o lápis, caindo, deu ensejo a que se interrompesse o assunto.

Um pinote proposital do lápis! E quanta futilidade poderosa, assim, na história dos povos!

- Mas isto é velho, sobre ser pretensioso.

E como tudo que é velho, sempre novo, nasoculado amigo!

E ser pretensioso...

Por que não poderá isto ser muito simples?

Depois... depois... que tenebrosa loja é esta?

Um pobre turco de triste cabeça caída, neste exíguo espaço classificado em multicores pacotes de fazendas e bugigangas.

Que faz ele, assim, só?

Oh! a vida seria uma injustiça insofrível se o tédio não fosse a miséria dos ricos!

E eu me apiedo entanto deste desgraçado de carrancuda cara, com sulcos de dor desfreguesada...

Deixem-me comprar nele uma... uma gravata, que seja!

De que cor? Azul, cor do Ideal! Cor do Ideal, mas... diante deste prosaísmo de estômago vazio e de face dolorosa!

E hei de perguntar o preço... e havemos de falar em dinheiro...

De regatear eu hei, talvez!

Oh! que música é esta?

Adorável sempre esta *Gueixa*... um sonho cor-de-rosa, despetalado sobre a cabecita de uma adolescente loura, sonhos de histórias que ouvimos quando crianças.

E que adorável este quinteto dos cegos... eco de tempos líricos, na caduquice mercantil desta "urbe-maldita", como todas as urbes do Século!

Eterna mãozinha de criança que me andas a acenar à maturidade! Lembrança romântica das óperas frescas e ingenuamente queixosas!

Lá se foi o quinteto... Eu me vou ao Mercado.

Antes que tudo, o estômago... antes que tudo o agricultor: e se escreva assim a arrogante história humana!

E salve a Sociologia, ciência severa, de pudica magreza britânica!

E lá adiante porém... e lá adiante está o mar largo, azul e luminoso, com o sorriso juvenil das embarcações à vela... com o esforço de fumaça se espreguiçando das chaminés, nos transatlânticos!

Vocal ânsia, intraduzível, dos monstros e das lanchinhas frenéticas... heráldico som, fremente e raro!

E de Niterói o branco casario, microscopizando, estirado, lá doutro lado!

Ah! se se contivesse a estardalhaçante miséria da vida na amplitude azul e luminosa desta Calma!

Sombras que desfilam... vós, dona Mariana e tu, minha linda dona Conceição...

Diz-me dona Mariana, a coser junto de sua vela, com seus óculos de aro de ouro:

- "Conceição não tem juízo..."

Dona Conceição, em casa, procura explicar o caso à sua maneira...

Conceição, de fato, bem pensado... não tem juízo...

Mas é tão bela! tão ineditamente bela!

A gente procura desculpar tanto essa abstrata cabecita de pintura pré-rafaélica!

- Bem! Bem! Isto é "caso"? Isto é "impressão"?

- Uma noite... sonho acordado de uma noite de estio.

Dona Conceição!

E aquela cuja aventura alígera foi mais veloz que o trem que corria!...

E o som estraçalhado das correntes do comboio parecia que estraçalhava meu pobre sonho, em turbilhões!

Tudo corre tanto! Tudo se despedaça tanto, nesta vida!

E que indiferença infinita em tudo!

Pálidas amantes, como esta pálida Augusta, ambulatriz cujo corpo era de todos! Cujas palidez era só minha, nos macabros segredos de ser tão pálida!

Oh! um dia, os meus cabelos lacrimejando a sombra, sobre esta palidez imbecil e querida...

Pálidas amantes!

E se foi tudo!...

Oh! a culpa desta insônia está no choque da lâmpada contra o espaldar do leito!

Eu já ia dormindo...

Passam, sem cessar, os automóveis!

Que voragem! A voragem da vida, sem dúvida!

Está tudo perdido!

Contam-se angústias: não mais se chora...

Monstruosa dona Estela que te queixaste da ingratidão de tua filha, nesta mesma sala onde a carregaste ao colo... onde sorria ela, pequenina, à tua Carícia, só... só... à tua Carícia!

E nem uma lágrima, nessa queixa, quase distraída!

Tudo se abisma... em quê? para onde?

No meio da voragem, um grande olhar humano, e espantado, terrível, sem alvo...

A noite vai alta... duas horas talvez!

Duas e meia!... Interessante o tique-taque do relógio!

Que caveirenta paciência... a contar assim o tempo... a contar assim o que não acabará jamais!...

Jamais! Que abismo!...

Eu... quem sabe?... oh! a loucura é uma amante duêndica, como uma sombra de castelo abandonado, à Lua!

Jamais!

Quantos livros, nestas minhas estantes!

Quantas filosofias, quantas ciências, quantas hipóteses e quantas verdades! Quantas sensações, quantos desvarios, quantas dores e quantas visões, dentro da policromia destas capas elegantes!

O Universo espremido nestas estantes!

E por estes livros, eu abraço a grande Ânsia humana, a Ânsia das coisas, a Ânsia Universal.

Evolvo-me na aspiração que vai da molécula ao maior sol: e choro de emoção, neste vôo monstruoso que se vai, como se fosse envolvido na maior Sinfonia de todos os Tempos!

(... uma aspiração, sim, e ninguém jamais o soube...)

E a História...

História, deixa a fátua grandeza dos Heróis e diz-nos dos suspiros de cada anônimo que se perdeu por aí, nesta voragem inconcebível...

História, apagadíssimo eco da voragem!...

- Mas, enfim, "caso", "impressão"?

Não sei! Que importa!

Eu quisera amar cada homem, cada coisa, cada forma e cada sensação!

Sempre a insônia...

Tudo vão! De que vale a vida?

Eu quisera ser um babilônico rei; um Rei de Legenda Rubra!

Seria um rei moreno, de olhos profundos, fatais, cercado de cortesãs, envoltas em gaze branca e cercado de perfumes esgalgos e modorrentos!

E tudo estaria feerizado numa luz arroxeadada! E correria um vinho leve, abstrato, como um sonho... e correria em taças cor da Lua!

A um gesto meu, entre bailarinas gaditanas, líbicos escravos apareceriam; a um gesto meu, líbicos escravos entregar-me-iam punhais e a um gesto meu, golfadas de sangue despenhar-se-iam do peito de cada cortesã.

E eu mandaria da minha colina feericamente palaciana... eu mandaria os cadáveres nus lá, para baixo, para o ignóbil pavor plebeu...

Eu, um Rei líbrico e sanguinário! Eu, um Rei de Legenda Rubra!

Recordações deste dia - o turco solitário, o lápis do Diretor, dona Conceição... e tantas outras recordações de dias, de tempos passados!...

Para onde ides vós, recordações?

Foi, por certo, o ruído desta lâmpada... Eu já ia dormindo e, assustado, despertei da modorra!

Depois... conciliar o sono - impossível!

Que horas serão agora?

Talvez se me fechem as pálpebras à friorenta carícia da madrugada que, embuçadinha, aí chega!

*(Casos e impressões)*

## LEMBRANÇAS À MATILDA

- Mas, com os diabos, ó raio, onde está o tintairo?

Uma vozinha contemporaneamente pedinchou:

- Lembranças à Matilda!...

O homenzarrão de camisa negra levantou de novo os punhos e se pôs a esgoelar, tal qual estivesse a gritar para os seus burros da Limpeza Pública, à rua, com propósito de fazê-los parar...

- Olha este tintairo! Ó Manuel, bai pedir o tintairo ao Antonico, se por cá não há...

E estrondava, rubro: Ó raios que te partam! Que mandriões!

- Já pedi; ele não taim! A tinta do Antonico sicou...

Mas balançando sempre sua quadratura vagarosa e sensata de lutador sem ilusões:

- Pois antão pede ali à lavadeira, à sora Puluxena!

Ia o magrinho responder ao vultoso dos berros quando surgiu lá, do fundo, de um sujeito sentado na esteira, a opinião:

- Pede um lápis ao Zé Mulatinho!

- Cabeça d'asno! Bais tu antão escribere a carta com lápis? Sempre me sais com cada uma!

O outro, continuando a coçar e a esgravatar os pés, sujos como uma carroça de lixo, retorquiou:

- Pois baim! Por que não compras antão um tintairo?

- Ah! Lá isso é que não! Olá, qu'esta é boa!

Dessuperiorizou-se um pouco o gigante da camisa preta, até que apumou outra vez apontando, com os erguidos braços cabeludos, para a porta:

- Cá está o homem!

E logo em seguida:

- Olha, não há tintairo por cá!

- E pena? E caneta?

- Pena! Caneta!... Nanja eu... que nada disto... Só há papele!

Numa ligeireza pesadona, o de casa foi apanhar em cima do caixão vazio, de querosene, a folha de papel encardida, já

princiando mesmo a enegrecer de sujeira, como a carantonha do portador. O recém-chegado alisou dogmaticamente as pastinhas, alisou o bigode e dogmaticamente preveniu:

- Este papel não presta... não está à altura! E logo: Mande buscar todos os apetrechos! Coisa duns dez tostões!

- An? Qu' é lá?

- An! responderam em eco os outros sete habitantes do quarto.

- Dez tostões! Se não, bão bocês baterem em outra freguesia!

- Ô... ó... ó sor Antônio, mas olhe que são dez...

- Para isso é que vocês foram me chamar ao armarinho?

Ora, com quem pensam que estão tratando? Hein!

O Manel Moira, calceteiro, lembrou ao altivo e empertigado caixeirote que ele vinha ali pago "com mô dinhéiro", com o dinheiro dos outros seis!... Retrucou o rapazola das pastinhas gordurosas e brilhantes, que não era com aqueles miseráveis três mil-réis que ele ia fazer a sua "indupendência" e ser patrão de armarinho.

Já estava a coisa ficando borrascosa, o estranho já havia posto seu chapelito de palha novo à cabeça, para se retirar, quando assomou à porta o Zé Leonardo, com um embrulhinho à mão, pegando naquela pequena coisa com o cuidado com que um sujeito solteiro pega numa criança recém-nascida.

- Pronto! que aqui está!

Acrescentou:

- Vocês são uns forretas, uns unhas-de-fome! Com mil demônios...

- Nós não somos capitalistas da Purfeitura!

O jardineiro público olhou para o carroceiro com a gana com que olharia para um garoto que lhe houvesse pisado um canteiro, acabado de retocar.

- Ora, vai-te bugiar!

Com seu pulso de catraieiro e sua cabeça erguida de domínio ao mar, o homem gigante ordenou:

- Silêncio, ó pedaços d'asno. Bamos lá à carta.

- Valha-me Deus! Pensei que fosse outra coisa. Tu tens um modo de falare, que nem lá o chefe da minha turma! Fez-se um silêncio entediado, sebosamente fatigado de fisionomia, oco e sem rumo: um silêncio domingueiro.

Já se havia assentado o pastinhas no chão, em cima de um jornal e tentava tomar posição no caixão de querosene que ostentava num dos lados a roda e as letras da fábrica, renitentes;

estava de mau humor o escriba, inquieto, remexendo-se e remexendo o caixão, balbuciando entre os dentes:

- Grossa droga! Misuráveis! Se eu soubesse dessa traquitanda... que esta é boa!...

- Eu paguei com mô dinhéiro!... resmungou alguém lá, da esquerda, perto de uma canastra enorme, despelada, em princípio de dismantelamento.

- Silêncio! Bamos à carta!... Minha mulhéri..., foi ditando o grandalhão.

- Não, põe primeiro aquele pudido qu'eu faço à tua Filipa...

- Oh! como é bom saber escrebere!, suspirou o gasista, anunciando esta verdade com uma cara alargada de místico e de parvo, ante a tontura de um deslumbramento. - Mô filho há de saber escrebere, custe o diavo!

- Lembranças à Matilda...

O camisolão-preto olhou para um camisolinha de cor indecisa, um sujeitinho de gorro meio caído na cara longa, um tanto chupada; e, com um olhar, decretou-lhe que se calasse. Permaneceu com sua cara angulosa e a boca cerrada para o ar; boca cerrada de enérgico, que trinca os dentes na resolução furiosa de vencer, seja como for...

Pelo quarto, os outros seis camisas-de-meia iam estourando as suas respeitáveis opiniões, numa algazarra que nem a do cais do Mercado, quando de manhã se esvaziam os batelões, no meio das providências gritantes de cá e de lá... Raro, fazia-se um silêncio que deixava ouvir o cacarejar das galinhas; vozes de crianças jogando o futebol pela vizinhança; bate-boca, ao pé e o barulho exasperadamente sacolejado dos bondes à rua... O escriba é que estava a escrever, calmo, silencioso, indiferente, até o momento em que gritou:

- Pronto! Já está começado: Estimo que estas mal traçadas linhas, vão encontrar a minha querida mulher em estado de perfeita saúde...

- Muito baim! É isso...

- Muito baim!

- Baim principiado!

O missivista encomendado deslocalizou-se um pouco, numa inoculta emoção, ao vozerio das aclamações; depois, deslizou os dedinhos claros sobre as pastinhas negras, espremeu-se todo, num esforço de boa caligrafia; e franqueou:

- Esta pena, com licença da palavra, é uma porqueira!

Prestou-se logo o jardineiro oficial para buscar outra, mas o

rapazote reteve-o, num gesto doutoral, exclamando ao mesmo tempo:

- Afí bai...deixa lá, ó Soisa...o calor tem estado insuportável...Alguns casos de insolação...

- Ié! - berrou o calceteiro - Ainda ontem, lá na Lapa, quase fiquei eu.

E explicou, no meio da indiferença geral, suas tonturas, sua nuvem vermelha, pelos olhos, como se lá estivesse ainda, à luz e no calor inclementes, que batiam sobre todo aquele trecho da rua, a remendar. Falava, puxando os bigodes para baixo como se defendesse a tese: que, apesar de tudo, ele era feito para cair à terra, para viver terra-a-terra - com as laboriosas coisas do chão.

Mas suas feições eram duras e feias, comprometedoramente feias, não permitindo que tivesse alguém simpatia pelos seus sofrimentos...

- Olha, fale lá da festa do Natal, fale do binho...

- Lembranças à Matilda!

- Fale lá à Maria desse jumento que anda pondo dinheiro fora...que anda perdendo nas cartas, no Mercado, de noite...

Falava a sacanões, o Adelino; o Chico-carregador lhe estava a dar em ares de brincadeira murros nas costas, pulando num grosso desajeito de quem não nasceu para as levezas péfidas, agressivas e escapatórias. Depois, para variar, o Chico arrumou lá para o Manel um bombardeio de cotos de vela, de gorro e de tamancos que, por um triz, não pegam o homem da carta.

Este continuava, calmo, caprichoso, solene, com a pontinha da língua entre os dentes, em atitude de boa caligrafia!

- Bem, já escrevi que tu fizeste uma boa viagem ao Cabo Frio, que lá estiveste uns quinze dias e que pescaste para dois contos...

- Tira lá um pouco disto para que a mulher não queira esses cobrecos todos.

- Deixa, eu também escrevi que quebrou o mastro da verga, que é um despesão...

- Baim! Está baim!...coçou o queixo escanhoado e em proa, o gigante da pesca. O Chico tomou a palavra e um tanto ofegante, tal estivesse a correr atrás da pena do cartista, bradou:

- Olha, pede à sora Joana que pergunte à Maria pelo catraio do mô filho...e ao senhor Vigário pergunte como vai a minha Maria!

- Lembranças à Matilda!

- E as minhas com ela, diga que serão pola volta...qu'eu muito lhe tenho a dizere...à desmiolada!

- As coisas por aqui...

Antes do caixeirote reproduzir oralmente as palavras escritas, dessa vez, fizera-se um novo silêncio de fadiga ou de expectativa, que espalhou uma certa mansuetude pelo aposento, onde trapos sujos, escarros, pontas de cigarros, tamancos, um ou dois pratos, esteiras...se ostentavam no mais desvairado enciclopedismo. Nessa mansuetude relevavam-se mais impressionantemente as feições do calceteiro, do carroceiro e do Zé Lopes, o empregado da City, em cuja severidade barbenta e um pouco triste talvez se refletisse a rancorosa ânsia de verem chegados os momentos do trabalho, tão indispensáveis para eles todos, que para outra coisa não haviam sido feitos; para eles, os blocos de dura matéria-prima viva e ágeis tão-somente no seu labor!

Ou fosse talvez a nostalgia das coisas humildes, sentida por aqueles humildes irmãos do suor e da rua, sobre cujo esforço sórdido, imundo e brutal, se ergue a esbelta estatura, brilhante, da Urbe gloriosa, que é Sebastianópolis.

Oh! a nostalgia escura e meiga da carga, do luar, da carroça, da vassoura, dos esgotos, do pó e das sujeiras! Estranha nostalgia dos desprezados pelos desprezados!

- As coisas por aqui não vão baim.

- É isto, acertou... - disse o empregado da City, lançando uma cusparada lá para diante - mande dizer à Teodora que a gente ganha doze e gasta seis...que a carne seca hoje é comida de rico...que no restaurante do sor Albino está tudo pela hora da morte...E que é por isso que eu não lhe mando o dinheiro!

- Eu não mando o dinheiro para a minha Luísa porque a Purfeitura não paga à gente há três meses - avisou por sua vez o calceteiro. - A Purfeitura só paga aos doitores e aos fidalgos lá de cima! E são uns danados: ainda outro dia os caminhões puseram lá, no pátio, uma porção de batatas que os tais doitores dixeram que estavam estragadas e só porque uns dois rapazes andavam a apanhar umas tantas boas foram postos à rua.

Quase todos atendiam: não atendia o Chico, cujo olhar triste e brilhante na cara barbada e feia dava a idéia de duas pedras preciosas faiscando num monstruoso rochedo.

- Eu vou mandar pôr uma figa na carroça para acabare a urucubaca...

O escriba levantou a cabeça e olhou para os homens com gesto apalermado e impaciente de quem procura rumo e pede, no meio da confusão, que lhe deixem respirar. Depois de alguns momentos, perguntou, molemente risonho com a pena

zigueagueando no papel preso ao encurvado braço:

- E não querem vocês que eu pergunte às patroas pelo preço do bacalhau lá na terra?

- Exato! berrou o bateleiro.

- Ié! Essa é voa... - opinou o Zé Lopes - não bêm bocês que deve estar muito mais caro ao depois que os tais ripublicanos arruinaram Portugal?

- Deixa estar que o Paiva Couceiro bai indireitare...clamou com um sorriso leve, irônico e um tanto medroso o jardineiro municipal.

- E bai, ora se bai...Bai dare cabo daquela súcia de ladrões...

- Lembranças à Matilda!, gemeu alguém, lá, das proximidades do tamborete, onde estavam a lâmpada de querosene e um baralho de cartas muito lustroso, de sujo.

- Ora se não! Bai acabare de vez com aquela corja de ladrões e de assassinos. E a Inglaterra bai ajudare.

Espreguiçando-se, mãos para cima, o autoridade da pena decretou:

- Vai-se perguntar agora pela vinha do Antônio Gonçalves, e pela tua irmã, ó Chico!

- A Inglaterra é uma pirata...se já não comeu Portugal é porque não pôde.

- O jornale de hoje traz o Paiva Couceiro.

- Aquele não é o Paiva Couceiro, pedaço d'asno: é o assassino da Gamboa...

- Mas tu leste...

- E pergunta ao Manel Duarte como é aquela receita para os jumentos de fastio, que o meu "Macho"está a se definhare, que lá se bai...

- Lembranças à Matilda.

- Diz à Luísa que eu bou jogar amanhã no cuelho, que se der eu lhe mandarei um dinheirinho, que por ora cá não hai.

O Almeida, um acendedor de gás que já estava a sair para o serviço, deixando uma guitarra na qual tirara uns sons, começou a contar, lançando indiretas ao homem da Luísa:

- Que conhecia um homem que recebera uma carta da mulher cheia de saudades, de choro, de já não poder mais viver ela sem o maridinho! E o maridinho, enquanto o "sor" Miguelito lhe lia a carta, ia dizendo:

- Que boa mulher! que santa! Oh! que santinha, essa minha mulher!...Mas no fim, lá vinha: manda-me, se puderes, meu homenzinho, uns cinqüenta mil- réis fortes...

- Maus raios partam esse diabo!, berrara então o homem ao escutar esta última ternurazita.

Indiferente, o Chico ouvia a anedota alusiva, com o cachimbo ereto na boca, ondeando sonoramente vagas de saliva. O homenzarrão é quem falou logo, recordando:

- Mas que diabos de notícias ruins de Portugal trouxe o primo da Maria!...

- Ié! Aquilo está tudo perdido. Nem é bom mais falare...

- Lembranças à Matilda.

- Bem, vou falar agora da bonita figura que fez o Zé Lopes, domingo, anunciou, a sorrir, o escriba.

Tratava-se de uns murros que o herói dera num café do Mercado, no tal crioulo, no tal cabrito que viera a pedir um lugar na embarcação do pescador; e este respondera que não havia na ocasião, que já lá havia quatorze homens, gente demais.

No fundo, os portugueses de pesca, os poveiros, não gostavam de outros patrícios para o serviço, e muito menos de brasileiros, gente além de tudo desordeira! que não era do jeito deles e que...enxergavam demais!

- Que fiquem lá com seu serviço de desembarque de hortaliças da baixada, e deixem-nos cá, com a pesca, dizia frequentemente o gigante de camisa preta.

O fato era que mal virara ele as costas, o cabrito pôs-se a xingar os "galegos", que se fossem para a terra deles, os safados, que cospem no prato em que comem. E daí a briga, saltando contra o pardo, o Lopes, enquanto ia-se adiante o catraieiro, alheio ao ocorrido, causa indireta entanto da encrenca!

- Nam sei como o cabrito não puxou para ti a faca...Cabrito sem faca é muito milagre! Pelo Bom Jesus do Monte! Oh! ié?

Lá estava o Almeida na guitarra! Dois outros dos homens discutiam fatos da Resistência dos Carroceiros e Classes Anexas e da União dos Poveiros, aborrecidos com a ação sempre deturpadora de alguns exploradores que faziam discursivas, e iam lambendo o dinheiro, o rico dinheiro dos tolos!

- Mas uma associação sempre presta seus serviçozitos - opinou o Adelino - Eu dou a uma de enterros que...

Os outros se haviam distraído e parecia esfriar-se no espaço um desconforto geral. O Chico vestia-se caprichoso, calças listradas largas, paletó enrugado...e experimentava o chapéu amassado em voltas e reviravoltas bizarras...

Caprichosamente mal vestido - democraticamente - para contrastar com a opulência fidalga das avenidas, estonteadoramente feéricas!

- Está de acordo! Agora vou tratar da última greve dos carroceiros.

- Bai-te para o diabo! - gritou uma voz tourina - Bai-te qu'eu nam quero histórias com a polfícia: que uma boa chanfrada levei eu na tal brincadeira do Mangue...

- Lembranças à Matilda.

- Que mais então?

Virando-se para a importância do pastinhas, o calceteiro respondeu:

- Diga lá à mulher que eu fui visitare o tal cunhado dela, que está agora muito graúdo, estabelecido à rua do Lavradio, com quitanda! Que ele e a mulhéri me ofeceram logo o café, qu'eu fui dizendo que não fui lá pra isso...

Do lado saltou um rapaz, bocejando ainda e esfregando os olhos, recém-acordado, com a rodilha de carregador anelada à cintura, donde pendia uma cauda.

- Ai! - suspirou ele molemente - hoje é dia de bere a pequena! Já há binte dias, quase...há um mês, se cá não me falta a memória. Bou tomare um banho para lá ire...

Olhares de aparvalhamento, de incompatibilidade, de incompreensão caíram sobre a exótica idéia do rapazelho. Até o caixeirote levantou a cabeça de sobre o papel e olhou o candidato à água, com indiscreta indignação.

Deixem-no lá ir... e que com sua florzinha ao peito, à esquina, "dê sorte"; ou ao portão da namorada.

Por certo é essa de uma cor crepuscular ou mesmo de uma cor profunda como a da noite... e o nosso jovem amigo à luz das estrelas e das lâmpadas, ao ruído dos automóveis que passam e dos bondes vai escrevendo, inconscientemente, a página da confraternização universal e do problema prático das raças, sobre que outros discorrem teoricamente.

Vai, mondronguinho... vai à heresia de teu banho, ó tu, criatura que foste feito para a terra de Santa Cruz... para colonizá-la; para explorá-la; para povoá-la criteriosamente e apropriadamente.

- Bem! Bem! Que mais?

- Lembranças à Matilda.

- Fala agora da festa do Natal e da procissão do são Sebastião. A festa do Natal esteve muito boa. Nós dançamos cá no quarto, a mais nam podere... As paredes e sua lho tremiam... tanto que...

Impávido, sereno, o cartista lá ia... Lá ia também a guitarra do Almeida que vibrava sua tristeza metálica, rude, tal qual a tristeza daqueles homens.

Por fim o Chico e o Zé Lopes, entre outros, já tinham lágrimas nos olhos, transportados sem dúvida daquele quarto, em terra estranha, para as vindimas cantantes da pobre terra risonha, que era a deles!

Oh! agora é que devia o Miguelito ter começado a carta! Quantas conversas agora com a Maria, com a Lúsa, com os catraios, com a velha Ana, a tia da herança...

Geme, guitarra, em tua monotonia metálica e nostálgica!

Geme, por esses que se não sabem exprimir, que foram feitos para o trabalho e para o sofrimento humilde, ignorante, tenebroso, em terra estranha, embora esta seja o generoso Brasil!

- Mas enfim, as paredes já tremiam e o binho berde não faltou, nem as castanhas... O Chico chegou a tomar uma bebedeira que...

Geme nas mãos que te compreendem... mãos de fadiga rude; mãos grosseiras que acariciam, com uma delicadeza de aragem, as cabecinhas loiras... geme!

- Lembranças à Matilda.

Geme! por eles... e diz, guitarra, a angústia desse povo condenado a uma brusca e rápida ascensão de grandeza: ao ridículo depois, entre um amigo pérfido e um filho irreverente; filho irreverente diante da irrisória decadência paterna - decadência de incultura, de tristeza e de saudade.

Aí! mais ternura, ó Almeida escanhoado, mais ternura!

- Lembranças à Matilda.

Mais uma vez o homenzarrão lançou olhares de furor para o seu esmagriçado colega...

Dá a pouco, o caixeiro do armarinho, o secretário do grupo, fechava a carta com toda a importância das suas funções extraordinárias, superiores, nada atingíveis por aquela plebe iletrada!

- Mas as lembranças à Matilda?, recordou o teimoso bateleiro, quase choramingando, com a dupla comoção daquela decepção e dos gemidos da guitarra.

- Agora é tarde!, respondeu, numa indiferença quase completa, o secretário das pastilhas.

- Nem cá por fora?, gemeu ainda o da Matilda.

- Cá por fora - decretou em uma voz rouca e impaciente o outro - só bai o selo e o end'reço.

Dessa vez o do gorro choramingou francamente:

- Mas então as lembranças à Matilda?...

- Toma lá este pontapé, que elas por aqui bão, seu tratante de uma figa.

- Lembranças à Matilda.

Geme! geme, guitarra!

Os pés do gigante viajaram até às nadegazitas do gemedor, produzindo por lá um barulho seco, um tanto fofo e farfalhante.

Acrescentou o autor da pesada mensagem:

- Toma... que te lembres da Matilda, depois que andaste com ela lá pelos trigais, seu patife - tu, enquanto andava, eu, o vurro, a fazere a minha e a tua colheita!

Balbuciu rouquejante:

- Eu a trabalhare, pra tu te divertires, pelintra de uma figa!

- Bonita agora esta!

A voz luzidia, abrilhantinada do pastinhas-escriba, sublimou-se sobre a indignação do gigante, e sobre o silêncio dos outros companheiros.

- Qu' é qu'houve, ó sor Miguelito?

- Muito pouca coisa... não há tinta para o end'reço... Não pega mais este vapor.

- Eu cá não compro mais coisa com mô dinhéiro!, anunciou, balbuciante, o Chico, no meio da algazarra que, de novo, principiava de se emaranhar, em torno ao homem da carta.

- Olha, beja lá... ó sor Miguelito - gemeu a vizinha dos fundos -, antão talvez possa ainda...

Estava muito ofegante o camisolinha de cor indecisa, quando se levantou do tamborete:

- Beja se... é um grande favore, sor Miguelito... lembranças à Matilda. Pode cabere ainda, pois não, sor Miguelito?

*(Visões, cenas e perfis)*

## A FESTA FAMILIAR EM CASA DO TELES

- Dona Mariquita, aí está a cerveja!  
- Não, não é para a Mariquita, não, seu Costa! É para mim!  
Dois bracinhos, de uma magreza muito nacional, deram um bote decisivo sobre a garrafa que aeroplanava sobre a mesa, defecando espuma pelo gargalo...

- Aí, dona Pequenina, não relaxa! A Brahma ainda acaba lhe dando um prêmio!

- Viva! Hip! Hip! Hurra! Viva o Teles!

- Neste momento solene eu faltaria...

- Fora! Fora! Não pode!... Não pode!... Olha, que se continuar...

O orador, muito pálido de dispepsia e de desconsideração, esbugalhava os olhos em torno da revolta acervejada, sem saber que rumo tomar...

- Entope esse cidadão com a farofa do peru...

- Mas, senhores, isso é uma casa séria!

- Abre-lhe uma garrafa de gasosa no...

- Dá-lhe um banho de molho inglês...

Espírito prático, educado em moldes americanos, o Gustavo ia fazer seguir a ação à palavra, estendendo para isso a mão a um vidro perfilado, junto à fruteira...

- Senhores, atenção - pigarreou o Juvêncio Sales.

- Senhores, o estimado e operoso segundo-escriturário da...

Paf!

Um pedaço de pudim de creme abraçara, fremente, a cara do segundo orador pedindo: Não, não, meu benzinho, não fala mais, não. Meu benzinho!...

No meio do tumulto dos gestos, das gargalhadas, e das caretas em *raid* sobre o tumulto da mesa, destroçada na grande desordem dos pratos e das garrafas, e das comezainas e dos copos entornados, a indignação do Juvêncio riscou o espaço, numa hipérbole à Castro Alves, trovejando:

- Quem foi aquele, cuja audácia cega, louca, inqualificável...

- Muito bem! Hip! Hip! Hurra! Viva o Juvêncio!

Sons de piano, vindos da sala próxima, se intrometeram na algazarra, e uma vozinha feminina, de garganta rachada, acentuou:

- Ó gentes, tão tocando o tango pra nós dançá!

- Ao tango! Ao tango!

Mas o último orador estava realmente decidido a lavar a honra, primeiro; depois, naturalmente iria lavar a cara.

- Eu quero saber quem foi...

- Foi o Castro Araújo...

- Eu não! Foi o Manuel Duarte...

- Ó Juvêncio, deixa disso. Toma mais uma cervejinha!

Agora, uma brincadeira...

E realmente tinha razão o Zeca: fora uma brincadeira que, a custo de mais um ou dois copitos de Teutônia, o exaltado esqueceria, dormindo como um pajem da "Bela Adormecida", lá, para um canto.

- Ao tango, senhores!

A mesa foi-se esvaziando, com acompanhamento de sons secos e arranhantes de cadeiras arrastadas; alguns heróis do prato e do copo persistiam contudo na grandiosidade de seus feitos, incrementando ao mesmo tempo a indústria e a agricultura e a pecuária no País.

E com que patriotismo o faziam... aqueles funcionários públicos!

E com que elegância!

As garrafas segredavam aos copos um fulvo e escorrito segredo; os garfos voavam numa rapidez ascensorial de águia, com bons nacos, para os rubros e macios ninhos das mucosas; e, às vezes, os dedos conduziam, mais sumariamente, blocos grandes, como as grandes idéias, como os grandes sentimentos... como as grandes coisas boas lá, para aquele epílogo orgânico das coisas boas ou más...

- Ao tango! Af gente! Viva a pândega!

Isso era lá... Aqui, pela nossa sala, ainda havia quem, de olhos injetados e de cara vermelha, inchada... gritava:

- Olha o peru! Traz o peru! - E metia o garfo na "baba-de-moça" do vizinho, do Almeidinha da quarta seção.

- Af, Zezé! Requebra, meu bem! Não relaxa!

- Mas, senhores, isso é uma casa séria, de família!...

O Zezé dançava tão bem, retesava tão bem as pernas e tão bem saltava para a frente tais passos, como um polichinelo: e

tão bem empernavava a dama, depois, no volteio, espremendo nada perfunctoriamente as coxas da gentil cuja entre as suas; e tão bem achatava-lhe os peitinhos de uma rigidez abatidamente semi-virginal que todos, todinhos, batiam palmas, ofegantes, espumantes, gozosos, numa ânsia masturbadora:

- Aí Zezé! Aí Zezé, bom no tango! Mais, Zezinho. Aí! Ah! Zezé!...

- Aí Dodoca! Ui Dodoca, que passo bonito! Do... do...

Dodoca e Zezé eram os líderes do “desejo” de toda aquela rapaziada e de toda aquela raparigada.

Feroz desejo ansiado, espumante de ir já... funcionando! E a música, e a luz, e a embriaguez, e o ruído e a desordem dos móveis... pareciam também mãos invisíveis, meio fechadas, para uns, com tubulura ao centro: e para outros, mãos de índice ereto, em atitude de feroz serventia copuladora!...

E sublinhando tudo isso, a voz fanhosa:

- Mas isso é casa de família!

- Senhores, quem quer lingüiça?

Era a Bitoca, filha do Lopes da Contabilidade, que aparecera ao princípio da exaustão, sucessora do tangoso entusiasmo, e que baloiçava entre os dedinhos a longa tripa vermelha; baloiçava franca, risonha, como uma donzela que não estranha...

- Ó Bitoca, não balança isso assim...

- Por quê? Por que pode crescer ainda mais?

A senhora do doutor Terêncio, do bacharel-funcionário do gabinete do Diretor, conversava com a Zefina Vidal: mas esta jovem e amarelenta deidade algo histérica fez-se vermelha e preparou-se para deixar a cadeira ao despontar o assunto lingüiça...

- De quem é a lingüiça?

O Carlinhos Sá começou a tocar um maxixe, mas a lingüiça ainda estava à baila.

- Parece que é do Medeiros!

- Não, é do Lopes...

Bitoca, a filha do Lopes, ficou tão vermelha como a tripa que lhe pendia dos mimosos dedinhos. Era visível que queria se recolher aos bastidores.

- Oh! Dona Alice, não será do seu noivinho?

- Não pode ser, homem!

Dona Alice, que entrara, lá do caramanchão do fundo do jardim, com o Zoca, poderia ter visto qualquer outra lingüiça, menos aquela!

Zoca e dona Alice, dona Alice e Zoca pareciam disputar um prêmio de “maior rubor”, esporte que talvez não fique devendo, em maçada a nenhum outro.

- Ficaram encaralhados, os pombinhos!, deslizou o Gustavo ao Zezé.

- Ei!

- Tra...lá.... pá pá-pá!

Foram-se as xícaras e o café e o açucareiro!

Mal a nhá-Nácia chegara com a bandeja à sala, o Jorge Amaral, que estava fazendo maxixadas à música do Carlinhos Sá, bateu com o braço no veículo da gentileza póstuma do Amaral ( pois que o café já devia estar servido há muito tempo ) e foi aquela beleza! Dona Sinhá Amaral apareceu, mandou a rapariga descompor “aquele bruto assanhado...” e, sem mais aquela, recolheu-se.

A mulher do Amaral era sempre um enigma nas festas em casa do estimado e exemplar escriturário da Recebedoria...

Às vezes, nem aparecia.

Segundo alguns maldizentes, afundava-se lá pelas escuridões do anonimato do fundo do quintal, com um tal estudanteco Coelho, filho do Castro da segunda seção.

- Ai, meu Deus! Calculem que eu mandei fazer doze compoteiras de doces pelas minhas meninas, e pelas Couto! Até fizemos dela folhinha! E mandei lavar a casa, com tanto cuidado!

A sala de visitas esteve fechada desde trasanteontem!

Era a mulher do Teles que se expandia senhoramente no meio da sala, muito rubra e gesticulante, à vista da desordem que se tentaculizava por toda parte.

Nhá-Nácia fora resmungando, o maxixe continuou, a lingüiça desapareceu e... o violão do Roque surgiu!

Foi um quase geral:

- Ah! agora sim!

- Quase geral - porque um rapazelho ficou-se entristecido ao canto perto da porta do jardim: era um “romântico” a quem a namorada, uma deliciosa figurinha branca, muito deliciosa, como visão de infância - noutras ocasiões muito recatada e virginal - depois de ter dado pela sala umas gargalhadas um tanto atoleimadas, lhe viera perguntar:

- Vamos dançar o tango, Raul?

- Você sabe que eu não danço o tango!

- Pois fique sabendo que você não é homem!

Uma careta de sincero desprezo acentuara essas palavras, e

o rapaz olhou para o jardim... para o espaço, com uma asfíxiante dor de atordoado e desiludido! de quem vê incendiar, em momentos, um seu longo trabalho...

- Ao violão.

- Pára esse "São Paulo-futuro", aí, ó Carlinhos!

O Roque, que já se aprumara muito, entediado, superiormente hesitante, ficara todo queimado, todo beizola-grande e olhões vermelhos e mulatonas bochechas inchadas quando vira três ou quatro pares tangando, sem ligarem ao violão que ele já o tinha entre os dedos...

- Essas futriquinhas amareletas e chupadas que nem chegam aos pés das nossas caboclas, hein, Roque!, assim falou o Chico Arruda para consolar e distrair o ameaçador despeito do protagonista da segunda e interessantíssima seção daquela festa familiar em casa do Teles.

Eis o "pinho" que chora!

Cabeleira em revolta, em estrondo, a escancarada caverna que é a bocaça do Roque, quase sem a estalactite de um dente - eis o Roque que geme, "ai meu Deus!"

- Ai, meu Deus! se a mulata soubesse!

- Muito bem, Roque! Muito bem!

- Muito bem. Bravos!

- Aí, Roque, velho cansado de guerra!

O trovador do sertão estava entusiasmado... não se fazia mais de rogado!

- Agora vai a minha predileta!

Dona Alice, o Teles, o Gustavo... quase choravam. A grave e soturna e profunda melancolia do pinho sublimava-se, vencida toda a realista sensualidade dos circunstantes, envolvendo-a numa sonolenta tristura queixosa!

- Patrão! Patrão! Eu não posso ficá na cozinha com o raio daquele seu Zébio...

- Seu Zébio! - berrou o Zeca. - Ora, vejam, um amanuense de primeira categoria!...

- Eusébio! Então, nem as cozinheiras velhas escapam?, perguntou o Lopes.

- É... é um sem-vergonha, aquele, sô moço! Puxando lá aquelas porqueira... Eu lá com ele não fico!

O Teles enfim coçou a cabeça e pingou, desconsolado:

- Mas, isso aqui, senhores, é uma casa séria; é uma casa de família honesta!

Quando procuraram pelo Roque, ele tinha sumido com seu rico violão de seiscentos mil-réis, com um chumaço verde-amarelo pendendo lá de cima.

- Bem, seu Castro, recita!

- Oh gente! O fotógrafo da *Buzina* está aí... Ele quer tirá uns grupo...

- Seu Castro, recita!...

- Não, ao maxixe!

“Seu” Castro já começara a recitar com sua tímida vozinha de poeta modesto - que não frequenta as rodas e que chupa balas de ovo: “Fugitiva existência de querubim”... poesia em que havia soluços e queixas estranhas... quando, de súbito, passando a mão pelos cabelos e apontando para o piano, sibilou:

- É impossível continuar!...

Algumas palmas burguesazinhas, chocas, proclamaram ao “seu” Castro que ainda existiam por ali alguns resquícios de gentileza: o mocinho, namorado da menina que lhe participara que “ele não era homem”, bateu-as mesmo com alguma sinceridade, porque aqueles versos traziam enfim uma espiritualidade delicada, oposta à naturalística e macabra revelação de sua amada! E... e o piano lá estava a berrar, fanhoso, mais um maxixe.

- À quadrilha, senhores, que é coisa boa! Quanto mais desacertada, mais certa!

- Não senhor, vai recitar dona Zilda!

- Eu não! - protestou o vizinho - só recito em Botafogo!

- Oh! Dona Zilda, aquele que diz que meu desejo é uma serpente que se enrosca...

- À quadrilha, senhores, com marcação da “Cidade-Nova”, que aquilo é que é: - “Beija-Flor! Toca pra diante! Toca pra trás! Alavantu!”

- Ao maxixe!

- E o doutor Ferreira não recita?

- Ferreyra com “y” cavaleiro! O “y” é o gancho simbólico que vai ao fundo dos canais de Bruges, buscar a minha inspiração... Eu sou simbolista... só recito versos êxules, bizarros, botticellinos, espasmódicos, sonambúlicos... Recito...

la recitar, sem dúvida!

- Quem é esse “penetra”?, perguntou, de olhos faiscantes, o Soarão da Contabilidade com jeito de quem acrescentasse, ciumento:

- Quem é esse estômago que também vai avançar, lá dentro, nos bons manjares?...

- É poeta e reporte! - respondeu uma taquarazinha. - Ele já fez um brinde lá dentro, a seu Teles; e falou no luar roxo do teu esquecimento sonambule...

O poeta silenciara e tomara atitude de ataque simbólico às coisas, ao espaço!...

- Ao maxixe, gente!

Este maxixe é que foi estupendo!

Foi a glorificação daquela festa familiar em casa do Teles... O Teles, a princípio, não se esquecera de recordar mais uma vez:

- Mas, senhores, isso é uma casa de família honesta!

Depois, sumiu-se. Sumiu-se enquanto os pares se frenetizavam, cada vez mais pegadinhos - sem hipocrisia! - e cada dançante sentia, era visível, o calafrio apagado, a tremura, o estranho mal-estar que prolonga o gozo sensual.

Alguns rapazes deixavam o par disfarçadamente, e se iam, um pouco curvos e mal-andantes, esquerdos...

Num certo momento apareceu a Pequenininha com uma coxa de galinha na mão.

- Senhores, quem quer uma coxinha?

- Se é a da senhora...

- Não, é menos gorducha!

Depois surgiu a Maricota Cabral, anunciando:

- Ó gente, eu perdi os três... os três biscoitos que seu Zezé me deu!

- Quem tirou os três... biscoitos de dona Maricota?

- Quem tirou... toca para a Pretoria!

Oh! aquela festa familiar em casa do Teles estava sublime de delícia! uma apoteose-roxa! O Borges Castro dizia para o Zeca:

- Zeca, meu amigo, o Teles hoje ultrapassou-se!

Pareceu de propósito; falar-se no Teles: ele apareceu, de fato, muito conselheiro e calmo como sempre, a publicar:

- Mas, senhores, também isso não... calculem... até... em cima de minha cama! Oh! senhores, isso aqui é uma casa séria, de família honesta!

Dizia isso com sua voz calma, arrastada, chorosa: e arrastava-se com uma resignação onanista, de quem gosta de apreciar a sacanagem alheia. Para o jardim ia e vinha gente a todo instante: alguns dos vencidos de Cupido, ou de Vênus, ou de Onã ainda entravam a se arranjar, ultimando o ajustamento de um botão, a perfeita ordem na maneira do vestido ou as ligas lá, na perna!

O Roque, com certeza, adivinhou a patifaria e tanto assim

que, excedendo-se ao seu despeito, voltou com o pinho bem dengoso, a se encaracolar todo, e:

- Ei, minha gente! meu pinho velho! o Roque aqui está!

Daf a pouco, ouviu-se lá de fora um:

- Ai, seu Roque!

Alguém veio participar hipocritamente sigiloso que o trovador pegara um garoto lá, na horta: que a mulher do Teles que estava com o “dela” protestou porque o garoto era seu sobrinho, que o trovador, desarmado, lá estivera abordando a quanta saia encontrava...

A Pequenina saíra cantando com sua voz de octogenária constipada, e voltara com os olhos vermelhos... O Carlinhos, falou-lhe aos ouvidos, e ela respondeu com um beicinho, inclinando as mãos como quem diz:

- Assim-assim! Regular!

Alguns poucos indivíduos e três ou quatro moças é que se encontravam um tanto ressabiados ou contrariados mesmo, com aqueles heroísmos além de suas forças. Uma ou duas das moças eram feias: mas a Irene Caldas, muito bonitinha, tinha no olhar a inteligência curiosa daquelas pagodeiras, tão elucidativas!

Entre os rapazes estava o “que não era homem”, que conseguira embebedar ainda mais a namorada, e prendê-la à chave, num quarto lá, nos fundos. Estava pálido, muito triste, como um pedido da Infância-ida àqueles homens, àqueles moças que não continuassem... que se lembrassem dela, da longe-infância; e navegava o olhar desvairado no meio daquela boa brincadeira na boa casa do Teles. Ao lado dele, o amigo do Roque monologava:

- Quá! Isso na minha terra!... E intê sô Roque... um home com famia...

- Ei! Qu' é isso?

Haviam apagado as luzes! E quase ao mesmo tempo, do âmagô da casa, vieram os ecos secos de tiros de revólver e gritos e falatório:

- Mas qu' é isso?

- Quem foi?

- Tira a arma dele!

Serênou depois, logo depois. Fora, sem dúvida, algum pau-d'água de mais... ou algum esfomeado que afastara o concorrente do bom prato de Eva! Muita gente já havia pulado o muro àqueles sons desagradáveis...

- Puxa outra arma! aquela... É o melhor que você tem a

fazer, ó Guimarães!, exclamou no anonimato do escuro o Carlinhos, rei dos espirituosos profissionais que freqüentam os salões do Catumbi.

Na porta do jardim assomaram dois vultos, e quase imediatamente uma voz em falsete denunciou:

- Olha! lá vão o Lopes e a filha carregando embrulhos e garrafas de cerveja para casa!

- Deixa o osso, ó Lopes! Isso é feio!

- Bitoca, meu bem, por que já vais? Já estás satisfeita?, berrou, adiante, uma outra voz amascarada.

Pelo jardim e por dentro de casa a patuscada ia bem... ia liberal, heróica! era sensível! Entre as gargalhadas e o palavrório e os sussurros escutavam-se os barulhinhos comprometedores, misteriosos, solenes, triunfantes... da *função escandalosa!* - Quando era ouvido um gemido, um gritinho mais sinceramente doloroso, não havia quem deixasse de gritar:

- Eia! mais uma Filomena!

- Cuidado com esses sessenta réis!

- Se já tirou manda para cá, que os vinténs vão voltar à circulação!...

- Se está custando, ataca vaselina!, escorregava outro.

No meio da casa, estribilhando a agitação, a observadora sentença do Teles desfiava-se:

- Mas, senhores, isso aqui é uma casa séria; é uma casa de família...lia ho...nesta!

A aurora já ruborizava luminosamente as vidraças... Para variar a brincadeira, o Castro veio pelo jardim, fazendo chafariz em cima dos que ia encontrando deitados...

O Roque deu-lhe um formidável tranco, no momento em que ele, o chafariz, passou-lhe por cima!

E depois, sem interromper um assunto entabulado, erguendo-se com a "dama", lá se foi por entre os canteiros, para o fundo:

- Minha senhora, o trovador já lhe disse que vossos lábios lipurinos...

Um fétido característico, de clara de ovo e de diluído gás de ralo, dominava as salas da boa e honesta casa do Teles...

(Visões, cenas e perfis)

## A GREVE

- Com os diabos! Pára já tudo isso!

E de súbito, as máquinas, como que obedecendo à voz estentórea de Aristeu, foram-se estrebuchando, na surda agonia solavancada de suas articulações duras.

- Mas, enfim, que houve? O mestre Dickson foi demitido?, perguntou o electricista, ainda com a blusa de trabalho, ao recém-aparecido: o qual com roupa de passeio gingava, um tanto altivo, pela sala do depósito, desvairada ainda na anarquia dos sacos de algodão despejado. O moço do trajo formalizado recostou-se um tanto molemente a uma pilha de fino moçoró, e respondeu entre desdém e ira:

- Qual! o doutor Mota, o mais novo do bando, é o pior: é exatamente o mais duro de todos esses gananciosos da tal de Diretoria! Ele quis demitir os chefes do movimento, os "cabeças", como ele diz, naquele jeitinho pausado de falar...

- Naquele jeitinho... tal qual a máquina quando está parando...

E pouco depois, o noticiante, num bamboleio convincente e inapelável do corpo:

- Mas, enfim, as taponas que o Dickson levou é que ninguém as tira!

- Não vá isto dar como na outra vez - resmungou o da blusa.

- O contramestre Henriquinho, o tal da sala maior dos teares, andou-se trepando na Ritoca do Augusto Gordo, houve o banzé da greve - ele saiu, ela e o pai saíram - e os dois pombinhos se foram ajuntar lá fora... o tal Henriquinho, safado, cara de alicate, que dizia que não governava cem teares, mas cem bocetas boas!

Pareceu defluir uma grossa inveja da machidão triunfante do contramestre, resmungando, numa dolência de quem perdera vaza, mas que não desaproveitaria a lição:

- Filha da mãe! E eu, apesar de operário, também se não fosse besta...

- Cala a boca, você! - assinou o outro. - Foi por causa de você e doutros que a Diretoria mandou pôr uma guardiã na latrina das mulheres, onde vocês andavam escrevendo, às escondidas, quanta porcaria há!

Caminhavam, desde alguns momentos, sinalefando o andar, com paradas gesticuladoras, até que chegaram ao pátio da frente, depois de silhuetarem o ardor do seu diálogo à porta da esquerda que dava para o jardim; este discretava a graça farfalhante e adolescente de seus canteiros bem tratados, a um cantito de largo espaço, que se enchia dos ecos duros e achatados produzidos pelas patadas dos cavalos batendo em cheio sobre a calçada.

Essa sonoridade puxou sem dúvida, na mais integral contemporaneidade, por duas molas, os olhos dos dois rapazes, que se esbugalharam, e sugou o sangue das quatro faces que desertou, numa brilhante retirada, trombeteando em distintas pernadas o instinto de conservação. A Polícia já ali estava, com efeito, mestiçamente representada nos seus cavalarianos, que faziam as inúteis e pernósticas acrobacias do costume...

Principiara a greve, e mal principiara, a Diretoria entendera chamar a Autoridade fardada, de refle e estalando os cascos em cima do lajedo, beliscando-o com fagulhas, para intimidar, pelo estardalhaço; para levantar e abaixar as gâmbias dos animais; para fazê-los corcovar; para esporeá-los, para tremelicar sobre eles com o capacete de ponta, tal ameaçasse lá, em cima, Deus Nosso Senhor à falta doutra coisa.

Enfim, a Polícia tudo fazia "para assustar somente!"

Os operários é que não representavam bem o seu trágico papel de acovardados; ao contrário, conversavam, ou antes se desengonçavam em gestos e em palavras que pareciam rasgar metralhadamente o espaço e a larga fachada vermelha, disciplinada, de tijolos bem dispostos em fileira marcial, regularíssima! E tão ampla era aquela explosão, do espanhol e do pardo especialmente, que tinha jeitos de ir atropelar a avenida de casitas à frente, com seus jardinzitos receosos, tristes, quase sempre muito mal cuidados; de ir atropelar mais adiante a casa do subdiretor, de uma elegância tendendo a venerável, de quarentona bem conservada - um cubo amarelo, discretamente relevado, rasgado em janelas um tanto estreitas e longas!...

E essa ameaça iria mais longe se não se incorporasse ao grupo um moço magro, franzino, com cara de sagüi, cabelos desenvolto que o vento conflagrava numa agitação libertária, olhos esbugalhados como se estivessem vendo o mundo se cataclismar

em bilhões de pedaços pelo éter, e o nosso herói num deles, assistindo a essa tragédia geológica!

Com todos esses característicos em polvorosa, perguntou ele:

- Então, vocês falaram?

Um sussurro geral já anunciava a chegada deste rapazinho, e ao aproximar-se ele ao grupo foi recebido com atitude de sábia consideração, algo desconfiada.

- Sim, falamos - rouquejou Aristeu - mas não nos responderam nada de agradável! - E historiou a entrevista: o homem, com aquela sua voz pausada, falara em inquérito policial... que a Polícia é que tinha de ver com tudo isso... que a Fábrica não tinha nada...

- Se a Polícia achar que os culpados são A, B, e C... nós suspenderemos A, B e C. Se achar que foram Paulo, Sancho e Martinho...

Depois falou em "cabeças desses motins sem razão de ser": falou nos direitos dos operários e nos direitos dos patrões; falou em direitos e deveres - e repetiu muita coisa sobre o que ele chama "a exploração dos cabeças..."

- Mas isto não deve ser! Por que não acabam vocês logo com esses dez ou doze borra-botas de mestres e esse cortejo de contramestres?... Foram à Diretoria! São muito ingênuos! Ainda hoje pelo *O Povo* eu falei nisto! Ingênuos! Vocês devem ir às de cabo! É que vocês não conhecem a história do socialismo: meus caros, isso é a mesma cambada de sempre! Os eternos exploradores do suor do operário têm sempre essa lábia, e o operário sempre caindo!

O capitalista hediondo, o burguês que se locupleta à custa da servidão do vosso trabalho - são seres que brincam com vossa credulidade, como se brinca com as crianças... Quando muito, deixam os operários fazerem irrisórios *meetings*, onde se berra... berra, e não se faz nada!...

Retaguardou, desdobrou-se de mãos abertas para o espaço:

- Oh! onde está o brio, a dignidade dos senhores? Até quando essa chaga social viverá da fraqueza do operário, da sua covardia?

E saiu frenético, o chapéu a cair, deixando os três colegas de servidão, num abatimento sombrio, de uma impotência dolorosíssima, que se emudecia na muda dor coletiva daqueles homens...

Quando Aristeu ergueu a cabeça, viu, um pouco adiante, o revolucionário d'*O Povo*, desarticulando-se violentamente a poucos centímetros de Henrique Calderaro, um dos membros da

comissão que fora à Diretoria... E o Calderaro, cachimbo à boca em obliquidade para baixo e para a esquerda, escutava o moço, com a mulher e os filhinhos ao lado, agarrados estes às saias maternas, e de boca aberta e olhos amaiorados, um pouco mais que sua Mamã!... Dali a pouco, estava no grupo o doutor Afonso Lopes, o advogado, que saíra da sede da Diretoria.

Naturalmente o advogado dos operários falara com os diretores, e um grande interesse geral foi agrupando as roupagens plebéias em torno do fraque doutoral, como almas ansiadas em torno do surpreendente Destino.

- Senhores, começou ele de falar, em tom demasiado alto, relativamente à proximidade e à insignificância numérica do grupo; e falava com a rubra cara raspada, um pouco torta, para o ar, mostrando os dentes desmonotonamente brancos, amarelos, negros de cárie, douradinhos, numa expressão eclética de decisão, de medo, de deboche, de raposismo escolado e de boa vontade natural!

- Senhores! eu... acabo de falar com os senhores diretores. Antes de tudo... espero calma... ponderação... e critério, de todos os senhores!

- Adiante!

- Una cosa, dotor...

- Não pude obter a demissão do mestre senhor Dickson... e a Diretoria continua inabalável... na resolução de... de...

- De demitir alguns operários! - berrou de novo a voz apartista, que era a do repórter d'*O Povo*.

A expressão de descontentamento, de desconfiança, de náusea e de ódio com que a maioria dos operários fora recebendo as informações do advogado, alargou-se de súbito, numa formidável carantonha de revolta! A maioria, dissemos, porque de fato alguns operários que antipatizavam com os cabeças da greve, por motivos muito variados, receberam numa aleluia íntima de contento as palavras bochechadas pela doutorícia cara raspada.

No entanto, uma longa assuada começava de se histerizar ao grande sol a pino, provocando a correria das crianças para o grupo, algumas ainda montadas nas taquaras, com cães, ao lado, que latiam doidamente pelos cavalos de bambu e pelos assobios que aumentavam mais, cada vez mais, entrecortados de berros:

- Vá explorar o diabo que te carregue!

- Traidor!

- Ele está comprata pelos diretores, o danata! Traditore!

E uma voz possante, de fornalha revolucionária e despótica, resolveu:

- Mude-se de advogado!

A cavalaria já se havia mexido e imiscufava-se pelo grupo numa intimidade mansa, sorrateira, cheia de lábia, que ia dispersando, um tanto a custo, aquelas incandescências antiadvocáticas contra a eloqüente boquinha de dentes cariados.

“Este para cá... um pouco mais para lá vocês... berrê aquele um pouco menos...” e os cavalos iam assim pedindo, com o capacete policial preso abaixo do queixo dos montadores por um correamezinho negro, lustroso.

Algumas mulheres, num glotismo irritante de forcinha espremida, gasguitavam ou rachavam palavras sem nexos: chamada aos filhos, impropérios ao advogado, choradeiras em torno ao marido e às patas dos cavalos. E as crianças despencavam em pranto, aqui e acolá, enquanto ia-se o fraque prensando a pasta contra seus quartos *mignons* de doutorzinho... Ia-se aos gestos largos, irritados, cercado de Cabrera e de quatro outros operários.

O repórter ainda estava a perorar, irradiando violentamente os seus ideais dinâmicos por uma circunferência cujo diâmetro teria cerca de dezoito metros.

Essa circunferência foi de súbito reduzida, numa volúpia delirantemente dinâmica, pela idéia de um comício...

- Um comício! Muito bem!, espocavam Aristeu, Calderaro, um mulatinho empomadado e um velhote com cara de Bakounine sobre a coluna de um capote comprido demais, que se percebia ser de excelente fazenda.

- É para amanhã, à tarde! - proclamou o mulatinho - Eu vou convidar o Sales Cruz, o Trovão, o Lopo... É pra já! Vou ao café Belas-Artes! - Tratem vocês dos outros!

No dia seguinte, às duas horas, o pátio estava cheio.

À noite, haviam-se dado apenas um ou dois incidentes insignificantes com a Polícia: negócio de um “viva!” dado por um operário bêbedo e um tijolo atirado num soldado, não se sabia bem por quem...

O comício ia-se animando, como um queixoso tímido que vai-se alentando, até tornar-se mais audacioso que os normalmente audaciosos...

Era a grande revolta verbal que se encapelava...

- Fala, Aristeu!

- Aristeu!

- E o Manuel Lopo?

- Não veio! Vendeu-se aos burgueses... Morra...
- Morra o Lopo e todos esses doutores que nos levam a trair...
- berrou um rapaz de grande cabeça cacheada.

- A Polfícia em toda a parte é a mesma coisa: vive de sociedade com os burgueses e com os capitalistas...

Esse aparte do mulatinho empomadado desfiou um sussurro esmolante de prudência! prudência! e os olhares se esgueiraram até o amontoado cavalariano, embocado junto ao portão da fábrica!

Calderaro falava sempre, mastigante, repetindo-se, ora lasso, ora incendiando-se em manifesta extemporaneidade, sobre a parte mais trivial do seu trivialíssimo falatório macarronado.

- E Bakounine?, garganteou um rosto longo de suíças.

- Ah! de fato, Bakounine também disse a mesma coisa no célebre congresso de Berna em 1858... Até, a propósito de pátria, ele falou nos cachorros... que não podem ver outros no mesmo bairro...

- A propriedade é um roubo! - rouquejou um altão, magro, de magreza naturalmente contrariada com os proprietários de secos e molhados - como disse... como disse aquele... - E coçava o esquecimento, desesperado, com os gadanhos entre a cabeleira.

- Non, Grobodine fô altro... Fô de la "conquista de pan".

- Fala, Aristeu!

A voz do cara de gato foi porém oculta pelo vozerio quase geral.

Aristeu conservava-se a um canto quieto, braços em x sobre o peito, esquecido em si mesmo, aureolado por uma estira de sol que para alcançá-lo imiscuía-se pela clareira de um oiti desbastado.

Era um rapaz um tanto estranho àquele meio, Aristeu.

Há indivíduos que, pela sua atitude, pelos seus gestos, pelo seu modo de falar, pelo seu olhar dão logo a perceber que foram feitos para as alturas, embora estejam se arrastando nas mais baixas camadas sociais; e o mais interessante é que essa disposição às alturas se manifesta, ainda que uma modéstia natural tente desrelevar no indivíduo esses característicos da sua superioridade congênita. Havendo nascido em domínios da fábrica, começou a estudar aos sete anos na escola mantida pela mesma, passando desses bancos primários para um ginásio, onde sua vontade de saber aproveitou bem o tempo.

Quando voltou à fábrica, obrigado a interromper os estudos por morte do pai, operário da seção de tinturaria, o rapaz sentiu-se abafado, numa desorientação de quem desce do dia claro a

um subterrâneo! Diante das máquinas, não queria tocar em nenhuma peça, com um medo supersticioso de quebrá-la, de desarranjar aquele monstro; atordoava-se com a voragem sonora das máquinas, que lhe parecia uma titanésca decisão absoluta de vencer, com brutalidade, a vitória de vestir os homens, de lhes fulgentear a vaidade coberta de tantos padrões; e o cheiro das tintas e da lixívia confrangia-lhe, nauseante e modorrentamente, como uma catinga de brutal negro, a trabalhar, suarento, imundo!

O próprio trabalho de escritório, seu trabalho simpático, naturalmente, pelas afinidades com sua educação ginásial e com sua índole - esse mesmo parecia ali deslocado, como uma moça branca costurando vestes de Princesa entre negras bárbaras socando mandioca, ou como a delícia ideal dos globos brancos, foscas, na fuligem de uma cidade industrial!

E nunca conseguira abancar-se ali, no escritório da fábrica, atormentado sempre pela surda antipatia dos poderosos e dos felizes da fábrica contra o "doutorzinho das três pancadas"!

Mas... falou o repórter. Aristeu sentia uma grande timidez universal, de todas as coisas, ao mesmo tempo que um certo enojo em falar àquela gente.

- Valeria a pena o trabalho hercúleo de vencer sua timidez, de arrancar um discurso, num arranco de síntese estupenda de mil coisas emaranhadas, como são essas questões sociais, para falar àqueles pobres-diabos, brutos e estúpidos, sujos, maltrapilhos, relaxados na sua miséria, tão piores do que ele!

Não que não sentisse sua vontadezinha de mostrar-se à Consuelo, a filha do Cabrera, que ali estava, muito distraída e indiferente, como sempre...

As más línguas, incansáveis, haviam trazido há dias, ao seu algo apaixonado coração, a notícia de que "ela" fora encontrada no fundo da fábrica lá, pelo capinzal com o Nico, o porteiro aleijadinho, aquele mesmo que fora vítima, havia anos, de um acidente na grande máquina da seção de engomar... Ao recordar-se desse rumor em torno à honra da moça, ele sentia, tal um pesadelo, tudo se lhe espremer em volta uma careta de asco, de megera se remexendo libidinosamente, com a língua de fora.

Oh! mas o seu delicioso namoro no baile do clube Flor dos Operários! Que larga e maviosa alma ali estava, mal ataviada em chita, de botinas baratas e em meias de cor disparatada!

Ergueu a cabeça, como que afrontando o sol infrene e *O Povo*, que falava.

- Dizei-me, senhores, o que têm feito os sórdidos burgueses e o governo, mancomunado com os burgueses, em prol do operariado? Nada, absolutamente nada, a não serem promessas vãs, mentiras, o ludíbrio mais infame, enfim.

- Apoiado! Em 1840, no tempo de Luís Filipe, e para vantagem dos burgueses...

- É... é, mas a Liga é que tem a culpa de toda nossa desgraça...

O orador flechou um olhar de tortura e de despeito para o cabeçorra que lhe interrompia o discurso.

- A Liga não tem culpa: a culpa é da União, um ajuntamento de exploradores que é preciso acabar...

O cabeçorra pulou para o outro e declarou:

- Olha, quem lá for, encontra homem pela frente...

- Eu não tenho medo de valentes...

Calderaro aproximou-se do segundo interlocutor, um espadaúdo de sorriso malicioso, e insinuou:

- Cala-te, Alfredo! Nós todos somos amigos...

O outro sorriu, irônico, e silabou:

- É por estas e outras que os patrões fazem de nós o que querem...

Rubro, congestionado, o mais alto dos operários do grupo procurava explicar:

- Olha, União significa... significa... União...

E fazia um círculo explicativo com os dois braços, procurando chamar a atenção geral no meio do falatório.

O falatório denunciava erros de português: idéias mal expressas; opiniões incoerentes... surpreendendo tristemente a inferioridade cultural daqueles homens frente aos seus mais grandiosos e respeitáveis problemas.

E, adiante, o orador prosseguia:

- Senhores, vede os nossos políticos como se enchem, os nossos industriais, os nossos comerciantes, os doutores, os apaniguados da sorte... como se enchem à custa do operário, do suor do...

- La tierra es comun... non debe ter dueno... Isso já está dicho ha muito... precisa solo ser cumprido...

- A propriedade é um roubo!, arriscou-se a gritar Aristeu. Teve mesmo ímpetos de falar... mas era tarde! A atenção estava toda voltada para o repórter.

- Senhores, donde vem este desequilíbrio, essa desigualdade? Donde vem esta luta dos séculos?

Nós venceremos!... ainda que cada um de nós sofra como Pietro Góri...

- Muito bem!

- ... venceremos, porque através dos sofrimentos humanos a Justiça tem-se feito por vezes atender, tem mostrado que não é de todo vã...

- Mas llega siempre tarde!, declarou o velho cara-de-Bakounine.

Foi sucedido porém por um sussurro de curiosidade, de surpresa e um tanto hostil: era o advogado que chegava.

Ao mesmo tempo quase, anunciou-se que Cabrera e outros companheiros haviam ido à Polícia conferenciar com o chefe; e essa nova ia sendo recebida com respeitoso salamaleque; e os da comissão já se transfiguravam em lustrosas personagens doutorícias para a veneração geral.

Tímido desta vez, ante a multidão turbulenta dos operários, fazendo um visível esforço, monstruoso, “para não perder a linha”, naquele difícilíssimo passo de sua vida, no qual chamara por certo em socorro toda a sua personalidade que se balançava, careteante, agônica, como um fantasma irrisório, o doutorzinho aproximou-se da tribuna improvisada com caixotes e disse, meio titubeante:

- Desculpem interrompê-los, mas a Diretoria pede que a comissão volte a falar com ela para lhe dar uns esclarecimentos.

- Uns esclarecimentos!... repetiu com um sorriso amargo o repórter-socialista.

O mocinho da lei foi-se, um tanto apressado, sem responder.

Deixando a confusão do comício, Aristeu, Calderaro, o pardo Vicente e três outros operários foram à sala onde estavam formalizados, eretos, solenes como a Ordem, o Dinheiro e o Poder, cinco membros da Diretoria.

O doutor Mota, como doutras vezes, tomou a palavra, mandando-os sentar.

Era novo isto de se assentarem eles, ouvindo do doutor Mota, pela primeira vez:

- Sentem-se! Por que não? Nós aqui somos iguais. Vamos conversar, operários e diretores, como companheiros de trabalho.

Os operários se ajeitaram, com uma timidez incômoda, nas cadeiras de estofo.

Nessa segunda conferência, o doutor Mota falou-lhes de novo dos deveres e dos direitos recíprocos, da verdadeira *entente* econômica entre os operários e os acionistas, etc., etc.

- Olhem, mais trabalham os senhores, mais ganham os acionistas, mais ganham os senhores! É uma vantagem geral!

Os rapazes escutavam estas coisas com respeito pela natureza delas, pela tese em que elas se solenizavam e talvez mais pela pavorosa harmonia esbelta e grave, serena e segura, com que a voz cheia e melosa do diretor falava, dominando a augusta importância do assunto.

Agora vocês vejam o inquérito policial... A propósito, vocês mandaram uma comissão ao chefe de polícia; se o chefe de polícia recebê-la, estou informado de que ela apresentará cartões dos meninos como recibo do salário de operários... Natural... men... te a Diretoria desmascarará isso à Autoridade com a escrita da casa...

Os trabalhadores entreolharam-se, um tanto pasmos, contrafeitos. Talvez para conduzir a palestra a outro rumo, opinou Vicente, nervoso, afobado:

- É... é... mas os senhores, nessas greves, não perdem nada porque têm a Caixa dos Industriais! Os diretores das outras fábricas sustentam os ordenados aos senhores, enquanto dura a greve!...

- Mas quem é que lhe meteu essa caraminhola na cabeça?, espremeu vagaroso, solene, irônico, o líder dos dirigentes, depois de uma gargalhadinha significativa. E virando-se logo depois para um adolescente que ia falar:

- Olha, é isto! Vocês, homens barbados, dão ouvidos a fedelhos como este, que depois vêm para cá, com as calças mijadas, pedir que se os não ponham na rua!

O rapazola olhou para o diretor com a jura incendiada de um eterno ódio.

Por que não poupou o diretor esse ódio?

- O que há - solucionou vagamente Calderaro - é falta de coleguismo. Nós sabemos que os da estampagem querem trabalhar amanhã...

Sem responder, a rotunda autoridade retaguardou do assunto, e disse:

- Como lhes havia prevenido, o inquérito policial está quase pronto: talvez acuse muita gente.

- Não, os culpados mesmo foram talvez uns sessenta!, determinou o pardo Vicente.

- Uns sessenta! Tome nota aí, seu secretário! Eles dizem que os cabeças foram uns sessenta!

- Mas eu não disse como... como intriga!

- Nem eu estou mandando escrever como intriga: não seria digno de nós, nem dos senhores! É a relação dos operários que...

— Eu! - berrou uma fisionomia de chita desbotada - talvez tenha errado por princípio.

O doutor Mota rotundou-se ainda mais na sua poltrona, espalmou no peito a mão grossa e cintilante de anéis... respondeu pausado, muito pausado:

- O senhor errou por princípio, por meio e por fim. Suponha-se o senhor o mestre Dickson - e o mestre Dickson passe a ser o senhor operário. O senhor mestre chama o operário Dickson, este não lhe atende e quando o senhor vai à sala do enfardamento à sua procura, o operário manda-lhe uma dúzia de taponas... agride-o, assim, estupidamente...

- Estupidamente! - alçou um português, pondo-se de pé - e o "porra!" com sua licença, doutor, que o mestre disse ao sor Tavares - um homem sério, respeitável...

- Os dois mestres ingleses desta fábrica são muito brutos!, recordou Cabrera.

- Pensam que a gente é escravo, ou que a gente é bicho!, acrescentou Vicente.

O cara de chita desbotada ia também dar sua respeitável opinião, mas o diretor continuou:

- Enfim, senhores - e olhava um tanto vagamente para os colegas, mudos, em torno à grande mesa de oleado negro com franja amarela, a Polícia talvez enxergue mais culpados, mas, nós só demitiremos os quatro cabeças.

- A pena poderia ser relevada!, insinuou Aristeu.

- Pode ser relevada, não; pode ser reduzida...

- Pois bem, reduzida!

- Pode ser reduzida a suspensão por tempo... indeterminado - fechou o diretor - É uma concessão!

- Agradecemos-la, eternecidos, salpicou Aristeu.

- Dois dos senhores, eu sei que têm família! É admirável! E estão ouvindo lorotas de rapazelhos irresponsáveis! E estão todos como uns polichinelos nas mãos de um repórter arruaceiro, que por aí anda como urubu atrás da carniça!...

- Até logo, senhores! - e levantou-se.

Os rapazes começaram de executar a saudação diretoria...

- Para isso é que ele nos chamou! - resmungou o adolescente, já no pátio, frenético, no meio do grupo que se arrastava, desanimado.

- Foi generoso! não tem dúvida!, sorriu Cabrera.

Quando já bem haviam conquistado o pátio, foram espremidos por uma séria ameaça de asfixia!

Com o aprumo de sua importância, com uma pontinha de nostalgia da cômoda sala dos chefes e da superior companhia daqueles homens de um mundo acima, cada operário da comissão, no meio da multidão fremente e prensadora, noticiou que:

- Os quatro cabeças seriam demitidos... que o mestre Dickson ficaria... e, enfim tudo como dantes!

Foi uma assuada! No meio da gritaria, o Zeca-tintureiro, *center-half* do clube da fábrica, quis chutar o adolescente Lulu, o calça-mijada da comissão... a mulher de Calderaro chamou o seu homem de burro... o português Lopes espalhou uns murros, desfazendo a eficácia do grupo-líder, junto à Diretoria.

E a assuada continuava, infrene, louca, estimulante, a desvairar!

A cavalaria, ainda uma vez moveu-se... Algumas pedras foram atiradas à sede da Diretoria, e a coisa ameaçava entenebreecer...

O repórter berrava, descompondo o advogado dos operários:

- Este doutorzinho de borra, este pedante engravatado, formado a 60\$000 nas tais escolas... este safadinho, está vendido à Diretoria!

Senhores, não é outra coisa... este desgraçado...

- O advogado, companheiros - explodiu o cara de Bakounine -, segundo acabei agora de saber, é sócio do taberneiro, do fornecedor, do Cruz - e apontava indefinidamente para as lonjuras. - Os vales com que a Diretoria nos paga, para irmos comprar na venda do tal Cruz, esses vales servem para trapaças do advogado, que é sócio do Cruz, que nos trai.

- Eu não compreendo!, resmungou um.

- É mentira isso tudo!, aventurou outro, um sardento, quase carrancudo. - A Diretoria não nos deu nunca vales: desde que estou aqui, há vinte e dois anos, só nos abona dinheiro adiantado. E é um operário da fábrica quem tem a coragem de berrar uma coisa dessas!

Ninguém o ouviu, talvez, porque a zoada era tremenda!

Num pequeno grupo, apertadito quarentão de rosto largo, pregava, muito timidamente, a volta ao trabalho...

- Que diabo, isto não pode continuar assim! Afinal sofremos todos pelos culpados... E os que têm família?... Por que não se volta ao trabalho?

Este protestante principiava por um protesto mudo, de cara contrariada, a todas as manifestações. Naquele momento,

segredavam ao lado que ele e a família, três irmãos casadões haviam trabalhado na engoma, movendo a máquina à mão, de noite, às escondidas.

- Oh! se o pessoal todo soubesse... que encrenca pr'esses cabra, meu pai! - lembrava um crioulinho.

- Mas não vale a pena! Deixa lá, eles têm filhos!, insinuou uma mocinha.

E a zoadá continuava... e de repente espocou... e dinamitou dali a momentos num grande rebuliço! É que lá, de trás das grades, um homem passara preso entre dois cavalarianos.

- É operário!

- Não é! gritavam outros.

- É! Morra a Polícia!

Iam-se espremendo todos no grupo, - na multidão, que se catadupava, lá, para o largo portal de ferro.

- Morra a Polícia!

- Morra! Instrumento dos burgueses!

- Morra! Morra a Polícia!

As portas das casitas se fecharam, num epileptismo longo, de duros estardalhaços em série, que se espasmodizaram por ali, além...

As mulheres pareciam enlouquecer, clamando pelos maridos e pelos filhos.

- Não é operário! É o Estêvão do violão!

Essa notícia estirou-se geladamente, entre as chamas do alvoroço, como a mão da paz no ombro do motim, adolescentilizado nos seus levianos começos de expansão.

- É o Estêvão do violão!

- Mas por que foi preso?

- Porque estava espiando pela fresta a sessão secreta da Diretoria.

E comentando:

- A Polícia está combinada com esses tiranos... com esses sugadores...

- Mas amanhã temos pancada de criar bicho pel' *O Povo!*

O Vicente arregalou seus olhos vermelhos, mais do parati do que de indignação revolucionária!

Oh! foi lá pelas oito, em plena treva, que estourou o grande incidente desta greve: o incidente da polvorosa e que ia marcar a desgraça real, sem discussões, sem conferências, diferente um pouco da calamidade que os quatro cabeças haviam engendrado.

A tarde fora calma: alguns operários jogavam mesmo a malha, os futeboleres andavam treinando no *ground* aos rudes pontapés

de futeboleres operários; as crianças andavam às voltas com os papagaios, as mulheres faziam crochê ou costuravam, assentadas às soleiras da porta... numa calma fresca e ameigada, apenas fosquinhada pelos gritos dos jogadores e dos petizes, pela chateza sonora da malha, pelo oco estrondo, deglutido, da bola: - uma calma das tardes comuns que punha à sombra, no encalistramento deles, os agitadores.

Não se soube de onde partiu o caco de garrafa que bateu sobre um dos policiais e que o estimulou a façanhar gloriosas proezas, aquela noite, com a cauda chamejante dos seus colegas, que se foram também desembestando...

Foi uma correria que, de repente, envolveu alguns operários e suas famílias, que se achavam “apanhando fresco”, nas casitas mais próximas ao portão!...

Os que puderam, fugiram: e... dali a pouco o tiroteio começou.

A princípio, os que estavam longe, ficaram surpresos com aqueles ecos surdos, pontilhados... que não podiam conceber fossem as sílabas decisivas do palavreado da Ordem! E entre os que acudiram à estranha coisa, estava Aristeu, que foi retido, em sua carreira nervosa, por uma voz apelativa:

- Ó Aristeu, vem cá, me ajudá...

Era o pardo Teles que gemia essa súplica, tombado numa sarjeta oriunda da sala da lavagem.

- Que é isto?

- Estou ferido! Nem sei como!... Uma coisa bateu como uma lambadinha ali, nas pedras e... daí a pouco, senti não sei o que aqui, dentro do baço, e derreei... Ai! Aristeu, devagar...

Gemia, todo desengonçado nos braços do companheiro, que o foi carregando para a relva próxima.

Aristeu ouvia agora o bater das patas no lajedo, frenético, ora mais relaxado, mais estrepitoso, e o tilintante e escoado gemido dos vidros partidos; e um vozerio irregular, coletivamente incoerente, do coro desafinado, de agrupamento de loucos... que se estrebuchava lugubrememente na treva; e ais e imprecações e gritos... e o tiroteio cada vez mais perceptível, mais macabramente perceptível... entre o tilintar das espadas e o cavo estrépito dos cavalos!

Foi um momento augusto para o moço!

- Que vão vocês fazer?, perguntava ele, momentos antes, a

um grupo que, encapotado na treva, num anonimato solene lá escorregava, na direção dos bambuzais...

- Vem conosco, Aristeu! vamos, cá por trás, apagar todas as luzes da rua e atacar os safados, pela retaguarda...

- O asfalto estraga um pouco a coisa... mas há lá uma casa em obras... pedra à beça!... Vem, Aristeu!

- Não! fica comigo! - pedinchou o Teles, antes que Aristeu respondesse aos do grupo. - Ai! como está doendo! É aqui, no baço! O enfermeiro platônico olhou, por acaso, para o firmamento...

Uma belíssima noite... cheia de estrelas!

- Deixa-me buscar qualquer coisa... qualquer remédio, ó Teles!

- Não!

- Um pouco d'água pelo menos... você deve ter sede! Isto não pode ficar assim...

O outro pedinchava sempre:

- Não! Não, fica aqui!

- Nós venceremos!...

Donde vem esse desequilíbrio... donde vem essa desigualdade?

Parecia que ansiava por responder à augusta interrogação do repórter, ali, com o braço amparando o já sonolento ferido, ao eco daquele tiroteio vizinho que quebrava vidros, que engendrava ais! no tumulto das patadas, do tilintar de espadas!

O olhar da Morte aclarava-lhe a Vida, numa grande síntese! Havia poucos meses que adocera e que, na ociosidade pensadora da cama, numa tardinha memorável, percebera ao longe, na lonjura da sua apoucada ciência, esquecida, o grande carro triunfal da História humana, esplêndido, apoteótico de guerreiros, de fidalgos, de soberanos, de ricaços, de cantores cortesãos, de celebrados felizes... de Felizes enfim, puxado pelo robusto e disforme Boi que, a passadas lentas, mansas e possantes, lá ia pela intérmina estrada.

E seria sempre assim...

Às vezes, para o boi irado, um engambelamento de feno melhor! O! ele queria agasalhar, na sua compaixão estéril, todos os gritos de humildes, macabramente anônimos, que morreram sufocados nos subterrâneos da História!

Como ele sentia uma vontade heróica de chorar!

Oh! o Povo!

O Povo! Como ele...ele que era o Povo!

Lembrava-se agora contristado, num arrependimento enternecido, de filho que se renatura, dos Primeiro de Maio em que, encartoladinho, lá ia com seus companheiros pela rua, entre bandeirolas de dizeres néscios (pela ineficácia desses dizeres bombásticos) entre as charangas ridículas - não com o ânimo ingenuamente entusiasmado de operário, mas como encalistrada petulância, arreada, de mocinho de arrabalde, flor no peito, que preferia fazer pose diante da burguesia!

Ele deveria ser sempre Povo, resistir como Povo, morrer como Povo!

E o tiroteio continuava!

Foi um momento augusto para o moço!

O Teles estava a dormir - ele poderia ir-se dali, ao encontro de seus irmãos, que combatiam.

Pareceu-lhe ver a fábrica, a rua, a cidade toda, o mundo...ereto, glorioso de sua resolução heróica de vencer, de acabar com as injustiças, com o Mal, com a Tirania, com as diferenças sociais - glorioso, a trombetear essa resolução suprema para os outros mundos, para o Universo!...

Num instante estava entre os que atiravam contra os cavalarianos e os que arremessavam cacos e tijolos e pedras contra os fardados que caíam desses golpes, e dos escorregões dados pelos cavalos sobre rolhas espalhadas no asfalto. Tombavam, além disso, os fardados entre fios de arame trançados, de lado a lado da escurecida rua.

Era muito trêmulo que Aristeu despedia os projéteis contra a incerteza da treva - trêmulo, despersonalizado de surpresa, de animação extravagante, de covardia...no meio daquela loucura escuríssima que passava o decreto da morte, sibilante, roçando pelo ser aguçado do rapaz. Um pensamento irrisório chegou a lhe vir, quando sentiu, não longe, o baque de um corpo entre ruído de patadas!...

"Se me aparecer um soldado, à frente, de refle suspenso - pensou - eu digo que sou sobrinho do delegado...que estou aqui para assistir...por curiosidade!"

Mas o seu brio corrigiu logo este plano covarde com uma reação de pedradas furiosas.

E havia um silêncio relativo! E não havia o estupendo barulho, cataclísmico quase, que ele esperara sempre, de um "combate"!

Viera-lhe um certo torpor!

De súbito, sentiu-se desfalecer!

Sentiu-se desfalecer...e quando acordou, entre escombros, teve à sua vista, escancarado, o firmamento delirante de estrelas!

Tão longe, tão serenas e tão brilhantes, como destinos superiores, implacavelmente superiores, amavelmente superiores lá, sobre a plebe humana!

E dormiu de novo, estranhamente inapto a se levantar. Só se reconheceu bem quando, ao pleno dia, deparou consigo no seu tamborete da tinturaria!

Tinha vagamente a idéia de haver visto, pela manhã, o repórter d'*O Povo* entre dois soldados; e o doutor Mota, gesticulante, da janela a gritar:

- Vêem os senhores, aquele? Aquela é o urubu que vem atrás da carniça, que são os operários tolos...os que acreditam em caraminholas!

E depois, uma grande zoadá:

- Ao trabalho! Ao trabalho!

Eram os operários, em multidão, que conflagravam a serenidade do espaço, um tanto sombrio, com a algazarra louca da rendição!

- Mas...e ontem...a luta?

Aristeu ficara perplexo, imbecilizado, diante daquela incoerência, daquela volta tão brusca ao trabalho...às coisas como dantes... à servidão, à carneirada!...

Sentia-se só...inconcebivelmente só!...Mortalmente só!

Ao lado, o Túlio Neves proclamava que a greve gorara porque o doutor Gustavo Sales, o chefe político da zona, não fora ouvido, nem cheirado, nem consultado.

- Aí está! Bem feito agora! Para outra façam melhor!

Imbecilizado, sempre, o Aristeu!...

- Mas é verdade mesmo, ó Teles, que não morreu ninguém?

E depois de um momento:

- Ora essa!

- Ué! E você queria que morresse? - perguntou o outro, por sua vez, scandalizado. - Bastaram os estragos dos vidros, dos canteiros...do campo de futebol...

- E o susto!

- E quatro ou cinco feridos, acrescentou o Nóbrega-Martelo à opinião do pardo Vicente.

O Chave-Inglesa berrou, de lá do fundo, como um Titã:

- Não há ninguém em perigo de vida, felizmente! O pior foi o Chico-Português que se borrou todo!

Aristeu sentia-se imbecilizar cada vez mais...como se a vulgaridade de todos os ideais dessublimados despedisse dele o Aristeu sonhador, doutros tempos...

Gemiam de novo as máquinas, no seu ranger teimoso, oco, em voragem - em voraginoso soluço de fatalidade danada, estertórica em si mesma.

Apareceu o Teles, bambo, gemebundo, rosnando que vinha buscar um colete com dinheiro, que esquecera não sabia bem onde: falou qualquer coisa que Aristeu não pôde compreender e lá se foi!...

- Ó gente! - gritou o Nóbrega-Martelo, - que belo resultado o desta joça da tal greve! Três dias de salário perdido, hein! - E dobrava para a boca barbuda a caneca, junto à talha.

Ao fundo, Consuelo passou com algumas companheiras, sem desviar contudo os olhares!...

Aristeu estava longe...longe e muito próximo de si mesmo...numa inexplicável desorientação! Escurecia, ameaçava tempestade...a tempestade viria, como um fenômeno transformador, como uma danação derrubadora de velhas paisagens...e no fim, passaria a tempestade...tudo na mesma haveria de surgir aos olhos desiludidos!

Tudo na mesma!

- Assim as revoluções humanas...

O “zu...um!” das máquinas ganhava o espaço entre o alarido dos operários e dos mestres, como um enxame contrariado, desvairado, indomável. Houve pedidos para que o trabalho só começasse segunda-feira, visto estar-se em sábado, mas o doutor Mota, pausadamente, mãos aneladas ao colete, respondeu:

- “Não, meus caros, deixemos de vadiagem! Vamos ao trabalho hoje mesmo! Vocês que alegam a família...que diabo! mais uma razão para trabalharem, desde já!

E depois vocês sabem, isto não é nosso: é dos acionistas. Os prejuízos já têm sido grandes!...e assim...”

Os eliminados receberam o salário, indiferentes, e se foram, quase alheios uns aos outros...

Mestre Dickson, desde cedo, andava pela fábrica, calmo, coçando as rugas vermelhas do rosto, como que recapitulando os pontos em que sua presença seria mais necessária...

(Visões, cenas e perfis)

## DIAS DE CHUVA

Num dia de maior intimidade...Entre as duas teorias.  
(Manuscrito de Tranquilino - que, de fato, ele um dia leu  
mo e esqueceu-o em minha mesa).

Oh, caro meu, que maior delícia! Chove!

Chove! Das muitas pessoas que existem na minha pessoa,  
surge à tona a pessoa dos dias de chuva.

E recapitule o seu rosário...

Afaste estes dois livros que sobre a mesa se escancaram,  
feche-os, cheia do seu grande tédio; debruce-se sobre eles, -  
sobre as duas teorias tradicionalmente inimigas...

Chove! que maior delícia! Desfile, em recapitulando, o  
rosário dos "dias de chuva"!

Maior delícia!

- Dias de chuva...e me fazeis dizer, num voluptuoso  
aniquilamento de desesperança e de modorra:

- Como seria bom morrer, neste instante!

Dias de chuva, cheios de uma volúpia estranha, de longos  
espasmos do ser; de espasmos, que se amaciam uns nos outros,  
em estranha, em maior intimidade...

Intimidade com a Morte, intimidade comigo mesmo...

Com a Morte...intimidade com as coisas mais augustas, com  
o Infinito!

Ó velho livro de filosofia, por que de ti me não libertarei de  
tua senilidade má?

Por que me não deixas gozar unicamente, sem mal-  
aventurança do Pensamento, a volúpia da chuva, que cai?

Os nus de espírito...oh! os bem-aventurados! - ofuscante e  
estonteadora e cegadora Luz!

Do Infinito?!

Dia chegará em que se haja o ser humano impregnado, numa

maior Vitória, com todas as abstrações, com todos os impossíveis, com tudo que é divino - com a idéia e com a sensação do Infinito!...

Intimidade!...E chove!

Chove!

- Em nenhuma outra circunstância se acha tão intuitiva, tão natural, a feição da vida!

Vê-se-a uniforme, numa visão futurista de mundo moral uniforme...sem mais cataclismos, sem mais diferenciações, na paradisíaca esfera!

- Na paradisíaca?...oh! a esfera em que se não lute, em que se não possa o ser despetalar, aptidão por aptidão, como uma grande corola rubra de luta vitoriosa!

Oh! a néscia promessa desse paraíso pavorosamente tedioso! Que miséria! nem se sabe o que "esperar!"

Chove!

E se desbruma espontaneamente a vida, lealmente, e há em mim dois interlocutores sinceros nos dias de chuva...

Angústia, talvez!

Dois interlocutores, nessa mansidão monótona de zoadas que passa...a zoadas da vida, como a zoadas da chuva...

E eu, um eterno sonâmbulo da longa via tenebrosa: eu, que me deixo cair nas encruzilhadas neutras, em que se encontram as estradas alvas e negras - as estradas da virtude e do vício!...e do critério e da loucura...de todos os antagonismos.

Eu, um esquecido de mim mesmo e das coisas sem orientação, sem senso...Eu, para quem só têm relevo as coisas longínquas...a memória das coisas idas, que me surgem surpreendentes com o ineditismo estonteador, bárbaro, herético, excomungado, com que apareceram os mundos novos aos marinheiros dos tenebrosos mares!

Eu, que tenho a fobia da realidade - para quem, no entanto, tudo interessa e entenece lá, de longe...

- Dois interlocutores!...

Tem uma apatia de boas pessoas gentis, resmunguentas todavia como almas perseguidas, no recato de sua personalidade; irônicas diante do inútil "fazer" - do "fazer", cujas tumultuosas

águas se espriam sempre, ao fim, nos areais frios da desilusão...  
Tem outro o afã de carrancudas pessoas rudes e incansáveis...  
Que triste afã, instrumento da fatalidade das coisas em andar,  
cada passo embora não alcance a quilometragem sonhada!

No primeiro, existe o naturalístico prurido sensual de quem só vê a fraqueza feminina, hipocritamente senhoril num bafio de alcova, abrindo pernas para se saciar.

Existe no outro o divino devaneio das graças cantantes e floconosas, que enublam a bruteza animal!

- Por que te remexas, ó minha Bíblia? Queres porventura explicar esse dualismo? E tu o queres - meu Büchner?

Que me quereis pois explicar, ó amigos? Explicar o mistério a mim - a um mistério corporificado na voragem dos mistérios!

Incomparável agonia! Sem orientação - à mercê da brisa mínima! - o suplício máximo de uma consciência rudimentar em relação à Consciência universal!...

Oh! fora eu um Petrônio...um Petrônio que tudo sintetizasse e tudo esquecesse, num augusto momento final, aos braços de uma Eunice!...

Aos braços de uma escrava luminosamente ignorante!...E sentisse - ó magia maior - a antecipada saudade das coisas, dos homens e da vida tumultuosa, e de Sebastianópolis!

De Sebastianópolis...aos primeiros clarões do dia sobre ela batendo e sobre os destroços do banquete...e ao últimos arrancos, Eu!...

Chove!

A chuva amplia a saudade das coisas que se foram e a saudade das coisas...jamais vistas!

Bendita chuva!

E chove! Chove!

Uma escrava...Petrônio! Mas, não!

Mas, não! Num orgulho maior, de Super-Homem, o suicídio heráldico na sua própria feeria de Super-Homem!

O suicídio epopéico de um onanista máximo! de um gozador extremo, heróico, do seu resplandecente e semidivino e supremo "Eu"!

Chove!

E parece que a chuva apaga tudo!...

Chove!

Chove! Sobre o túmulo de minha amada...

Sobre o túmulo em que minha amada está...e as pás de cal a se esparzirem sobre o caixão, como aquela tarde!

Lufadas de vento...e chove...lufadas que sacodem, às vezes, as árvores, num som fundamente floconoso.

E assim, tal este som, pás de cal sobre o caixão!...e “ela” parece pedir, como aquela tarde:

- Oh! não...não me magoem! Um pouco menos, neste gesto impiedoso...um pouco menos para comigo! E tu...e também...quem o diria? Tu!

Quem o diria!

E chove! E chove sempre!

Jamais!...

Chove e há uma sombra...uma sombra, e era assim aquela doutrora!

Aquela dos meus sonhos infantis...não te rias, rijo e irônico livro de ciência!

Aquela sombra onde “ela” me acenava, debruçando-se sobre mim...na sombra de um estranho e sombreado jardim encantado!

E era bela e severa e leve! - leve como uma inatingível!

- Vem, vem comigo!

- Aquela sombra...e eu era tão triste, quando acordava!

E eu vinha de longe...e eu era um triste estrangeiro na vida! - cedo assim...assim mal à vida chegara...

Fosse eu manso e lírico e velho e seboso como um sábio...em cujos olhos brilhasse, entre os trapos da filosófica miséria, a poderosa doçura, nirvânica, dos que conversam com os mistérios esplêndidos...cheios de pedrarias...

Das estrelas, esses mistérios...com que eu conversasse, esfarrapado, com os olhos a brilharem...serenos de tanto deslumbramento!

Entre duas margens estão dois homens iguais...e ver um, é ver o outro; e anseia “um” por alcançar, no grande delírio fraternal, a margem em que os homens vivem na harmônica comunhão do seu altruísmo. O “outro” anseia por se unglular com a confusão bárbara da margem em que os homens se tiram sangue, no estrépito do seu egoísmo despeado!

- Que pensamentos, ó minha Bíblia de dourados caracteres! ó meu Büchner de agônico amarelo, saudoso; tal uma doutrina passada, aprazível e saudosa.

Angústia, talvez!

Regozijo, talvez! Chove sempre, e trabalhe eu sempre!

Oh! não se pode ser bom!

Para que se faça o Bem, é preciso que se trabalhe, que se progrida: daí vem a emulação, mãe da luta, sicária...do Bem!

Que fatalidade sigo!

Oh! eu já perdi a vigorosa consciência das coisas, estímulo da vida!

Santo Pai dos Relativos, Santo Pai da Evolução, que será amanhã o Bem?

Ganhe eu mais doce emoção, mais elucidativa e pergunte:

Que será amanhã do esbranquiçado mármore sob que minha amada repousa e que a chuva banhando agora está?

Santo Pai dos mistérios!

Oh! eu sei apenas o que amanhã será aquilo que a chuva banhando agora não está, e sob que minha amada repousa.

Sei o que será o mármore:

- Nunca mais!

Daí a horas, talvez, céu estrelado! E veja eu a cidade cá, de cima, esplendorosa no voraginoso combate da luz contra a treva...próximos exércitos em relevo - mais ao longe, apagados prélios, sedutores, em sua nostálgica lonjura!

E chove!

Cada vez mais forte, está a chuva caindo...

Contraste! Que serás em torno das coisas?

Oh! contraste entre as coisas do mundo cognoscível, contraste entre o mundo cognoscível e o mundo incognoscível!

Maldito livro de Ciência...por que sorris assim, vitorioso e mau?

Contraste, Pai dos seres; Pai das formas e da atividade...e resmungue eu sempre...Pai dos homens, das sensações e do gênio - contraste, Pai do Ideal, e o mais imperceptível fio, com a mais complicada estrutura contudo.

Contraste, "culpado" da estreiteza em que vivo à frente do Infinito em que não vivo.

Entre chuva e céu estrelado, eterna harmonia!

Daí a horas talvez céu estrelado!

Céu estrelado, sois a majestade de novos mundos?...talvez!

É de pouco duvidar...

Céu estrelado, sois mundos entenebrecidos por dias, como este?

É pouco perguntar ainda...

Céu estrelado, mundo à semelhança do nosso sois porventura, onde numa ânsia indefinível andam os homens a procurar o representante de Sua Majestade a Harmonia Universal, clamando:

- Para quem apelar? Para quem apelar?

E nem se explicará aqui...lá, como marca Sua Majestade a dança mágica! Átomos que tangem, que bolam e rebolam, e que se desviam, e estrondam a sua amizade e seus ódios na gigantesca quadrilha de pigmeus...pela Incógnita infinita desses mundos!...

Chove! Por que não adormecerei minha dúvida à toada da chuva?

Chóva! Chova! Caia em gotas a alma dos antepassados, alma dos vândouros caia e eu, irreverente, sobre ela pise!

Adorável materialismo!

E é tudo tão profundo, e é tudo tão banal!...E pergunta-me, irônico, o adorável livro de capa amarela e velha, como um bom octogenário de triste ciência benévola da vida:

Como será Sua Majestade? Venerável? Venerável, sem dúvida...amigamente venerável!

Venerável, toda branca, Sua Majestade, desde a barba; - com seu largo peito transparente, deixando ver o irradiante "coração" donde lhe sai a fremente nebulosa dos átomos, em contradança!

Tudo tão banal! tudo tão despercebido...tudo tão profundo!

E os átomos lhe foram dali, do coração a todo Seu Corpo!

É assim...assim, silenciosamente tumultuária a Intenção e Energia primeiras! Assim Sua Majestade! Venerável!

Adorável espiritualismo!

E a grande...a infinita tristeza do mistério!...

E cabeça e pernas...pernas...cabeça, na cambalhota, sem fim!

Sussurro da chuva! Desses livros, talvez!

Desses livros, um tem os caracteres antigos, num saudoso heraldismo esguiamente trabalhado, sobre as páginas que foram lustrosas, que se estão amarelecendo...

Sussurro da chuva!

- Cala-te, que tudo o que é, deve ser porque é: cala-te, e nisso te resume, insofrido!

E a bem de tudo, porque é a bem de Deus: e Deus é tudo! Há uma alegria na derrota, sempre; e na vitória: - Vence Deus, eternamente!

Há deveras uma Inteligência na fatalidade...

Chove! E chove!

Tal qual, nesse momento, jamais o Universo será...tal qual não será jamais esse equilíbrio dos seres: e nesse momento, o Universo...

Oh! que boa coisa o pensar...o pensar emotivamente com volúpia, com um pouco de gozo orgânico...que boa coisa o pensar triste e manso - de uma deslumbrante e mansa luz, triste!...o pensar na tristeza misteriosa de todas as grandes coisas do Universo...assim longe e belas...assim...

Assim!longe!...E nesse momento, o Universo é tudo o que foi, e contém tudo o que há de ser!

Chove! E sobre a caída chuva pise eu...e contudo no ronco do trovão e na fúria do mar, ela foi o Alfa da Inteligência e o Ômega será, com o pavor supremo que engendra, porque em torno da mesma "rubra luz", ao longe, o espírito humano eternamente esvoaçará!

Há uns segredos que talvez me possas contar, gotinha de chuva. Gotinha de chuva, atende!

Homem, audacioso pioneiro, cuja Inteligência através do medo e da admiração ante a Natureza, através da tirania dos fortes e da astúcia dos fracos, criou a Religião, a Moral, a Filosofia, a Arte, a Ciência e fez a História! - homem, que pela tua Inteligência, chegaste à compreensão do princípio maior do Amor; homem, que farejas o mistério da Criação no princípio do Amor, harmônico, e alargado pelo Universo; - homem! aprofunda-te mais, cada vez, entre os dois infinitos dos grandes e dos invisíveis, das estrelas e dos seres microscópicos!

Gotinha de chuva, atende!

Suspeito que tenhas sido a consciência do primeiro pedacinho de pedra que em plasma se tornou; que tenhas sido a consciência do primeiro plasma que em planta ou em animal se diferenciou: a consciência do primeiro homem que surgiu...e do primeiro gênio que ao mundo iluminou.

Gotinha de chuva, tu amanhã roncarás no ronco desse mar lá, embaixo, temeroso como um cataclismo! Roncarás um dia no estardalhaço das ações humanas, e talvez fulgurem em ti as cerebrais centelhas dum novo Cristo...

E um Evangelho, como este...sob a decadente atitude de uma tristura, tal qual a minha, um dia!...tantos dias assim, um Evangelho e outras tristuras inspire!

Guarda lá - uma gotinha de chuva! - guarda lá que a maior profundidade, caro meu, e a maior beleza estão nos conceitos mais simples!

- Espírito humano...um Gênio!

Espírito humano, pigmeu de olhos ciclópicos, cheios de curiosidade - curiosidade nossa, filha predileta da criadora inteligência de Deus!

Espírito humano, comovente pigmeu a desvendar a luz, a força, o movimento, a parca ciência de ti mesmo - frente ao Infinito tenebroso!...

Um dia virá por certo em que se escreva mais depressa que hoje. Um dia talvez mais depressa do que hoje se resolvam os Problemas, mais treinado se esteja, a custo de um elixir mágico!...

Sobe para o intransponível, visionária pequenez!

- Um dia não virá, por certo, em que chova mais depressa do que hoje.

Ventasse hoje um pouco mais e não teríamos provavelmente este infame dia de chuva! Condicional...

Tivesse eu talvez mais uma célula, doutra estrutura, e não viveria nessa incomparável agonia!

Talvez! Condicional!

Distrair-me-ia hoje de outro modo?

Tão simples tudo e tão banal...modas do espírito que poucas têm a falta de gosto de perpetuar, embora as melhores vestes sejam as que trouxeram essas modas...

Modas do espírito vós sois, - verdades puras e intuitivas! Oh! quando se há de descobrir a fonte principal da Sinceridade?...

E chove! e tudo me parece uma zoada! Que tristeza!

Assim talvez a tristeza seja, a tradicional tristeza impotente dos cativos que têm sido sempre cativos - cativos de todos os senhores, cativos a conduzirem o carro dos Vitoriosos...que já, um dia, lhes prometeram a Vitória!

Oh! que estranha lembrança ponteou-me agora, nevrálgica, do cortejo desses gemidos eternos sob a glória de outras libertações - ao agulhão dessa Fatalidade das dessemelhanças humanas!

A dessemelhança dos destinos, das almas, dos espíritos, dos

modos de ser desse animalesco semideus tão diferente de unidade a unidade; e em cada unidade, de momento para momento, de circunstância para circunstância...

E veio-me hoje o homem dos dias de chuva!...

- O homem!

De onde vem e para onde vai essa tão longa fila, acabrunhada, levando esses vencedores...vencedores ora uns - ora outros vencedores?!...

Oh! tão pouca sinceridade! "Amai-vos uns aos outros..."

E tu, Bíblia, tantas edições!...em tantas mãos andas!...e tu, juram eles, - enfaixas os vinte séculos!...

Chove! A eterna zoadada...

Glória!

Glória! Uma investida tonitruante, de rubro - uma metálica investida de amarelo, metálica como o tinir de uma libra - e depois, obscurecendo nosso deslumbrado interesse por essas, uma azul investida, desvairando-se em contingência irresistível de sedução - e depois duas outras...e mais...e as sete cores simbólicas do espectro, enfim...

Enfim, como no espectro solar, desaparecendo às cores...todas as glórias no incolor, no "nada"!

*Vanitas vanitatum!* Oh! quais serão os verdadeiros pobres de espírito?

Ventasse hoje um pouco mais e não teríamos provavelmente este infame dia de chuva! Condicional...

Tivesse eu talvez mais uma célula, de outra estrutura e não viveria nessa incomparável agonia!

Talvez! Condicional!

Distrair-me-ia hoje de outro modo?

- Ao teatro! Por que não - ao teatro?

- Que tristeza!

E chove!...Um pouco menos, talvez...chove!

Que zoadada! que gemido!...

Que gemido será esse? Oh! o estribilho - quem o sabe? - o estribilho angustioso da variada e longa Canção do amor...

Amor puro! amor sensual! E era uma vez um arcanjo que passou, embuçado numa sombria capa, lantejoulada...

Sombria capa, de Dor, lantejoulada de sonhos e de sacrifícios...

E era uma vez um monstro que passou, embuçado numa sombria capa, lantejoulada...

Amor puro! amor sensual!...

E levasse a chuva todos esses meus devaneios...e sossegasse eu, e não pensasse...e não sentisse jamais!

Oh! eu sou pelos castos princípios tradicionais...e eu sou pela fúria animal!

- Angústia!

- Angústia do mal que sofro e do mal que tenho feito sofrer...

Mau e egotístico livro de filosofia, esse teu amarelado sorriso tem uma demoníaca volúpia de deflorador!...

E que ascendente o teu!

- Essa delícia de zoada parece a modorra da Morte...

E a vida... a vida é a delícia de se esperar pelo fim, com a indiferença do excursionista que se enfatiou...mas que espera ser diferente o fim...

Um fim inédito quisera ter...um bailado a assistir na atitude de um Petrônio novo, atualizado na minha tristeza cristã e materialista!

Ao teatro! e contudo inebrie-me o bailado, antes de tudo - o bailado da Desilusão, da Saudade e da Esperança!...A Esperança, que mais leve e mais alta seja...e mais vitoriosa que as companheiras, bailarinas que, com arte realisticamente simbólica, se estrebuchem, aos poucos - com irônicas caretas abrigando-nos à emoção e à tristura do que aquela agonia significa!...

Um bailado...e o banquete soberbo, afrontosamente pança e vômitos - e as gaditanas a bem bailarem - e as cortesãs e os elegantes escancarando sua secular estupidez de animais que bebem e que falam, no louvável desperdício das luzes e das pratarias...e minha Eunice...e a Urbe aparecendo, aos poucos, com a aurora lá...lá, longe...numa grande tristeza...e mais... e mais, aos poucos!

E a tristeza...e a agonia... e a desilusão!...

-Distrair-me...de forma qual seja...

Distrair-me!

Distraiamo-nos, que o ponto nisto está!...Deixemos essas distrações do enérgico Jeová, as gêneses...e tudo o mais em que hei divagado...e a Urbe... e Eunice, nesses braços lânguida, como uma volúpia que se sente até na morte.

Pára a chuva, aos poucos!  
Como um sonho - oh! se vá tudo!...  
Fatais livros que me dualizais a pessoa e me não permitis  
gozar bem, integralmente, a volúpia da chuva!  
Parai, chuva! Preciso ir ao teatro!

Eu sei fazer o programa: estive todo o dia em casa e  
"portanto", à noite, preciso sair...

Guiomar, ao cabo da comédia, teremos a nossa, gorduchona  
amiga idealista!

Ah! ah! o Petrônio bíblico irá a ti talvez tão desajeitado como  
iria o doutor Büchner...

Cacá, Soarão, Cirúrgico... preparem-se!

E menos...e um pouco menos a inspiradora zoadá!

Ao teatro! Declina rápido a chuva!

Esses apagados caracteres cada vez mais se apagam, à luz  
mortiça, tal uma saudade os velasse...deixada pela zoadá, que se  
vai já distante!...

*(Visões, cenas e perfis)*

## A RUA

Salta, pequeno!

Depressa, salta! A rua é dominada pelos espasmos da Civilização.

Quase te pega o automóvel, pequeno...

Opa! Por um quase...lá, embaixo...

- Muito bem! Esta discursseira tem a desordenada estapafurdice das sinceras manifestações populares!

Sim, é isso... a guerra, os voluntários, os ricosos...

Só não está ouvindo o vermelho e seborréico e alvarmente risonho "pau-d'água" atirado ali, à porta que dá para o sobrado; que, à porta do armazém em que se embriagou, não o quiseram...

Como é tétrica a imbecilidade daquele cafajeste discorrendo, num bestialógico, sobre a guerra: incrível bestialógico de audácia cretina e cínica.

Será por causa dele que fecha a cara aquele operário, que passa?

- Como é carrancudo o trabalho!

Carrancudos... mastigadamente carrancudos são também aqueles que lá, em frente ao café, passam o dia resmungando palavrinhas, olhando vagamente, parvamente, para as coisas.

Oh! para onde irá aquele sujeito que ali passa?

Que fará ele na vida? que função e que ideal representará?

Para onde irá?

Aquele sujeito, neste momento - uma tempestade, talvez, talvez uma aurora larga e redentora!...

A indiferença, talvez!

E essoutros, todos, que por aí passam?!...

A indiferença, a calma em tantos desses que por aí passam?!

E nunca...nunca saberei eu dessas angústias irmãs, dessas angústias escondidas, anonimadas nesses que por aí passam e que, tantos, estarão agora a ver o dia tão diferente do que eu vejo!

E tu, mendiga, deixa de ser importuna atrás desse *corrente-de-ouro!*

- Nesta rua há muitas mendigas...

Nesta rua há muitos *correntes-de-ouro...*

Rua João Rosas.

Será porque já sabia o nome da rua ou será porque, de fato, enxergue eu bem?

João Rosas...Quem seria este?

Essa mocinha que por aí agora passou, pela indiscrição da rua, tem visivelmente nas apavoradas feições torturadas o eco do sofrimento de uma recém-deflorada!

De uma recém-deflorada; e rua da Amargura, sombria e megera esta rua lhe será...sim, que eu o sinto!

Agora, à tardinha, tenho idéia de que seja a cidade uma noiva! Em frente ao lago do seu jardim, ela colhe mancheias de rosas, vestida com o tropical crepúsculo.

A manhã cai-lhe como uma toalha-de-banho sobre a deliciosa puerilidade do seu esfregar de olhos, enquanto ela sorri à múltipla alvorada dos gritinhos abaixo do cais; do desconcerto dos pregoeiros e do fonfonar dos automóveis.

Na sua larga cadeira de braços ela se recosta com gravidade e sonolência, envolta no seu roupão que é o dia franco e, de súbito rabugentemente imperativa, os cuidados domésticos desfia.

O rua do Trabalho...como as ruas existem doutras gentes!

Doutras gentes...ruas para "alta gente", ruas para "certa gente", na cidade "democrática"!

Oh! desgraçadamente - pavorosamente verdade! - essas "gentes" nunca se encontrarão na "Rua comum"!

Cala-te, bruxosa língua!

Rua do Trabalho...João Rosas, talvez um trabalhador humilde, anônimo...mesmo na placa de sua rua!

Talvez muito ao contrário!

Um adulado capitalista talvez. Uma dúvida esta na dúvida vasta e fremente e epopéica da Rua!

Ó meu pequeno, tira-me desta enojosa teia - que a dúvida tão a vômitos me provoca! ao estonteamento...

Salve, salve, meu pequeno!

Meu pequeno, tu és mais uma vitória popular: tu trazes suspensórios legítimos - suspensórios de elástico!

Suspensórios de elástico...que não são de tiras de pano, cruzadas nas costas e feitas pela tua Mamã.

Essoutros teus suspensórios são de fábrica, custaram trabalho de operários - pode-se fazer à custa deles considerações sobre a Confraternização humana, sobre a Civilização!

Salve! meu pequeno! Vai assim, devagar, paciente, à espera de que a classe burguesa se distancie da tua por uma nova forma de suspensórios.

Vai, com esses teus suspensórios de elástico, iguais aos meus!

Aquele homem, eu conheço...seus vícios não são os vícios dos outros, suas qualidades não são bem as qualidades dos outros homens...

Há nele uma "dosagem" especial!

Pena é o anonimato...

Pena é que aquele homem vá pela rua...pelo anonimato das multidões, em que se dissolvem esses sais de especial dosagem!

- Aqueloutro trabalhará muito mais que eu!

É tão severo, é tão azafamoso...é tão importante, ó caro amigo Fernandes!

"Seu" Fernandes não gostou, sem dúvida, daquele realejeiro, que ali está; passou diante do homem com a cara fechada, de asco e de revolta!

"Seu" Fernandes revoltou-se, está visto, contra a frivolidíssima vadiagem musical daquele "tipo de rua, e, mais adiante, "seu" Fernandes pôs-se a olhar, basbaquemente, para um telhado, imitando outros cidadãos que já ali estavam, à esquina.

Que seria? Talvez ninguém soubesse, mas "seu" Fernandes já tomava atitude mais alinhada, menos basbaque, mais digna de sua pessoa, para ver...

- Deixem passar essa mulher com o jornal à mão...

Essa mulher com o jornal à mão...

Saberá mesmo ler? Saberá mesmo desejar mais o que mais longe está de obter?

Oh! a Harmonia Universal é uma verdadeira coisa! Eis essa mulher que abre o jornal e vê a página de anúncios...e vê uma cara, cara de criminoso, sem dúvida - cara de jornal - e vê o "bicho!"...

Muito bem! Viva a Democracia, viva o Equilíbrio Universal que lá vão eles, lado de cá, lado de lá, daquela mulher, com o jornal à mão...

E "seu" Fernandes?

"Seu" Fernandes!

...e eu me sinto pequeno e vadio e vão, me comparando a dom Fernandes!

Sinto-me inútil, vergonhosamente inútil; acabrunhadamente inútil, dissolvidamente inútil...

Que ânsia! Eu queria ter todas as profissões em mim!

Todo o trabalho humano, desde o mais instintivo ao mais complexo!

Mas é tão retumbantemente frívolo vender batatas ou...vender jóias!

Há tanto afã!...tanto movimento!...e tanto livro-razão "nisso"!

Aquela cara neurastênica veio do caldo-de-cana!...

É bem aborrecido vir dos subúrbios à cidade por um caldo-de-cana: mais aborrecido contudo é ser neurastênico!

- Olha esta mulata tão maltrapilha! tão desprendida em sua petulância!

Não a censuremos: será ela - pode-o ser - um espírito superior... de desprendimento!

Instintivamente superior...aquele espírito!

Ha! ha! ha!

Democracia!

Crioulinhas vestidas de Parisienses...

Au jardin Royal!

Cabral, Teles & Cia., e que bela tabuleta, tão bem engastada na discrição elegante do prédio!

Oh! assim, à vista primeira, é bem serena, e distinta e afável - quase ingênuo - a riqueza!

Naquele café, quantas visões diversas diante de cada par de olhos - quantas visões sensacionais ou mansas ou dolorosas, perversas ou emotivas!

E na rua roça-se a humanidade inimiga, sem se fazer mal!  
E na rua roça-se a humanidade fraternal, sem se reconhecer!...  
Rua João Rosas...tantas vezes a tenho visto e percorrido,  
e...sentido!

Entretanto há detalhes novos...há uma quase nova rua -  
melhor a veja; ou de outros pontos a veja...

Na vida, sempre, em tudo...

Entre! Pode entrar, "seu" Fernandes! Este "salão" não é dos  
tais de quatrocentos réis o cabelo e de duzentos réis a barba...

Pois não está vendo logo?...

Entre, pode entrar!

"Seu" Fernandes, nesse salão Sul-América recentemente  
aberto, com todo luxo, poderá Vossa Excelência aparar seu cabelo  
à americana, empomadá-lo, fazer a barba, com uma escorregadiça  
lisura de mármore, sob as mãos quase etéreas de um barbeirito  
branco-branco, frisar o bigode e pó-de-arroz...e brilhantina...e  
loção, tudo isso, o barbeiro lhe pode, gentil, espalhar sobre a  
cabeça, à guisa de siroco e de dilúvio!

...Oh! como está bonito o "seu" Fernandes! Talvez no reles  
barbeiro da esquina o tivessem arranhado menos, mas...mas como  
ele se mira no espelho maior do grande salão Sul-América,  
recentemente inaugurado!

Que significará que aquele homem está mal vestido?

A má qualidade do tecido, pouco flexível ou demasiado  
frouxo? A incompatibilidade do indivíduo para com as medidas  
da roupa? O padrão fora da moda, ou berrante?

A falta do colete? O colarinho mole? A gravata longa?

- Mas em muita gente "fina" há, por vezes, de tudo isso!

Será o chapéu mal partido? As botinas que ele comprou, tais  
quais, por extravagante gosto? Ou o colarinho que ele comprou,  
com tal formato, por achá-lo barato...ou o paletó, que assim o  
usa também o amigo?

E como é seborrérica a fisionomia do Povo!

E como caminha, desajeitado, o Povo! - na brusca pressa da  
licença animal de buscar o pão!...

Upa! Foge do automóvel, pequeno!

Salta, que o dinheiro comprou a pressa - e o chofer, pai de  
filhos pobres como tu, tem de sustentá-los com o dinheiro da  
Pressa!

E tu, carregador, sai da calçada, que essa não é para o homem

besta-de-carga! Sai, tu tens uma via mais larga e mais acidentada!...

E tu, salve!

Salve, herói da humanidade, do bom estômago e da pituitária!

Salve, ó limpador de canos! Eu te saúdo cá, do meu comoditismo macio e iluminado e limpo...

Eia! desvia-te para não sujares a carga do carregador! Salve, o mais extraordinário de todos os homens!

És um fenómeno...um ser de outro mundo! um ser que vive em contato com essas misérias-máximas que não suportamos um segundo...um homem-lama!

Salve, Santo! E eu nem te posso saudar, contudo!

Por certo não me compreenderás!

Homem-lama! Talvez um cristal!

Um cristal!

Vede como aquela fachada, tão feia e tão negra e tão legendariamente torturada, deita agora faíscas ao Sol!

Está quase deslumbrante!

Um Sol de Redenção! Um Sol que, em certo dia, viesse...

E por uma Rua secular, gloriosa...suprema Rua da Justiça e da Fraternidade, os homens de todas as eras, de todas as terras, de todas as feições...passassem.

Por uma Rua da Justiça...e o Sol aclarasse!

Lá vão no bonde "aqueles", parvamente dobrados... parvamente indolentes e deseretos, na impotência de andar!

Que quebrada garota fez aquele automóvel, quase pegando o encartolado traseunte!

Oh! como está bonito o "seu" Fernandes ali, à porta da barbearia!

Essas ciganas, senhor e amigo, bem aptas são para lhe lerem o futuro.

Pode estender-lhes a mão!

- Oh! mas ainda está essa discussão plebéia - plebeiramente desorientada!

Mas...espere, vá com mais vagar! Lembre-se daquela sua impressão no meio do tumulto estonteador dos "representantes

do Povo”, tão bem alojados no recinto branco, de colunatas, de tapetes, de divãs e de carteiras de batentes móveis, com dobradiça; e envernizados discretamente!

Lembre-se:

- Tão caprichadas coisas para tão magníficos cretinos!

Oh! a sinceridade dos que não têm o “dom da palavra”!

Oh! a dúvida culta de tantos que têm o “verbo”! Coisas tantas, complexas, que de tantos modos são!

Mas enfim...não acordem o “pau-d’água”!

- Bombacha! Ó Bombacha...olha, a Pátria está em perigo! Acorda!  
Ó Bombacha!

- Ah...ah!

- Bombacha, a Pátria...

- Vá...vá-se ca...tar!

E sempre mole, arrastado na língua acachaçada:

- Me dei...deixa!

Ah! Bombacha, mau patriota - mau espírito da rua!

- Vêm lá aquela crioulinha! Não se riam...

Noutros tempos...noutra rua, uma princesa seria talvez!

Na rua “daquelas” cidades - “daquela” Civilização do mundo, que foi Negra!

E aquela Civilização que chamava de escarro aos brancos...afadigou-se, como tudo, nesse mundo!

Um dia, essa nossa Civilização...e outra Rua...

Outra rua...não se riam daquela “clarazinha”...Não se riam, amarelos amigos, de vetusto cansaço!...

Passe por essa via um longo cortejo, secular, da Humanidade!

Que ódios! que ânsias! que ideais!

- Que estranho, de bárbaro, este soldado assírio!

- Que beleza nostálgica a desta grega!

- Que louca fé a deste medievo!

- Que heresia na audácia deste descobridor!

Oh! lá de baixo, do fundo...este cortejo...Lá, de baixo... Lá...e o fundo tão longíquo...e faz chorar...estranho!

Que estranho!

E dominando a Rua, por que não aparece o “Responsável”!?

Essas ciganas que lêem a mão de “seu”Fernandes...essas ciganas ninguém sabe para onde irão, de onde vieram; o que são; como vivem... e por isso mesmo, talvez, é que não são bem aptas

para lerem a vida de “seu” Fernandes, que todo mundo conhece, minúcia por minúcia, neste bairro.

Eterna Harmonia!

Também aquele periquito sai da gaiolinha para apanhar o papel com a sorte do freguês, quando a isso o manda o dono, em sua péssima pronúncia portuguesa, que grita “Chozé” por José!

Pobre Chozé! Bem se vê que ele está tão cansado, sonolento, o pobre hierofantezinho verde! Seu cansaço, sua tristeza...ei-las, que talvez sejam irmãos dessa falha e fanhosa melodia que o realejo ora toca!

Sitiada entre a tristeza sonolenta do periquito e as filas empoeiradas e desbotadas de “Oh! Filomena!”, de “Meu boi morreu...”, da “Cabocla de Caxangá...” pendidos em folhetos bambos ao lado do grande bojo sonoro, essa melodia antiga parece dizer de uma estúpida agonia, anárquica e frívola e saudosa...de uma estúpida agonia do mundo.

Por um quase...

Lá, embaixo, por um quase, o bonde não esfacela o auto contra um poste!

Motorista, força nesse guidão!

Força, mais força! Parabéns e...mais cuidado, doutra vez!

A Rua é dominada pelos espasmos da Civilização!

- E tu és um fraco! Por que vieste à rua?

No grande carnaval da vida, tu te onanizas, impotente, enquanto ao afrodisismo do éter e da policromia e da Luz e da gargalhada, todos os outros homens gozam, epopeicamente machos!...gozam aquela que amas assustadiçamente...gozam tuas irmãs...gozam...gozam...todas as mulheres que conheces!

Sai! vai-te, inútil, “fraco”, menos que mulher - menos que animal...desprezível!

Ei! Olá! E choras?

Olá, como é ridículo esse pobre-diabo!

- Mas então...por que saíste à rua?

Oh? estoutro leva o luto, a lutuosa atitude - o luto “daquele” que faleceu; o luto “daquele” que virá jamais!...

Estoutro, pela fulgurante Rua...

Delícia!

E tu te esquecerás nos flóculos desta “gabardine” impossível - impossível de beleza e de graça! E tu te esquecerás, bambo, amodorrado, adormecido em cheirosos ecos de alcova - o mundo, ao longe! tão longe! - e tu te esquecerás nessa beleza gozada, em flóculos de “gabardine”, esbelta e floculosa e dolorenta, e impossível; e macia; e dispersada...e a se desfazer em si mesma; e impossível a nostalgia de sua impossibilidade...ó delícia!

Benditas, as que se “vestem”!...

E lá, sob os flóculos...aquelas sombras! sombra inconfundível de “perdição”, eu te saúdo, esbugalhados olhos, como um bárbaro!...

- Não foi a ti que amei...a esta que mente...que se expele... que se arreganha... que trai... que deglute essas minhas misérias... Oh! não...

Aquela impossível...oh! sim por aquele crepúsculo, aquela silhueta! por aquela rua!...e foi, lembro-me aquela!...

Por essa rua, uma grande libertação do Amor!...

E, transidas de frio, parece que as misérias se procuram, de umas às outras, o calor.

Salve, ó sublime “seu” Fernandes!

“Seu” Fernandes é muito conceituado.

Aquela casa de loterias e do...“bicho”(já se vê) aí, no 52, com duas portas e bonita armação, é propriedade de Manuel Antônio de Fernandes e Oliveira.

Todos o cumprimentam, com aquele risinho envernizador das reputações...e “seu” Fernandes é uma das glórias desta rua.

“Seu” Fernandes é como este automóvel, que desliza pelos trilhos do bonde: é homem da lei do menor esforço.

E tal qual este automóvel, com mais complicada engrenagem, é no entanto mais leve “seu” Fernandes, mais alígero e mais suave!...

Que distância de “seu” Fernandes para os homens-carros-de-

bois, mais pesadões e mais simples, em que paradoxal pareça - para os homens da mais vasta humanidade!...

Lá o resto...a fachada e o interior de "seu" Fernandes, reparem que tantas majestosas fachadas desta rua têm uma discreta portinha ao lado; e a discreta portinha dá...para uma estalagem!

- Que será?...já, uma estrela?!

Oh! amável e gloriosa na consciência da falta que faria, se desaparecesse - brilhasse já uma estrela no plácido tumulto do firmamento, enquanto cá, embaixo, tumultuasse a cintilante cidade bulhenta.

E a Suburra, e a Via-da-Amargura e os *boulevards*...se estirassem por aí, numa estrondosa quilometragem de aspectos e de ânsias várias...Formassem depois a *Via-Mater* da Humanidade, onde passasse toda a história, toda a legenda da Humanidade, num definitivo cortejo, sob a luz cintilante das estrelas...

Sob a luz cintilante, como sob a grandiosa redenção dos ósculos angélicos que os ideais puros se dignam se mensageirar cá, para baixo!

Rua do Ideal!

Lá vai aquele, arcado sob o peso de um fardo bem respeitável!  
Que apalermada expressão de cansaço leva!

Ingênuo trabalho rude, como tua presença honesta humilha este cepticismo pseudo-superior do indolente malicioso que às vezes sou!

Mas não te carrancudes, ó meu Catão, não te carrancudes muito, ao lado do trabalho rude e frente para as frioleiras fáceis desses outros, que passam, eretamente elegantizados!

Oh! sem a desonestidade dos graúdos e sem a frivolidade das mulheres, que seria do Comércio, que seria da Energia humana, que seria da Rua - que seria do mundo, sem essas duas máximas forças motrizes?

A Urbe, essa flor da Civilização, quase que só gira em torno das floconosas criaturas e dos endurecidos *smarts* desescrupulosos!

Ora, vai-te, meu frivolófilo berrante, exagerado...como um escândalo de *voile* transparente, às luzes de um baile!

Contudo vê, como nesta vitrina, Cabral, Teles & Cia., para "chamar a freguesia" libertam os tecidos bambos e vivazes, dispersos em confusão, a insinuarem, no ânimo das transeuntes

gentis, o gosto perdulário pelo relaxamento exultante e colorido da vida e a lhes dizer “que entrem...”

“Que entrem...que principiem, comprando-os, àqueles tecidos sedutores, da moda...”

E há manequins-vivos, mulheres, às quais só falta falar - que tornam indiscutível, num subjetivismo glorioso, o vigor elegante daquelas musselinas, daquelas gabardinas, daqueles zefires esculpido, em despreconceituosos flocos, num corpo feminino; ou daqueles algoadoados *tailleurs*, escorreitamente discretos.

E depois, é um sinfônico crescendo das botinas esgalgas, pelas quais manifesta *Madame*, sem dúvida, a sua ânsia de chegar ao “inatingível” país ideal...em qualquer “pensão” elegante; e contudo esses “saltos”, assim oblíquos, parecem os escrúpulos de *Madame* meio retidos ante o abismo - inclinados para trás.

E é o crescendo das meias tango, ou negras, ou numa recatada concordância com a veste - essas meias que lambem as gâmbias bem eroticamente expressivas, num torneamento levemente cheio, a inspirar desconfiança na “fidelidade” da Excelentíssima, tão apta a correr com aquele enlouquecedor convite das gâmbias suas...

E é das meias; e é das bolsinhas, e das sombrinhas às perfumarias, que sussurrarão, aí, afora, a estesia “daquela mulher”, denunciando-lhe o esplendor psíquico-sensual, num segredo amodorrado, em bafio de alcova, em cheiro de Coty e, delicioso, de suor feminino - é, em tudo isto, a Sinfonia Maior, que regeria eu, como Cabral, Teles & Cia., muito fantasticamente metódico, contudo: igualzinho à arrumação da casa, propositalmente anarquizada, à frente e lá, atrás, regularissimamente disposta nas caixas, em fileiras cerradas nas prateleiras - tal uma retaguarda disciplinada, pronta a avançar na confusão inteligentemente preparada pela vanguarda!

E cá na rua, tudo isto vejo, ó Rua de Fernandes e Oliveira, de Cabral, Teles & Cia., de Poetas da ação humana arrojada nos abismos da consciência vencida, nas distâncias morais desmentidas, nos dominados impossíveis, apostados supremamente pela moralidade e pelo escrúpulo!

Mas que é lá?

Oh! levantem, assim um pouco mais, este pobre burro ferido!  
Perdoem-se todos os erros dos administradores cidadãos!

perdoem-nos, já que se não esqueceram de todo dos sofrimentos dos pobres animais humildes, laboriosos, resignados...

Pobre burro!

Um pouco mais...levantem-no para este caminhão da Limpeza Pública!

Pobre burro!... como treme de dor, com o pé ensagüentado...o bom animalzinho, que se feriu no seu trabalho...

Tal um herói espontâneo, anônimo, desconhecido a si mesmo!

Oh! que voragem é esta, surda, muito abafada?

Parece que escuto e vejo a rua, de longe!...Doce sensação!

De longe... muito de longe, como uma recordação...como uma lenda suavíssima...

Tal qual vejo eu, hoje, tantas coisas, no passado...e o cortejo da humanidade eu vejo! ao longe!

Rua João Rosas!

Quem seria este? Não seria melhor trocar por Fernandes e Oliveira?

“Rua Fernandes e Oliveira” ou mesmo “Rua Cabral, Teles & Cia.”, com uma placa assim como aquela, azul, com caracteres brancos: placa atual, estragando-se depressa, mas elegante...

Naquela placa atual...o nome de Fernandes e Oliveira!

Oh! tantos bons projetos morrem na cabeça daqueles que não são prefeitos!

Rua Cabral, Teles & Cia.

De fato, que bela esta fechada! estas vitrines que esplêndidas!

Pobres casas das ruas da Cidade Nova, de Alfândega além, com crianças sujas à porta; com panças não disfarçadas por paletós, de taverneiros de cara adiposamente relaxada e hostil; - casas, de fundo escuro, misteriosamente e sonhadamente romântico, ou desgraçada e escancaradamente realistas porque são tocas com bruxosas matronas e trapos e sujeira... - ó pobres casas, pelas quais não roça jamais uma dessas fidalgas existências de flóculos multicores que é levada pelo Silfo dos automóveis, em avenidas asfaltadas, entre a feeria das luzes estrondosas, à moleza esquecida, quase nirvânica, de seus platônicos ou executados devaneios, velutineamente eróticos...na modorra das alcovas, entre as coberturas adquiridas em Cabral, Teles & Cia. — o Rei da Rua João Rosas...Rua do Ideal!

Salta depressa! Olha o automóvel, pequeno jornaleiro! Não abuses da tua agilidade, ó *gavroche* aperfeiçoado, ativa e frívola, despreocupada e alerta figurinha negra! *Gavroche* aperfeiçoado - ó moleque brasileiro!

Grita teus jornais, saltando de um bonde para outro, mas cuidado, herói-macaco, cintilação da rua, que o fragor das notícias que espalhas pode apanhar-te também e pôr-te a queda e a morte num cantinho de jornal!

Psiu! Vai lá e deixa-me com estas idéias que, sem dúvida, nem de leve tem passam pela cabeça, frívolo macaquito alerta. Ou corre lá e diz-me que é aquilo...

Ah! sim, um despejo, aquilo!

Lépido boêmio em farrapos e de rotíssimo boné à cabeça, isso talvez tu compreendas: que, quando se é pobre, não se pode pagar: e quando não se pode pagar...tem-se de sofrer qualquer coisa, que se não sabe o que é, que se não sabe até aonde vai...

Vingança da miséria - a miséria desses trastes desengonçados e sujos, desses cacarecos a desestetizar, como uma mazela odienta, a serena reta orgulhosa da rua, flanqueada de caprichadas arquiteturas...

Os miseráveis talvez não pensem - inconsciente vingança - nessa vingança! Talvez na casa alheia já comecem a sofrer os covardes vexames de amigos - já cochichem com os olhos a verdade duríssima dessa nova e mais dolorosa miséria, e talvez as crianças choraminguem de fome; e talvez, no íntimo, choraminguem todos de saudade!

De saudade choraminguem de sua velha cama; de sua mesa sem uma perna; de sua bacia já em furos; de seu lavatório de sardento espelho amarelado e de sua antiga moringa, sem gargalo - que essa, pelo menos, se não fosse o pavoroso afã da debandada, poderiam ter trazido...

Miséria! os filósofos te suportam porque...não te conhecem!

A capa caiu de uma janela de segundo andar, naquele beco.

Eu, de cá, vira e deixei-me ficar! um cidadão bem trajado, dois, três...mais outros cidadãos, ali ao poste do bonde viram também e se deixaram ficar, naturalmente, como eu, na dúvida se deviam apanhar a capa ou não, para entregá-la ao dono. Um sujeito passa - um negro de pés descalços - olha para o beco e lá vai...

Todos nos preparávamos para o: pega! pega ladrão!

Todos nos preparávamos, era visível, e um fraque cinzento já dera mesmo alguns passos para a esquina...O preto bateu palmas à porta, muito mansamente, muito alheadamente.

Muito alheadamente ele veio, depois de entregue a capa e foi-se pela rua, no seu solavancado pisar de negro descalço, sem olhar para nós.

Glória! glória à raça negra! Vede, por exemplo, o gesto desta crioulinha!

O vendeiro gritou-lhe de lá:

- Amanhã! Amanhã!, saim falta, ó mô amôri!

E ela...verdade é que sobre esse asfalto da Civilização!...

Sobre este asfalto da Civilização que custou o suor do operário, a sangria do Povo, a *indigestão* dos fiscais e o rastejamento do empreiteiro de chapéu à mão e trêmulo diante do senhor doutor Prefeito:

- Cum a devida licença, Insulência!

Sobre este asfalto, solene, histórico, lendário de patifarias inomináveis, grandioso de energias democráticas ao fumo das fornalhas-andantes, em que o betume se derrete numa severidade laboriosa - o diabo da crioulinha a berrar, mãos entre pernas:

- Vem pegá aqui, seu galego!

Oh! solene engrenagem da Democracia! Vê se tu metes lá para dentro, ao menos, a barriga desescrupulosa desse taberneiro que, a rir como vai, dali a pouco irá desfazer-se em secos e molhados diante do Armazém Invencível Luso-Brasileiro!

Crioulinha que mandaste pegar...que compraste tu no Luso-Brasileiro?

Que estragadas coisas compraste, para enganares à tua magreza que ela se alimenta e que tu vives?

Vendeiro ilustre, nutrida pessoa, dá-me conta daquele teu colega ali da esquina...Diz-me como é que foi morrer assim, tão prematuramente, um homem que não vendia, nem consumia gêneros falsificados!?

Eu o via tantas vezes, filiforme e tosegudo, à porta do seu quase arrebetado e honesto (opinião dos fiscais e da Saúde Pública) - do seu honesto "Águia Lusitana", nesta mesma rua onde, na verdade, são tão magros os sete ou oito farmacêuticos e é tão rotundo o lixeiro!

A não ser o dele, eram mui grandes os armazéns; mui grande também o número dos mendigos à porta dos armazéns; mui grande

o negócio na pitoresca casa de coroas, a cuja porta não param os mendigos; mais do que grandes, as relações entre os armazéns, a farmácia e a casa de coroas...

Tudo isto no meio da mais completa e fraternal solidariedade entre todos! Foi exatamente porque o Manel Bento não quis tomar parte naquela harmonia social, que o deixaram descansar "a seu modo", enquanto a maioria deles, dos outros, se ia às suas vilegiaturas de arrabalde ou de Petrópolis.

Questão de gosto e de liberdade individual, garantida pela Constituição.

E de trânsito... Pois se até esses burrinhos têm-na, a liberdade de trânsito; eles que vão de quadris bamboleantes e de feições transudando esforço e criteriosos; eles, numa andadura de consciência ligeira e metódica.

E como já se imaginaram com os automóveis! Como entre o fononar e o pegajoso rolar dessas voragens quase mudas de quatro rodas, vão-se eles vencendo o peso dos fardos, que têm duas vezes a altura da carroça, parecendo resmungar às vezes, um para o outro:

- Anda, "Balaio", acerta este passo! Está lerdo hoje!

Irmanaram-se com os automóveis, não os temem e parecem mesmo, a correr, ou a passo triste diante da vazia carroça, sob as rédeas do dono de camisa flutuante e de cigarro agônico ao canto dos lábios - parecem mesmo os verdadeiros e tradicionais donos da rua! Donos da rua, serenamente triunfantes, triunfantes laboriosa, serena e humildemente entre os autos e os caminhões, os carrinhos de mão, entre bicicletas, os motociclos...entre todas as espécies de veículos que deles não participem.

Oh! como está lépido e satisfeito e vaidoso aquele!

É que ele está com a responsabilidade de uma carrocinha de padeiro: enquanto o rapaz tira, com a bendita mão suada, o pão para o cesto, "ele" faz tremer a caranguejola pintada com uma Ceres com cara de polaca que levou uns bons trancos de soldado do Exército, preto, grande, feio e bexiguento....

Treme a caranguejola, e o rapaz das benditas mãos suadas, anônimas para a Saúde Pública e para a Prefeitura, observa:

- Psiu! Olá!

O burrico está sempre impaciente com a responsabilidade leve da carrocinha de padeiro e treme e sacode-se...

Entre os burricos há também *enfants gatés*.

Mas eis que um hiato se faz na vitoriosa reta da rua! E tudo pára: veículos, homens, animais e os próprios bondes orgulhosos, majestáticos, como embaixadores de uma grande Potência, dominadora da Urbe.

Há uma grande ânsia que quer estrondar...

- Incêndio! grita lá de baixo um pequeno.

Não, não é o cortejo rubro dos destemidos que vão atirar a rubra voragem de sua audácia salvadora contra a rubra voragem do fogo arruinador! É o branco frenesi, cintado de ouro, que quer arrancar à Dor o sofredor anônimo - é a Caridade patriarcal do Estado que vai sacudir, insofrida, a quem seja...

É o milagre do Estado-Perfeição realizado! Bendito seja! E timpanando, branca e pulcramente voraginosa, lá vai a Assistência, entre o extático respeito dos homens, dos veículos, das coisas, da Rua...

Bendita sejas, alma da Sebastianópolis!

Tu és de te premires toda, de paralisares tua estrondosa vida por um momento, para salvares...um mendigo talvez - quem quer que seja - que tua alucinação de Boa vê, das calçadas e das janelas, num pavor piedoso, ensangüentado lá longe, enquanto as pernadas de tua assistência se vão num simpático espalhafato de retumbante Caridade sincera!

Estrondosa vida tua, Sebastianópolis!

Carroças e carros e caminhões de tantas formas, de tantos matizes, de padarias, de armazéns, de casas de modas, de cervejarias... a correrem para o ganho do tempo, do dinheiro, numa concorrência que parece comer a si própria, no desvario de cada vitória que prepara uma vitória alheia.

E, nesse casario, que longa fila de atividades e de interesses díspares e harmônicos ao mesmo tempo! Profissionais do mesmo ramo que se têm de dar a mão, enquanto se pateiam: profissionais de ramos vários que não se pateiam, nem se podem dar a mão, na defesa do mesmo gênero de vida...ó eterna harmonia universal que não permites nem perfeitos amigos, nem perfeitos inimigos!

Entanto, une-os, a todos, a universalidade cantante da vida! Como as acachapadas e criteriosas contruções 1850 junto às fúteis casitas atuais: como esses pardos, esses negros, esses louros, numa mescla escaldada em suor e sebo de caras lustrosas de

trabalhador - como os aspectos da rua, as profissões se unem por um elo discreto e poderoso que parece mais estreitinho na barriguita daquele ourives, mais largo na pança desse caro amigo vendeiro do “Luso-Brasileiro”!

Estrondosa vida tua, Sebastianópolis!

Estende-se o elo de tuas atividades por aí, espaço afora...por esse trem que lá, ao longe vem trazendo o lombo, o arroz e a carne e o milho, e as aves para o “Luso”, para o “Talho Modelo”, ali à frente e para a quitanda que daqui mal percebo: por esse vapor que traz conservas e vinhos e azeite...com um grande espanejamento de fumaça e um nostálgico silvo agudo, no infinito oceano azul, e por esse campo se estende onde, curvados e sujos, batem com a enxada humanos vultos no arrozal extenso e flutuante, banhado pela soleira causticante, apoteosadora do canto das aves papadoras de arroz.

E tudo isto eu vejo, olhando para ti. Rua grandiosa. Rua-Símbolo, em tua realidade crua.

Símbolo! Sim... por que rir?

Ris das tinturarias sempre pintadas em tiras de várias cores: ris das tinas de dracenas dos restaurantes: ris dos panos enrolados à cinta dos carregadores: ris dos grandes vidros coloridos das boticas...tudo isso símbolo talvez, idas tradições conservadas...

Bem, vai-te...estás insuportável! E eu vejo de cá, como estás andando entre as moçóilas de chita que carregam crianças ou que se vestiram, num coquetismo irrisório, para irem de uma esquina à outra; e entre os mangas-de-camisa, sujos; e entre os dândis-caixeirotes e os cáftens de chapéus de banda e flor ao peito, na rua tumultuosa.

Como estás andando tradicionalmente, “homem fino”, simbolicamente! Elegância, eu te vejo de cá!

- Rua-Símbolo!

Rua João Rosas...não está bem!

Rua-Ideal, chamemo-la!

Um símbolo - digamos que ela é a rua por onde passam solidárias energias humanas, num solene cortejo frenético, à procura de outras energias que para aqui se catadupem! - E se fiquem por lá arrancadas enérgicas - ou voltem na imortal fatalidade de jamais pararem!

Rua-Ideal - abraço da Humanidade à Humanidade.

E a Humanidade que tem sido este longo sonho, secular, de se encontrar, que se encontre agora pelo trabalho festival; pelo mútuo auxílio em suas misérias providenciais! Seja esta rua, Rua-Símbolo; gloriosa Rua-Ideal!

Não nos evidencie essa Apoteose a caríssima carne deteriorada que aquele bandido do açougueiro está agora vendendo no "Talho-Modelo", ou este péssimo cheiro que nos vem da quitanda, que talvez não seja bem o do trabalho e da democracia, cheiro de suor de galinha e de frutos podres! Nem faça ver este carvoeiro nigérrimo que saiu do antro que denominam carvoaria, onde nem um raio de sol entra!...

Não nos evidencie...e o Sol do Ideal entre por toda parte!

Sol do Ideal... vejam-te um dia o mesmo, fulgentemente uno, como ao Sol do firmamento todos esses que por aí passam, de mil tipos, de vestes várias, de mil atitudes...que aí pela rua vão!

E assim brilha sobre a urbe o Sol, como a fúlgida Verdade, antes que brilhem as constelações do Sonho!

Paletós e fraques e camisa de meia que se roçam...

Quem o diria em outras épocas?

Interesses opostos que se encontram, confabulam e se vão em paz...que milagre, que espantosa delícia!

Que mais sonhar? Vede como estão alegres as caras, de caras senhoris e moças, entoando que se trabalhe em paz, assim!...

Que mais sonhar?

- Ei! qu' é lá? Uma briga?

Povaréu que corre, em repuxões, de todos os cantos...o guarda da esquina com o "cassité" empinado, frenético ao meio dos apertões anárquicos...berros, acenos para cá...mãos levantadas...

É a alma heróica da urbe.

Tu, grita, *gavroche!* Grita a sensação literária no meio da fonte-sensação...grita o teu jornal nesse pandemônio!

Do bonde que passa, cabeças reverentes, dandinosas ou emplumadas se esticam para o alvoroço!...Só não se descalma o fiscal, majestático, com seu carimbo empurrado no livro do condutor...

E o povaréu se espreme, se desenrola, como um maço de vermes e ora parece que se vai desfazer...ora se refaz como se quase a ceder, voltasse atrás um dos contedores.

Oh! como esse tumulto plebeu é indigno de Cabral, Teles & Cia., de Fernandes de Oliveira!...

- Eia, espaço para este destinozito!

Onde irá? Que fará? Que representará esta criaturita?

E este cão?

Amigo eterno...eterno companheiro do homem, até nas complicadas situações! Salve!

Salve! canino acessório do quadro...salve, estranho amigo do egoístico gênero bípede!

Oh! deixá-los, Rua! Rua-Simbólica, Rua Ideal!

Lá vai este caminhão...ele separará o grupo.

Quantos fardos leva! Dá impressão de que tudo cairá!

Tenho cá em mim que aquele condutor de cara meticulosa, moralística, ainda chegará a fiscal!

Eis que corre, como fúria, esse automóvel! Cuidado, pequeno!

Cuidado com os espasmos da Civilização!

E eu...eu quereria voar, tal esta zoadá, pela vida longa das análises, num racionalismo emotivo, e muito depressa chegar... muito depressa...ao apoteótico "Enfim" da Síntese, luminosa: epifonicamente luminosa!

A síntese que encerrasse a Piedade humana!

E lá se foi o caminhão!

Se aqueles fardos não te obrigassem a ser tão vagarosos, caminhão do trabalho, eu contigo iria af, pela Rua João Rosas, hoje Rua do Ideal.

Mudança de nome essa "ilegal", é fato: feita sem autorização da Prefeitura.

E lá vai! a criaturinha. Será sua alegria tal é a minha?

Suas misérias tais as minhas serão?

Ó Sol, aclara menos a Via...e à Via mal distingua eu, ao longe, como o saudoso desfile de idos Ideais!

Dos ideais...dos anelos meus de ser com toda a Humanidade no afã do misterioso destino!

Lá vai...longe...fim da Rua!

E João Rosas, e o Ideal...e tudo...oh! se esgarça tudo!

"Ela" vai, já quase imperceptível!

Que deliciosa é esta Via, quando se amodorra o olhar e os sentidos no tumulto das coisas...Rua do Ideal...

Rua do Ideal...e corre tudo, pesadeloso! Em sombra!...se esvai o próprio Ideal...

**Cuidado, pequeno!**

**A rua é dominada pelos espasmos da Civilização!**

**Opa! Por um triz!**

**Inofensivo, a correr...só este meu devaneio pela tumultuosa  
Rua João Rosas, ó meu *gavroche!*...**

**- E o crepúsculo desce e tudo se assombreira na tumultuosa  
rua...saudosa! já tão longínqua!...**

*(Visões, cenas e perfis)*

## UM PREGO! MAIS OUTRO PREGO!...

...E a queda do pequeno volume produziu no solo um som oco, profundo e gemedor! A cidade sem alma, exangue, jamais se reergueria!...Que seria dele?

Teve impressão de que a terra, rancorosa, se ia abrir, para tragá-lo, num surto cataclísmico...

Oh! era ela gentil, com seus olhos negros, vivos e ingênuos, com uma expressão indecisa entre meiga e senhoril - encarando-o com tão estranho olhar, que o perturbava! sacudindo-lhe bizarramente o suave ânimo amante.

Na santa amizade, uma indefinível saudade pela defunta!

- Lá fora, mais o balouçante som de um caminhão nos paralelepípedos do calçamento!

Como este som era então arrepiadoramente funerário nos dias que corriam...

Deus de piedade, quando acabaria a calamidade, nunca vista?

E um prego...mais outro prego! Coitadinha!

Parecia um sonho...ele não tinha consciência do que fazia!... E exatamente para não ter consciência daquela catástrofe, ele ia batendo um e outro prego, rapidamente, desordenadamente, incertamente, com o martelo bambo em suas frágeis mãos, amolentadas.

Coitadinha!

Por que saíra "sá" Nicota? Havia pouco que aparecera junto dele, com os grossos beiços relaxados, avisando, numa moleza que tornava quase imperceptível a palavra, que ia sair, "pra comprá a galinha, se fosse possive..."

Lá fora, arrastando a corcunda e abandonando-o mais desamparado na solidão daquela saleta escura, que mais cruciante lhe fazia a dor; e mais infantilmente amedrontado deixara-o como nos pavorosos dias de sua febre!

Amedrontado diante "dela"! Que cruel absurdo!

Ela assim, de vestido azul, como pedira, naquela horrível noite, em que entretanto falava tão calma, tão anciãmente calma!...

- "Quero ir de azul...com aquele vestido de uma porção de rendas, ouviu?..."

E as horas da noite corriam num silêncio pesaroso; uma e depois outra, severas...assim fossem vestidas de preto...

- Agora?!...

- Oh! com ela seriam capazes de fazer o mesmo que com outros, com tantos outros? Seriam capazes de arremessá-la, brutalmente, com um golpe de pá no seu frágil e pequeno invólucro sem cetim, para a tétrica profundeza?

Para a tétrica profundeza comum a tantos - eles a arremes-sariam, os revoltados e apavorados penitenciários? - os impro-visados enterradores daqueles dias calamitosos?

Que tristeza amolentada a sua nestas marteladas fantásticas!

Chovera; e os pingos que ali caíam, na área, eram-lhe cada angústia mais, que se lhe enterrava, soturnamente, na alma.

E outro prego!...

O ruído, então raro, de um bonde à rua, ali perto, pareceu dar-lhe a impressão inesperada dos dias comuns: um assomo de conforto tomou-lhe o ânimo! Foi passageiro, porque brotou-lhe como uma surpresa má a visão de uma das cenas desagradáveis "daquela tarde": entrara a mulher no bonde apinhado, com uma cesta à mão...

- "Que leva aí?", perguntou o condutor.

- "É uma galinha!" E a quarentona, muito gorda, remexeu-se nervosa no banco...

- "Bem, então não pode ir!"

E retirou-se o condutor no balaústre para dar saída à gorducha e à carga! Um "não pode!" formidável irrompeu de todos os passageiros!

Até os balaústres, os anúncios do bonde, as correias do tímpano - tudo parecia tomar parte nessa manifestação de solidariedade à embaraçada miséria, na calamitosa tarde! E diante eis que surge... um caixãozinho!

Por que o impressionou tão mal, como um apelo que lhe constringisse a garganta?

Ele lá ia, aflito, ofegante, à procura do médico...

- E outro prego! E mais um...

Já se fatigara demasiado, duas ou três vezes, e por isso lá se fora assentar à beira do leito, onde as cobertas ainda estavam revoltas e muito amarrotadas dos quinze dias que o haviam agasalhado febril.

Como parecia existir persistente, no espaço, o encontro

pavoroso daquela desolação!... Havia um susto em todas as coisas; e no espaço sombrio daquela saleta, sem dúvida que palpitava o temor de uma próxima catástrofe, ou a fadiga apavorada de um longo sofrer, receoso de se queixar.

Os sons do martelo haveriam de chamar, sem dúvida a desgraça, tão altos eram...Era preciso abafá-los; mas como ?

Fora por uma tardinha, amigavelmente desnublada - bem se lembrava do começo! - por uma tardinha de beleza, aparentemente sem perfídia, tão límpida era! Lia, a gracejar, um tanto entibiado contudo, as primeiras notícias nos jornais, assentado à banquetta do café "Belas-Artes", com o Florêncio e o Artur, colegas da repartição.

- "Estão bem portanto os que gostam de espanholas, hein, Florêncio!"

- "É, mas estas dão abraço de tamanduá!"

As gargalhadas do rapaz loiro, de bigodes à Kaiser, provocaram escândalo no espaço tumultuoso e irritantemente cheiroso do café, onde caras assustadiças, tenebrosas, voltaram-se para a origem blasfema daquele riso franco.

Ele também rira - ele, que já sentia as pernas bambas e quentes, um abafamento interior, um mal-estar geral, desconcertante, já começando a desencorajá-lo. Contudo o que mais o afligia era o pequeno vulto "dela", a lhe aparecer à mente, incerto, como que a tombar, de cabeça muito lassa sobre o pescoço! tombar, amparado pelas mãos dele...

Experimentou mesmo uma sensação estranha ao abraçá-la, aquela tarde, mal transpôs o largo portal daquela sua casa antiga; este mesmo portal que ali estava, com uma alma danada e ingrata na sua indiferença de portal, esperando abrir-se para o último abraço...no instante supremo!

- Arrepios de fraqueza ele os tinha, freqüentes...Magoavam-no menos porém que os arrepios, macabramente despersonalizadores a o epileptizarem pelo corpo, as vezes todas que ele se lembrava da horrenda catástrofe!

Coitadinha!

Aquela tarde!...Aquela tarde, mudada a roupa, ele a carregara no colo e apertando ao peito amável fardo, fora pilheriar à janela do fundo com a modistazinha e com outros vizinhos que, por acaso, puseram a cabeça amiga pela pan-abertura daquelas janelas rasgadas no desvario da procura de ar, pelo espaço que ia até o morro...

Não apareceram vários, naturalmente já adoentados. A

modista todavia franqueou-lhe ao olhar o seu pitoresco rostinho, de uma beleza petulante, rueira, de narizito arrebitado e escandalizou na quietude daqueles fundos de quintais:

- Olá, seu viúvo! Como se vai com a espanhola? Parece que já está atacado...tem a cara que parece a de um caju seco!

Ria, como uma louquinha!

- "E a Estelita? Que olhos grandes e espantados tem ela! Boa noite, senhor viúvo!", arrematou a parolagem, como sempre, a graciosa costureirita fiel àquele cumprimento!...

E ela também parecia olhá-lo, espantadinha, àquela tarde...e um supersticioso terror já ia constringindo o ânimo dele, com aquele espanto infantil, sincero, focalizado sobre seu barbento rosto!

Sim, bem se lembrava do começo!

A cidade ainda era risonha e incrédula, na despreocupada molecagem de sua agitação fátua, crente unicamente no luminoso vaivém de todos os dias! Os bondes e os automóveis e as fachadas e os homens e todas as coisas pareciam sorrir, desdenhosos a correr, a correr...superiores ao mal, vacinados contra o mal, pelo seu orgulho de Urbe intangível e privilegiada!

Oh! a mesma cidade que ele veria semanas depois, num mortal aspecto de devastação, maltrapilhada na sujeira de secas folhas, de panos, de restos orgânicos, relaxadamente descosidos no silêncio de suas ruas, mal percorridas por um ou outro veículo, não raro com uma serventia fúnebre, a apavorar os poucos transeuntes macilentos e preocupados, que passavam como sombras!...

E se o vento levantava uma nuvem de pó, levavam os sombrios andantes rapidamente, estertorosamente, o lenço ao nariz, como que procurando se resguardar, desvairadamente, do furacão da peste!...

Eles, sombras no meio da Sombra daquele pesadelo - sombras de medo, numa tétrica insegurança, numa tétrica desconfiança de cada passo que davam...

E aqui e ali, uma ou outra cara exangue, a levantar estrepitosamente o batente de ferro de tal casa comercial, muito assustado, muito indeciso, febrilmente desorientado!...Logo dois, três, muitos indivíduos, como que surgidos por encanto, a transporem apressadamente o portal...

- Pam! pam! pam!...vai, martelo! vai e vem, como uma lembrança tenaz, funerariamente tenaz, na catadupa de meus pensamentos...

- Pam!pam!

Oh! a sua cidade de heróis, que tanto os houve, mesmo assim!...  
Hosanas! hosanas ao carioca! sempre altruísta, sempre mexeriqueiro e prestativo, maldizente e consolador!

Salve oh! generoso falho-de-caráter!

Pela idéia passavam-lhe então os inúmeros casos de caridade relatados pelos jornais - passava-lhe um cortejo tumultuoso de fisionomias suaves, encimando vestes brancas, sob o gesto apressado, sofregamente socorredor da branca Urbe, e de olhos inquietos, sob o gorro, distintivo com a rubra-cruz.

- Ide! ide, sem demora, em meu nome, à miséria dolorosa!

E para que ir longe, aos exemplos de benemerência no tenebroso turbilhão das desgraças, se ali estava o Zé Lopes, o vizinho - enfermeiro de quase toda a rua e que passara uma longa noite junto dela, pálido, encovado, a cair de sono.

Junto dela... e o anjinho, no entanto, abria os olhos, espavoridos, como dois abismos brancos, a pedir fremente:

- "Manda! manda ele embora! Eu tenho medo dele!"

Coitadinha! Ingrata, na sua febre, na sua infância!...

E o Boaventura! e outros casos!...

Dera o Boaventura mais de metade, do pouco que tinha, ao Posto da Glória e...sem aparato! tão seraficamente incógnito!...

- Bâte, martelo fatal! Um prego! mais outro prego!...

Uma angústia! mais outra angústia!

E levantava-se de novo, fraco, num doloroso deslocamento, relaxado, de todo o seu ser...

Tão fraco, que nem podia andar!

Causava-lhe isso um pavor infantil - não poder andar! -, pavor de lhe arrancar lágrimas covardes, de desespero.

- Ficaria assim? sempre?

Coitadinha!

Parecia um sonho no sonho, um pesadelo no pesadelo! O pesadelo de tê-la de enterrar "deste modo" era talvez maior que o pesadelo de havê-la perdido!

De enterrá-la, deste modo!

Mais outro passo...oh! ele não poderia ocultar o contento, mesmo naquela tétrica ocasião - o contento de sentir que andava; que não estava paralisado, como por vezes julgava, num angustioso e sufocante surto de pavor!

...De enterrá-la, deste modo!

Apelar para a Empresa Funerária, de que lhe valeria entretanto? Pela alertada mente, assustada e prevenida, passava-lhe a cena sucedida com o Artur, da Repartição: um velhote a

mostrar, ao rapaz muito aflito, a pilha desconjuntada de caixões amarelos, de madeira sem veludo, sem cetim, sem revestimento, sem alma, tal um acanalhamento fosse à própria morte...e a interrogar, irritantemente desconsolado, o velhote:

- “Mas que quer o senhor? Todos estes caixões já têm dono! Quase todos foram feitos pelo pessoal da Marinha e do Lloyd... e mais caixões houvesse, e mais gente a trabalhar!...”

Ainda ofegante, o homenzinho, no meio de uma multidão enlutada, em ansiosa expectativa:

- “Nem que o senhor encomendasse um caixão para depois de amanhã! Isto está assim!...”

Pobre Artur...eternamente separado do seu irmão mais querido! E que pedaço de homem, o Zinho era!

Paz à sua alma!

- Mas...e um carrinho de mão? Não seria possível? Já tantos tinham feito uso dele...

Pam! pam! pam! Põe-te de novo a trabalhar!...Ou queres, de novo, a moleza covarde e consternada deste leito?

Pam! pam!...Repara como há um zumbido impertinente, choramingoso, plangente, no espaço! Assim fosse um pranto contínuo, fatigado, monotonamente inconsolável, junto à tumba, na treva absoluta de uma noite-de-morte!

Repara no choramingar plangente deste sombrio espaço úmido!

- Desperta a ti, porém, mais um ruído...e outro ruído...de caminhão e de alígero automóvel, na intérmina agonia do “lá fora!” - da vasta cidade sepultada...

E mais um automóvel...que tardio e impossível consolo irá este buscar, na fúria bravia e cega, a romper aí pela amodorrada dor, febril e delirante, dos milhares de agônicos emparedados?...

- Fon! fon! Uma cara de megera aparecia-lhe, desdentadamente, a sorrir:

- “Olá! qu’ é da clássica petulância dos choferes, hein?”

Fon! fon! Macilentamente mansos agora, hein, a remexerem, menos cafajestes de atrevimento, no relógio - os pândegos reis da Sebastianópolis!

Hah! hah!

Fon! fon!...

Contudo uma alegria íntima lhe vinha, um clarão de vida, vigoroso a exaltar, sentindo de novo os automóveis, com o seu característico buzinar, tão conhecido dos dias felizes, como se

numa surpresa estrondosamente redentora, a cidade fosse voltar aos seus dias comuns!

Oh! quem lhe dera!...Verdade é...

- É verdade...para que, agora? sem ela?

Ainda há tão poucos dias, "ela", por ali, pela estreita salinha...

E mais caminhões!...Oh! que pareciam pôr a casa abaixo, no estertor desesperado de sua passagem, pela rua mal calçada...

Os caminhões!...sim, ele vira, de casa do Florêncio, quando fora pedir as tábuas, as fatídicas tábuas!...ele vira, às sacadas, o povo olhar, de olhos escancarados, o branco e disforme amontoado, que os caminhões conduziam, barulhentos, estrepitosamente, aos trancos...

De olhos escancarados, o povo - cada homem olhava, parvamente apavorado - todos - como cães vivos olham para cães mortos, orelha em pé e rugas no focinho contraído...

Esta idéia bizarra ele tivera - entre tantas outras naquele seu cérebro havia semanas, mórbido, em constante, variadíssimo delírio.

Um fantasma, um outro "eu" entrava nele!

E dos caminhões, pernas e braços para fora, em desigual vestidura, bambamente hirtas...e a gente tendo um desejo mau de rasgar os lençóis, este...aquele...para ver embaixo tal e tal macerada fisionomia barbuda, no contraste macabro entre a negra barba e a pele pálida: pálida - uma recordação longínqua!... há tanto já parecendo ter-se ido o morto de si mesmo!

Seria possível mesmo? - Pam! pam!...

Um prego! E: mais outro prego!...

Seria possível mesmo? Ainda havia tão poucos dias que ela estivera a correr por ali: aumentando-lhe inconscientemente a insuportável dor de cabeça dele - a correr, sem que a "sá" Nicota, na sua distração apatetada, horrorizada, tivesse a idéia de fazê-la parar...

E ele a via então, como que amaiorada, disforme, inchada e feia - ele a via assim! no seu delírio tão diferente de como era "ela".

Tal ele a via, febril, mesmo convalescente da primeira fase de sua moléstia.

- Três e meia! A bater as longas horas, o próprio velho relógio era enfermo, ou desconsolado, ou invernamente saudoso: tendo uma fria e supulcral saudade de velho vovô!...

Por certo que deu o relógio pela ausência "dela"...Se ela

sempre apontava para ele aqueles longos e róseos dedinhos, que agora ali estavam exangues e rijos, e curvos!...

Curvos no seu último esforço de se segurarem à vida... Não o seria?

Três e meia! E a "sá" Nicota, nada de vir!

Também coitada! Via-a bem!...

Via-a bem, coitada, acorcondando-se mais, cada vez, entre a multidão fremente, desesperada, que alçava uníssonos o rancor de sua palidez faminta e convalescente, ante o despítőresco e vasto barracão da praia Formosa.

- "Quem dá mais por esta?"

O soldado levava a ave estardalhaçante acima, como um troféu frenético, irrequieto, cacarejante.

E as palidezes emagriçadas a gritarem, a se empurrarem, fossem elas um chocalhante bando de esqueletos, ávidos, loucos pela estertorante ave pensa das mãos policiais...e a "sá" Nicota a se desapertar na turba incontível, bravia, trazendo um frangote!...

Ora, bem! um frangote!

Um frangote, sem dúvida, que ela o traria...e a custar mais que a melhor galinha do mundo!

- "Ah! sô Liopordo...é o diabo do Comissariado!...Óia, seu Liopordo, os automóveis dos deputados, esses vão cheio de galinha gorda, os porcaria!..."

Beijolando mais sua indignação:

- "Lá tavam uma porção!... É, seu Liopordo..."

Oh! que ela chegaria assim, a falar, toda corcundeante e trêmula - ele a via, já!

Mas... pam! pam! pam!

Pobre anjinho!

Como são ainda tão expressivos estes olhos, ainda meio cerrados!

...E fora possível!

- Olhos de meus olhos, razão de minha vida, que serei eu agora no mundo?

Lágrimas...e mais... e mais lágrimas, tantas que lhe corriam dos olhos sobre as tábuas! Sobre as tábuas também batia ocamente o martelo, bambo entre seus dedos, sem firmeza!

- "A Notícia! Mais escândalos na Santa Casa!"

Um sacudir de nervos lhe desequilibrou todo o corpo, à voz do jornalista que passava, a gritar o jornal, com uma toada diferente dos outros dias; doente, sombria, intimidada, no silêncio pesaroso da rua.

Mais escândalos na Santa Casa!

- Num salão enorme, há um desespero de sem fim incomparável... sem luz franca, leal...tetrificado num estuante arfar de angústias, com o relevo de um ou outro ai!...e é tudo uma ameaça escura, premente...

Ele está, ao chão! - ele, tão tiritante!

Ao chão, sobre uma esteira, entre mil outros frangalhos humanos, num amontoamento horrível...E que sentir à morte neste salão intérmino, onde a Morte passeia, pondo a gélida mão, ao acaso, sobre este, sobre aquele...que desorientação no espírito ao querer apreender o vácuo desse acaso!...

Vem-lhe uma catadura má, como uma ameaça, junto à esteira:

- "Olhe! tome... é o chá!"

Vai alta noite...e um véu passa aos olhos! E tudo se finda!...

Que horrível pesadelo! Oh! se ele "lá", de fato, houvesse estado!!

Angústia! Onde a alma boa da Cidade?

Mais um bonde!...Como parece ir fatigado, tresnoitado!...

Oh! se a Cidade, de fato, despertasse à Ventura, ao som oco e balouçante deste bonde!...

- "Vo...o...on!" E lá se vai ele, carregado veículo de desventuras, de desesperanças, no seu som de voragem...

Pam! pam! pam!

Pobre anjinho!

Um prego! E outro mais! Como estava saindo disforme "aquilo"!

Parou um instante: olhou...e sempre as lágrimas!...

E sempre as lágrimas!

Oh! quantas vezes as tábuas, que ele serrava para o galinheiro, pegava ela para brincar, batendo uma contra a outra...

Pobre anjinho!...

Pam! pam! pam! - Pam! pam!...

- Lá, no campo do Maracanã, vendo os trens céleres a demandarem a saudade das roças, e vendo os corpos ágeis de rapazes em camiseta listrada a se desarticularem no embate da bola, ele e a boa noivinha e a futura cunhada - que boa era a Lili! - iam passo a passo, indo e voltando, na desorientação das mil coisas, que lhes atiçavam a curiosidade - até se assentarem numa pedra, ou se encostarem na cerca. A princípio, ele se vexava de sair só com a noiva e com a futura cunhada: sentia-se zozzo, e parecia-lhe que todo mundo olhava acanhadoramente para ele.

Depois, não raro, aborrecia-se, vinha-lhe um tédio de

enlouquecer, fazendo-o bruto, áspero, a espancar até o "Peri", o pobre cãozinho que freqüentemente os acompanhava, em desvairadas correrias... Vinha-lhe este tédio; Amelita se aborrecia; e era sempre Lili, a adorável magricela loirinha, que principiava a reconciliação, mal os dois contraíam feições insatisfeitas...

E a diabrete ensaiando não tardava a uni-los num abraço, a fazê-los risonhos, ensaiando eles então um beijo muito pundonoroso, perto daquela testemunha, cintilantemente maliciosa!...

Entanto em que iria dar aquele amor, aqueles momentos tão felizes, que lhe passavam, como um fulgor suave - em recordação - pela mente, nos seus dias de febre?

Em que iria dar?

- Pam! pam! pam!...

Um prego! mais outro prego!...

Em sua primeira convalescença, ele a apertava tanto ao peito - coitadinha! - com os olhos ainda rasos de lágrimas, da lembrança da defunta e de suas cunhadas...

E o tempo passava, como uma caudal que levasse cada vez mais para longe essas recordações, essas saudades...E o tempo passava, numa zoadá longa, angustiada e escura!

Tão angustiada, como aquele seu tenebroso e úmido quarto...

Tão longe, por este mundo, a boa Lili!

E a outra, em que mundos pairaria?

E tão só!...

Oh! existiria um Céu, um Infinito de delícias e de eternidade, onde estivesse sua querida Amélia? - Um abismo indefinivelmente pavoroso se lhe abria, enlouquecedor, a esta pergunta feita a si mesmo...

Um abismo! De que vale o homem?

Isto mesmo ele perguntava ao espaço, a Alguém, a quem quer fosse...quando vira o médico, numa atitude calvamente sentenciosa, auscultar o esmagado corpo do anjinho!

De que vale o homem?

Bons tempos antigos!...Oh! se lhe aparecesse, pelo menos, a Lili, toda solícita, junto à sua angústia, boazinha, como sempre, naquele seu gesto costumeiro de espalmar as mãos diante dos olhos dele:

- Oô!...quem é?

E ela lhe ficaria no tenebroso quarto, graciosamente serviçal,

ao pé. Ela, que gostava tanto do anjinho...se o visse ali, assim...  
tão palidamente outro!

Quanta coisa! quanta coisa no seu passado! Os seus bons  
tempos, no Catete, na pitoresca pensão de sujeiras e de  
imoralidades familiares, cujas horas se contavam pelas graves  
badaladas do próximo clube! A pensão, um vetusto casarão  
amigavelmente vetusto, no conforto de sua banalíssima  
arquitetura colonial!

Aquela pensão! Nela ele dava os primeiros passos em sua  
vida de homem com alegrias satânicas e sofrimentos requin-  
tadamente perversos, que lhe surgiam como horizontes roxos,  
gangrenados!...

Sofrimentos!... e este contudo!...

Coitadinha!

Se o Joaquim ali viesse! Espocou-lhe de súbito a lembrança  
amiga daquele pobre operário, tão prestativo fora-lhe naqueles  
dias calamitosos!...

- "Oh sor Leopoldo, a terra é linda, que é!...Mas...mas o diabo  
é a miséria!

A miséria, é o que há lá, sor Lepoldo!"

Contava muitas coisas da pátria distante, quando não estava  
a espectralizar boatos muito alarmantes de epidemia!...E os  
boatos lhe levavam a mão nervosa à barba, crescida de muitos  
dias: e a repuxá-la, concluía:

- "É, é o diabo! Se isto bai assim!...Parece que se bai a  
acabare o mundo, sor Leopoldo!"

Bom Joaquim!

Ele jamais se arrependeria de ter sempre tratado  
amigavelmente aquele humilde homem, marido de sua lavadeira,  
que deixaria os seus para cuidar dele durante dias e dias, até o  
momento em que, muito febril, se foi a cair também - no pobre  
leito lá em seu casebre!

Bom Joaquim! E como gostava dela! Quantas vezes ele a ela  
adormecera ali, ao colo...depois que as mãos rudes haviam  
acariciado a cabecinha loira, e que os severos lábios se haviam  
aberto, para entretê-la com velhas histórias frescas de  
ingenuidade!

Coitadinha!

...E mais um prego! O martelo lhe dançava cada vez mais  
nas mãos frágeis, desvigoradas de fraqueza e de emoção!...

Tantos cuidados! tantas ânsias! tantos remédios, para isto!...  
Para isto!...Tantos remédios!...

- “Dou-lhe vinte mil-réis pela receita!”

- “Mas há aqui mais de quinhentas à sua frente!”, explicava o ofegante farmacêutico, fechando de novo os batentes a fim de evitar a invasão da onda popular.

- “Mas faça-o, por Deus! pelo amor que tem à sua filhinha!”

Chorava, súplice, humilhado a falar...

E fora do Catumbi ao Catete, numa dolorosa via-sacra, a procurar todas as farmácias...

Como era triste a cidade!...

Esperava momentos longos, angustiosíssimos, por um bonde!... E ao tomar o primeiro veículo que lhe aparecera, tal uma aurora de salvação, quase caiu, espremido entre tanta gente, apinhada nos balaústres!

De lenço ao nariz, ou a aspirar frasquitos, caras apavoradas, pálidas, olhavam acabrunhadamente para o chão...

E na farmácia ele, esperando insofridamente, lembrava-se de que cada minuto passante era uma probabilidade de menos, de vida, que “ela” tinha.

Angústia! Quanta angústia!

- “Vá! Passo adiante!”

Trôpego, deixando o martelo, lá foi ver o que era...Um polícia empurrando um crioulinho, que ia a resmungar...

Seria um coveiro improvisado?

Pobre rapaz, sem a interventosa presteza do patrão, naturalmente lá iria, sob o sol causticante, empurrar com a pá, para as rasas covas, os cadáveres já a se desfazerem!

Pobre rapaz! Deşamparado à rua pelo zelo dos que te deram emprego; os quais, naturalmente, ignoram este teu surpreendente destino!

Mas uma outra lembrança triste lhe veio - apagando-lhe o interesse pelos estranhos: ela tinha tanto medo dos policiais!

- “Olha um soldado!” e a “sá” Nicota atrás da sua carreira incontida, nervosa:

- “Qu’ é isto, menina! Você não tá vendo que o soldado não faz nada!”

Coitadinha!

- Pam! pam! pam! - Como eram fracos seus dedos...

E ei-lo, de novo!...

Um prego! mais outro prego!...

- Tão longe de todos! Tão longe “dela”!

Dela, tão longe então!...

Uma vontade covarde de chorar lhe vinha...

Três horas!

E a "sá" Nicota? Nada, nada de aparecer!

Também perto desta velha negra, ele sofria de um terror tão angustioso como se sentisse nela sua infância prolongada, seu medo e sua parvoíce de outrora - ou como se sentisse nela feitiços de bruxa africana!

Capengando, apalermada, quando ela aparecia, um quê de pavor misterioso e abafadiço lhe invadia o ser especialmente agora, nesses dias calamitosos...E contudo era tão indispensável à pequena! Ela lhe fora uma segunda mãe!

Estava tudo acabado! Olhava, de novo, para a cabecinha loira, tal um doirado pesadelo...

Tão bela! como fora possível desaparecer! Que contra-senso! que incoerência esta: fazê-la Deus tão bela! para a vida, e tirá-la!

E tirá-la!...

- "A Rua! A Notícia!"

Um jornaleiro a mais passou fora, gritando os vespertinos e um calafrio entibiu-o, sacudindo-o, na revolta de seus órgãos...

Já estava a prever; o número de mortos aumentara! 750-800-1000 lá estariam em letras garrafais...

Figurava-se, como doutras vezes, olhos escancarados sobre o jornal, irado contra a verdade, trêmulo e suspiroso, querendo reduzir, subjetivamente, o número de mortos do dia!

- Naturalmente contaram com os de ontem! Serviço mal feito...

E eu...e eu ainda posso ir! Se tantos foram ontem!"

Essa era a sua preocupação máxima...mas, ei-la que ali estava!

Um remorso lhe vinha daquele seu egoísmo; e cobria-a de beijos...

Meu Deus! meu Deus, que angústia!

Lembrava-se dos mortos... O Paulo Teles; o Marçal Gomes, da Contadoria; o Renato, marido da Jandira... que extravagante moléstia esta! que escolhia, como uma caveirenta cortesã lasciva, os homens mais novos e fortes...

Deles se recordava, como se ali estivessem, com tal ou tal roupa de uso comum, como seus gestos característicos; com a sua última palestra...

E ele, ali estava ainda...Mas, de que valia, se o seu anjinho?...

Um prego! Mais outro prego!...

Que angústia! Como poderia vir, de súbito, tanto sofrimento sobre o mundo?!

Que estranha maldição! Compraz-se assim um Deus de, por uma bizzaria de momento, espalhar pela calma relativa do mundo ou em consequente a uma calamidade, uma outra maior calamidade!? É Deus, assim, a espalhar a calamidade, num gesto largo de seus braços, com um sorriso serenamente mau aos lábios, cercados de grossas barbas!...

Um abalo lhe vinha, de pavor, de figurar assim infantilmente Deus - Deus, o autor da Morte, cuja presença implacavelmente fria ele sentira nos seus dias de leito e...e a mesma Morte que lhe arrebatara "ela"!...

Lágrimas!...lágrimas! lhe caíam como grossos pingos na tempestade d'alma...

Maldição! Maldição! Seria a guerra?

Malditos os que se trucidavam, num pandemoníaco delírio, vasto como um continente, e que mandam para as pacíficas terras distantes os germes de sua podridão vingativa - heróica que seja!

E as caveiras se rirão, sem dúvida, em montões macabros, lá, nas planícies de Flandres - se rirão daqueles que, de luto, vagueiam cabisbaixos e pálidos pelas ruas dessa Sebastianópolis desorgulhosa, ramos e coroas à mão, sobressaindo as flores com suas vivas cores, da profunda negridão fosca do luto!...E rir-se-ão do que de heróico trinta mil mortos, de tão estúpida morte, ressurgidos, fariam em exército de gloriosa presença, aos campos de batalha, ovacionando em cada morte um louvor ao Brasil!

Rir-se-ão da Sebastianópolis galhofeira! Sebastianópolis, cujas avenidas, numa brusqueza de danação, viram-se vazias, num hiato de horror, como se toda população houvesse corrido aos lares, num impulso único e elétrico, para varrer deles a invasão sutil e tremenda!

Coitadinha! Oh! quando ele se lembrava - em meio de que outras idéias fossem - da última expressão fisionômica da criaturinha pondo a cabecita fora do leito; do último olhar a pedir misericórdia, a pedir vida naquela angústia da morte aproximadamente, passo a passo, a pedir misericórdia no seu pavor infantil a ele, ao espaço, ao indefinível - oh! que sofrimento lhe apertava o ânimo!

Entretanto ambos, no princípio, chegaram a se rir com a "sá" Nicota, do medo dos outros e ele, naquela mesma saleta, úmida, a suspendera aos braços, perguntando num quixotismo muito frívolo: - "Queres ver a espanhola! É muito bonita..."

"Aquilo" era benigno: e, de vez em quando, para variar, era necessário que a cidade sofresse um contratempozinho!...

Ai da vida, se fosse todo dia o mesmo feijão-e-carne-seca! Coisa benigna e de desentorpecer todavia...e assim é que gracejava com os vizinhos, até que, na terceira tarde, gritos lancinantes, numa desenvoltura e num descompasso loucos, foram ouvidos, forçando-o a abrir a janela dos fundos!

Já lá estava a modista, muito pálida, com a cabeleira a fazer; e ele também aterrorizado, pele fria e seca, trêmulo, alheio de si, apressou-se de perguntar o que houvera...

- Fora "seu" Inácio, o dono da sapataria, pai de oito filhos... e a morte fora súbita; uma verdadeira congestão!

"Ela" estava muito agarradinha às pernas dele e tremia tanto que ele, numa visão incrivelmente terrível, já a via morta ali a seus pés!...

Oh! mas não seria naquela ocasião...

Pérfida Natureza! Às vezes, quando menos se espera...

Que sufocação! que sofrimento nestas suas recordações!...

E ele, se viria cair, febril, dali a poucos dias, desorientado, sem conseguir que a "sá" Nicota lhe trouxesse um médico, não sabendo se o sangue que vomitava era do pulmão ou do estômago, ou da garganta...esse sangue para o qual ele arregalava os olhos espavorido!...E lhe vinha a velha criada dar notícias da rua; que caíra seu Fulano, e seu Sicrano...que não pudera comprar quase nada... "os armazém tão tudo fechado, oh! que horrô, seu Liopordo!"...E mais ainda: que só vira os caminhões carregando cadáveres...

- "...aqueles defuntos todos, cobertos de lençó e tudo junto, como se fosse saco de feijão!"

Como se fossem sacos de feijão! Oh! os que jamais se viram! os que se viram, indiferentes, ao acaso, uma ocasião, talvez!...Oh! os que se odiaram! e que assim foram juntos, na última viagem!

E os que se amaram, pé no rosto do outro, numa promiscuidade extremamente acanhadora, tal a Fatalidade escarrasse sobre todas as misérias humanas, na mais grave circunstância pela qual pudessem elas passar!...

Inda isto sentia, no meio do seu delírio: um delírio covarde, que o fazia chamar a pequena a todo instante; a fazê-la assentar junto dele, apesar dos seus queixosos protestos, porque de fato lá estava ela sempre a brincar...Vinha, um tanto resmunguenta, de cabeça baixa...

Coitadinha!

E um prego! e mais outro prego!

Quem o diria! - Como parece resignada, na imobilidade azul em que está, de olhos meio cerrados!

Quem o diria?

Fazê-la amada assim! Deus... e Deus depois tirá-la! Tirá-la dele, que a amava tanto a ter a superstição até de que “ela” jamais morreria!

Porque seria impossível de fato morrer, quem tanto fazia vivida uma alheia vida!...

- “Sim...ela vale tanto! Não pode morrer!”

Pam! pam! pam!

Um ar triste e frio vinha lá, de fora, da rua; da cidade. Da cidade...e a cidade seria desvitalizadamente triste. Era da cidade esta atmosfera lúgubre, em zoda, tal fossem as pulsações do peito estuante dela - a febril Sebastianópolis.

Febril Sebastianópolis! Oh! orientalesca princesa, tu te derreaste no divã de tua privilegiada natureza, envenenada por um vento mau, que te surpreendeu em pleno festim!...um vento do deserto nos teus paços mouriscos!...

Pam! pam! somente duas tábuas!...

Havia sido tão difícil arranjar essas que os pregos já haviam conjuntado! Oh! se não fora o Florêncio, no seu gesto inesquecível de generosidade, ceder-lhe aqueles dois caixões, nos quais, irritantemente, teimavam ficar, em irreverência humilhante, perversa, as letras garrafais: Adriano Ramos Pinto - Porto!

Maldita incoerência das coisas deste mundo!

Um grande enojo lhe vinha, sem saber de quê...

Que angústia!

Descansava nos dedos lassos o martelo...

Que angústia! E refletia, como nos seu dias de febre - de que vale a vida?

De que vale a vida, se ela é feita para “isto”? Tanto esforço, tanto sonho, tanto ideal...e um dia, uma megera aparece, faz uma careta, sopra no baralho de cartas e ficamos nós a sentir que é muito estúpido termos um cérebro para sonhar e mãos para agir quando o fim de tudo isto, muito surpreendente, é: reconhecer que o sonho e a ação foram uma *blague*, uma perfídia da natureza! do Destino!

Por que, de fato, sonhar e agir, sem nunca termos o prazer final de apreciarmos nossa obra? Cumpre à morte o interromper algum esforço...a nossa morte, ou a morte de um ente caro! De um ente caro que é enfim a nossa morte, outrossim.

Com os olhos cheios de lágrimas, olhava para “ela”, tão pálida, no seu revestimento azul...

Sonhamos tanto! e tão nítido! Oh! por certo que existirá uma região, onde esteja o final dos nossos sonhos, a doce apoteose

deles...deles, os sonhos tão dignos de se realizarem, tão justos!  
E tão justa efetivamente a nossa cândida felicidade! Oh! sonhos  
de almas enamoradas!

Oh! sonhos sempre belos, mesmo no sombrio sofrimento de  
um enfermo, em maldita e avassaladora peste!

Sonhos! sonhos! e aquela desilusão!

Pam! pam! pam!...

E esboroam-se impérios em superfícies infinitas...e esboroam-  
se civilizações... e esboroam-se mundos... e vem a Peste, e vem o  
Mal, e vem a Destruição, dos pequenos aos grandes, dos majestosos  
aos humildes!...

Pam! pam! pam!

Mais um prego!

E há lágrimas em tudo, e só o problema da vida-e-morte resiste,  
como um estribilho imperecível, no pomposo hino do Universo!

Pam! pam! de que vale a vaidade?

A vaidade - Hah! hah senhor magistrado que, de roupão e  
face cadavérica, estais a cozinhar parques legumes para a família,  
toda a guardar o leito!...

Hah! hah! quando esperáveis por esta, ó desastrado cozinheiro  
da última hora! Olhe, eu cá tenho tido um amigo, operário, que  
me está a fazer o serviço! Tratei-o sempre tão amigavelmente...

- Vaidade!... Mas, ah! ele tinha o mau costume de se recordar  
dos serviços prestados pelo Joaquim; o mau costume, porque, de  
fato, era menos pela gratidão, que ele se recordava do bom amigo  
do que pela vaidade de haver merecido aquelas provas de amizade  
Vaidade! Hah! hah! hah! Vaidade e sensualidade!

Pam! pam! Um prego...

Sensualidade! E lhe vinha a onda má!...

"...num último coleio, enfim, bárbaro, monstro, louco, eu arrancaria  
de mim um pouco dessa minha matéria pervertida e arrumar-lhe-ia lá  
dentro, lá para as profundezas do ventre dela...e ela, num último coleio,  
anunciaria que sua perdição satisfeita, sugara, sedenta, selvagemmente  
sedenta, esta delícia macabra arrancada às profundezas do meu corpo e  
que a guardaria avaramente, para perpetuar, numa suave cabecinha  
anelada, o delírio celestial do nosso crime!"

Uma cabecinha anelada!...

Treme, treme, martelo! Oh o fim!

O fim...de tudo!

Caixeirinha gentil para que, se o fim...E é contudo a vida  
um desespero, que espera...

E sua cunhada! E sua Mãe? oh! as travessuras que ele fazia,  
em pequeno, talvez tivessem acelerado o fim da boa Mamãe!

Não soubera ele amá-la como devia...não o saberia amar também “ela”...e tudo assim, feito para o sofrimento; para o sofrimento dos que sofrem a inconsciência alheia; para o sofrimento dos que, um dia, vão a se lembrar que foram inconscientes, e fizeram sofrer!

Fizeram sofrer aos que lhes foram mais caros!

Coitadinha!

Ah! se a “sá” Nicota viesse!...

Martela! martela! a tua angústia!

Se a “sá” Nicota viesse! Ela viria a contar, muito ofegante e corcunda, que vira caminhões com cadáveres; que fora ao Necrotério ver os defuntos todos juntos naquelas mesas de mármore e pelo chão, tresandando, no mais insuportável mau cheiro...

- “Tudo fedendo, seu Liopordo! Rico e pobre, tudo fedendo igual! Pra que, seu Liopordo, tanta prosa desta gente graúda?”

Sim, para quê? Ele se recordou do dia em que, depois de arrombar a porta do palacete, em frente, com o Manuel Duarte do armazém, vira o mais trágico espetáculo!

- “Oh! por Deus, seu Duarte!” E lá estavam na grande cama de vinhático dois esmagriçados corpos adultos, a erguerem custosamente o peito, sob a pesada coberta azul, pálidas faces enterradas no travesseiro!...

Horror menor este! Ao lado do casal, que já não podia falar, na caminha de vime jazia, arroxeadada de decomposição, uma criaturinha gentil, lábios quase cerrados!...

Pobre gente, apesar dos seus haveres!...E fora o Manuel Duarte convidá-lo a arrombar aquele palacete, fechado havia semana e tanto!...

Pobre gente! e um mau cheiro, comum a todos que se extinguem, pairava duendicamente no ar!...

E a criaturinha gentil...tal qual ela!

“Ela”, talvez lhe fosse ingrata em vida, mas assim mesmo...oh! ressurgisse ela, o seu adorado sonho mau!

E fosse como a Mamã, mais tarde, naquela sua mania de segurar com os dentes o pão, os biscoitos, enquanto entre os dentes dele estivesse a outra metade!

Pam! pam! pam!

Por que lhe ficar na memória aquele gesto característico da sua defunta companheira?

Um prego! mais outro prego!...

- Haviam batido?

Nem uma visita...

Oh! como ficava ele afetuoso quando lhe aparecia, naqueles dias, uma visita, um amigo, que casualmente escapou do flagelo e casualmente lembrando-se dele, o vinha ver. Envolvia-o então num grande aconchego de carinho; perguntava-lhe pela saúde, com detalhes estranhos; aconselhava-o, com solícita ternura de vovô muito experimentado....

- "Cuidado! cuidado, meu querido! Olha, cheira sempre o mentol, quando safres...Agasalha-te bem, põe as galochas..."

Os amigos contavam-lhe coisas estranhas, incríveis, como aquela do Eduardo! O Eduardo vira, na rua da Alfândega, de um segundo andar, arrumarem cá para um caminhão cadáveres, um...e outro...e depois outro...como sacos...

- "Sim senhor...Eram, sem dúvida, de sérios...e faziam plum! plum! quando cafam! E um sujeito derramava lá, de cima, água com creolina, porque era um cheiro danado!"

O Manuel Borges comentava:

- "Tornaram-se todos bons e caridosos agora, meu caro! Muito sacana, que era cheio de "pose", pede agora licença para entrar no banco do bonde todo cheio de medidas! E todos dão esmolas..."

Arregalava os olhos:

- "Sim, senhor, dão esmolas e até chamam os pobres! Tudo mudado, com medo de Deus!"

Muito contrito, o Manuel Borges benzia-se! E tanto ele como o Eduardo acabavam chamando a pequena e enchendo-a de carinhos.

Seria uma bela moça... muito boa e caridosa criatura como o Pai!

Beijavam-na; perguntavam-lhe se gostava de balas...E ela olhava-os, séria, pensativa....

E ele? Tinha também planos...

Sim, confessara, tinha seus planos; de...de pedir a modistazinha...não por ele...mas...mas por causa da pequena, que precisava de...E...e não sairia mais à noite ficando em casa com a família...mais agradável, mais confortável assim... e evitaria as constipações!

Protegeria o Joaquim e...e outras coisa mais... tantas, e tão curiosas que ele faria!...

Os amigos escutavam-no, às vezes distraídos...

E ela, a doce criaturinha...coitadinha!

Coitadinha!

Um prego! Mais outro prego!...

Mas enfim? Como fazer? Pedir a um cocheiro da Funerária que a levasse, substituindo "outra" por ela?

Outra, mais "fresca" ? que pudesse esperar mais tempo?

E um calafrio mortal, inconcebível, lhe vinha ao lembrar-se

de que alguém já fizera isto, segundo noticiaram os jornais!...

O martelo lhe tremia nas mãos! Mas...bate! bate!

Pam!...Mais outro prego!

E a cidade, à noite! Oh! seria à noite, sim, o trajeto fatal!

Oh! ele enlouqueceria!

Depois...quem sabe, ao dia seguinte? aos pontapés, no Caju, pelos penitenciários, raivosos, incontíveis, aos furores do sol sem peias ou às chibatadas da chuva implacável...

- Um...mais um...e outro...oh! danação de nunca acabar!

E "ela" também...oh! Deus do céu!

- Um bonde...um auto...Como estremece a casa irada, impaciente, ao passar dos veículos raros que lhe rompem o silêncio sepulral!...

E o sepulcral silêncio da cidade...

Angústia! Quando acabaria toda esta catástrofe!...

Para ele...oh! jamais!...Que lhe valeria a vida, agora?

Pam! pam! pam!

- "Eu serei seu criado, seu escravo, se o senhor for salvá-la! Por misericórdia doutor!"

Mas quem haveria de dizer que ela cairia assim tão depressa?

- "Tá doendo aqui! E tá quente!...Quero deitá!..." choramingava, impertinentemente.

E "sá" Nicota:

- É preciso chamar o médico!"

- "Mas onde? Onde, meu Deus, eu encontrarei um médico?..."

E a chuva caía...como estava a cair então, aos pingos, sem vontade, desanimada...

Ah! se sua cunhada, pelo menos, estivesse ali! Oh! por onde agora?!

E jamais...jamais veria ela o querido anjinho!

Oh! aparecesse a "sá" Nicota! Velha megera, no dia em que lhe anunciara:

- "Chi, seu Liopordo, agora chegô a vês das criança e das muié! Só os véio escapa!"

A vez das crianças!...

Pam! pam! pam!...Um prego! Mais outro prego! Oh! ele a vira um dia, no delírio: tão estranhamente! Ele a vira: numa planície vasta, sem fim, escura e pantanosa, numa planície tenebrosamente febril, lá ia "ela", a galopar sorridente e vitoriosa, um falcão ao braço e longo cortejo, a segui-la; - cortejo de guapos moços em vivos ginetes...

Upa! upa!  
Que fique ela, tão formosa embora, a chorar sobre seu túmulo... minha querida, que moça assim, moça e triunfante seria!  
Sobre seu túmulo numa planície vasta e escura, febril!...  
- Tremendo aspecto em tudo, naquela sua casa, onde uma agonia profunda boiava, silenciosa!  
Pam! pam! pam!  
Coitadinha!  
E no princípio haviam tanto rido!...  
Oh! Senhor, um castigo seria?...  
Mais um prego!...  
De que outro modo? Num carrinho de mão, mesmo que o fosse! mas em vão o procurava!...  
Danação inconcebível! Que seria dela?  
E mais um prego! Pam! pam! pam!  
E outro!...E outro prego!  
As lágrimas já não tinham conta!...  
Um último desejo! - Ele morreria de dor!  
Pam! pam! um derradeiro prego!

E depois...e depois a rua foi-lhe sombria, e tudo lhe foi passando em visões vagas e sem nexos!...Bondes, transeuntes, automóveis, um bêbedo, caído ao pé de um lampião, uma criança com umas latas às duas mãos!

E lá adiante, parecia divisar um caminhão...

Tudo em sombras, vago, delirantemente irreconhecível!

Como pesava!...

Coitadinha!...Avante!...

Maricota sai da chuva...  
Deixa, deixa de imbromá,  
Maricota, sai da chuva...

Ele abriu mais os olhos; escancarou-os, num pavor apalermado!...  
Já alcançara o caminhão! Era o cocheiro que cantava, com o rosto muito rubro e a cabeça caída polichinelamente:

...deixa de imbromá.  
Maricota, sai da chuva!  
Que tu vai te aconstipá!

Como pesava! Contudo antes assim, do que ser rodada ela do vagão da Light sobre uma prancha, para o portão, tal um fardo!

O portão...o portão do Caju já lá estava!

A cidade jamais se reergueria, por certo! Oh! terror! Sem vida, exangues, luzes amarelas de cérios lá, dentro, através das vidraças...

E a respiração estuante da Urbe no espaço, ele sentia! fosse assim a modorra crepuscular de um febreento.

Mas que lhe importava? E caminhões e coches às portas...num silêncio tétrico...Lá!...

Lá...um fazendeiro de Minas, barbado...um coronel, de vistosa farda...um estudante...um comerciante de cara sebosa, ainda assim...e lá, a ficarem juntos, na solidão fria do Nada, e “ela”...

Mas que lhe importava tudo isso?

- Que seria dele?

...e a queda do pequeno volume produziu no solo um som oco, profundo e gemedor!

Teve impressão de que a terra, rancorosa, se ia abrir para tragá-lo, num surto cataclísmico!

O portão do cemitério lhe parecia uma escancarada fauce de condenação!

- Só na terra? Que iria fazer?

Aos ouvidos lhe vinha sempre o eco de um prego! mais outro prego!

Oh, a única solução; pô-la ali, num tosco caixão, ao portal do Caju!

- “Minha filha!”

Se ali estivesse, pelo menos, a “sá” Nicota!...De fadiga, de comoção, ele não podia andar...

Que esforço!

A cidade mergulhava-se, cada vez mais, numa tristeza asfíxiadora!...

Pam! pam!...

Ele se bestificara, imóvel, à frente do vasto campo santo, lacrimajante, apavorado! E parecia vê-la ainda, no último instante, olhos já virados, fazendo um esforço para erguer o bracinho...

- “Papai! Vem cá!”

- Coitadinha! Minha filhinha do coração!

- E um prego! Oh! a obsessão!

- Que seria dele na tremenda angústia?...

Mais outro prego...E outro...

Pam! pam! pam!

(Tumulto da vida)

## AVANTE! AVANTE!

### I

- "Maria! Maria!" E ao notar a indiferença com que ela respondera, sentia uma angústia, um frio de desolação, tanto maior quanto mais engendradoras de acovardamento haviam sido as sensações por que ele passara naquela noite memorável!

Naquela noite memorável...

Uma descarga desentupira-se e salpicara sonoramente o espaço, de súbito, numa meia-surpresa satânica, macabra, como um horrendo impossível realizado!

E, zozzo, despersonalizado, sentindo a vida fugir-lhe do corpo, tal fosse ele pouco a pouco se reduzindo a um espectro, conservava aos ouvidos, com uma teimosia implacável, o "tra...a...ach"! aberto, escancarado, das balas, tal um esparramado hiato de Morte.

Conservou-o, no meio da pandemoníaca confusão, até que sentiu ao lado, num surto de emoção estrondosamente negro, o baque de um corpo.

No meio da confusão...e era um cataclismo em zoad, onde mal se relevavam os sons; som das balas seco, ou a zunir; som das patas dos cavalos, achatado, num ritmo heráldico, no calçamento; vozes humanas, gritos, imprecações; som arranhante ou sacudido das portas metálicas dos cafés, fechados precipitadamente... E no meio de toda esta confusão trágica é que percebeu um menino no corpo que caíra.

Um calafrio físgou-o dos pés à cabeça, ameaçando deixá-lo ali, inerte, junto àquele; mas um assomo de vitalidade dominou-o fazendo com que ele visse, num instante, a perfeita e surpreendente realidade: assim foi que, com os olhos ainda pasmos sobre as convulsões tetricamente polichinélicas do pobre garoto, principiou ele de escorregar pelas paredes, trêmulo, vencendo polegada a polegada, num receio desorientador da Morte.

Sem saber como passou-lhe pelos olhos, num clarão suave, a figura branca e esbelta da esposa, e uma maior covardia pareceu reter-lhe os passos...Os olhos se lhe umedeceram mesmo de lágrimas; contudo tomou-se novamente de coragem entre o fragor crescente da refrega e, vencendo a dificuldade imposta por um grupo de populares que se cercava contra a parede, chegou ao espaço onde três cavalarianos despediam chanfalhos a esmo!

Não saberia explicar como atravessou este novo motim, tal o estado de inconsciência em que o deixara a necessidade irremediável de romper avante, de se desvencilhar daquele mundo de pavor!...

Respirou a plenos pulmões quando se viu livre da orgia de violência, levando até uma certa satisfação de ter presenciado o fato - o sensacional fato - e de agora estar livre enquanto outros lá estavam, a correr. Avançou muito pela rua, sempre assustado e satisfeito, naquela redenção animosa de salvo; até que chegou a um café, cujo dono fechava precipitadamente as portas...

- "Espera aí, chefe, por favor!"

- "Baim! baim! mas entre depressa, que a barulhada baim por aí, e eu non quero histórias..."

A primeira idéia que teve, naquele recinto de mesinhas alinhadas e de armação muito desvernizada, foi a de se dirigir ao quatinho, desoprimir-se da angústia vesical do seu pavor...

E o fato é que, naquele estreito espaço, escuro e fétido sentiu-se bem, pela calma que lhe afagou, espojantemente, todo o ser!

- "Arre! que sempre está aqui um lugar onde não temos o motim...nem eco de motim!"

E tomado de um desejo imbecil:

- Ah! quem me dera ficar sempre aqui!

Duas grandes pupilas verdes cintilavam naquela escuridão e, por elas, reconheceu um gato que ali se deitara!

Feliz bichano! Feliz...como os humildes!

Voltando ao espaço triste e vazio do café, que já começava a se desarranjar para a limpeza, assentou-se ao lado de uma das últimas mesas e pôs-se a conversar com o "homem"- ele, desorgulhoso, cheio de atenção diante daquele rotundo mangas-de-camisa, que o acolhia ali, enquanto a "encrenca" se danava, lá fora!... E o homem, dentro em pouco, era senhor da palestra, falando ele só, a atacar os deputados, os políticos e toda esta futrica de inimigos do povo!"

Teófilo Pais, porém, foi-se alheando, a pensar naqueles seus "assuntos prediletos", tal uma voz lhe discorresse aos ouvidos:

- “Por que és teimoso? Não vêes que é uma utopia toda organização social fundada na igualdade?”

Não há duas coisas iguais no mundo, nem mesmo equivalentes... e vê tu aquela tábuca esburacada de escuro compartimento fétido... Como te inspira piedade! Quantas outras tábuas nos palácios! Até com as coisas assim é!... E diz-me tu: este botequineiro poderia algum dia ser filósofo? Oh! é uma aberração; o mesmo século que descobriu que, para diversas estruturas, existem diversas modalidades de vida, e para diversos órgãos diversas funções, queira agora incoerentemente fazer de todos os homens iguais, sejam quais forem as suas capacidades vitoriosas!”

Parecia-lhe que era o Romeu, o céptico Romeu Alves, que lhe falava! E em seguida:

- “Tu és um fantasista! Tu amas agora os operários, porque os vêes divinizados nos romances que lêes!”

E “ela”!?... Oh! ele a via tão leve, tão fugidia na sua lembrança, quanto era nítida e persistente a cruel verdade de que: ela lhe estaria sempre a fugir na vida! E que, apesar de ser sua mulher, jamais ela seria bem!... bem! dele... Não sabia por que, mas a figura do Teles lhe surgia à mente, tal um pavoroso espectro!

Que ruído! Seria ainda o sibilar das balas lá fora? - E o homem de manga-de-camisa a falar, a falar sempre em deputados, em chefes políticos, em presidente, em governo...

- Corja de patifes! Exploradores do povo! E é por isso que anda tudo mal!...

A falar ia sempre limpando a mesinha...

Corja! Deputados... ele os odiava, outrossim, a estes medíocres ambiciosos, cafajésticos, felizardões dos governos de republiquetas!... É procurar-se a mais definitiva desilusão da democracia, assistir a uma sessão do Congresso, desilusão angustiosa, opressora, tal fosse a gente esbarrar com um pântano estéril e tetricamente amodorrado, de sórdida viração, ao fim de uma gloriosa marcha libertária! Ele não se iludia mais com o que havia de falsa e agitadamente interessante no tumulto de uma discursão de oposição, durante o qual humilde, nas galerias, se entibiava num certo receio vago de ficar desapoiado na anarquia proveniente do ataque à Ordem!

E após esta oposição destemida, provocando, num bruaá tremendo, gestos desordenados e convulsos de cabeças com protestos, apartes e braços empinados - um vozerio louco e desordenado de fraques, paletós e casacas - um pobre-diabo vai

substituir o relativo silêncio que se faz!...E o pobre-diabo fala só, sem ouvintes, sobre...sobre agricultura, sobre um outro qualquer assunto de severa e solitária relevância.

Sobre agricultura! Era-lhe sempre muito agradável este assunto calmo, cheirando a campo, à fresca prosperidade de loiras messes, depois da catástrofe desmoronadora do orador precedente que mostrou a pátria arruinada; rasa, em fumo, aos ouvidos mesmo dos tesos soldados calmos, a manterem a ordem ali, nas galerias!...

Mas, enfim, que ruído este? Seria ainda o tumulto?

- "Olá, bae saire assim mesmo?"

Deixou o português, meio espantado, e que se interrompera de falar dos "pulsticos", gaguejante, a balouçar o ventre!

Tímido, ainda na incerteza de voltar, depois que o báculo vulto do homem do café suspendeu fragorosamente a porta de ferro, ele ganhou a calçada; antes porém parecia que estivesse para esganar o botequineiro, de raiva, no momento em que este fizera com a porta um ruído denunciador, que lhe abriu aos olhos uma espécie de alvorada negra nos agradáveis horizontes de ar livre, e de esperança, que se lhe haviam escancarado!

Misteriosamente apareceu-lhe de novo a lembrança "dela"! Oh! sim, era uma obsessão! Há pessoas que vivem na lembrança de outrem pela saudade do corpo; outras pela saudade de espírito ou da alma...

Enfim outras pela saudade de um indefinível que nelas reside!...

- Maria! minha Maria!

Na rua, desta vez, foi-se aproximando, ao acaso, de um cavalariano, numa decisão louca de esbordoá-lo! Quando, de brusco, o policial vira o animal para o lado dele! Uma surpresa estrondosa tumultuou-lhe no ser: como era possível aquele soldado, que naturalmente tinha alma e tinha noiva ou filhos, voltar-se contra "ele", que nunca lhe fizera mal?

- É a polícia, meu ingênuo, no seu incontido rancor antigo do povo, esperando dias "festivos" assim, para se vingar!...

E no meio da ruidosa agitação desordenada, um pedaço de chapa de ouro brilhava aos seus olhos, teimoso, estranho, nos arreios de um animal à frente!...

Fora do tumulto mais uma vez!...

Mais uma vez e dessa vez os passos o levaram longe...a uns terrenos baldios...

- "Mas nós havemos de vencer! Avante! Avante!"

Estrela que lá estás, no alto - cabotina!

Cabotina, porque brilhas tão serena e esplêndida e contudo alumiarás, em outros mundos, tantas outras dores! Como no nosso mundo!

- Avante! Avante! O povo há de vencer!

Mas um desânimo brusco o dominou, como se no novo país de suas esperanças, um cortejo de velhos e renitentes perseguidores, vindos da antiga pátria-sombria o fosse procurar. Vencer?

Ah! bem tinha razão o Leonardo, na sua palavrosa teimosia rouca e compassada ao lado da lâmpada coberta de papel vermelho à sua triste casinha de operário, com "ela" encostada à mesa! Com ela a costurar, silenciosa, distraída, na graciosa e simpática ignorância àqueles assuntos graves; tal uma bela adolescente grega fosse, no meio de uma assembléia de bárbaros!

Vencer? Vencer como?

Oh! que angústia profunda no seu desânimo!...

Como? Se a própria fatalidade das coisas parecia descer, irremissível e soturna e sombriamente, uma muralha contra o alvoreço gritantemente generoso dos ideais libertários?

E o pensamento que se esboçara no café, numa cintilante síntese embora, parecia se desenvolver agora horrorosamente minudenciado, apesar de lhe proporcionar certo gozo, como todas as vezes acontece com as verdades que se aclaram.

E seu ser debruçou-se sobre si mesmo, na volúpia do pensamento, que repousa do mal-estar da dúvida...

Vencer como? Como, se são tetricamente desiguais os seres?

Fracos e fortes; pequenos e grandes, por natureza; glórias e misérias físicas, estúpidos e inteligentes, já não falando dos outros acidentes mais particulares da forma, da cor, da estrutura - a Natura que fez os seres para viverem uns à custa dos outros, para se aniquilarem, como poderia ela admitir a igualdade, a liberdade e a fraternidade, que são os conceitos mais antagônicos ao plano geral e intrínseco de sua obra?

Oh! quando ele via esta imensa urbe-maldita, de longe e do alto, dos montes que a circundam...

- "Mas - e desinterrompia-se esta sinalefa ao seu espírito, engendrada pela repentina atenção prestada à cidade que se estendia avante... - mas a humanidade para progredir tem que se desanimalizar algum tanto e há pois que contrariar a Natureza...

É esta rebeldia sua maior glória, sua quase divinização!..."

- Oh! a Humanidade progride alongando paralelamente a vitória dos dois eternos princípios, antagônicos: do Bem e do Mal! Progridem, em quantidade e qualidade, no afã inconsciente e desorientado dos Séculos, tanto os estabelecimentos de caridade como os arsenais de guerra...

Ela tem que se corroer!...No mistério enlouquecedor do seu destino, esta porta se levanta, com tétrica evidência: - É tanto humanidade o corpo como o cancro...

As leis da Natureza, no fundo, são irredutíveis e atrozes!”

Um clarão arroxeadado, como um estampido de majestoso incógnito, augustamente pavoroso, estrondou ante seus olhos!

Ser tão insignificante! ter apenas inteligência para aperceber-se dessa insignificância ante o Infinito insondável! De que valem nossas questiúnculas de homens, perante o Universo?

Mas razão qual é de aqui existirmos, neste átomo do Supremo Todo, desiguais, a nos hostilizarmos à revelia do Grão-Senhor, que não aparece?

- A Natureza!...

Esubugalhava os olhos emocionados na escuridão que lá ia ter, à longínqua cidade, exultante na magia da Luz!

- A Natureza! Mas enfim as leis eternas...Enfim as leis da Natureza, quem as engendrou?

Oh! por misericórdia, quem é o Espírito criador e motor desta Impiedade - desta Fatalidade dos seres alimentarem a outros e de outros seres se alimentarem, numa compensação absurda!... Por qual finalidade?

Criar e destruir só com o prazer de ter um mundo?

Quem é o Espírito que se comprouve em criar o Mundo e o Mistério para o sofrimento?”

Que asfixia profunda, no seu desânimo! Até a cidade se ia a afundar no desespero com sua magia, em estranho estilhaçar de sombras!...Mas, não...

Avante! Avante!

Era certo que ele queria, sinceramente, a igualdade?

A igualdade!...

Oh! um dia, relaxada a glória da existência na delícia reles dos instintos sem peias! - em decadência o mundo - sublimes apóstolos dos destinos superiores arremessam a ouvidos humildes as tradicionais verdades, que sustentam o desenvolvimento do gênero humano...Ei-los, poderosas e altruísticas unidades enfrentando as miríades de ambições e de erros, e instilando no corpo da grande massa a utopia persuasora de que “somos todos iguais!”

Todos iguais! Não, de Deus viemos: para o Nada fraternalmente e implacavelmente todos iremos!...Abdiquem pois os grandes do seu valor, em prol da pequenez dos humildes.

Sublimes ingênuos, os sublimes perversos, que percorreis pedregosos caminhos de vagas regiões ignoradas, com a ridícula atenção de meia dúzia de reles vagabundos até um dia terdes no nicho maior da credulidade humana a supremacia da orientação dos Séculos!...

Grandioso contraste! E que turbilhão de imprevistos no evoluir dessa vitória crescente!...

Salve! Salve! o tumulto ciclópico da história humana!

Contudo, eterna irrisão! Dos ideais dos sublimes criadores das religiões, tiram os poderosos o que lhes convém e a infinita miséria dos humildes torna, muito em breve, ao seu rastejar indecoroso e canalha, pedinchona e revoltada, até que um novo Harmonista genial venha tomar na Sinfonia dos destinos humanos o "motivo" de Piedade e dos utópicos sentimentos altruístas!

Um desmaiante desânimo tomava-o cada vez mais...

Como é doloroso "pensar"!...

Sublimes ingênuos!

Exigi, quando muito, o cabotinismo da caridade esmoler!... Mas...queria ele sinceramente a igualdade?

Não, em verdade! Amava mesmo esta ordem, este *statu quo* estabelecido pelas leis da natureza, a qual dava uma base irrevogável à existência dos Fidalgos!

Fidalgos! Sentia-se ele fidalgo! Uma vez (como se lembrava, orgulhoso!) esperava uma amante em quase-perdido casarão de tolerância, numa das avelhantadas e desenxabidas ruas do Mangue!... Uma desesperança, uma má-vontade, um enojo de si mesmo, fazendo-o fugir de si, com o brio pisado abatia-o até que, de brusco, olhando pela janela aberta, avistou lá, na saudade do inatingido, Santa Teresa, iluminada, num longo traço vitorioso de hosana!

Hosana! Sentiu, como nunca, o trágico de sua superioridade, a anomalia apavorante da sua excepcionalidade e saiu daquele quarto banalíssimo como que redimido, em cruciante glória, pelo desapego ao corpo da operária que ele esperava!...E redimido saiu pela visão vitoriosa da altura solenizada de Luz, que dominava a Urbe - a Urbe de maldição: de miséria e de esplendor argentário!...

Ele, um operário fidalgo! Ele, um dos que queriam a revolução (esta era a verdade!), para terem o delírio do Poder! para experimentarem, na memorável tarde rubra da Vitória, a sensação suprema de possuírem a cidade transfigurada sob o divino da situação deles...a cidade transfigurada, suprema de heroísmo triunfador e escravizada entretanto à vontade "d'Eles"!...

- "Em horas, toda esta cosmópolis, que não dá pela minha existência anônima, tornar-se-á uma serva ao meu mais esquecido gesto..."

E as fanfarras da Glória, a tronitruarem, levando os ecos ao longe, muito longe, com os últimos adeuses do homem que ele fora e que...e que então, plangentemente, já não era mais!... oh! a prematura saudade!

Agora, era o "Supremo!"

- E dali, de onde estava, parecia que a cidade se estendia avante!...sem termo!

Remexeu-se, nervoso de emoção, sobre a pedra e agigantou estaticamente o olhar, como se quisesse levar à retina, no extremo do seu poder visual, a cidade gloriosa.

A cidade gloriosa e sofredora - cintilante da glória de sofrer, com o fulgor de suas injustiças e de suas desigualdades, comburidas em honra ao seu Apogeu! - a cidade, separada dele pela treva que afundava a campina num nirvânico silêncio... Assim, da treva de sua angústia, os espíritos bons, os Maiores, vêm a iluminada maldição dessa cosmópolis, que é a Vida Humana!

Cidade sofredora!...

Recordou-se daquela tarde ainda, em que, passando por um ancestral casebre da rua Senhor dos Passos, deparou com umas crianças maltrapilhas brincando, em mui anêmica moleza, sobre a calçada, enquanto um espectro de mulher espiava, pela rótula, com um mostrengo petiz ao colo e um homem-barbas, em mangas de camisa, pregos em uma tábua, renitente e rancoroso, no reduzido e sórdido espaço, escuro. E pensou, sacudido por esfuziante surto de mágoa:

- "Que farão estes? Que farão durante dias e dias, meses... e durante anos? Durante a vida inteira, que farão? Que idéias nobres poderão alimentar? Que ideais?..."

Que interesse terão de viver? Que consolo para as suas dores?...

Um mal-estar de espírito e de coração o sufocava, enquanto ia vencendo a mísera viela.

- "Viverão sempre - horror! - na mesma chateza, tetricamente desinteressante, até...o fim de seus dias?!"

Sofrer, sem esperanças! sem horizontes!...sem nenhum conforto no sofrer!...

Contudo...contudo a delícia passiva do sofrimento, e da servidão..."

Derreante frescor, esse lhe vinha ao ânimo!...

- "A passiva delícia da servidão, do humilhamento!... Saborear, no manso relaxamento da despersonalidade, o caldo-

rústico à tarde, cercado pela insignificância rota dos seus, e ao lado aos animais, irmãos de fome, de pequenez e de plácido-ser...e sentindo, ao além da quietude dos arrozais e da pastaria, o zelo semicarrancudamente patriarcal do senhor!...Delfícia!...

Delfícia das delfícias!...de serenidade!

- Sobre a tordilho, pomposo, verdade é que pode aparecer!... E um ódio soturno, cavernoso, pode o “mandão” suscitar no estupefaciente desaforo de querer ele, carne-e-osso, a carne-e-osso espezinhar, carne-e-osso do seu humilde trabalhador...

E do trabalhador, na revolta cavernosamente acesa, como é esplendente essa visão augusta: vê-lo tombado, cuspidor, o grão-senhor! na afronta reles do chão...

- “Rasteja-te miserável! Experimenta como é bom o humilhamento!...Rasteja!...”

Mas...ah!

Ah! Ele, o mísero, nas lágrimas que supura de dor, verminando-se pelo chão...ele chora as lágrimas, outrossim, pelo filho que perdeu, o mísero!

- Pelo filho!... Levanta-te! Dá-me a mão! Nós somos iguais! Nós somos irmãos!...

Iguais, não pelas venturas! têm-nas tu muito mais do que eu! Mas somos iguais pelas dores supremas, que nos são as mesmas!...

Ouves? No concertante imortal dos Séculos há a nota espectral de um *De Profundis*, que acompanha macabramente todos os adágios, todas as marchas fúnebres, todos os *scherzos*! É a agonia quase diária, de todos nós, grandes e pequenos!...Pelos Séculos! pelos Séculos afora...ouves?

Há sempre uma hedionda mancha em todo Triunfo de guerreiro, de capitalista, de soberano, que seja! Vê, de novo! Na infinita sombra do Enigma, que é a história humana, reconhece contudo a cataclísmica aluvião dos revoltados ou escravizados gestos da Plebe, que por aí rompe tremendamente rasteira...por aí rompe, sob os píncaros onde esplendem de glória os Grandes do mundo!...

Rompe! É um cataclismo!...

Eia! Sus! aos gritos de revolta!...Morra! Fanfarras, estardalhaçai o silêncio duêndico e criminoso dos espaços... estardalhaçai! - mais!...

Mais!... Fanfarras... e lanças, e arcabuzes!... Sus! Morra a tirania!

Avante! Avante!

Sus! Viva a Liberdade! Fanfarras! Fanfarras de luz, publicai o crime

incrível dos subterrâneos da História! Lanças, fazei um estirão de justiça através do barrigudismo da sórdida burguesia e do penacho inconsistente dos fidalgotes...dos que se fizeram grandes à custa do larapiar e do morticínio!...

Sus! Avante! Avante!

Fanfarras, mais! Muito mais! Até acordar o Supremo Autor da mor-crueldade, que é a desigualdade humana!...

Um engodo; uma revolução! uma religião: um engodo, a mais... e sempre o mesmo miserável cortejo!...

Para onde?

Todavia...todavia uma trégua, em honra ao sofrimento humano!

Divagava pelo campo tenebroso, tão emocionado quanto aquela tarde, na sórdida viela!...

- "Talvez esteja mesmo a exagerar o mal das classes pobres...

Não é de fato que o século passado, especialmente, trouxe tantos progressos de conforto, a todo o mundo?

Oh! - objetava - se diminuiu o desconforto para os pobres, durante esse século, verdade é que aumentou também o conforto para os ricos, e..."

Um lacrimejar aurorizou-lhe nos olhos, em enternecido surto de suprema síntese:

- "E...as duas porções da humanidade jamais se encontrarão..."

O silêncio, por um instante, pareceu-lhe mais silencioso! Após, pareceu sentir a cidade desvairadamente heróica num tiroteio desencadeado... e instintivamente pegou-se mais ao seu lugar, como se a campina mesmo já principiasse de ser invadida pelo conflito!...

E Maria! E sua Maria? No fundo, tudo lhe era indiferente no mundo; efetivamente, sem o eixo da vida, de que lhe valeria a vida?

De que lhe valeria a solução da questão social, sem o amor de sua esposa?...Que profunda! que cruciante dor a sua! E contudo, para esquecê-la...

Para esquecer!

Oh! os pobres, que nunca conhecerão a fúria gloriosa e exultante da Civilização, tendo-a contudo diante dos olhos! Os humildes e os enfermos, que a Natureza condena a verem a excelência da vida, sem participarem dela! Os condenados, que abrem os olhos, num lacrimoso aparvalhamento, para a incógnita razão da sua desdita!...

Como o mundo é um estranho país de desolação para os sinceros, para os inteligentes, para os puros!...

Estranho país...e onde estará a pátria deles, dos estrangeiros, tão cheios de nostalgia?...

- Os humildes! E entanto há noutros tanta vida a desperdiçar num frívolo egoísmo de aventura amorosa...numa heroicidade pusilânime de caçada...numa eterna cançoneta de boêmia..."

De súbito, sem saber como, esgalgou-se-lhe no cérebro o vulto dela, de sua mulher...Afinou-se, mais uma vez, e com a mesma mescla de satisfação e de dor: de satisfação pela afinidade misteriosamente orgânica, que sentia por "ela"...

De dor, porque essa afinidade ia-se perder no impossível de uma retribuição por parte dela, na deserta e oca realidade de sua indiferença.

Oh! nos seus dias tristes de noivado, ele jamais soubera bem se a amava...visto que, apesar de tudo, nem sempre sentia ciúmes dela!...

Era estranho! desorientadoramente estranho!...

Ou seria uma vitória do seu amor-próprio que ele desejava, para somente mostrar aos incrédulos e irônicos que ele a possuiria? Ou seria uma idéia fixa - o fantasma dela! ou o hábito de querê-la bem - ou a mulher ideal tecida em torno dela? - Era em qualquer coisa dessas - não sabia bem - que consistia o seu amor, e, pelo fato de ter a confiança um tanto vaga de que teria forças para esquecê-la - ia adiando, adiando, a extrema resolução... até que, um dia, ei-lo irrevogavelmente perdido!

Casado!

Mas ele não sabia bem...tal qual agora!...

- Um calafrio tomou-o pois dos pés à cabeça, em tétrica supresa! De fato, não era, novamente, o eco de um tiroteio, que vinha da lonjura iluminada àquele seu obscuro retiro?

Chegou a remexer-se, num pavor instintivo! Depois, olhando para o luminoso horizonte, transfigurado de sua já saudosa serenidade em apoteótica feeria de combate, pareceu-lhe ver, numa voragem empoeirada, vertiginosa carga de cavalaria sobre um monturo heróico de barricadas, enquanto às luzes, em torno, num tumulto glorioso, figuras esplendidamente pálidas arvoravam bandeiras, escancarando boca e braços alçados para o Infinito: para o Infinito da Liberdade, conquistado naquele gesto epopéico!...

Avante! Avante!...

Mais uma vez as fanfarras!...Sus!

Os arcabuzes...a metralha!...Oh! varramos, como um vendaval supremo, a desgraça humana!...

Sus! A fanfarra!! Avante!

Avante!

Avante! Mas poupemos as Pompadour e as Maria Antonieta... poupemos estas figuras de abstrata delicadeza em meio à grosseria redentora dos tumultos plebeus!...Poupemo-las e deixemo-las, muito melancólicas de nostalgia, pender a cabeça no soluço infantilizado de sua agonia!...E com elas morre a aristocrática espiritualidade!...

Avante!

Tal ele sentia, assim fosse um quadro simbolista, majestoso de dimensões, de esbelta inspiração!...

Mas talvez por fadiga cerebral deste arranco de imaginação, teve todo o seu ser a repousar-se, em seguida, na imagem de sua Maria, que lhe surgia, novamente, como uma obsessão...

Por que tomava ela, às vezes, uma fisionomia tão séria, tão distantemente pensativa, provocando mesmo frases de admiração do Teles? - do Teles que, não raro, dizia a meia-voz, assim quisesse que ela mal o ouvisse:

- "Parece que tua mulher sabe que fica mais encantadora, quando faz assim esta fisionomia séria..."

O Teles, o constante amigo da casa...cuja camaradagem que até lhe recordava qualquer coisa do aconchego de seu lar, em noites de vendaval, lá, fora!...

E contudo...por que, às vezes, esse mal-estar?

## II

Oh! como durante o seu noivado, e agora, ainda, frequentemente, ele era humilhado, ridicularizado à socapa (bem o percebiam! com que desfalecedora dor!) - as ocasiões em que a acariciava!

É que respondia "ela", com um apunhalante desdém, horrivelmente irredutível na sua manifesta sinceridade! E ele que...

Ele que ardia por amaciar o seu ser ao contato do delicioso contorno daquele ser feminino, tão genuinamente feminino, tão grácil, tão suavemente afastado, tão enlouquecedoramente inatingível - oh! este milagre sutil de voluptuoso aconchego, que não o queria admitir! - E, despersonalizado, assim, ele se sustinha com este último pensamento, com este último reduto à sua miséria de apaixonado, na angústia que zunia sombriamente em torno do seu desfalecimento: - o pensamento de que, "para os espíritos superiores, não há ridículos.

O único ridículo é a falta de sinceridade, que é sempre desajeitada, incoerente e néscia”.

Pobre dele!

Pobre! por quê? Oh! era bem indecente pensar ele no egoísmo do seu amor conjugal, costas voltadas ao amor universal; ao amor máximo pelos homens que sofrem!

O seu amor conjugal...de fundo lúbrico; chatamente, hediondamente lúbrico, tal como é todo amor conjugal!...

Que fazer, todavia? - Era mais forte do que ele!...

Pobre dele! Depois...há em todo grande homem um conflito! - pensava: há um claro-escuro, nos “Maiores”.

O automatismo dos princípios definidos não existe para eles; tudo é neles dúvida consciente...

- Meu egoísmo? meu altruísmo!? Nem o relativo os satisfaz! E a dúvida, essa duêndica amante!...

Não são os batéis dos lagos mansos: são as caravelas dos oceanos bravios!

Ah! Ah! Ele, um grande homem!...

Avante! Avante!

Qu' é lá? Será ainda o tiroteio?

Que impertinência! Por que não acabaria logo este seu mal-estar?

Pobre dele! Ele mesmo se apiedava da sua miséria...E ali, só, na escuridão, longe do festivo convívio dos homens lá, na cidade bulhenta de Fulgor, tinha ele a consciência de estar no seu elemento...de estar na sua vida natural!...Ele era bem o Teófilo Pais, triste e só, na vida, incompatível com o mundo e com os homens, cansando-se facilmente dos “outros”; das amizades, dos elogios e, às vezes de si mesmo!...

Ele era um dispéptico, que tão mal digerira os alimentos como a vida...

Dispéptico e miserável...a pensar, especialmente, na questão social!

Bela coisa!... E incompatível, até... até com ela... com sua Maria!...

De novo, escutou estampidos ao longe e, de um salto, com o ânimo desfigurado, deixou o lugar...

Aliás, já havia muito que ele quisera abandonar a rigidez amiga daquela pedra; mas como lhe acontecia pela manhã, no leito, em que a vontade de acordar precedia de muito o ato, julgando ele em sonhos que já o estava executando para, penosamente, no próprio sonho perceber que se enganava...até que, sem dar pela mutação, inesperadamente, estava de olhos abertos: - assim, inconscientemente, sentiu-se, num momento erguido, começando de pisar o solo da relva, de pedrinhas e de torrões.

- Oh! os que já nasceram aleijados, tortos, surdos e mudos, cegos, infelizes de corpo...caricaturas da vida fossem tais, entre a vida excelsa de ventura, dos outros, atirados!...

Ah! ah!...que será para estes o problema social? - A vista de um destes infelizes, nos momentos em que ele divagava consigo mesmo sobre as graves questões do século, era uma careta de irritação megértica, que o transtornava sobremaneira. E uma abafada atmosfera de tristeza e desânimo o sufocava!

- "Ah! meu Deus, se eu fosse um destes - se eu vier a ser um destes irremediáveis desgraçados - que inconcebível horror para mim!..."

Quando se lembrava que na vida tudo é tão frágil, tão quebradiço especialmente a felicidade e a tranquilidade humanas, um pavor infantil e turbilhonante lhe vinha; e, enfrentando o aspecto da Morte, tiritante, seu ser, metamorfoseado em credulidade, derreava-se no portal do tempo augusto da Religião. E seus olhares mortiços interessavam-se ansiosos pelo severo e monótono edifício da Caridade, ali, tão próximo.

O edifício, com a entrada larga, tinha a sórdida ansiedade dos desgraçados!...

- "Oh! bem-aventurados os Santos! Deles é a razão..."

Senhores filósofos, lugar aos Beatos!...Vós tratais a dor, superficialmente...a dor, que se pode mitigar com a verdade humana, com as leis!...E do íntimo do atroz sofrimento, das angústias profundas, o Santo se inspira, num sacrifício estranho, que nos parece o eco soturno de uma extraterrena melodia, plangente...

A melodia plangente de uma comiseração, tão sincera!... e o sofrimento é universal, intérmino!...

Oh! onde está o Criador da Lágrima e do Desconsolo?"

Assentou-se de novo, no varal de uma carroça que ali por acaso encontrou à estrada, e lembrou-se do que lera sobre Vicente de Paulo e sobre Francisco de Assis, os heróis inconcebíveis, tão longe do nosso mundo, como as velhas histórias maravilhosas que contava a nossa ama, a nos embalar...

Tão longe do nosso mundo, lá!!...lá, onde as pedrinhas e as cobras e as ovelhas e a relvinha conversam fraternalmente sobre a Glória de Deus! em doce paz!

Em doce paz edênica! E no regaço dos Santos se debruçam, num redentor humilhamento, os sofredores...

E que música! que música divina, suavemente divina, transtornadoramente divina, lhe vinha destas recordações!...

Os bons tempos de ingenuidade piedosa! Os bons pensamentos, imortais, de ingenuidade piedosa! Sentiu-se a

repousar, em deliciosa abdicação de sua personalidade, no burel de São Francisco; e beijava piedosamente a veste do Santo: e o abraçava muito, fosse ele assim um filhinho friorento de vago pavor, pedindo paterna proteção...

Ah! o Leonardo ali, a palestrar com ele...Que bom seria!...  
E lá!?...

De novo, a obsessão do tiroteio...Lá...

Ele, ali covardamente, enquanto os outros estariam a morrer...

Oh! de que valia ele? Era um pusilânime, um imbecil, que ali estava apenas a divagar...

A divagar...e lá ia, de novo...e um pensamento...e outro pensamento...

Hipocrisia! Incoerência! A mesma civilização que...

De novo, a divagar...e a mesma civilização que abre luzes ao povo não admite que, consciente de seus direitos, iluminado pela Escola, o Povo peça o fim de sua escravatura...

O fim de sua escravatura, ou a utopia?

Ah! angústia! dos sinceros...

Incoerência! A civilização cristã combate os princípios cristãos do maximalismo! - Avante!

Hah! hah! Angústia! angústia para os que pensam com sinceridade...

Não será utopia? Avante! Avante! Avante!

Divagava...“Ó hipócrita! por que não vais dar o teu sangue pela liberdade, pela redenção humanas?”

Talvez lá estivesse o Leonardo...

Ah! se o Leonardo, em vez de estar, louco, desvairado no conflito, ali estivesse com ele, tal nas vezes em que, apoteosado pela luz da lâmpada de *abat-jour* vermelho, rouquejava sereno, sentencioso, a sua envelhecida desilusão sobre o movimento social!...

Desânimo! Desânimo, e tristeza em tudo...

E se ele viajasse?...

Se viajasse, talvez que, como encanto, desaparecesse todo esse seu estado de desespero, de labiríntico estertor em torno de tantas idéias fixas, centripetadas por uma maior: o problema social. Se viajasse, talvez que lhe brotasse, surpreendente, uma solução suposta, que fosse, a este magno problema, na serenidade redentora do campo: pois que, de fato, a desambição dos campônios, a aproximação da natureza e o edênico sossego da vida rural pareceriam formar a felicidade que, enganadoramente, resolvesse a questão estrepitosamente e complexamente discutida no turbilhão maldito das libertas metrópoles...

As libertas metrópoles...vede o turbilhão dos egoísmos, das justas defesas e das ambições incomensuráveis a cachoeirar - titanésca catarata! - entre as penedias e sobre a rocha maior da estabilidade-pública, que um dia fenderá por certo a este choque formidoloso!...As libertas metrópoles...e os cais... e as fábricas... e os estaleiros apavorantes!...

Apavorantes...As fábricas zoam, voraginosamente, numa loucura excelsa de velocidade e de rancor...zoam, na zoadade seus maquinismos - em morno estrépito, pesadeloso!...

Pesadeloso estrépito, e zoam...zoam!...zoam!...zoam, oh! fúria de zoar o rancor de vencer mais...e mais...frente livre, senhores!...Frente...saíam! a fugir...frente livre! porque a indomável força rancorosa irá estraçalhando a vós mesmos, que a despeastes...a vós mesmos que a soltastes, um dia, de sua caverna misteriosa, de dormido Dragão!...

- Mas...olá, por que abandonaste o campo?...Que versátil és!... O turbilhão, contudo...

Já se sentia feliz e sereno, divagando o olhar por aquele tenebroso descampado, onde os vagalumes davam, aqui e a acolá, feiticeiros estalos de luz.

E belas campônias...Viajar!

Mas, não! E idéias bizarras lhe brotavam...

Para que viajar?

Belas campônias...Hah! hah! Ele tinha impressão de que elas eram uns míseros seres inferiores - as belas campônias! - que mal representam a ingenuidade, a perfumosa simpleza de agreste cheiro, e o vigor da Natureza.

- A descarga...e sempre a longínqua descarga, que ele porém mal percebia, no seu devaneio!...

Oh! ele as achava muito monótonas, muito despidas de graça, as belas campônias, como imensa campina, sem acidentes, sem interesse de relevo!

Hah! hah!

E depois, tinha a impressão de que elas não se lavavam, as belas campônias, pela falta de banheiros nas casas do interior... E de que são amadas pelo rapazio, que se apaixona facilmente, porque acumula ele uma grande quantidade de líquido gerador, à falta de prostituição na roça! De que são filhas as belas campônias e netas de mulheres, que aparecem à estação da estrada com velhos xales, sebosos e malcheirosos!...

Tal impressão tinha...

E resolver a questão social para gente desta ordem...Hah! hah!

Mas...como um estribilho tenaz, ao longe, parecia ouvir

repetidas descargas e um vozerio desesperador, talvez...

Oh! sim! Talvez vitorioso!

E ele, ali inerte, covarde!... Em sua covardia, tinha assim a superstição de que no conflito tudo acabaria bem, sem mortes, sem malefício, tal qual num teatro! De que acabaria depressa - tinha outrossim a superstição...

Depressa, sim quem o dera! E ele mergulharia a covardia sua no irrevogável abismo das ações passadas...

Para se distrair, mais repousado, mais reconfortado, voltava a pensar:

Que simpatia tinha pelos humildes! Muitas vezes, quando de pazes com sua família, tornava-se janota, repentinamente, pela brusca obtenção de meios, que lhe facultavam os seus; esquecido completamente de sua profissão de tipógrafo, punha-se então a perambular pelas ruas da cidade, mal deslembado "dela", e a namorar contudo as belas raparigas que passavam, geralmente cabisbaixas, graves, fatigadas do trabalho... Todavia a sua lúbrica lambedura pela silhueta escultural apetitosa das operariazitas estacava, de pronto, afrouxada, num fastio adoentado, diante do simples detalhe de miséria do cobiçado ser humano: - de um rasgão na meia, por exemplo.

É que lhe vinha um piedoso respeito pela pobreza; pela dor da necessidade; pela triste humilhação daquela graciosa mocidade, que por ali ia, no tumulto da Urbe, vinda da escravidão entisicante do trabalho!

Quando ele ia, mal deslembado "dela"... Ele até teria prazer que o vissem assim, a conquistar outras mulheres, para que fossem contar à sua Maria, provocando-lhe ciúmes: fazendo sentir a ela que ele também tinha "cotação", transfigurando-a talvez numa esposa sinceramente amante, de súbito - deixando de torturá-lo, como até então, pela sua indiferença angustiante, implacável, mortal.

Sem saber por que, creu ver na treva um sorriso desdenhoso do Teles, que o estonteou vagamente, obrigando-o a segurar firmemente no varal da carroça...

Que alucinação, nesse instante!

Por quê? Um amigo!...

De novo, o teimoso eco!... E outra vez...

Por certo que era...

Uma vez ainda...

- Oh! uma ocasião, nos seus dias de bolso cheio, fora jantar ao "Rio Branco" - como se lembrava agora ali no desconfortante assento daquela carroça - ao "Rio Branco", sim, em doirada

boêmia! Depois do fidalgo, do distintíssimo decorrer daquele jantar, de férias de paladar e de luz, e de orquestra, dirigiu-se, meio tonto, ao varandim do estabelecimento e viu a cidade ali, embaixo ao pé - fosse ela estupenda, fulgurante teoria de todas as coisas gloriosas do mundo!

Mas...mas por quê?

Por que, de novo, apareceu-lhe a visão "dela"? Tal nos desvarios daquele jantar...

- "Oh! ela tem uma fisionomia comprometedora!"

- Garçom!

Como se explica que, vestindo-se recatadamente, que sendo tão séria - que, apesar de tudo, tenha ela uma fisionomia comprometedora?

- Mais um, garçom!

Mas observa também que tristeza irritada neste garçom!... Que será?

Tão comprometedora a fisionomia dela! Parecia que um destino fatal a arremessa para o que ela, por certo, teme, ó Deus!...

Teme em toda sua alma, pura!

- Garçom!

Como é infinita a tristeza humana!

- Para esquecer...garçom, mais um!...

E os problemas sociais...hah! hah! hah!... Comprometedora fisionomia...

- Mais um, escuro!...

E como é triste, o garçom!

Uma fisionomia comprometedora, a dela! Uma fisionomia de prostituta heráldica, que veio à vida, para atravessá-la num rasgo de luz e de gozo!

- Garçom, mais um! Para esquecer... - É tristonho o garçom.

Uma síntese-feeria!...

E ali, embaixo, a cidade...Vede aquele homem, passo a passo, cabeça inclinada para o vespertino, numa atenção visivelmente emocionada!...

Oh! é que ele tem diante dos olhos o mudo estardalhaço de mil incidentes e sofrimentos desenrolados durante este dia, na Cosmópolis; no mundo; por aí, além!...E o jornal foi, célere, ansiado, buscar alimento para nossa altrufstica dor, para nosso altrufstico contento.

Ali, a cidade...e eis que o turbilhão dos acontecimentos, em ansiadas mirfades, do Universo, de todo o escuro abissal da

história e do presente parece vir, num cortejo epopéico, à epopéica e fremente Glória da mais bela Urbe dos tempos...

Urbe Máxima!...

E o jornal foi célere...O que o lê é talvez um funcionário, que auxilia a movimentar a máquina do Estado, para a qual engraxam esforços o médico, o farmacêutico, o industrial, o comerciante.

Uns e outros, solicitantes ou solicitados, aí vão se enrendilhando de interesses; aí pelo fulgor espasmódico da Sebastianópolis, embelezada, incedida de deslumbramento, pelo engenheiro!...

Viva a harmonia social!

- Ali, embaixo, a cidade!...ó gloriosa visão de Beleza, quem dirá que, sobre as mágoas, as misérias e os andrajos que hoje vi, te acendeste tu, nesta pompa incomparável?

As misérias que eu hoje vi...

Ei-lo, que lê o vespertino! Fuzilado na Rússia o Imperador, talvez a estas horas!...talvez a estas horas, lá no longínquo Tibete, um pastor exulte de alegria, ao lado da adorada noiva!...Talvez exulte de alegria o Imperador do Japão, recebendo apoteótica manifestação do fiel povo!...chore talvez um mísero mineiro da América, pela morte do filho único!...

A estas horas...

E gira! e gira sobre o orbe de nossos anseios, de nossas descrenças...para onde?

Oh! quem dera que se cumprisse a Justiça de se justicar todos os que, impunemente, praticaram o mal sobre a terra!...

Fizeram o mal!...foram felizes...e se foram!

- E negociante e farmacêutico e médico e engenheiro, entre eles, no esplêndido esforço conjugado...e assim toda engrenagem da vida humana...

Quem ousaria reformar esta harmonia, que existe na desarmonia aparente das classes?

Hah! hah! as reformas sociais, tais quais eles engendram, são tão inconcebíveis que só mesmo o desejo de domínio poderá levá-los à audácia de pregá-las!

Ei-lo, aquele que passa, que lê no vespertino a ânsia da Cidade!

Hosana! Apesar de nossas desventuras, e em regozijo de nossas felicidades, nós, maiores ou menores, combinamos tacitamente fazer estupenda e gloriosamente luminoso o cenário delas!...

Hosana! hosana! à Cidade! Maldita que seja, ela é a Noiva de todos nós...a Noiva, cuja beleza é senhora de toda a Pátria... a Noiva que é a ansiedade maior dos milhões de provincianos!...

A Noiva nossa, de grandes e de operários!...

Distraiu-o um ruído e, inconscientemente, entocaiou-se em si mesmo!...

Era um cão que, ao percebê-lo, deitou-se a correr...

Um cão!...e a lembrança lhe veio!...brusca, em desconcertante aparição!

- "Mas por que, ó Teófilo, você ainda continua a visitar a Maria, depois dela te tratar tão mal!?"

- "Ah! meu amigo, que queres? Quem gosta é como os cachorros: quem gosta não tem vergonha!"

Ele era quase noivo, naquela época, e respondia a Carlos de Araújo, o contramestre da "Aliança"!...

Hosana!...Mas este ruído?...

Que covarde era!... - Passou a mão pelo rosto e a aspreza magoou-o...

Outra vez o ruído!...

Estremeceu!...E ele iria morrer barbado!

Iria morrer tão mal se prestando a uma fotografia!...a um glorioso *post-mortem* no mudo alvoroço dos jornais! Barbado! Que tortura!...

Depois, qual seria a frase?...E mesmo que bela fosse, saída da boca insignificante dele, de que valeria?

Oh! no fundo, como ele era pueril, como se preocupava com toloseimas no formidando momento!...

Hosana! à Cidade! O roceiro que a ela chega, abastado embora, estrangeira-se, enquanto o humilde carregador, lepidamente orgulhoso, sente-se o tranqüilo e vigoroso dominador do magno Fulgor!...

Avante!...Seria ilusão do seu ouvido?

Oh! ele, muitas vezes, se pintava um herói, em personalismo esgalgamente triunfante!

Teimosa, teimosa obsessão a do seu tumulto mental...

Mudo turbilhão de incógnitas lá...lá, para adiante da deslumbrante Urbe, envolta no seu halo de luz guachada! Lá, adiante, para o Nordeste, além da fremente escuridão, vastíssima, do Oceano, o mundo velho dos mais conhecidos dramas humanos: Tamerlão...São Francisco pelos caminhos pedregosos...Cleópatra com a áspide, no supremo momento...

Cleópatra com a áspide no seio, sobre o qual pousara a volúpia de Antônio...

Cleópatra, desorientado ânimo ante o pavor da cidade vencida, enquanto em longínqua paragem, à margem do Nilo, ceifa, a cantarolar, sumido campônio... ignorante de que a Rainha

das felicidades legendárias convulsionava-se com a surpresa da desdita!

E tinha ele a idéia, assim de que ao cair Cleópatra - sobre o corpo belo da Princesa imortal, Gêngis-Cã metia as pesadas patas do seu cavalo, em louca disparada!...

No longo cortejo, levando na voragem o fumo, a poeira e os gemidos da devastação...vede aquele soldado de Gêngis, triste rosto, a olhar de soslaio para a cela de São Bernardo, foco de luz ocidental, que combina com Guttenberg lá, adiante, a impressão de suas obras em caracteres de madeira...

Era uma visão febrilmente anacrônica...um pesadelo, confusão - de agonia, que segue uma jornada de vastas e pesadas leituras!...Oh! sem dúvida, parecida coisa é o que ele sentia...

Depois...eis ali Giordano Bruno, a cantarolar um salmo, trêmulo um tanto, com o calafrio da primeira labareda e do isolamento dos homens (oh! ser só consigo, no mundo, por amor aos homens!) - só...e o bolor, e a escuridão, e a ânsia de liberdade entre ferros!...E mais cá, sempre a leste, eis a promessa vaga, azulmente vaga, do Oceano, a dar no anonimato negro dos hotentotes, caracterizando mulheres de nádegas que sustentariam um castiçal com vela, em cima!...

Hah! hah!...

Nós, um mundo novo, não suspeitado da tumultuosa história antiga - nós, um mundo dela irmão pela dor, pela miséria, pelas ambições...

E...avante! A questão social...oh! vinde, irmãos de nome estranho, calmuques, quirquizes...homens de vestes e de fisionomia estranhas e de nome estranho, que talvez tenhais uma alma, como nós! igual à nossa! Que talvez sejais bons, inteligentes, generosos, tristes, dolorosos...

Por que vos foste chamar quirquizes? E por que fostes residir em regiões talvez belas, mas de tão arrevesados nomes? - comprometedoramente arrevesados!...

Felizes...desventurados, vezes tantas...ó irmãos nossos! Quando o dia chegará do abraço universal dos homens, numa suprema glória dos dois hemisférios?

- Avante! Avante!

Quando o dia chegará? Eis ali, uma metrópole de mundo novo, e contudo quantas infâmias de injustiça nela, já! Lembrava-se bem ele das ocasiões em que divagava pelas ruas de Botafogo, olhos esferizados de pasmo e de indignação ante a elegante ou imponente magnificência dos palacetes, enfileirados pelas ruas desertas do aristocrático bairro...

- "Infâmia das infâmias! Na meticulosa e triunfante beleza dessas arquiteturas, quanto arrojo de torpezas! quanto heroísmo de impiedades! quanto sublime de cinismos!

E quanta lágrima de desgraçado! desgraçado pela injustiça da perversidade alheia, desgraçado pela incompetência de vencer à custa da desventura de seus irmãos...

Vede! vede bem esses monumentos da desumana Civilização, hipócrita, do Século! Vede a faustosa residência do comerciante a cento por cento, enquanto o empregado jaz nos 120 ou 150 míseros mil-réis de vinte antos atrás; vede a faustosa residência do industrial, que não faz os tecidos, mas...assina os papéis e entra com o bendito capital, que compra máquinas e operários, de cambulhada! Vede a faustosa residência do esculápio de 30\$ o cartão, que joga na saúde do crédulo enfermo, acerta-não-acerta, como qualquer médico de arraial; a faustosa residência vede, do sagaz direiteiro, do Cujácio emérito, que entra como sócio nos testamentos e nas boas demandas, em nome da Lei e da Justiça!

Vede bem, na cidade-maldita essa maldição de injustiça! Exaltava-se em si mesmo..."vede bem, a maldição"... exaltava-se, e parecia que um eco lhe restava ao ouvido:

- "Eu que não sou o Cristo mas que sou tanto como o Cristo em compreendendo o Cristo!...Eu...que..."

General...general mesmo ele o seria!

Pintava-se um herói, em personalismo esgalgamente triunfante...

"O Exército brasileiro fora completamente derrotado: mas o general Teófilo Pais, apesar de sitiado, rompe de repente o cerco, cai sobre o inimigo e o destroça completamente, mudando a sorte das armas para o pavilhão auriverde"...

E ele se divisava, nas sombras tumultuosas de sua imaginação, queixo alçado ao perigo, fisionomia ressequida e duramente enérgica, como um busto de granito resistindo aos açoites formidáveis do vendaval! Do vendaval de uma peleja gigantesca, suprema, cataclísmica, carregando esforços titanescos para o eterno desconhecido, vitória de um fosse; ou de outro fosse a vitória!...

Teófilo Pais! E a peleja parecia assim, tal se houvesse desmantelado fragorosamente o mundo.

Todavia, ele era um incoerente...Nisso, como em todas as coisas.

Teoricamente caridoso, por exemplo, franzia feições ao passar perto de um mendigo, que lhe pedinchasse a esmola!

- “Ora, bolas! Não seria melhor que o pobretão fosse trabalhar, em vez de esmolar?”

Não é verdade que todo indivíduo representa um esforço aproveitável, seja em que estado esteja?

E não é, portanto, a Caridade que dá trabalho aos necessitados, a mais racional Caridade?

Contudo São Francisco de Assis e São Vicente de Paulo...e os que desceram mais profundamente nos subterrâneos da miséria humana!...”

Oh! ele se sentia bem infeliz, bem impotente quando pensava nestes assuntos!...

Em qualquer assunto!...

Ele, que pensava com tanta sinceridade!

Passou, portanto, em penosa mutação, a uma nova ordem de pensamento: e a Rússia maximalista estrondou-lhe ao cérebro!

Que se estaria passando por aquelas horas em Moscou, em Petrogrado? Em sua imaginação, mulheres descabeladas escancarariam vagos ódios plebeus, às sacadas dos palácios, como figuras despundonoradas da Democracia-vitoriosa, enquanto sob o tremular de bandeiras rubras o tumulto se desenrolaria embaixo, intimidando os anciãos num surto de blasfêmia...

- E revolucionários mais ativos, de *écharpes* ao pescoço, arrombariam os cofres, pressurosos...

Dos seus pruridos revolucionários, teve, instante, uma sufocação de pejo:

- “É tu, também? Também assim farias?”

Abandonou, distraidamente, o varal da carroça e se pôs a andar, freneticamente, de um lado para outro...A imagem de sua companheira veio-lhe, de novo, à idéia - surpreendente visão de legenda!...

### III

- Que abismo de dor, quando ela não voltava para ele os grandes olhos, francos, destemidos?

E como ele os solicitava, por tantos e tão manhosos ardis, ou por frioleiras...importunando-a relesmente, a jeito de um cão que mendiga carícias...

Quase sempre, ela lhe respondia de cabeça baixa, implacavelmente desinteressada dele!...

Para o Teles erguia contudo a cabeça risonha! Verdade é que o Teles era uma pessoa estranha e lhe merecia mais atenciosa consideração!...

Voltou-lhe, de brusco, o mesmo deslumbramento evocativo de havia pouco e sentiu-se assentado à beira da placidez gelada do Neva, vendo a cidade morta, como que transformada! Tinha impressão de que se aproximavam dele, em veloz e sibilante voragem, as sombras dos homens, das idéias, das sociedades passadas, num grande gesto de desânimo e de decadência! Após, era o gesto de pavor, abertos braços e um balanceio indeciso e lá se ia, a sibilar, a voragem...e de novo o vácuo na cidade escura, deserta, apavorante!...

E a placidez gelada do Neva!...

Oh! tudo tão longe!...e os homens, que cristalizam tantos séculos de civilização, os homens que aspiram a deuses! odeiam-se mais do que a tudo!...

- Maria minha amada Maria! Oh! nem em ti o repouso meu existe!...

Último reduto! Nem em ti...Será possível?

Será possível?

Será possível? Avante!

Avante! Avante!...

Aonde iremos? Aonde irá este tumulto desabrido das metálicas fanfarras, ciclopicamente escancarado, alonginquado, universalizado!...nos cais, nas cidades febris, nos estaleiros, no mundo convulsionado pela ambição e pela miséria: - duas irmãs gêmeas, que se vão sempre juntas, a se odiarem?...

Aonde iremos?

Duas irmãs gêmeas...e ei-lo, o conflito eterno!...Ei-lo na afastada sombra dos fastos humanos, sempre a revolta e a iniquidade, e o Destino supremo - em suprema ironia! - a mostrar na lonjura do espaço, de vez em vez, a figura esgarçada da Igualdade, dominando vãmente a peleja!...

Por que essa ironia? Por que nasceu "assim", e por que assim acabará a farsa humana: revoltados e entediados todos nós em dois campos opostos?

Contudo, a grande esperança...

Cuidado! A Cosmópolis da Civilização, feericamente iluminada no turbilhão de suas dores famintas e de seus gloriosos bem-estares, pode um dia, em tétrica surpresa, aparecer às escuras, na tenebrosa vitória da miséria...

Avante! A grande esperança... tudo se modifica, até as grandes verdades eternas, que são como as rodas do comboio, que o graxeiro, em cada estação, para ver se se acham em condição de sustentarem o carro...

Tais e tais verdades eternas aguentarão agora o comboio da civilização?

Avante! Avante! Avante!...

Mas...mas efetivamente - que dúvida! - o Teles era uma pessoa estranha e merecia dela mais anteciosa consideração...

Estaria ele enganado?

Ah! quando alguém, inconscientemente, ou por malícia amiga, conhecendo o seu pesar, vinha-lhe contar qualquer palavra menos indiferente dela, a seu respeito, que alegria, que redentor contento!

- "Hoje meu marido saiu um pouco triste! Que teria ele?..."

- Não! lá isto, não! Meu marido é muito mais simpático do que o Fernando..."

E assim, outras...

Que redentor contento a exagerar luz em todo o seu ser!...

Ele se sentia sempre tão reduzido, aniquilado!

Entretanto ela era a Mãe do seu querido filhinho! Como se poderia dar isso: de duas pessoas que repousam no carinho do mesmo aconchego; que sofrem juntas, em sublime colaboração; que se unem corpo a corpo, que unem seus destinos; que se entregam para a feitura de um terceiro ser, a participar de ambos, e que... no entanto, vivem distanciadas pelo infinito do "não te amo!" proferido pelo coração de uma delas!...

Profunda! estraçalhadora dor!...

Avante! E a cidade lá estava...

Sim!...Sim, ele precisava praticar uma ação qualquer, de falsa ou legítima glória, que o elevasse no ânimo, tão feminino, de Maria!...

Elegantizasse-o, essa ação gloriosa, tal um esbelto herói de histórias medievais, saudando com a espada e uma rosa a tribuna ocupada pela sua fidalga, no glorioso torneiro!...

A sua amiga fidalga!...e a questão social!

Hah! hah!

Estranho coração! Só ao pensar no seu esbelto triunfo, já lhe vinha a inferioridade "dela"! Já a sentia mesquinha, caricaturalmente pequenina; inchadinha de insignificância...

Avante!

- Seria aquele descampado!...

Avante! E a cidade lá estava...

Hosana!...A cidade de longe é uma visão traiçoeira!

Avante! Avante! Avante!

Oh! é uma sultana recostada no fulgor epopéico de suas gemas - a Cidade - sorrindo, no feitiço irresistível de seus beijos de Morte!...

Seria aquele descampado sombrio tal o país ideal, onde uma Fada nos desvenda a cidade e os homens, e as coisas, e as ocultas angústias, de longe!...De longe - lá! muito lá!...não nos permitindo (suprema ventura!) vê-las de perto...

Vê-las de perto, é o desencanto!...

Ele era um triste!...

Ele era um triste!...Uma noite, indo à casa de uma "rapariga", censurou-a, num cuspinhar de desdém, por vê-la atirada, relaxadamente, sobre a cama, em desprezível cubículo:

- "És muito mole, com os diabos! És a moleza em pessoa!..."

Dali a pouco, estava discorrendo mentalmente:

- "Que fundo amargor! Por que sou tão triste?"

Já não sofro eu de ser triste! Sofro de ser tão banal dizer-se:

- Eu sofro!

Tão banal! mesmo que entre lágrimas se o diga!...

Que tumulto no silêncio pesado da treva!...da treva deste quarto!

Quando param as vozes humanas, parece que do Mistério falam as vozes!...

Da treva deste quarto...

Sombras que passam...e angústia...e mais angústia, nessas visões sombrias que passam!...

Que tumulto pavoroso neste meu sonho!...

Tinha-o ele, às vezes, desses sonhos de meia-vigília (pois que lhe ficava a consciência de que estava sonhando e contudo acreditava ser real o que via!) - às vezes ele os tinha tétricos, amedrontadores, tais pesadelos do Inferno!

E quando acordava, ainda vinha embuçado no sonho, incerto, melancólico, apavorado porque sentia muito mais o seu "eu" na sombra triste, que na realidade ensolada! Vivia da posse de si no sonho, no "seu país"!

Angústia!... A luz de uma lâmpada divagava mortiça e amarelentamente uma agonia infinda pelo sórdido aposento.

Angústia!

E a crioulinha ali estava, estirada no desarranjo de suas cobertas reles, olhos arreganhados de indagação, para a reflexiva atitude dele!...

De novo o estampido!

Quando se acabaria aquele conflito? Sua covardia necessitava de um repouso...

O conflito! Que aperto de pundonor lhe vinha!...

Que diria à Maria, quando ela perguntasse se "estive no barulho? - se houvera também se ferido?..."

Porque, com certeza, lá esteve, você!..."

Avante! Avante!

Com que desprezo ela o encararia, ao saber de sua pusilânime ausência daquele prélio santo!

E o Teles?

Daquele prélio santo! Pois ele, que era o próprio a procurar atizar no comodismo feminino dela o ideal libertário...era ele quem lhe vinha participar agora, cinicamente - homem sem masculinidade! - que "não...não pudera tomar parte no conflito!..."

- "Mas então, você que, quando eu digo que estas loucuras só servem para perder um chefe de família...se exalta todo, é o primeiro a fu..."

E o Teles? Quem sabe? Ele talvez lá estivesse, comandando, vencendo, sublimado na luta titanésca!...

Que angústia!...

Oh! por que lhe veio a pizicatear aos ouvidos aquela palavra... assim, momentânea, em cintilar auditivo:

- Cabaré! Cabaré!

Mas...avante!

Avante!

Cabaré! Cabaré! Sus! Tu és Fidalgo!

Cabaré! Mais alto!...

Mais alçado ao Infinito! Redenção!

Glória! Exulte ser por ser! o Universo exulte!

Ser por ser goze, oh! delfrio! Cabaré! Sus! Olá!...

Avante Avante!

Cabaré! Que música espocante, convulsa em si mesma, insofrida no desejo glorioso dos horizontes, de lá!...de lá!...de lá tão longe! Vês?...

Sus! Tu és um fidalgo! Mais alto!

Mais estirado sobre teu triunfo!

Avante!

De longínquos horizontes: de gozo liberto! E o Pecado exalte!  
E o Egoísmo fulgente!...

Cabaré! Cabaré!

Mais alto! Ao infinito alce, mais!

Redenção!

Cabaré!

Ele fora sempre ambicioso, a seu modo!...

Avante !...

Avante ! Avante !

Por que não se bacharelara, ao mesmo tempo em que seus

irmãos, filhos de pai pobre, cursavam contudo o futuro respeitável do: “sabe com quem está falando?”

Por que dera para as leituras libertárias, depois de tão belo curso propedêutico? E por que dera para tipógrafo, com o fim quase exclusivo de um dia pregar a Revolução?

- “Amanhã o mundo será dos operários !... Safardanas de casaca, eu vos hei de mandar ainda!... Esperem !”

Verdade é que, certa feita, quase renegou o credo novo: é que um barbaças espanhol, metido a mais sabichão do que ele em coisas de Anarquismo, veio ainda, por pior dos males, a merecer uns sorrisinhos de Maria ...

Como lhe fora pavorosa aquela tarde !

- “Amanhã eu hei de mandar ...”

No fundo da certeza uma voz lhe soprava esta verdade atordoadora, de Feeria !

Creu... fez a primeira tolice! fez outra... e outra! Depois, como voltar à mansuetude dos credos burgueses?

Avante! Avante!

Feliz por poder ainda, vez ou outra, se reconciliar com seus pais...

Era-lhe então uma estranha aurora!

- Era um triste!

Triste, pela tristeza abafadíssima, em que punha a sua Maria... triste por si mesmo, pela tara!

## IV

A Maria! Por aquelas pernas, muito esbeltamente torneadas... por aquele corpo tão distintamente leve como que desaproximado dele próprio, debuxado em espiritual esgarçamento, ela se revelava bem a mulher inatingível, a mulher que insinua apenas o que de paradisíaco encerra... e que se não pode obter!

Tortura das torturas!...

Um triste! Um triste para si mesmo, um esquecido...

- “Sou um esquecido de mim mesmo!

Vivo na inconsciência de mim mesmo; não tenho a idéia nítida, a sinceridade do que se passa em torno de mim e em meu ser interior!

- Um dia, contudo, os homens serão felizes! Avante!

Hah! hah! Avante!

A vida me é como uma castelã deflorada e luca, esperando ao luar o noivo, debruçado nas ruínas do seu glorioso solar, ao

qual ela mesma ateou o incêndio, a garagalhar... a gargalhar!...

Tudo em torno é dúbio, é opalescente; é nuançadamente fantástico; é abstrato! É um esquecimento...

- E a castelã louca é de opalescente loucura, esperando, sobre as ruínas do seu solar, o noivo, que disse que voltaria..."

## V

"Ao luar... que delícia!... uma paisagem de inconsciência! Espreguiça sobre essa penumbra, a penumbra de tua loucura!..."

Assim divagava, como divagou, àquela noite... no reles cubículo!

A fisionomia negra alargou-se, àquela noite, num conselheirismo tristonho e estupefato, enquanto o prostitúico corpo mexeu-se desmazeladamente no leito revolto. E dos grossos lábios rubros, expandiu a flor da crioula sabedoria:

- "Você está triste? Ué! Por que você não é como eu, gentes? Por que você não é a moleza?"

Por que não era a moleza? a doce abstenção!?

E geme ele ainda... sempre!

- "Eu, que sou triste! Eu, que sou um esquecido de mim mesmo..."

Hah! hah! as reformas sociais!...

E quando o coração humano?!...

Hah! hah! Avante!...

- Sabes?...Acabaram, na Rússia, com o álcool e com o fumo, e com a prostituição!

Oh! se assim acabassem com as tristezas humanas que saúdam, como a uma aurora redentora, o Vício que faz esquecer, após angustiosa noite...

E a Rússia, e os países mais longínquos, influenciando sobre o Brasil na cruzada da Libertação - enviando uma mensagem irmã de estímulo ao heroísmo sagrado da desescravização - salve! oh! salve! a sublime simpatia do sofrimento humano pelo humano sofrimento, apesar de tudo!

Via, numa síntese suprema - avante! avante! - via de cada país braços em miríades, se estendendo por outros países, a espargirem e a colherem produtos agrícolas; produtos dos teares; produtos de inteligência; produtos de todos os generosos esforços! E sentiu um frêmito de entusiasmo e de gratidão pela Humanidade, que é, afinal, uma só família!...a excelsa!

Pela Humanidade, que parece há tantos séculos se querer amar, abraçar-se de uma residência superior, intransigentemente má!

Avante! Avante!

Oh! salve o Trabalho!...E a humanidade a avançar sempre, na treva profunda e longa do seu destino...Oh! mais ainda, além, avante! avante!... - e leve o cortejo alvoraçado um archote à frente, de estrondosa luz! Como um pavor de luz, na escuridão o archote seja!

Avante! Sibilam ao longe e se estiram gemidos...É a Redenção!...

Salve o trabalho! Como é doce! como é tranqüilizador! como é dignificante! como é amigo!

Por que se quer “condenar” ao trabalho os que não trabalham, se mor castigo é aquele que afasta o mortal tédio da pitoresca paisagem das atividades nossas viajando a vida? E se a maior felicidade consiste no trabalho, por que os que trabalham, tão enganosamente, almejam a malfadada ociosidade dos outros, parcialmente que seja?...

Oh! se os libertários conhecessem bem as alegrias e as agruras de cada profissão, de cada manifestação de atividade humana!...

Pois que assim são feitas as revoluções com tão pouca simpatia pelo gênero humano!...As “classes” vencem...a dor humana contudo...

Se possível fosse conhecerem as ansiedades de cada homem, do modo de ser de cada homem!...

- Ah! Maria! minha doce Maria!...

Avante! Avante!...

Uma das coisas porém que lhe tolhia os bons movimentos, quando pensava no problema social, era a imagem que lhe vinha, bruscamente, dos enfatuados senhores da vida, dos encasacados “mandões” da terra; politicóides, repórteres, ventrudos capitalistas etc.

Ao habitante de um planeta superior, como deveria ser interessante esta fauna de bípedes, revestidos de panos esquisitos, com ademanos de peru, fazendo roda de vaidade em torno de outros animais, menos garridos!

Hah! hah!...

Hah! hah! hah! Como é ridícula a bazófia humana! Como é ridículo o ser humano!

- “Glu! glu!...o senhor deputado! Glu! glu! o senhor redator-chefe! Glu! glu! Sua Majestade! Glu! glu! o senhor diretor do British Bank!”

Hah! hah! hah! Avante!...

E ir-se-ia esperar ainda destes parlapatões estúpidos, interesseiros e néscios, que se chamam "estadistas", tão estúpidos em sua sagaz diplomacia - ir-se-ia esperar ainda destes pobres-diabos a solução da grande crise!...

E os jornalístóides...Hah! hah!...

Aspirando, num largo hausto, a brisa que vinha dos morros próximos, ele, como que se sentindo mais só naquele ermo, pensou:

- Tem sido este o grande erro: pretenderem fidalgos da humanidade, grandes heróis e grandes intelectuais, que a plebe humana viva e pense como eles; pretender a plebe humana que os homens superiores vivam tal qual ela, sujeitos aos mesmos ideais restritos, à mesma materialidade, à mesma vida estômago-e-braço, que qualquer carregador!...

O grande erro...e contudo!...

- Será ainda o tiroteio? Que obstinação!

E um novo frêmito rasgou-lhe o ânimo, implacavelmente convulsivo!...

Mas, de novo, tornado a si:

- Sim...sim, a Civilização deve ser uma Cosmópolis, onde caibam todas as ambições, todos os ideais, todas as modalidades do ser humano, desde que a expansão de cada uma não prejudique as outras...

E "ela"? Por estas horas estaria talvez balançando o berço do pequeno...

Oh! eles poderiam ser tão felizes!...

Por que não o eram? Por que dois seres ainda depois de se juntarem para a vida, o mais próximo possível, ainda se estavam tão longe!?...

- Uma Cosmópolis iluminada, mágica, gandiosa!...Bem diferente da Petrogrado atual...

Uma gravura de revista francesa apareceu-lhe à mente: na vasta praça, cuja fria vastidão se sentia na estampa, um vulto escuro de sacerdote distinguia-se diante de um grupo, quase todo ajoelhado, transido de horror, enquanto a cavalaria vinha, voragem indômita sobre a indefesa massa...

Assim deveria ser agora Petrogrado!

Como essa gravura deveria representá-la bem! E via os novos ministros revolucionários, bisonhos, embaraçados, papéis à frente de suas mãos incompetentemente paralisadas, sentindo eles no pandemônio extremo a injustiça feita tantas vezes às boas intenções de seus antecessores...

Avante!

Ah! o Rio, nessas mesmas condições, satanicamente transformado no cataclísmico estampido revolucionário!...

Como talvez agora mesmo estivesse!...

Cargas de cavalaria, tiroteios no meio de gemidos, berros, imprecações, exultantes gritos...e na saleta das delegacias mal-dormidos comissários, boca fremente encostada ao telefone e vultos que vêm e vão!...e hinos triunfais lá, embaixo...e ministros em palácios, pálidos e desorientadamente atarefados...E a metralha...e mais gemidos e vivas! - avante! avante! - e cavalos sonolentos arrancados às estrebarias palacianas!...

Avante! Viva a Humanidade, a progredir sempre na luta! a se lavar sempre nas suas misérias, em seu sangue redentor!

Avante! Contudo, num calafrio que se lhe enroscava aos poucos pelo corpo, sentia vir a si, na mudez misteriosa da treva, uma manada de caveiras a baterem o queixo, nuas órbitas escancaradas para ele, e mais perto cada vez!...

Cada vez!...

E batiam o queixo!...Do frio mistério do nada, talvez!

Cada vez!...Que quereriam elas?

Médicos, fazendeiros, negociantes, nacionais e estrangeiros, ali estavam...talvez para lhe mostrarem que "lá" já estava bem resolvida a questão social!...Hah! hah!

Avante! Avante! Hah! hah! hah!

Que tinha que ele morresse?

Morreria com muita gente: e ele tinha a superstição de que nas epidemias, nas guerras e nas revoluções, é melhor a morte do que algures! É melhor, visto que a gente vai acompanhada de muitos companheiros e, seja lá em cima o que for! - sê-lo-á para todos!...

Sem sentir, já se havia aproximado do ponto de onde haviam saído as exclamações e o pertinaz tiroteio.

Alguns homens palestravam, em frente a uma venda! Palestravam com calma, na doce quietude de longínqua fadiga, comum a tropeiros.

- "Foi, sem dúvida, ilusão minha! - pensou ele, apesar de ver muito movimento pelas cercanias - Sem dúvida foi ilusão: nada de anormal houve!"

Aproximou-se numa desilusão mais pesarosa do que satisfeita!

Ele desejava então o sensacional...

Contudo a palestra daqueles indivíduos fê-los ciente de que, efetivamente, se dera ali um encontro entre o povo e a polícia!

- "Foram presos mais de quinze!"

- "Qual! só vinte e tantos contei eu!..."

- "Mas deixem vir outra vez estes safardanas!"

"Polícia miserável! De mãos dadas com estes burgueses! Miseráveis!"

E o vozerio parecia aumentar cada vez mais... Grupos vinham vindo... palavrório, gargalhadas, assobios se emaranhavam... e no meio de toda a algazarra, um negro teimava em chamar:

- "Ó Belarmino, vem cá! Vem cá, home! Óia a pinga! Belarmino!"

Uma rapariga, de nariz saliente e de queixo para dentro, globava os olhos, muito espantados, para aquela algazarra e alisava, distraidamente, o vestido longo abaixo da cintura!

- "Oh! quando chegará o dia de se apiedar tanto a gente da mísera fealdade quanto da beleza, que só é miséria por acaso?"

A fealdade! a irrevogável miséria da fealdade!...

Na mulher... o irrevogável ridículo da fealdade!...

O vozerio parecia aumentar cada vez mais... No ar parecia ainda existir qualquer coisa de fadiga, de respiração forte, de exaustão, de luta recém-finda!

- "Morreu alguém?", perguntou Teófilo Pais, num alvoroço interno, tal terra revolta sob a pá de um coveiro.

## VI

- "Não, houve feridos! Uns treze ou quatorze, que a Assistência levou..."

E o homem minudenciando:

- "A Assistência era só de lá para cá!... que até parecia!..."

- "E aquela pedrada do Zeca Rocha nos bofes daquele soldadinho, filho da..."

- "Psiu! Olha, aí tem famílias, ó "seu" Coisa" - "...mas a Assistência parecia uma barata tonta!... Puxa, minha gente!"

Avante! Avante!

Caderno à mão, cabecinha balançadamente indagadora, espocou no grupo uma carinha chupada, no qual ele descobriu logo um "jornalista", um repórter.

- Espécie de mediocridades poderosas, assafardanadas, censores das patifarias alheias, sem se reconhecerem a lixosa lata de vícios, que são!... Colega do político e do capitalista na trindade escória da civilização moderna, tu, ó carinha chupada e

característica do jornalista; tu, ó invejosa criaturinha do mérito real, vil caluniador, vil “comedor”, sai...deixa de fingir interesse e simpatia pelos trabalhadores, ó caixeiro de um patrão hipócrita, que amanhã desancará no costado do industrial, para que do industrial se mova a mão algibeirosa...sai deste agrupamento de gente honesta!

Ei! que silvo é este?

Sai e some-te nas profundezas!...

Tu, ao te deitares, no aconchego pouco consciencioso do teu leito, há de dizer contigo mesmo:

- “Mas, meu Deus, sou tão medfocre e entretanto fazem-me tão alto!”

Como são estúpidos e canalhas...mais do que eu!

Bendito seja o Criador de todas as coisas!

E o papa-jantares deputadícios e o rapapés em bailes do Flor do Abacate lá dorme o seu sono bem-aventurado, certo de que acabará, neste “democrático” país, o que quiser sua ambição, tão grande quanto ele é pequeno!

- “Viva o operariado!”, gritou alguém no grupo!

- Ei lá! que silvo prolongado esse?

Para onde irá essa locomotiva?

- “Viva o operariado!”

- “Psiu!” fizeram quase todos.

- “Viva!”, responderam outros.

Oh! mas por que luta a humanidade contra a humanidade?

Um dia, em oculto cubículo - tão alonginquado do epopéo tumulto do mundo! - pálida fronte debruçada sobre aberto infólio!...Depois, desse recanto insignificantíssimo, átomo no Universo, uma centelha de pensamentos estira-se, por entre folgedos e dores populares, por entre folgedos e dores fidalgas e, atraindo ou repelindo, lá vai...vai...até o fim da humanidade contemporânea, no fúlgido prenúncio de uma nova Civilização...

- Mas este silvo...como a calma atmosfera o permite até cá!...

No fúlgido prenúncio...

- Malditos sejam os poderosos! Ah! fosse eu um poderoso!...

- Abjetos sejam os pobretões! Ah! fosse eu feliz como um pescador!...

Hah! hah! hah! Avante!

Avante! Avante!

Pensou, em brusca emoção nova, nas profissões: na dignidade e na beleza de cada uma das atividades humanas...

E viu o médico, à cabeceira do agonizante, tirar de sua generosa ignorância extremos esforços, num entusiasmo apostolar...

E viu o negociante aspirando a valorizar a moeda de seus esforços contra estranha moeda, num afã heróico de suor e de expedientes, e afã heróico lá, estrondando no esforço do industrial e do lavrador...

E viu o engenheiro triunfante, no arrojo miraculoso dos poemas de pedra e cal e ferro...gesticulando ao impossível das alturas e das distâncias: e viu o pensador gesticulando para mais longe ainda, no indômito do seu acesso generoso, as leis do viver-divino dos homens...

Salve! salve! honra à Humanidade!

Avante!

À tarde, ei-los que voltam, em fraternal cortejo, deliciosamente cansados e dignificados, ao repouso meigo e reconfortante do lar...

Avante!

Oh! mas este silvo!...

Este silvo tristonho, de trem ao longe - que devario! que voragem! - que dirá?

Que dirá? Dirá do furor de danação que tem o trem de se ir sempre, na saudade implacável, incessante, de si mesmo, e de novas terras, e de novas almas...esta...mais esta...e outra!

E outra! Ele adivinha que encontrará novas dores humanas, e que chorará a nostalgia delas contudo, em longo e soluçante silvo! Oh! para que inventar o Progresso o correr mais veloz da simpatia humana, se jamais, por essas serras além, por esses vales... por esses mundos... o repouso virá! jamais!

Jamais! Que silvo lacrimoso! Ouve-o tu?

- Avante! A Vida como ele a sonhara!...

Avante!

No seu apiedamento, alisava com a destra o braço esquerdo, carinhosamente!...

Pobre dele! Avante! Avante!

Corre, Amazona! Deixa que veja em ti a pujante e fresca beleza da natureza...

Corre! Avante, Amazona! Ao teu lado, em contato com teu vigor, tudo se amaiore! Pegue, eu, respeitoso, no estribo de teu cavalo! Sou escravo de teu porte, de teus gestos, de teu donaire - porque és soberana e bela, como a Natureza!...

Olá que petulância, a senhora operária, a plebéia, se

porventura quer alargar a peitorraça, vaientemente, à esbelta, mas vigorosa Amazona!...

Toca o corcel! As luzes, ao longe, em fila, parecem nervosas cintilações do teu querer - a lua, o teu sorriso plácido contudo, tal vitória infalível; e o firmamento azul é tal tua profunda constância!...

- Salve a Vida! Avante!

Avante, sim para o Desconhecido embora...

- "Viva o operariado brasileiro!"

- "Viva a revolução social!"

E vozes, cada vez, mais:

- "Viva o operariado! Morra a polfícia! Abaixo a burguesia!..."

E ela por estas horas? Estaria lá o Teles? - um grande calafrio passou-lhe pelo corpo...

Um grande calafrio...e naquele vozério estrepitoso ele se fez só!...

Porque "ela" tão pouco sorria! Tão pouco para ele, pelo menos! Contudo, quando ele sorria, era uma alvorada de esperança para ele...

Era a irisação cantante em sua existência, era a Colombina travessa a atirar esperanças num nobre Pierrô, murcho de desenganos...

Ouvia-se um tropel de cavalos ao longe...

- "Morra a polfícia!"

- "Viva o operariado!"

"Psiu! Psiu!"

E muitos operários já corriam em todas as direções; e as portas se fechavam com estrépito: e gritos e os chamados de mães a crianças...quando a cavalaria surgiu...

Avante! Avante!

E a humanidade vencerá!...

E a humanidade vencerá!

- Vê se percebes lá aquele vulto...capacete e armadura a se desengonçarem feramente sobre outro vulto que mal se silhueta... E aquela túnica alva encimada por pretas e bastas barbas...e há uns olhos para o céu! E barbas copiosas lá, adiante, na escura câmara, sobre um in-fólio - e na multidão informe, donde estes vultos se destacam, um outro, a gesticular, num plano mais alto...

A gesticular para a tumultuosa massa, vasta; a se confundir após com ela, na confusão escuramente lúgubre, que se estende por aí, adiante.

Eis a guerra, a religião, a cultura e a política - a Assíria, a Índia, a Grécia e Roma se eternizando, se modernizando,

transmitindo o seu espírito a outros povos! Contudo...ela sempre!

Ai dos que sonham com o fim da miséria humana!

- Avante! Avante!

Oh! sim, vede como lá, atrás deste campo devastado, com majestoso palácio ao centro; desta planície dominada pelo Templo; da Acrópole ereta sobre Atenas e da Urbe orgulhosa do Senado e do Fórum - como atrás de tudo isto, de toda esta perspectiva, entre mil outros palácios e entre mil outros templos, o mesmo espetáculo se repete...

Repete-se lá, lá, para diante...vês lá, ao fundo?...e a multidão se estende...Oh! como oiço os gemidos... e se há aclamações como os gemidos são maiores! Não os ouves? Não ouves lá, abaixo, o sussurro em melopéia, lugubrememente monótono, que sai daquele caos escuro?

- São os gemidos inexplicáveis, misteriosos e insolúveis da humanidade, de todas as eras...os gemidos de tantas almas que não conheci, que não conhecerei jamais...que nem deixaram vestígios!

Os gemidos...o sofrimento humano...e a voragem se esvai, obscura, lúgubre, num destino ignoto, neste vácuo intérmino!...

- Quando a cavalaria surgiu...

A cavalaria, batendo no lajedo, com um som achatadamente decisivo, imiscuiu-se atrozmente por entre a multidão...Ele ficou logo imprensado entre as nádegas de um animal e a cabeça de outro: acovardado e irado contra aqueles imbecis, que haviam provocado a vinda da força, trêmulo, indeciso, olhava para o soldado, do cavalo que lhe virara a cabeça; acompanhando cada gesto da espada desembainhada...

A espada felizmente agia lá, para o lado...Num voltar de rédeas, o animal, pavoroso como um inimigo, volveu bruscamente o focinho, encimado por uns olhos escancarados e arremessou-o irreverentemente ao chão, com uma pancada!...Levantou-se dentre mil patas eqüinas, que o ameaçavam, tal mil pisadas em turbilhão, e veio a ter de novo no tumulto, pronto a gritar: "Viva a pólvora!" se fosse preciso!

Nunca se sentira tão covarde!

Veza e outra, contudo, o ânimo se lhe parecia exaltar, queria derrubar o cavalarião mais próximo, especialmente quando via um operário mais valente investir...mas o sabre luzindo no espaço escuro parecia dar-lhe idéia da aguda dor que lhe produziria entrando no ventre, e ele...

E ele tornava-se de uma pusilanimidade lacrimejante, de

cabelos eriçados, de pele seca, de lábios e corpo trêmulos, de frio alheamento...

Para que se fora meter ali? Era sempre uma besta!

De súbito...de súbito, um corpo veio a lhe cair aos pés: um molecote que veio se estirar ali, leve, como uma flecha! E tinha os olhos apalermadamente abertos e a boca escancarada...

Oh! ele acabaria perdendo os sentidos... Tanto mais que uma zoeira enorme se fazia e os soldados se assanhavam cada vez mais, sentindo às costas e à cabeça o peso doloroso de cacos; de moringues; de garrafas; de destroços de móveis; que lhes eram arremessados das janelas mais altas, na escuridão!

E o mais curioso é que poucos gemidos, poucas imprecações... nada de heróico, de pomposo, nestas chanfradas vulgares...

"Que calamidade!"percebia ele, na tibieza do seu espírito desvairado.

Desvairado, sim! porque a cada instante ele estava vendo a morte, até o momento em que, conseguindo escapular do bolo principal, foi-se escorregando para o largo...

- "Sai...sai, seu filha da puta!", ordenava-lhe um criouloão, que também fugia e que lhe arrumou um empurrão na precipitação do medo.

Avante! Avante!

- E eis o que são as revoluções...e as jornadas gloriosas!...

Ei,lá! Mas não será aquele o Manuel, enpunhando a bandeira nacional?

Não! É evidentemente um estrangeiro!

"Sempre estes exploradores, zeros em sua terra, a deitar aqui regras, gabolas da civilização velha de seus antepassados, que eles seguem automaticamente, sem nenhm valor pessoal..."

Ele assim repetia velho pensamento.

Avante! Avante!

E as chanfradas lá continuavam...e ele se vinha pelas desertas ruas, precipitadamente, com receio de uma correria da polícia por aquelas paragens...

Tudo isso, por quem? Por uma corja de mesquinhos, de lagalhés, que nem sabiam o que queriam...

.....  
Oh! pobreza! Ele, em verdade, gostava apenas teoricamente da pobreza!

Quando se chegava a ela, sentia sempre uma repulsa, uma incompatibilidade, uma frieza dolorisfssima!

Um pano roto, um móvel quebrado, os trapos, as cadeiras lustrosas faziam-lhe sempre mal, como se estivesse num grande transe de humilhação e de decadência!

E parecia-lhe sempre que as mulheres ali estão, nestes trapos, para serem gozadas pelos homens “mais bem colocados” e que os outros homens ali estão para suportá-lo... para suportar que os ricos gozem as suas mulheres...

Hah! hah! hah!

Avante! Avante! E sua casa, o seu humilde chalé amarelo, lá estava, já à sua vista, mal se destacando na treva.

E “ela”...que estaria fazendo?

- Oh! ele estivera a treinar...Fora covarde, é fato, mas de outra vez venceria (jurava!) - entraria como um herói na refrega, ele...ele, que já conhecia agora muitas manhas dos policiais!

Ele que seria, oh! sim, um Apóstolo dos humildes, dos sofredores!

Avante!

Ah! a cidade, assim, de longe, é um sonho augusto! Onde vão as luzes, vão as misérias...mas são feéricas as misérias e, dores, contentos e agonias e orgias, assim, batidas de luz, apoteosadas na arrogância das luzes, se vão irmãmente, numa conjugação esplendidamente gigantesca, caminho do Futuro!...

Salve! salve a urbe maldita!

- Maria!

Oh! ele a amaria de qualquer forma, infiel ela fosse, contanto que o admitisse ela junto de si, pelo menos!...

“Sim, chama-me de covarde, de mísero...cospe sobre minha humilhação, mas não me expulses do encanto de teu ser. Pelo menos...Entranhada sofreguidão!”

- “Que é?” Com que alheamento extremo repondeu-lhe!

Maria!

Sempre assim!...E pondo o chapéu à cadeira, ainda ofegante, uma ansiedade profunda o tomou...

- “Nada de novo?”

## VII

- “Nada! Só o seu Teles é que esteve aqui!”

Uma alegria incontida brilhou nos olhos dela! E a cabeça alçada parecia um grande triunfo!...

Um triunfo ingênuo e franco!

Sem dúvida, ela era honesta!

Avante! Avante!

Honesta, mas não o amava! Cruel verdade!

Respeitava-se, mas...mas não o amava!

A tortura ia-o vencendo cada vez mais, naquela salinha, onde a luz era triste - e tudo triste! - porque "ela" era ali como que uma prisioneira!...

Avante!...E fora sempre assim...

Continuava a bordar, tão distraída, com a cabeça inclinada sob o *abat-jour*!

E ele ali estava, desorientado, revoltado em si mesmo, louco!

- "Viva a revolução social!" Alguma coisa do conflito ainda lhe restava, vagamente, no cérebro em tumulto longínquo! E a figura do português do café; e o préstimo da humanidade; e a desilusão dos parlamentos...tudo enfim que o preocupava aquela noite voltava-lhe incontinentemente.

Ali estava, desvairado, vendo tudo negro em torno, e um pouco menos sombrio apenas o espaço onde eles estavam, tão próximos e tão distantes...distância de um infinito!

- "Maria!"

- "Que é?" Como lhe era fatigada a voz, afastada, sonhadora!

Distância de um infinito! Ela não o amava!

Esta era a horrenda verdade, irredutível!

- Avante!

- "Onde está o pequeno, Maria?"

Trêmulo, ofegante, cada vez mais, ele se via pisado pelas patas dos cavalos, no tumulto horrível e ela ali, indiferente, a pensar sem dúvida no Teles, cabeça deliciosamente voltada para a costura...numa atitude de maldita graça!

- Viva o operariado! Viva a revolução social!

E jamais...jamais,este seu sonho antigo e ardente!...Aos ouvidos, numa tonalidade entre convulsiva e irônica, apenas lhe segredava uma voz:

- "Avante!"

O eco ia-se sumindo, teimoso contudo, tal uma condenação, ante o implacável alheamento "dela"!...da sua Maria!

- Avante!

"Viva a revolução! E o sofrimento humano..."

Avante! Avante!

(Tumulto da vida)

## *"MORREU O JUVENAL"*

- "Coitado! mas sob certo ponto de vista..."

- "Sim, fim de contas...lá se foi o insubstituível Juvenal! Olha, ó rapaz, pinga um pouco de genebra..."

- "O fato é que você, seu Arnaldo, não acompanhou o enterro até o cemitério!"

- "Ora, filho, não te é estranho: tenho a digestão complicada, Já era tarde: o corpo saiu dos subúrbios àquela hora...quando chegou a São Cristóvão já eram as cinco e meia regimentais do meu estômago...O diabo!..."

Tenho certeza de que o bom Juvenal não me desejaria uma complicação visceral, donde poderiam advir as mais sombrias conseqüências."

- "Verdade, verdade: o nosso defunto era, em vida, um perfeito materialista. É coerente que te perdoasse pelas delicadezas gástricas."

- "Materialista, ele, tão sonhador!?!..."

- "Materialista, que dúvida!"

Certa ocasião fomos visitar um operário da Limpeza Pública, à Santa Casa. Pelo caminho, no hospital, havia camisolões sujos, de vadios reconhecíveis, dos bem descansados; gozavam amolentadamente, pelos corredores, a sua indolência, então justificada! - Ora, o nosso amigo, que a Parca acaba de levar, divisou um ajuntamento perto de um leito, ali à próxima enfermaria.

Foi sófrego gozar "aquilo". Decepção! - era um enfermo, apenas, mais visitado!"

- "Era solícito em visitar doentes! Diziam-no rato de hospital!"

- "Apenas um enfermo: decepção! Não era o que ele esperava: não era o espetáculo emocionante de uma agonia!"

Sentimentos macabros, comichãozinha do sensacional dramático...disso havia muito no nosso querido!"

- "Em todo caso, o que ora se foi, acompanhou o enterro de teu pai, Aristeu, com apontável compunção!"

Não discutiu a situação política durante todo o trajeto, nem moralizou a respeito das liberalidades da senhora Costa Lima."

- "Fazia de tudo um gozo... variar era para ele o essencial! Não sentia a verdadeira significação das coisas: não sentia a dor alheia!"

- "Pobre Juvenal!"

- "Tão moço! Pobre Juvenal!"

Não se conduziu corretamente com o homem - você, Arquimedes - a respeito da quantia que ele despendeu com a sua fiança; naquela ocasião em que esteve você detido..."

- "Ora, que queres? Nosso amigo tinha uma fisionomia tão negativa - era tão pronunciado "não", ele todo - que, ao lhe tentar pagar, tive a impressão de que responderia: Não aceito."

- "Era tão pobre, o suburbano! Tão austeramente mal trajado!"

- "Sempre vestido sem graves senões - eis a coisa, no justo termo.

Emprestava, dava o que melhor tinha. As gravatas de seda, que o tio lhe mandava de Paris, iam parar no pescoço dos contínuos e dos carteiros!

Era dignamente econômico. Era dos que menos recebia: dos mais gentis, ao mesmo tempo."

- "Muito desaforo de amor-próprio nas suas atitudes..."

- "Ingrato foi você, Tibúrcio. Raios de maldição sobre você desçam pelo mais feio dos pecados! O rapaz tudo fez por você, no Grêmio: do Grêmio e dele tornou-se você o maior inimigo, sofrego por sepultar a ambos com implacável antecedência."

- "O Grêmio era uma tolice indesculpável; arruiná-lo era ação meritória.

O Grêmio pregava a espiritualização do carioca: da mesma forma que pregaria a esportização do carioca, se o Rio estivesse sufocado de literatagem.

Ora, a instrução assim, sem mais aquela, leva à dúvida, à confusão, ao desencanto, à libertinagem de espírito..."

- "Você era pelo descolamento da retina, contra o visionamento do Juvenal."

- "Os indivíduos gênero Juvenal o que têm é a comichão de bulfício, a necessidade orgânica do fazer. Fazer o que não está feito, eis para eles a questão..."

- "O frenético tinha até remorsos de dormir."

- "Praticou o milagre de perder tempo, dinheiro, saúde, a vida...ele que, de tudo isso, tão pouco possuía!

Há, neste mundo, razões para tudo e para todos; até mesmo para os estáticos que atiram bombas, do seu quedo conforto, contra a construção dos dinâmicos!"

- "Destruir é também boa ação!"

- "Pobre Juvenal!"

- "Pobre Juvenal!"

- “Que idéia da família de lhe não mandar rezar missa de sétimo dia!”

- “Coisas lá dele! Creio que a última vontade. Destava a tagarelagem sussurrante dos que assistem às missas.

Eu lhe queria bem! Que tinha ele contudo que ganhasse eu dinheiro a meu jeito?

A vida está uma falta de ar, que nem o Lírico no verão!

A gente se defende! Lá que o país vá ao já clássico “abismo” e escorregue para a mão dos estrangeiros...que apocalipse vêem os patriotas nisso? Pois a humanidade não está acima de tudo? e os estrangeiros não são “representantes da espécie?...”

- “Juvenal era um espírito estreito.”

- “Olhemos para além das fronteiras...

Sejamos todos irmãos...”

- “Apoiados! Sejamos irmãos, especialmente nos largos vãos internacionais...”

Juvenal era uma mentalidade retrógrada; não compreendia os novos e mais vigorosos fatores do progresso.

Pagou pela obstinação passadista do seu apito fiscal!”

- “Você, Gomide, é relaxado na desonestidade” como a modorra de um novo-rico depois do repasto, em que houve repolho, ovos, tripas, cabeça de porco... - Demais, por que mentia você ao rapaz, quando dele solicitava cartões de apresentação, pretextando os negócios mais flicitos do mundo?”

- “Era muito intrrometido!”

- “Pobre Juvenal!”

- “Hah! Hah! Magnífico é este: hipocritamente está a entoar réquiem ao falecido, sem se recordar que só procurava palestrar com a noiva do mísero para lhe ir preparando o bote...”

- “Horror!”

- “A esposa juvenalícia teria onde refrescar a sequidão da constância...”

- “Ó monogamia, em teu nome quantos crimes se cometem!

Iria eu prestar um serviço ao meu melhor amigo! A menina era mais aguada e açucarada do que café-casa-de-família!

De mais a mais, um tanto magra, a sua única salvação estava no *habeas-corpus* concedido pela magreza à sua evidente sensualidade.

Ora, Juvenal era, sem dúvida, de uma grande mansidão reprodutora.

Quem iria, pois, desconcentrar, salutarmente, os quadris acanhados da pequena?”

- “Espinhosa missão!”

- "Quem iria pois atíçar-lhe os rebuliços horizontais, verticais, perpendiculares, diagonais...indispensáveis à boa saúde da inocente?"

- "Em várias ocasiões, mulher e irmãs de amigos pareciam requerer de Juvenal idêntica missão desabrochadora.

O defunto era imprestável...positivamente!"

- "Além do mais, a menina se mostrava cheia de minudências: e ele não amava os detalhes desfiguradores...Era pelo halo que envolve a todas as coisas.

Assaz burguesinha...

- Repete essa dose aqui, ó garçom!

Às burguesinhas, com seus ares de acolhimento e de modéstia, o "recente viajante da eterna viagem" não as poupava...não as poupava. Distingua às aristocráticas...às inatingíveis!"

- "O que não obistou jamais a que colocasse honestamente muitas mocinhas pobres. Especializou-se mesmo, a este respeito, em telefonistas e costureirinhas!"

- "Pobre Juvenal! - Você, Arnaldo, deve refrear essa cocaína.

Está pálido como um desfalecido!"

- "A menina seria mãe, se tal o permitisse a apatia chupada do nosso homem. Pois aí está: ele continuava a contestar a minha sagrada opinião sobre o amor materno.

Vocês sabem: eu juro ser o amor materno uma elevada modalidade do altruísmo."

- "Apoiado! isso é de cartilha!"

- "O amor materno sacrifica ao indivíduo o todo por uma fração do todo.

O blasfemo retrucava, com o sorrisinho das ocasiões safadas: qual! o todo se empenha em subsistir, pelo menos, em fração. Eis tudo!

Como poderia tal renegado ser feliz na santa sombra do lar?"

- "Não o impediã essas teorias de passar noites de enfermeiro com filhos dos outros..."

- "Garçom, pede à orquestra que toque o "Luar de Paquetá"!"

Um homem, como era o Juvenal, mata a mulher de tédio! O defunto, por nós ora pranteado, não amava o rádio, o gramofone e a pianola por não admitir, segundo dizia, o mecanicismo aplicado aos lances da sensibilidade."

- "Um insatifeito!"

- "O cinema era, para ele, a gravura na tela, sem permitir à imaginação tempo para se espriar; os chás-dançantes, excitações vãs; o luxo moderno, esse glorioso luxo que hodiernamente em tudo tumultua, arrogante..."

- "...tendo consciência de si mesmo!"

- "...para o fatigado era um déspota que envolve o homem, reduzindo este a mero incidente, transitório, entre cortinas, tapetes, cristais...que lá passam, de mão em mão..."

Oh! Juvenal era a existência que nega...!"

- "Era um subversor da ordem pública.

Não obstante, por ocasião do parto de tua irmã, ele foi de um exemplar cavalheirismo, ao sol, à chuva, à noite.

Dava idéia até de que se candidatava, com sacrifícios, a padrinho."

- "Pobre Juvenal!"

- "Um destemperado de gênio! Não admitia uma mulher feia tentando, espaventosamente, se salvar debaixo de um automóvel.

Era isso, para ele, presunção desaforada da fealdade!

- Convicto, a esticar sua displicência, como um gato, abençoava a bandalheira administrativa, que tem enchido de luzes e de deslumbramentos à cidade! Horror! Um deslocado do eixo, o pobre rapaz!

- Garçom, este conhaque está horrível! Impossível que não o tenham falsificado!

Patriota execrando! Os brasileiros só têm qualidades femininas de hospitalidade, polidez, doçura...por aí além...

Assim pensava! Quanto às qualidades de energia, e eficiência..."

- "Era tímido, honesto, e muito do seu povo, a se julgar pelos seus atos!"

- "Uma honestidade lorpa, como tantas outras, a sua! Que valeu ela no concerto dos mundos?"

Ele, que fugia aos medíocres, para que a simples presença sua, entre eles, não o fizessem ter como um deles..."

- "Ora! ora! pobre Juvenal! Costumava dizer que no mundo tudo tende ao equilíbrio; que a terra já fora mais quente e mais fria do que o é atualmente.

O pobrezinho acabaria também morno, a exemplo de tantos..."

- "Ninguém, mais do que ele, se esforçava por dar nitidez à personalidade dos outros!"

- "Salve, à memória do morto!"

- "Ele era desses leitores que criam os autores..."

Que exemplo, além de tudo, de digna e sóbria dor: dor moderna, a dele nas mais árduas circunstâncias."

- "Pegava jantares e se esquivava aos duzentos réis do café, entre os amigos"

- "No fundo, ele sentenciava: pelo menos, com o café, vocês podem se desobrigar"

- “Questão moral, e de fina cortesia!”

- “Casto! Juvenal era casto, que nem Abelardo, após a operação de Foulques.

Quando falava com as mulheres corava, a modo de um açambarcador espremido na Bolsa, à hora das cotações!

Todos nós lhe devemos honrar a memória! Todos nós lhe devemos qualquer coisa!”

- “Era dos que apanham sempre o maior castigo pela menor falta! Pobre Juvenal!”

- “Irônico, aliás! - Que tal está este uísque, Aristeu? - No fundo, a sua ironia podia ser uma forma de bondade!”

- “Muito futriquinha; muito besuntado de polimento; muito desses de fazerem conta, quando se despedem de uma recepção, que o dono da casa lhe diga: é cedo ainda! por que já se vai?”

- “Na maioria dos casos, cá para mim, os irônicos são bons sujeitos: “boas coisas”.

À bondade distinguem olhos de lince: assim pode ela brincar com os alheios defeitos de felino, sem magoá-los...”

- “Pobre Juvenal!”

- “Nós todos lhe devemos...E ele sabia dar: sabia o grande saber!”

- “Quando ia conosco às festas, acabava por ficar sempre só; apesar do seu espírito. Culpa especialmente de você, Mendonça: - perdoai-me, mas...Pra que enfim recapitular desagradáveis coisas?

Triste rapaz!”

- “Inigualável, insuperável, inesgotável, a sua competência em nos conduzir às festas, de automóvel.

Era a velocidade dos nossos desejos!”

- “Acabou sozinho no Grêmio, na tipografia, na Escola, na fábrica de botões...em tudo!

Ninguém mais o visitava quando a oficinazita decaiu...À tardinha, de olhos tristonhos, entre as caixas de tipos, tudo aquilo muito negro, muito humilhado!...

Ele teimoso, teimoso...entre a ruína!”

- “Pobre Juvenal!”

- “O rapaz acabava sempre só, com o seu sonho! - Ó daí: vê uns sandúches: de queijo, hein! - Nós todos lhe ficamos a dever alguma coisa...apesar dele ser excêntrico, intratável!...

Agora também é tarde para pagar...”

- “Coitado! Ele fez bem no último passo!”

- “Não tinha jeito para viver! Nunca sairia daquilo...”

- “Pobre Juvenal!”

- “Fez bem em ter morrido”.

- “Apoiado!”
- “Penso como você, Arnaldo. Infeliz rapaz! Fez bem... compreendeu a coisa...”
- “Apoiado! - Depressa com isso, ó daí!”
- “Apoiado! É ...é isso mesmo...Apoiado! Não tinha jeito... o jeito que nós temos...Para que haveria o bom Juvenal de teimar?...”

*(A hora veloz)*

## PLENITUDE

Plenitude da vida.

Plenitude do espírito; do espírito, em cujo assíduo exercício se chegou ao senso do equilíbrio, entre os dados da fremente análise...

Plenitude da alma que leva a alma, através da experiência, à maior sabedoria na bondade.

Plenitude dos cinquenta anos que eleva um cimo, do qual se descortina com serena saudade o que foi: e com serena esperança de desaparecer, se descortina a vindoura paisagem.

Plenitude, em que se respira uma aragem de tonificante neutralidade das terrenas coisas: lá, do alto...

- “A gente, Artur, nunca sabe o que vai deixar para a posteridade: tem a gente a sua alma, e tem a posteridade alma que lhe é própria.”

- “Mas a alma veste de várias modas de sensibilidade pelo tempo, como o corpo se vai aos vários cortes de figurino...Ora, o que menos muda é o gosto da gente escrever para si: para sua íntima volúpia.

Tenham assim, os outros, a competência de procurar na vida suas delícias.”

- “Cá por mim, sou incansável em empilhar os meus calhamaços...E tenho uma fezinha, seu Modesto.

Os pósteros não de se dotar de um compreensivo espírito, superior!...”

- Tiras da vida de quem ficou sempre: o “menino de grandes olhos, pasmos.”

- As sombras amigas, dos inesquecíveis...oh! a melopéia desse inconsolo!...

- Ao léu dos dias: ao léu de um sensível ânimo, enfrentando os dias.

- Pelo merencório incêndio do mundo, no hodierno espanto...pela abissal enxurrada...

- Sobre a montanha, a alma gloriosa!

## PLENITUDE

- Sumiu-se na meia treva da madrugada morna e som bamboleante do tflburi, sobre os paralelepípedos...

Lá ficou a velha, de pé em meio à sala, paralisada de saudade; de dolorfssima, de mortal saudade. Em meio à sala escura ficou olhando, olhando vagamente, até que foi chegando a frouxa luz do dia...

A realidade dô dia trouxe-lhe uma pungência maior: os sons que lhe começaram a vir de um sapateiro vizinho, batendo sola, foram-lhe enterrando na alma um desespero de irritação. O velho papagaio amigo soltou o seu costumeiro e gaiato: "Nhonhô!"

Ah! Nhonhô lá fora, por aquela madrugada de janeiro: "não o verás tão cedo, talvez nunca mais, ó meu louro!"

Foi para os estudos, e para a saúde lá, na serra longínqua: foi para o princípio da luta: foi para o eterno adeus à infância!

Entrou a velha na sua alcova de biombo, onde ardia a lamparina de querosene, ante o oratório: e, ao dar com a cama de seu netinho de lençol ainda amarfanhado, pôr-se a chorar naquela humilde escuridão um pranto fundo, um pranto tão desoladamente convulso...

...como iria chorar, dali a cinqüenta anos ele, o seu netinho, debruçando sobre uma mesa de estudo a sua cabeça, já esbranquiçada: ferido, o mísero, pela longínqua recordação daquela madrugada sinistra!

- Eia! rasgou-se o horizonte, em qual imprevisto de glória!

...Tudo que existiu pelo mundos e pelos tempos...as almas, as folhas balouçantes, as cidades que pompearam em uma evidência clamando "imortalidade!", os seres pré-históricos, as pedras, os policrômicos ideais humanos...eia! tudo lá desperte! na vastidão flamejante!

Tudo que passou - Eia! rasgou-se o horizonte!

(Eu vim de vâles de angústia.) Desde o mais humilde ao mais marcante - ser por ser - desde o mais afastado dia, desde o mais longínquo mundo - ser por ser - cada ser que tenha sido surja do

profundo; - venha, pasmo arregalado, estontear-se de um engano-de-glória nos plainos sem fim.

Nos plainos de luz. (Vim eu de vales de angústia, para o descampado do aceso altruísmo!) - E, na festa prodigiosa, todas as existências do Universo, imersas em luz, estrondem a sua aparência de grandeza; antes do cósmico Estrondo final...

Estrondem sua ilusão de que "realmente" existiram...

Momento sejam, antes do Nada. - Rasgou-se o horizonte, em que imprevisto de glória! - Antes do Nada-universal, oh! festa alucinante dos mundos...em luz!

Em luz intérrima, pelo espaço - Vagas de divindade!

Que centelhas de espera: - infinda!...Desde o mais profundo dos tempos; desde o caos...

...Para o caos - Uma galhardia de amplitude vai exaltando, no Esplendor - vê, dileto - a cada irmãozinho do nosso anseio cantante!...

- A excelsa musa é a musa familiar.

Que mais profunda e delicada emoção poderá qualquer espetáculo provocar do que a vista de um dos quadros da escola holandesa, representando minucioso ambiente doméstico: ou do que a leitura de um romance inglês, cujo cenário sempre se distingue pelo encanto do *home, sweet home*?

Só o perfume da infância bastaria para tornar a estesia do lar, estesia de particular atração. Qual homem existe que não esboce, nas suas recordações de menino, um halo de especial santidade, no qual a "criança de grandes olhos pasmos" não insinue, em sua inocência, a magnitude de uma Revelação?...

Tudo decorre em sadia fluidez no lar, como torrente que levará para os nossos derradeiros momentos a saudade dos únicos cimos desnublidamente aprazíveis da vida!.....E nada há que caracterize tanto a cerebralidade sinistra da hodierna época como a risota em que é geralmente binoculado, pelos turistas da vida, o panorama da existência doméstica.

Julgada pelos falsos analistas, como fonte de egoísmos e de egotismo, a casa-de-família é a irredutível célula da felicidade humana, tanto quanto é fonte de incomparável inspiração: pois é o cenário que mais perto está da normal receptividade das almas.

E é dom supremo do Criador, o permitir-nos Ele a ilusão de que somos, cada um, um sol ao redor do qual giram mundos, e mais mundos: em harmoniosas órbitas de afeição.

De que somos tanto assim, na insignificância real do que

somos! - em ilusão que nos vem do estímulo alentado pelos nossos queridos. Na altitude celestial de nosso caseiro aconchego!

- A cada fato que comigo ocorria, na monótona vida de colégio, esfuziava logo a recordação do Rio.

Tal um relâmpago de redenção, nos meus dias de Friburgo, a visão do Encanto tumultuário chamava-me no horizonte; lá, na intermínua baixada.

Pelas ruas estreitas, abria-se o som escarrapachado e bamboleante das carroças, dos carros e dos tálburis, tremendo os balouçados veículos a madeira de suas rodas sobre os paralelepípedos; os quais se inclinavam resvaladoramente para um rego, ao centro longitudinal do calçamento. Subiam algum tanto pelos grossos lajedos desalinhados dos “passeios” os bondinhos-de-burro, que iam rompendo a estreiteza das vias com tlim-tlim-tlim das campainhas, presas ao pescoço dos muars; com o assobio comprido dos cocheiros, com o “olha à direita”, “olha à esquerda”, em exclamação dos quais os latagões das rédeas preveniam aos incautos, nos estribos, a respeito dos andaimes: - aos andaimes se encostava quase a “caixinha de fósforo”, na angústia da apertada passagem. Os carrinhos-de-mão saltitavam, com seu estrépito metálico, sobre as pedras desiguais: somente amaciadas, as pedras, pelas imundícies que mal odorosamente atapetavam o acidentado chão, respingando paredes de feias casas, acachapadamente tristonhas... - Ora, fremia toda essa transportagem urbana um barulho heterogêneo que dava certo grande ar metropolitano à velha cidade colonial: tão paradoxalmente que assim nos pareça, à memória, qual tal efeito produzissem aqueles rodadores elementos de “atraso”.

- Certa manhã em estranho despertar acordei, no quarto da rua Marquês de Abrantes - casa da minha avó; tendo vindo em férias, de Friburgo: chegado à noite anterior. O barulho matinal da cidade, em seus transportes todos bamboleando sonoramente sobre o calçamento, entrou - de brusco! - pela minha surpresa em alvorada: - ah! era de novo a Capital que falava aos meus nove anos! E levantei a cabeça num afã irreprimível de alegria!

Oh! sol de vida, que em mim se alumiou! - O meu Rio!...

Adolescência imortal, que em nós fica pela vida, acenando no horizonte com flocos de recordações...

- Tlim! tlim! tlim! - os bondes passavam na manhã clara...

E minha avó apareceu, como dentro de um halo, trazendo o meu “cafezinho com leite”.

- “Se quiser mais pão, pede, Nhonhô! - Este chegou agora; está bem quente!” - Olhava-me, pressurosa de adivinhar o menor desejo que eu tivesse...

Oh! adolescência!

- Caminhavam sorveteiros pela solidão-lamparina das ruas de arrabalde: - era tão fraca a luz do gás! - “Sorvete, Ioiô! sorvete, Iaiá!”

Era escaldante, o Rio: de fazer bufar! - (Nosso parente Torres Homem, o médico-barão, morreu de haver engolido um sorvete, depois do jantar: comprara tal guloseima gelada a um moleque, que viera apregoando pela rua...Assim contava-me a tia Miloca.)

- De dia, saltitava à rua o chinês do “pixi-camarão!”, arriado chinesmente debaixo dos cestos: muito mirradinho. Vendedores outros batiam com um porrete à beira de tabuleiros-madeira - pá! pá! pá! - fazendo como que música de xilofone. - “Mindubi torrado! Está quentinho!”

- Miúdos! olha os bons miúdos!” - “Baleiro! balas de coco, de ovo, altéia; hortelã-pimenta!”- “Biscoitos, sinhá!” - Dêem passagem aí, ó moleques saracoteadores das bandejas...que lá vem o mascate, matracando os seus dois paus longos!

Coitado! como vem abafado o “turco”, debaixo do peso sedutor de tanta miudeza gostosa à vaidade barata das damas! - Era uma festa na cidade!

Uma festa! - Quando descia a noitinha, a gente tinha um sono tamanhamente bom! tão de ir ao fundo de si mesmo: num escorregão macio, macio e ralo de simpleza.

(Eu dormia outrora, assim com a vovó dormia, em um quarto com separação de biombo, junto à sala de jantar: um pouco triste quarto, de sombrio e pobre, é verdade. Agora era numa saleta alegre, dando para a frente: para a festa da rua!)

- Apraz-me, ainda hoje, estabelecer a contemporaneidade entre os fatos que se vulgarizavam em minha infância colegial e os fatos que ora decorriam no Rio: - cá, a agitação em esplendores, enquanto lá pela serra se enlanguescia a minha ingênua esperança, no ambiente desencantador da pequenina cidade: onde tudo lembrava o cueiro da minha individualidade.

Cá, pela rua do Ouvidor, as gravatas romanticamente pandas dos literatos e dos jornalistas gloriosos, entrando em alacridade de triunfo pelo “Café Londres”, pelo “Java”, pelo “Café do Rio”. - Vivas e morras, esquentando-se pelas ruas - abaixo o governo! viva a República! Motins da São Cristóvão: Canudos: apreensões no ar, cochichos pálidos à porta dos cafés, das redações. Bondes virados, incêndio nos bondes, correrias. O Edvigés afrontando os estudantes da Politécnica - fiau! fiau! morra a polícia - cavalaria resvalando em rolhas de cortiça...prisão dos rapazes lá, no telhado do edifício venerando...

O diabo...pum! pum!

Pum! fecha! fecha!...

- "Fofa barato! fofa barato!" - "*Cidade do Rio!* Olha a *Tribuna!*"

- O Rui Barbosa atravessando a rua, gloriosamente acorcondado; o Bilac aureolado com as recentes aclamações com que se amaiorara em Buenos Aires: o Nestor Vitor voltando rosto, em votivo carinho, para a negridão desassombrada do Cruz e Sousa, e roçando talvez, ao acaso, pela avó do menino Adelino (oh! o imprevisito de outra amizade que iria em tempo, no Adelino, ao ânimo do bom paranaense adulçorar). O Patrocínio, verbosamente meio tonto, cercado pelos "meninos" junto à *Cidade do Rio* - aclamai-o! - a anunciar ele o pagamento...O Nei rouquejando boas pilhérias, mais adiante - que inesgotável! - e o Emílio, o Raul Braga...Gente toda a discretar risonha, na confraternização dos abraços, mal traíndo esse pavor brasileiro de "vir a gente tornar-se antipática": - elogiável covardia!

E eu, na serra longínqua, sonhando em gozar tudo "isso", turbilhonando visões de entrar no áureo banquete...E certa vez que divisei a baía lá, embaixo, quase oculta pela bruma, um hausto de imortal confiança me tomou...Um sorriso, assim, de eternidade: de luminosa eternidade, fazendo desferir-me à alma que impulso!...para a consagradora Viagem.

Lá, em apoteose, estava o horizonte da vida: em ilusão, que excede a vida. Mal encoberto pelas brumas, se incontinha o horizonte, donde avultavam o Pão de Açúcar, o Corcovado, tais picos legendários. E meus desejos crepitavam na bruma entre alheias realidades, que espalhavam amarguras e contentos pela vastidão da urbana existência; como que evaporada essa na azul-e-rósea coloração.

Tudo se exaltaria em mim, pelos anos avante...sem saber bem como, almejava eu vir a ser. Ou não se definia bem assim: - mas a Luz - eis! - tudo seria por mim!

Oh! adolescência! - ...E viver-se jamais a vida, que o Vago Estímulo nos prometeu...mortal pena que é! - Não existir a vida para os Delicados!...- Oh! adolescência!

- Voltavam para as chácaras as bocejantes donas, na noturna fadiga emocional de haverem assistido ao Ducci ou ao Mancinelli, no prestígio do Lírico: - para chácaras, que ressonavam ainda gravidade e pacatez Segundo Reinado, nas Laranjeiras; em Botafogo.

(A casa de minha avó era ladeada por um jardim: ao lado, porém, se pompeavam chácaras que, à noite, discorriam sombras de fantasmas!)

Do "Apolo" transbordavam donas e cavalheiros, com a alma baloiçada pelas alegres notas, de travo às vezes melancólico, que

se haviam esfuziado do *Boccacio*, de *D. Juanita*, da *Capital Federal*, com o Matos, Pepa Ruiz, a Lopícolo, Machado e Peixoto...Na rua, entediados de espera longa, os noctívagos esperavam os bondinhos cochilentos que lá vinham, em fraca luz no farolete; com seus burrinhos caindo de dorminhocos...

Tudo em noturno debruçamento, cheio de dolência tropical, um tanto romântico ainda: algo espertado pelo recente assomo da República, todavia.

(A vovó nunca ia ao teatro: cuidava só da sua casa-de-pensão. Pobrezita! com sua roupa de vidrilhos e de tanta largueza, à antiga, preferia ficar no seu canto: onde não tivesse que sentir pejo dos sorrisos de mofa, que lhe viriam ao certo no mundo das luzes - Contando que fosse o neto com o Chico ao bulfo das noitadas sãs...tudo lhe seria festa à alma!)

Noitadas sãs... Alguns dos que safam dos teatros - e até velhos! - ouvia eu dizer que ficavam na cidade alta noite, fazendo coisas...que eu não compreendia; senão que...não eram boas coisas! Piscava olhos em sorriso, meu tio: - a vovó fazia-lhe sinal de engolir o assunto...

- Negócio de "francesas"...

- A cidade que eu adivinhava, da serra, esplendia ao longe o horizonte de todas as aspirações...

Onde hoje vou modorrando os meus cinquenta anos, é essa a cidade que aquela tarde me surgira, em sugestão; no panorama descortinado, de isolamento meu, durante estrepitoso piquenique colegial!

Mas...e a longínqua bruma?... - Adolescência: - oh! maior glória!

Glória ingênua, nas primeiras promessas da vida...

"Passavas pela Avenida, tentando aprumar os teus sessenta e muitos anos! - Se nos vias, a qualquer de nós do "grupo", tornavas-te em clarão de contento: mais empinado era então o teu heraldismo; perguntavas pela saudezinha do jovem amigo, com quem topavas. Pela obra do artista não abrias lábios, de interesse: havias feito em moço os teus versinhos, e havias fracassado...

Um despeito se cristalizara em tual alma! - Davas uns passos conosco, em esforço de fazê-los afirmados: conosco entravas no café, discorrias sobre os talentos de outrora, lecionavas acerca de perfumes e de mulheres e...às mulheres te apressavas, após.

Oito, dez anos assim perambulaste com a nossa juvenil boêmia: entesado, afidalgado nos teus sessenta avante; sem família; sem amigos certos; sem quentura de coisa alguma. Onde moravas? Só o soubemos quando...morreste.

tinha pedido pra eu dizer aos moços do “Café Papagaio” que fossem ao enterro dele. E me disse tudo direitinho como eu devia vir...”

Cafste de cama e te foste em horas: ainda estiveras à noite, anterior com as nossas galhofadas, No teu quarto, uma coleção de gravatas de seda e bastantes frascos de perfume deram-me conjectura de que recebiam nossa visita funérea com certas risotas de ironia: como a apontarem grotescamente o teu cadáver de ancião elegante!

De feminino ali só nos surgiu a gordura da dona da casa: indiferente como a gorda indiferença! Tinha jeito de polaca, ou de turca. Veio, olhou para nós, e saiu - O enterro tocou para o Caju: dois carros...

Vala comum.

Pelo caminho, o Lauro Guedes propôs um enigma, para matar o tempo de onde havias brotado, ó impenitente boêmio?

...Sem família: sem amigos certos...

Não te mandamos rezar missa: - o Amaral falou numa subscrição para o ato, mas...ficou por isso mesmo! - No café, é verdade, fazemos-te lembrado vez ou outra: ressurgindo qualquer das pitorescas impertinências tuas”.

- Vai por aqui uma serenidade, que quase anula a alma; em neutralizante serenidade. - Vai pelo mundo uma agitação, de cataclísmicas vagas; em desespero e sangue.

Vai por aqui um frescor de campo: - tarde de ar tenuíssimo, de agreste frescura. - Vai pelo mundo que cálida poeirada de distúrbios, ao sol convulsionando em vermelho! como o incêndio de todos os momentos.

Vai por aqui um pipilar crepuscular de aves (Onde estarão os ninhos?) - Vão pelo mundo gritos de crianças, de mulheres e de velhos, gritos em fuga metralhada por heróis, que se glorificam no ar, por planícies e montanhas; nos mares, em ginásticas sinistras...

Vai por aqui um céu onde nuvens se esgarçam em fantasias de imaterial esgarçamento, alvo - Vai pelo mundo a morte do firmamento, no desamor universal; não se ouvindo mais a linguagem da inteligente concordância, entre os homens.

Vai por aqui um ar-de-oração nos galhos estendidos das árvores, na cariciosa bruma, anoitecente. — Vai pelo mundo uma alucinação de se estancar na boca a reza dos fracos, na tentativa dos fracos pedirem, em último alento, o auxílio de Deus.

Vai por aqui um sossego cheiroso de terra satisfeita, à aproximação da noite - Vão pelo mundo umas exalações de enxofre, na terra que treme sob as ferragens raiventas dos que a revolvem: em turbilhão fumacento de máquinas infernais.

Vai por aqui uma bênção de Deus, na tranqüilidade da tarde campestre. - Vai pelo mundo uma maldição, porque os mais fortes negam fraternais mãos aos mais deprovidos irmãozitos; não os ajudando a crescer em sã opulência, em liberdade, em luminosas perspectivas para o espírito e para a alma; - cândida de esperanças a alma, nos pequenos!

- "...Ele é desses que censuram o alheio, passível de censura, não tanto por se apiedarem das vítimas do malefício; nem por tão sincera repulsa às ações reprováveis. Não, ele é desses que censuram, sobretudo, pelo prazer de censurar: pela volúpia de amarfanhar alguma criatura; ainda mais sentindo o seu sadismo legitimado pela aparência de atitude meritória.

Atitude de emérito Catão.

Por isso, a notícia de qualquer pecado alheio causa-lhe, é evidente, auroral esplendor: reparem, como em tal ocasião, ele levanta o peito e respira mais ofegante! No fundo, é reconhecido ao pecador: - e vai subindo no conceito público, elevado em pedestal de gente que ele saborosamente fustigou - Que mais completo pode existir, em matéria de satisfação?...Propalam que ele vai ingressar agora na magistratura.

Bailados estranhos se desencadearão naquela alma - por certo - desde tal dia: esfogueados pela fome de justiça!...Que dança de penitentes!... Opinam todos que ele será um juiz exemplar: de singularíssima austeridade.

O decreto de nomeação, consta que virá até sábado; ao "caro doutor" vão oferecer banquete, beca, caneta de ouro e novo anel com pedra mais vistosa.

Haja bastantes crimes para a sanha desse justo!"

"...Até então, tudo havias dominado! - Sorrias, com largo escárnio dos esposos e dos pais daquelas a quem seduziste. Venceste as inebridades em cujo ventre, lá bem ao profundo, arremessaste jorros de volúpia: e fizeste desabrochar para o gozo as tímidas ancazitas das virgens; as quais, sob teu másculo furor sem escrúpulos, gemiam de lúbrico sofrimento.

Mirabolaste com a credulidade dos incautos “amigos”, surripiando-lhes ao recato das carteiras boas propinas: ao tempo em que os turvavas com os fumos de tua falsíssima candura.

Venceste a pátria, na perversa vitória de traf-la: pois que, com amantes tuas, de internacional desenvoltura, conseguiste de oficiais fontes, polufdas, pontas de segredos-de-estado, para passá-las a curiosidades de além-fronteira...

Desafiaste a Fé, esperando com esgares para o céu a descida espetacular da espada vingadora... Triunfaste de toda a pureza da terra, no desassombro do teu satanismo: mas quando chegou Ela com sua solenidade seca, desconforme em esqueleto, rindo entre dentes monstruosos - tu, então, tremeste!

Tremeste: à beira de abismo, tu viste só - Em quem te poderias apoiar, diante da Escuridão?

Nem em ti mesmo poderias firmar o teu pasmo!

Tu te acovardaste, ó herói de incêndio! E, nesse momento final, a vida se resumiu para teu imprevisito em angústia, que muito mais funda te foi, do que largamente cachoeirante havia a ti inundado o prazer: até se desencantar naquela tortura.

Esvaziado de toda tua rebeldia convulsiva, suspiraste: fraquinho como uma criança, que pede a mãe!”

- Iam elas em risonha lentidão, inapreensíveis como figuras pré-rafaelitas: pela entrada de leves pisares... Envoltas em certa aragem, que cantava.

Sorriam seus lábios, sorriam seus olhos. De súbito olhamos, nós, para o descampado sombrio, embaixo: - do maviamento aluarado em que estávamos, é que olhamos: e deparamos com faunos a arfarem, em vertigem, atrás de mulheres exuberantes. Fossem, assim, modelos de Rubens: as sensuais palpitantes.

Sentimos que nos cresciam, então, pêlos no corpo; impetuosos, selvagens: e, sem consciência do que andávamos, lá fomos descendo... Depois que fruímos vermelho fruto de volúpia entre a negaceante floresta dos femininos quadris, voltamos da turva campina: - voltamos, tristes de vexado arrependimento.

Receberam-nos “elas” cá, em cima, risonhas tal qual dantes: boticelinas de longo esquecimento: como se nada de melancólico lhes houvésemos feito sofrer. Mais adiante, volvendo os olhos para a campina desceram à campina lentamente: - com que pasmo nosso de vê-las descer, como havíamos descido!

De pêlos, o corpo se lhes foi eriçando: como a nós se haviam pêlos eriçado - Óh! sorriram para os faunos, em esgares de desejos:

entregaram-se após, a uivar soturnamente.

Tornaram ao caminho de cima, com as mesmas estrelas de limpidez, nos lábios e nos olhos. Pusemo-nos a caminhar, como dantes, pela alta estrada, envoltos em aragem de indefinível bem-estar...

O corpo delas se ia, repetindo espirais de sutil insinuação. - Mais ainda do que no princípio da jornada, cada meneio das prestigiosas clamava a mais suave das ascensões.

Sorriam: de esperança?

Por imortal esperança, sem dúvida, iam Elas a sorrir...

- Que amargor lhe constringia a tortura, enquanto o piano alongava a valsa na vizinha casa, onde a festa decorria infrene: - um tanto à distância! Que ofegante e arrastada tristura! e aí no seu leito de ferro, no sótão, o adolescente cintilava os olhos em marejamento de lágrimas. Era ele obsedado pela visão do vulto que surgia sublime, aos transportes de sua devoção: ao tempo em que os sons evocativamente lânguidos do sarau emocionavam a distância...

O inspetor Laurindo havia noticiado, antes das férias, que ela embarcara para Rodeio (um qualquer lugarejo por aí, por esse escuro de não saber ele onde ficavam senão duas ou três cidades): dias antes, é verdade, ele a vira em brusco surgimento à Praça, mas, como sempre, timidamente é que levantara olhos para a Inatingível. De mais a mais, consfrangia-lhe ainda no seu tumulto de alma o travo daquela frase que ouvira à Guilhermina, logo após a festa no colégio, em que a Sedutora por fragilidade se distinguira:

- "ah! não calculam vocês como a Rute namorou!... Um escândalo com o filho do doutor Castro, o tal que está estudando no Rio: um derriço de machucar os olhos da gente..."

Naquele momento, ora, no seu isolamento trevoso do sótão, aos sons em turbilhão da alegria lá, embaixo - a maior das angústias lhe escurecia: no conflito que nele se desorientava entre a "traição" da menina e as visões que exaltava a imaginação dele em torno a um sincero amor; que acaso a Sensível, vencida pela constância dele, viesse a apiedar pelo seu pobre ser, de mórbido enamorado.

- Oh! à sonora exaltação, ao mesmo tempo enlanguescente, daquele delírio, os braços dela a meio se erguiam, em elegante e dulcíssimo *donaire*, conduzindo-o pela vasta estrada, por que meneios caprichosos na sombra!... Falava-lhe com quase maternal enlevo, sorrindo sempre na penumbra do caminho, em sonho: e ali, na solidão do leito áspero, o "menino de grandes olhos, pasmos" sentia um arroubo de ternura, caminhando junto à Consoladora para o bucolismo de certa choupana; em persistência da rósea vagueza do além... Ia, com tamanho contento de fraqueza acarinhada! de tibieza

quase filial, mãos dadas por fim à prestigiosa Graça!

Fugia ele - ah! - fugia ao seu cataclísmico horror na vida: ao horror que lhe causava, tão cedo, a insipidez da vida! Vinha-lhe todavia, em repentina golfada, a lembrança da traição: redemoinho de tormentos!... - E a festa ali, à implacável proximidade, lhe era uma esfuziante teimosia de sofrimento. Esfuziante: se a festa parasse, que amargor maior: - o da vulgaridade das coisas que sobreviria, arrasadora na paisagem real da sua vida!...

No sótão, a luz da lampadazita tremia, balançadamente tristonha, brotando sombras lastimáveis de “não serem”, e de não tornarem. - Como se sentia diferente dos outros! que vontade de fugir... sem saber para que desejo... - E lembrava-se da noite em que a conhecera, na solenidade do teatro, quando a miraculosa surgira, ao palco, com seus olhinhos negros gritando vida, na face pálida; - que êxtase! - tornara-se mais claro, de Delicadeza, o espaço ruidoso de vozerio e de luzes! - Pusera-se ela a cantar, em seguida, com chiste do mais inexcedível atrativo de discrição:

- “*Messieurs et mesdames, voilà, si jeune que je suis...*” Qualquer coisa de francesa linha, de espírito. “*Un jeu d’amour, voilà tout...*”

Toda de branco, com galhardo ramo de flores à mãozinha... era um número do Além: que aparecia ao espanto da sala.

Inesquecível noite!... - Dali a semanas, recostadas no peitoril, ao luar pleno, a palidez dela fugia da acachapada casa em que morava, para as mais longínquas plagas do Indefinível - ele assim o percebeu! - E os olhos dela cintilavam, em sofreguidões mais irmãs do Intraduzível!

...Passou intimidado e devoto: passou como um adolescente, que ele o era. A mirá-la de soslaio: emocionadíssimo, em álgido tremor...

Continuava o piano a encher o noturno espaço com o bulício melancólico daquelas infindas danças; de risos que vinham como abafadas notas, “sem razão de ser”, daquele álcere tumulto no baile, a desafiar, em extravagante hostilidade, o mimoso estado de alma em que se balouçava, o Excepcional! Assim, em distância que sua emoção convertia em barreira de obsessões... - Noite alta! Detinha-se Ela, um instante, na visão: e, algum tanto severa, olhava-o... O sótão se tornara mais cavernosamente triste, nas sombras da lamparina...olhava-o, Soberanazita, firmou-se-lhe feição de que lhe ia dizer qualquer coisa de grave e decisivo.

“...um namoro de dar nos olhos, com o filho do doutor Castro...”

Bastante de torpor lhe começava a entranhar pela insônia. Tinha impressão de que ia dormir mergulhado em um marulhante soluço!

O vulto donairoso, imperturbavelmente branco, evolava-se:

a se esgarçar, em confusão de saudades: a despontarem essas, outrossim, esmaecidas. - Todo ele, sonolento, era uma plangente alucinação: a se esvaír em pálpebras cerradas.

Certo medo de dormir. Certa pena de dormir: de fugir à tumultuante visão, redentora: - tudo muito vago, já sem consciência, quase...O piano, mais longe: tão longe, que mal distinguia o fatigado, no ouvido, a bruma da festa...

...Do peito saiu-lhe como que um último queixume...

Subiu-lhe fundo do âmagô, na confusa dor: sem dúvida que do lamentoso âmagô... - Em mais uma sombra se iria transformar o queixume.

A divagar porém mais lenta, mais pesarosa, essa sombra, entre as demais sombras...

- "Sou um caos de incoerências - excelsitudes tanto quanto baixezas; arrancos para sublime bem, fugas para depravado mundo. De tudo me alucino, na vida - Atitudes graves sustentadas por instinto de distinção, ocultam, neste que ora se vos franqueia, trevosa alma; na qual elementos de criação não se conseguem ajustar: para coisa alguma de definido.

Tudo em mim é fracionário: em turbilhonamento das anímicas frações. Do choque dos personalizantes elementos brotam, em minha perturbação, as faíscas vãs de meras circunstâncias. - Cavalheiresco, a render homenagem às damas heráldicas de medieval tradição e deixando-me todavia seduzir em Eva, mais que tudo, pelos olhares que trazem o sumo de todos os contentos venenosos; dando o jantar, mas não dando a dormida; erguendo rosto para os "superiores", nas ocasiões em que me tenta agredir a reles hierarquia da vida comum; mas, no correr dos dias, a olhar para os "superiores" com olhos constrangidos de pudica dona, que enfrenta o parteiro do seu recente sucesso. Sentimental de infantil lacrimejar, a rir-me truãmente das delicadezas de alma alheia; arisco, de detestar agarrãoezitas cordiais e sendo, como ninguém, funda caverna ao eco dos gritos, na Noite humana...

Vou pela existência tal modo...E em que afã vou, de obter a serena normalidade dos comuns!... - Quem o dera!...

Trofés de bondade, de direitura, na normalidade...quem o dera!... - Ninguém assim se oceaniza - oh! não! - em tão desvairadas braçadas pelo pélagô do desconhecimento do homem pelo homem...

Vertem lágrimas as mulheres, nas sinistras circunstâncias, e sublimam versos, os poetas: clamo eu, no momentos tétricos, máximas de bom senso com esgares de louco! - Sinto uma zoeira de sombra: - nem a

noção nítida de minha realidade consigo, no torvelinho.

...Essa angústia de incompletação isola-se à beira de um abismo, nos polares confins da vida. - Com um pavor de indecisão, à todos os momentos..."

- "O fato é que o homem tem sido obrigado a pular de taquara a taquara, no taquaral dos princípios absolutos: mal chega o homem à ponta do bambu, verga a haste, na sua fragilidade e...eis o salto preparado para a próxima vara. - Não faz outra coisa o homem, na carreira da civilização: vai só aos pulos simiescos, de desapoio em desapoio..."

- "Estará nos limites da nossa capacidade mental, meu rapaz, resolver a ventura com o justo equilíbrio dos relativos? com a devida porcentagem de autonomia de cada coisa, a cada coisa extraída? - Moral, estética, ação prática, espiritualismo, ciência e filosofia, cada absoluto desses se, efetivamente prevalecesse...liquidaria a humanidade! O que interessa na vida, não são rótulos escolásticos: o que interessa é a complexidade das frações de verdade, em jogo oportuno..."

- "A questão é, sobretudo dar freio maior ou menor ao corcel dos instintos..."

- "O Jorge Campos declara que, no seu palacete, de quem ele faz questão é de quem se vista, fale e gesticule de acordo com as cortinas e com o mobiliário dos salões: por outro lado, o Chico Dutra apregoa que só recebe em seu casebre quem, maltrapilho embora, leve a segurança de não lhe seduzir a mulher e as filhas..."

- "O ideal seria um palacete decorado com gente distinta de apresentação e limpa de alma! - Conheci aliás um *Mister Tobin*, inglês de nascimento, que suspirava por poder ajuntar à sua "coragem para fora" de europeu, a "coragem para dentro" do hindu: almejava ser tão agressivo, em belicosidade, como heroicamente passivo no sofrimento. Ele havia tomado parte na Grande Guerra; mas desmaiava, quase, com qualquer má notícia!"

- "A senhora do Sérgio Moço segredou à minha prima Fortunata uma sua profunda opiniãozinha: de que em legítimo modo, oficialmente, sem desdouro para nenhuma mulher, "elas" deveriam viver mais de acordo com o corpo ou com a alma, conforme mais corpo se sentissem; ou se sentissem mais alma".

- "Hetairas, e damas de gineceu: todas à altura igual. Critério fisiológico: Nas hetairas, corpo e poesia; castidade e boa ordem doméstica, nas singelas matronas do retraimento... - Você, Lourenço, seria um eterno colibri esvoaçando, sem pousar, em torno à gracilidade

de Fêmina - aceita lá esse cumprimento, em velho estilo..."

- "Mesmo em torno às hetairas, eu apenas esvoaçaria...Elas são o que nós desejamos que elas sejam: e pretendo que a mulher bela e elegante, desde que se torne impalpável como um símbolo represente o pináculo de toda a civilização. O seu esplendor!..."

- "Excelentes do meu coração, não canso de emocionar-me em considerar que a forma humana a todos nos une, mas...a distância de planetas que há de almas para almas!..."

- Virão Colombos para o Novo Mundo do coração humano; e uma vida totalmente diversa irá pelo turbilhão, depois que eles forem descobrindo as secretas terras - Dizem que o Zizinho, com quem hoje vamos jantar, passou a mão num crucifixo da senhora sua Mãe: - que Deus a bom termo leve a venerável anciã!..."

- "Empresta-me a tua gravata azul - Sabem? - vão inaugurar o busto do Jacinto no Passeio Público! - Decadente Passeio Público!... - Que belo dia! parece que este sol tropical está forçando a solução de todos os problemas da felicidade humana..."

Então o Zizinho passou a mão no crucifixo da senhora mãe dele!..."

- "E o vendeu logo na rua do Núncio. O dinheiro; ele o meteu no jogo. - Pobre velha!..."

- "Apesar de tão rica! - Só o palacete da Tijuca foi avaliado, há meses, em quatrocentos a quinhentos contos de réis..."

- "Além disso, a milionária possui uma área de jacarandá, que dá idéia de nela caber todo o passado do Brasil!"

- "...E ainda sobrando lugar, naturalmente, para nela se socarem todas as controvérsias da nossa gloriosa história!... - A gravata vai bem! Empresta-me agora o teu alfinete cara-de-coruja?..."

- "Excelsitude!

Fulgor das mais amplas emoções, em apoteose!

Um pináculo de cultural magnificência, neste teatro! - Decorre irrepreensível a representação da simbólica ópera, e a sala é um tresnoitamento de paroxismos em total beleza; em tanta sensibilidade; em cintilações de luz, perfume, orquestração!

Simbólica é bem essa ópera - uma simbolização de transe humanos, através do desenvolvimento musicado de certa lenda, da mais alta expressão: universal. O símbolo aristocratiza-se na graça heráldica com que gesticulam os atores: e na espontaneidade com que deles a voz se requinta, em tais modulações! para traduzir o perene Sofrimento...

O Sofrimento transudando luz, todavia! - Pela platéia, em perfume evola-se a transpiração essencial dos Escolhidos: as

apuradas vestes lhes são como espumas que deles ascenderam, da personalidade gentil! Nas mulheres e nos candelabros, pedrarias estalam "vivas"- homenagem - "vivas" ao paroxismo da Civilização!

Zunzum! - Intervalo! - Em cada detalhe da sala, capricha um requinte de labor: capricha um estremeção final de triunfante completamento das coisas! Afinada exaltação das coisas! - Zunzum! um faiscinante bruaá de comentários...Esculpem maravilha de elegância os gestos, que modelam as palavras. Burburinho de todas as cavalheirescas excepcionalidades... - As lâmpadas são olhares rissonhamente agradecidos: exultam; olhares são lâmpadas, dos que, na sombra do humilde esforço, esforçaram-se por sublimar o Delfírio desta noite!

Com que heroísmo sublinharam, os escondidinhos, o delfírio desta Apoteose para todos os humanos sentidos! Música, sorrisos, galanteios, o nervosismo das luzes, perfumes - ei-los - apurados para os Ditosos; que na ora se vão, em distinta aura de alegria dispondo-se junto às cadeiras, Fremem na expectativa de mais um ato, no lendário drama musicado.

- Passa pelo espaço, aclamando relevo em todos os circunstantes, certa torrente de alardes: que é a eterna glória da alma humana!

Todos se fazem silêncio, nas esperanças da fraternal comoção; comovidos perante a galhardia dos que se foram. Lidando contra o Destino, os que se foram: - em cantante serenidade, por certo... (Pois que a mais lídima oferta, com que nos anima o Passado, consiste na ilusão de que se foram cantando, os que padecendo se foram...) - Um ligeiro zunzum, ainda...

Levanta o maestro, no já menos fúlgido espaço, o espasmo da pública sofreguidão: - na ponta da prateada batuta. Estira-se que sofreguidão!...

Por ver rasgada todos se insofrem, a tela que oculta mais mundo de segredos; em inefáveis encantos! - Os segredos desvendados se magnifiquem, da angústia humana!...

Zunzum! Feeria! - Uma pungente transcendência...Como estua o coração da platéia, aos alvares que vão definindo o novo horizonte sonoro!...

- Descrevem os grilos uns nervinhos lá, pela treva: - caprichos de grilo! Cá dentro, à luz timidazita da candeia de azeite, Luís começa a dormir: já rezou, já fez o pelo-sinal e foi fechando os olhinhos, no cochilo escuro do cubículo.

- "Sá Zefa, ali ao lado, cessou a tagarelagem com o marido: - bom casal de caboclos, nossos velhos conhecidos, que nos trouxeram a passar dias com os seus roceiros quitutes...Ora, viva! Bem longe da cidade...

Bem longe! - será esse som, o apito do trem? - Não; a estação deve estar tão distante!... - Delfcia maior não pode se encantar do que esta quinzena de completa roça! Afastamento de tudo: sossego: afastamento de sua própria alma enferma! - Ora, salve! - Verdadeiro "salve" é esse, na humildade e no longínquo: que tão acertados condizem com a inocência do meu filhinho e com a nossa aspiração - hein, Nair! - de redentor repouso!

- Estão tão cheirosos a mato, os lençóis: a capim-gordura! Sadio cheiro, acre.

*Madame* chamou-me à janelita, para ver lá fora a exaltação dos pirilampos!

- Que inconcebível! Espia especialmente para aquela moita! Um firmamento, sem dizer demais! ...

- "Amanhã cedo, será uma festa para o Luís, dar ele com os boizinhos...e os cavalos...E os bezerros, a armarem pinotes junto à mãe: em impaciência de fome!...

Parece que há grilos até nas cobertas - arre! - Vamo-nos deitar: faz-se tarde. Roça é para dormir. - A luz da candeia pode ficar acesa - só se tens medo das sombras...

Essas paredes de barro assim vermelhas, com tantos quadradinhos de pau, talvez...Nunca ouviste contar coisas do saci-pererê?...

Bem...reza à vontade! - Boa noite!"

- Dia virá em que um estudo dos animais mais cuidadosamente simpatizante com eles, nos revele subterrâneo de deliciosas surpresas.

Palestrávamos hoje, eu e Roberto Meyer, no que devem ser as antipatias, as minuciosas picuinhas, as rivalidades e os altruísmos, a inocência tanto quanto as ardilosas "cavações da vida" nos bichitos, que por aí se individualizam; em miríades de defesas, pelo universo... (Flagrantes todos, aliás, já previstos pela genial intuição dos fabulistas.)

- "Em um viventezinho desses, que a gente até pisa sem saber, hein, seu Adelino, que mundo de coisas humanas no organismo: na alma; o que é principal dizer!"

Uma formiga, no muro, forcejava por carregar pedaço de

folha seca: assaz volumoso para a tenaz tentativa!

Roberto distendeu um piparote no animálculo.

Fiquei eu refletindo como a vida se nos amplificará, em maravilhamento formidando, quando nosso interesse a levar pelo infinito dos irmãos menores!... - Tamanha diversidade nos caracteres, pelo novo cenário de ânimos!...

O inseto do piparote, esse, estranha metafísica estaria elaborando depois do seu insucesso, em trambolhão: naturalmente procurando explicações quais ou tais à medida do Criador, que firmou a superioridade humana!

(Extravagâncias de Quem tudo pode! e que, irrevogavelmente, fez a formiga com bastante inteligência, aliada a tão pouca estatura; tão pouca, para servir à inteligência...)

Contudo talvez não fosse o inseto pregador, ou filósofo: simplesmente fosse profissional de carregar...

Desprentensioso proletário, na sua sociedade de formigas - Iria por certo pegar ainda a folha entre suas antenas, para tentar conduzi-la, de novo, malgrado os caprichos da nossa fraternal simpatia; a lhe barrarem o caminho por passatempo de mãos inconscientes, em gente de tão generosa cabeça!...

- "Eis a formiga que, sem o querer, mataste...com seus membrozitos dobrados para o corpo.

É esta a atitude da morte nos animados seres: a jeito de quem tem pena de si mesmo.

Atitude de um último abraço em sua fraqueza, antes de se submeter ao terror da inimiga vitória!

Da, vitoriosa Destruição! - Ah! soturnos gemidos para o Escuro...chora-os tu pelos mais humildes, que se abismam..."

- Pairavam aqueles esgares sobre o lúgubre marulhar da escuridão: - batidos por um escuro vendaval, eram esgares em rostos da mais mortal macilez...Fremiam convulsos...pairavam sobre as ondas...fremiam, na treva que era fremente.

Branças madeixas ao furação: sorrisos de mofa, mostrando satânica dentuça sobre barbicha: olhares tesos, desses que irradiam irreprimível superioridade no Estardalhaço; olhares esquivos, dos que penumbram o remorso de existirem; punhos intumescidos, de haverem consumido esfalfantes heroísmos banais na inglória prática do bem, terra-a-terra: sufocações lúbricas de golfadas prostitúlicas em caricaturais sereias, no

oceanos cataclísmicos... todos e todos... larápios, quase-santos, orgulhosos... os que eu conheci pela vida, todos e todos, a se agarrarem esgaricamente uns aos outros...

...No pavor da negra borrasca, sinistra!

Veio depois, um palor: do alto.

Eles serenaram algum tanto, nas suas braçadas de conturbação: pelo Precipício, que serenou. Viera sobre eles o palor: uma luz fugidia de anulamento, qual consolo de branco acabamento. - Veio o palor pelo meu pesadelo, em que eu os divisava: na noite de insônia!

Aluarados pela luz, foram atirados à praia: e na alvura tombaram, amaciados em alargados braços, tranqüilos.

Ei-los, ora... Cessou a tempestade no abismo: lamentoso sussurro, apenas, corre pelo espaço afadigado. Eles - pecadores e justos - ameaçam, em coro, certo sorriso aos lábios; atirados no areal longo... Um sorriso de renúncia.

De confortada indiferença.

Por haverem "cumprido o destino" é que lhes esgarçará, sem dúvida, aos lábios esse indefinido sorriso: florindo para a Eternidade!

- Não se aplacam de todo, as tetricas rajadas...

Que plangente alarme, pela Vastidão!...

- Cantam os pássaros na varanda, junto ao meu escritório.

Por essa hora da manhã, clareia-se por cidades tantas do mundo o mesmo mosaico de acontecimentos variadíssimos que aqui, no Rio se clareia!

E noutras, já desceu o silêncio sobre angústias e contentos! - Iocoma, Moscou, Berna, Melbourne, La Paz...

Meu filho solta gargalhadinhas lá, na copa: a brincar com as travessuras do gato. - Que não daria eu para ser, neste momento, a antena de suspiros e claros risos que pelas metrópoles vão! nos continentes todos.

Oh! meu ânimo humano se incomensuraria, estonteantemente, de humanidade: e eu conseguiria o grande-conseguir, que é o de só viver de simpatia: numa apoteótica nublosidade de simpatias, indiminufvel! - Pulsaria meu coração em cada canto de Melbourne, Oslo, Cairo, Pretória, Vancouver...

De menores às mais ciclópicas cidades. Em Londres. Tóquio, em Nova York. Oh! seria um delírio! Seria dono do mundo, o meu coração!

Cantam sempre os pássaros à varanda... Desce escadas a lavadeira, com seu passos de tamancos: leva a que trouxona, à cabeça! Vai resmungando um comprido resmungar... Oslo, Nova

York. outras tantas ardendo em fadiga, Buenos Aires...

Quanto trabalho resmunguento pela terra!...

Triunfa a manhã, cheia de sol. Batem à porta do escritório: - quem será? - É minha mulher, que dá mão a um garotinho.

É o filho do quitandeiro: - *madame* vem-me apresentá-lo como assombro... Tem cinco anos o pequeno, e já lê em quase-facilidade de adolescente.

Abriu ele os olhos, em espanto, para os cartões-postais que eu tenho sobre a escrivaninha: trazendo vistas de cidades: de tantas lonjuras da terra!... - Mostrou-se mais pasmozito quando eu lhe disse por ali, por aqueles lugares, havia muitos meninos espertos: como esperto era ele!

Saiu, olhando para trás: algo escabreado. - Ao recolher eu os postais, tive a impressão de que pegava no mundo...

Sentia-me bem!

No céu não havia uma nuvem! - A manhã estava como poucas manhãs: em sol: em frescor...

Tempo magnífico: de maio.

- Ruínas... Vezes quantas, diante de gravuras representando ruínas célebres, quedo-me a cismar: como se em verdade lá estivesse, junto às venerandas!

Tiauanaco, Pompéia em suas últimas escavações, o aqueduto de Gard, Angkor, colunas de templos egípcios... todas as esculpidas pedras antigas se me avolumam de emoção, nos seus grandiosos monumentos de paciência, de técnica, de iniciativa, de formidável planejamento que se atirou, triunfante, pelos tempos!

Em imaginação, ressuscito a vida em torno a essas cantarias: em imaginação, sepulto a vida turbilhonante do Rio de Janeiro, como por tremendo encanto, no silêncio das pedras trabalhadas; aí, pelo silêncio de uma solidão... - Que é dos automóveis? das casas, em abertas janelas, amontoadas? dos bondes e das multidões? da Light, de atividade formidanda? que é do comércio, da Avenida? das elegâncias que refinam a vida urbana?

- Talvez de tudo só aparecesse aos pósteros esse amassado cabozito de colher, que ali está - ah! - tão modestizado sobre a mesa!

Pelo cabo singelo de chumbo, um conspícuo erudito de rabona-e-óculos a procurar, entre as pedras - meticulosamente - o segredo do torvelinho distante dos homens: apagado nas sombras!... A procurar o drama ciclópico: como procuro eu hoje dramáticos impulsos nas ruínas, por essas gravuras: aqui na minha mesa de trabalho.

Forcejo, sobretudo, por sentir o eco das almas que se exaltaram e sofreram, elevando a grandeza do que se veio a reduzir no esqueleto desses blocos granfíticos: almas que na lonjura das eras cantaram o hino do Inócuo!

O inócuo do seu próprio esforço, individual: do esforço para proveito dos grandes do dia: o inócuo dos trabalhos para a Cidade do seu tempo...na vaidade de julgarem que "existiam"...

Cantaram o hino do improffcuo - oh! irônico consolo! - ignorando o sentido da letra, no que entoavam; com peitos alçados para a Vastidão.

- A criança, agarradinha à grade do jardim, é toda olhos esbugalhados e pasma boca para o realejo, que toca à rua.

Branqueia lá, embaixo, o casario da cidade.

Rompendo o cansaço morno da estival manhã, o realejo trouxe-me um frescor de ancianidade ingênua, a cantar em lépida aragem. - Brusca amplitude! que festiva, assim brusca! a cantar! - E para ouvir a fanhosa alegria, o pequeno subiu logo à grade e esticou-se, em embevecimento: atirando, pelos olhinhos, ósculos para o homem quase em trapos, que vai voltando a manivela da caixa de mágica...

A cidade, lá embaixo... - Um hausto de perenidade sonora, que vem na nuvem dos tempos...E uma nuvem envolve a criança: de sonoridades azuis, róseas...mas a criança não sentirá por certo! - Sinto-a eu.

Sinto-a...uma vasta nuvem de infindas cambiantes, a gorjear em a inconsciência do pequenino, perante a sua felicidade de pairar num alto esplendor; enquanto lá, embaixo, se amesquinha a cidade...

...No bárbaro tumulto da cidade o pequenito um dia, contudo, se irá engolfar. Ah!

Ir-se-á ele retalhar nas vulgaridades más...

Manso, branqueia ora o casario longínquo. O realejo não se cansa de apregoar alma, contra a teimosa indiferença da manhã, - Tepidamente espreguiçada, a indiferença da manhã rompe pelos intervalos, que deixa a sonoridade do romântico instrumento...

- Foi um pranto fundo, agoniado, como são os primeiros prantos de criança ante as decepções da vida.

Lá estavam os dois pombos, com seu filete de sangue grosso enfiando-se entre as asas brancas; e, no terraço, que a manhã nascente mal alumia, o menino sentia vir de dentro de sua

fraqueza uma simpatia dolorosíssima pela fraqueza aniquilada das pobres aves. (Haviam sido elas roídas pelas perversas ratazanas lá, pela noite adentro.)

Tentava animá-lo consoladoramente a avó, encostando-o muito solícita contra o afã dela em consolá-lo. Prometia trazer-lhe outros pombos do Mercado.

Em vão, o consolo penalizado da vovó! Ele soluçava o imprevisto de uma pungentíssima amargura em sua almazita; ainda branca, até ali, ante o escuro horror da existência! Nesse momento da tristeza matinal, despontava na criança a aurora de angústia, que ia prenunciar a realidade de seus anos afora...

Adeus à placidez, que não sentira o desengano e que não vira a morte!

Adeus à crença de que se possa ter na vida, seguramente, a singeleza realizada dos mais singelos desejos!

Encostado convulsivamente à avó, o pequeno ia aos poucos pingando um choro mais fraco, diante dos cadaverzinhos brancos: como se fosse ele esvaindo, de impotente dor, dentro de seu próprio pranto.

Não sentia coragem, contudo, de deixar ali os seus estraçalhados amiguinhos! Olhava-os de quando em vez, como que na esperança de vê-los de novo arrulhar alegremente pelo terraço; - assim tinha sido "ainda ontem!"

Retornavam os soluços, que vinham tão escuros do seu coração! - no horror do irremediável: de brincar nunca mais com os seus pombos! De longe, do escuro do seu coração.

Outras vezes, soluçava já um tanto apagadamente: a jeito de se ir conformando...

...Na conformação de não esperar mais alegria que fosse, na vida! - A vovó não sabia mais o que prometer, para que lhe voltasse de todo, ao netinho o contentamento dos outros dias...

- Há uns estranhos espíritos que só vêm sombras nas coisas.

Vêm certo: pois a verdadeira realidade das coisas está no halo que as envolve e as penetra, e que não é mais do que a substância do abismo cósmico.

Em tal abismo se soleniza o mistério irreduzível de todas as criações: da derradeira, da legítima significação delas: portanto, da transcendente finalidade do que seja no Universo.

Esses estranhos espíritos, só percebendo sombras, mais também participarão da substâncias cósmica: da agitação, que lhes comunica a intuição do profundo segredo da Vida.

Do eterno segredo da Vida - Cosmo se sentirão: cosmo, se haverão de incompatibilizar com a clareza e com a definição vulgares das coisas.

- É-me um estribilho, na canção vã da vida, interrogar ao Silêncio venerando:

Para quê?...

Por quê?...

Qual a finalidade de cada ser - de cada ser, desde o átomo da pedra ao gênio dos Eleitos?

Para que vem cada existência? cada circunstância, no dia-a-dia das criaturas? cada acontecimento, seja o tombar de um pingo d'água?

- Para que veio e para que subsiste o Cosmo?

Por que existo?

Abre-se uma tontura aos meus passos, quando me surge aos passos a perspectiva do abismo: que é o terror do tremendo enigma...

Um hiato de enlouquecimento me vai ameaçando...Forço-me por fugir ao pensamento; forço minha volúpia escura, para não resvalar ela pela turbilhonante ascensão...

E o final? e o último instante da consciência?

Oh! na agonia, à beira da Treva, só se me poderá esclarecer que sou "nada", que vai para seu elemento natural: que é a insignificação da Treva. Na monstruosidade do Enigma!

O enigma alucinante me leva em sopro para o vendaval: para a ignorância universal que silva no universo, em danação medonhamente balouçante; balouçante entre os segredos tesos, aos quais só Deus abala!

Aos quais Deus criou, e mantém: aos segredos que triunfam, em triunfante desdém.

- Vai o vendaval, em rajadas, para os confins...Com o vendaval, suspendo-me eu: delirante.

Para quê? - Perenidade do Escuro.

Maior glória de Deus: - da perenidade do Escuro, surge o nosso humilhamento! - Inocência: ó maior glória nossa!...

...Cintilarmos contentamento, no noturno mistério da vida!...

Hosana! Um contentamento de angelical despreocupação!

- "Lá vem o nosso homem! - Tenho de mim para mim que o Lourenço, por onde passa, vai apagando todas as letras da vida; deixando no ar uma poeirada cor-de-rosa!

Essa gente, demasiado boa, guarda o segredo de neutralizar todos os significados, no dicionário da universal complexidade!"

- "Os frouxos de coração, a feitio do Lourenço, acabam sendo malefício para eles e para a humanidade que com eles tem trato..."

- "Para eles, não se constituem malefício - no nosso amigo,

por exemplo, sobreleva, através da bondade, verdadeiro egoísmo. Aplana ele o seu caminho de suavidade, com sacrifício da dura tarefa da justiça: a que todos nós nos devemos obrigar. - Olham como vem levezinho, que tem nem floco de totais ausências!... - É mais macio fazer-se bonzinho, do que ser nervosamente justo!”

- “Quando falo a Lourenço, tenho impressão de que falo à branda Inconsciência: pois o nosso homem, não conhecendo o ruim, não pode ter consciência, que é faculdade de descobrir relações entre o bem e o prejudicial; em proveito de solidificar defesas para as virtuosas vantagens...”

E que mais atroz do que se pretender comunicar com um irmão em forma humana, que seja em realidade um espectro, apenas?

- “Lá vem ele! Ele tira toda elevação à vida, porque anula qualquer reação contra a perversidade: esquivando-se a reagir contra os perversos. Tudo, nesse querido, é palidez de adormecimento, exalando um sorriso angelical...para o Inexpressivo!”

- “Traz consigo o luar: mas ao luar não se pode ler claramente: - há necessidade de se acender a luz artificial. - Lá vem ele, em dulçor festivo! Recebamo-lo com um mesmo alargamento de faces, e com um mesmo viva! em coro. A *una voce*, a jeito de bem ensaiados!...”

- O Orientador prepara, naturalmente, o terreno para todas as fases da Evolução, dando a certos povos, determinada psicologia que os aproprie a conduzir os novos movimentos.

O americano-do-sul será o homem do futuro.

Dotado de puro instinto familiar pela sua latinidade, mas ao mesmo tempo indulgente com os “erros” do amor, pela tradição dos velhos conúbios entre colonos e mulheres aborígenes; respeitador da propriedade, no seu individualismo de homem-novo que tem de enfrentar a natureza, e contudo acostumado à visão das grandes extensões, cujo aproveitamento exige a solidariedade de esforços conjugados; religioso pelo reforço da tradição européia no misticismo de homem relativamente isolado entre as selvas, sendo que tal isolamento lhe dá, ao mesmo tempo, uma consciência mais liberal nos conflitos mesquinhos das religiões: bastante indiferente aos preconceitos de raças, como haveria de ser um produto de várias cores, não chegando a ponto de não reconhecer, em íntimo de consciência, a superioridade branca, o que representa para ele a salvaguarda de providencial espírito-de-hierarquia: patriota fervoroso, necessitando de nacionalístico vigor a fim de levar ao futuro, em hercúleo esforço, a massa bruta de sua descomunal

pátria, e olhando para as outras terras com otimismo, através da generosa fartura de virgens recursos que facilitam a sua - por essas várias razões, de tão abençoados matizes, o homem latino do Novo Continente está fadado, sem dúvida, a guiar a humanidade pelos caminhos que a intuição universal aponta em bem próximos horizontes...

Por estranha causalidade histórica, o ódio e a depravação dos velhos povos ocidentais abriram as primeiras trilhas para a Civilização imprevista: torna-se evidente, todavia, que a pureza relativa dos homens do nosso jovem mundo executará o programa da universal cordialidade, vitalizando a clássica tradição de cultura, com certo vigoroso desabafamento dos instintos humanos.

- "A mais aparente prova que hei encontrado de que existe alma, e autônoma do corpo, residiu no fato de ter eu conhecido dois gêmeos, Cosme e Damião, indistinguíveis fisicamente: - entretanto, moralmente, tão diferentes um do outro, quanto o dia e a noite!"

- Quando se vai em ônibus, de cidade para cidade, tem-se idéia de que se não deixou a localidade de partida. Não há despedidas, não há o aparato emotivo de "estação": pois, geralmente, se toma o veículo em qualquer ponto das ruas.

Em avião, há também novidades: desaparecem, por exemplo, os detalhes na viagem e isso traz semelhança com certos leitores que julgam haver lido a obra; depois que a leram em vertigem de tempo.

(Ora, existe o "não desconhecer" e o "conhecer": separados por bem significativa distância!)

O fato é que os antigos liam melhor, como melhor viajavam: mais prazerosa e eficazmente.

O eterno ascendente das minudências esclarecedoras: das particularidades que dizem a palavra definitiva, no confuso vocabulário da vida...

- Oh! uma névoa, nos horizontes!...

Oh! a abstração de todas as coisas, pela névoa azul...nos horizontes!

Nos horizontes, o sonho de genial adolescente; em febre, o miserozito esquelético. - Mais do que o gozo - a possibilidade de todos os gozos, em devaneio.

Uma névoa!

Oh! os horizontes pulsam uma vida de estranhezas! Neles se desfaz a gente , até ao núcleo da vida.

Um azul é o núcleo da vida...Pois o azul é a "ilusão inconsistente" que...se não desfaz...

...Nos horizontes!

- Ó vos, irmãos do país-firmamento! ó alma do Todo esparzida pelos mundos que cintilam, na noturna amplidão, eu vos saúdo! Eu vos saúdo neste momento, dentro de uma estrepitosa comoção: de um peitoral de humildade atiro-vos ósculos, em obscuro elance de beijar irmãos pelo faiscamento, sem dúvida habitável, do Infinito!

À paixão do meu bem-querer já não me basta a Terra! - Eu vos saúdo! - Para estrondar em festa a latitude do meu coração, são necessários os mundos que no alto abismo diviso: e os mundos que nem percebo, necessários surjam para encher de festa o meu coração com o Ilimitado, com o Indefinível, com o alucinante Totalismo em espocamento de maravilhas!

Em tudo palpito o meu sangue! Em meu sangue escorra, deliciosamente cósmico, o concebível sem-peias de todas as coisas...

Como sereis, ó irmãos dos espaços profundos? Em quais estranhos aspectos vossa existência transcorrerá? Poderá espelhar-se em minha consciência o inédito de vosso ver, ó queridos do Longínquo?

Apreendermo-nos mutuamente - ah! - na monstrosidade da nossa diferença!... - Viajarmos tal modo pelo sem-fim, no conforto de encontrarmos sempre alma, corpo e vida, em cintilações infinitas de humana afinidade!...

Talvez miríades de vidas iguais a vidas somente se eternizem, catadupando fragores em oceano de banalidade universal! até aos confins!... - De qualquer modo, ou vos saúdo, irmãos do Firmamento! Vulgarizando talvez a Imensidade com o corriqueiro de vossas dores e contentos, no emaranhamento das luzes siderais, estais vós em meu peito todavia: porque sois sofrimento, e encanto de distância: porque, pelo éter que banha os planetas, algo de nós para nós decorrerá em vibrações, fremente de confraternizador afã! - (Menos dolorosa à nossa lembrança seja assim, diletos, a dor de jamais nos podermos conhecer, no sinistro Intransponível dos mundos!...)

Irmãos do país-firmamento, eu vos aclamo na mais cordial efusão ainda, porque do mesmo caos provimos e no mesmo universal cemitério sepultados nos dispersaremos: e antes de chegar à eterna Meta, aspiraria eu atravessar por vós derradeira viagem, em um empolgante arrepiado de amor.

- No meu amor centelhante por Deus, chegar a Deus prouvera, faiscante de vossos ósculos!...

- “Sim, Brasilinho, lembro-me como se fosse hoje! - O “pastor” Kyle, com a mais sincera e ingênua intenção de sua evangelidade, ia estirando do público para nós um sonolento conselheirismo, no seu sermão. Era aquela igreja, como toda igreja protestante, friamente nua: como a virtude em si, sem poesia...

Eu, sempre que entrava naquele templo, me sentia em álgida prisão: tristonha, nas suas paredes brancas; nos hinos que cantavam os fiéis; nos sermões; nas concentradas atitudes, duras, de cada ouvinte; no abafamento de mundo que ali havia, em nome do céu. E daria eu tudo por...fugir! - Ia percorrendo, àquela noite, o pastor Kyle sobre versículo tal, capítulo tal de são Mateus: - lá se repuxava, no seu português de sotaque bem americanizado... quando de súbito, à praça um tanto distante, a banda de música local começou a tocar um desses “dobrados” brasileiros; nos quais, a vivacidade própria a tal gênero de composição é temperada por uns tons de triste languidez, em anemias de tropicalismo...

Ah! seu Brasilinho, nunca houve, na minha vida, sensação tão profunda! Entrou, de repente, por aquele templo adentro, toda a sarabanda de indisciplinas que me iam orientar ou desorientar o resto da vida! - entraram todas as mulheres com que minha adolescência sonhava, naquele misto de romanesco e de malsã curiosidade, com que se ama na adolescência - e, muito particularmente, encapelou-se em mim uma onda universal de Vagueza, de Indefinido, de festivo “não saber o quê...”

Turvo e festivo...- Oh! que rodopios eu dava entre aquela música profana e a gravidade do sermão, ali a vizinhas ouças: sem dúvida, cheio ele de acertados conceitos! - Eu me resumi todo no que sou, durante tais momentos, boiando como um naufrago de baixo a alto: de alto a baixo das ondas.

...Quando me vi à rua, a rua alguma coisa de tristeza havia na minha alegria: de libertação. - Os sons da banda me vinham agora mais próximos: como que formidantemente sedutores!

Mas ao afastar-me da igreja, a imagem de suas nuas e frias paredes brancas ia-me dando certa vontade, pungente, de chorar...”

- Sentei-me, assim combalido, em um dos bancos mais afastados da Praça: combalido ainda da emoção que me assaltara, de brusco, entre as luzes do restaurante.

Inundara meu cansaço a recordação do enterro, dos últimos dias dele, da sua serenidade eternizada no caixão: tudo numa vagueza de doloroso debuxo, de inaprensibilidade angustiosa na sarabanda dos momentos sinistros. Fora-se ele, bom do Papá...

Fora-se, sim! que realidade penetrante, de amarga realidade!

Que mais real do que a morte? - E vinha-me contudo um sabor confuso de vida - de vida dele junto à minha vida, ainda ali vivida - de dias a correrem com os prazeres e dissabores, que mutuamente nos havíamos dado...e me abafava um sentimento de inanidade...e me revolvia uma zoeira lastimosa de espectros, a se atropelarem em sombra - sombra! - em desconsolo de caídos braços...

- Só ah! que só no mundo estava o menino de grandes olhos, pasmos! Tombado afã órfão, de hirtos dedos apelando a proteção, no vazio das existências "cuide cada um de si: que assim a natureza fataliza"... Ei-lo que, naquele momento, chora; sentado no afastado banco da quase deserta praça.

Vir-lhe-ia socorro de conjugal afeto? de filiais sorrisos? - Como se lhe armasse o futuro, de qual maneira fosse - ora, no instante pungente, uma visão é que lhe parecia dominar a alma: a de longo esquite, carregando para uma treva seu velho pai; que lá ia imóvel, como a resignação derradeira...

A treva era - bem o sentia ele - sua saudade desencantada: sua saudade cheia de travos, de coisas que "numa outra vida" entre pai e filho se fariam assaz compreensivamente... - Todavia suas lágrimas beijavam, de amor - mais cada vez - a campa daquele "nunca mais"...

- Vastidão branca, fria de frio e de solitude...

Vastidão em que o homem em si esvai-se de frio, de covardia ante o isolamento: de irreconhecimento do homem pelo homem, ante a solidão, algidamente tempestuosa.

Ah! a alma nossa, um dia aquecerá essas intermináveis planuras, alvas, em que o solitário ser tiritado de pavor? - Ei-los, os denodados, transidos debaixo de capotões; em aparência monstruosa de focas.

Pólo. Tempestades uivando nos *icebergs*. Ursos, focas e baleias, esquimós: dinamarqueses experimentando a generosidade de escolas, de hospitais lá, por inconscientes vaziezas da Groenlândia. - Amundsen bufando dentro de estofadas peles, com o cortejo dos sábios instrumentos: carregados por peludos ombros pesadões, em gente a esbranquiçar fumaça pela boca. Ursos.

Tempestades uivando por alucinantes dezenas de graus abaixo de zero. A civilizada energia procurando divisar o futuro, na

vastidão branca: fria de frio e de solidude. (Serão vãs as ardentes tentativas?...)

O que mais se afigura ao humano pavor é que vai o homem se arremessar da terra, na sensação de anulamento que lhe esvanece essa solidão: algidamente borrascosa.

Vai ser expelido para o Nada: pela tremenda “ponta do mundo”.

Pelo fim do mundo, vai o homem se alonginquir em último vestígio de alma: pois que se eteriza, aí, vestígio derradeiro de calor...

- Ah! os vossos vagidos no fragor plangente que as vidas ecoam, desencantadas no Escuro: mal começadas a viver!

Ah! vossos gritinhos no abismo mais convulso dos mundos, que fracassaram! - como se, no macabro da Desproteção, ainda houvesse maternos braços para vos socorrer!...

Ah! vossas boquinhãs e vossos bracinhos frementes no vazio, esperando carfícia, maciez, calor...ah! vosso frágil espernear nas ondas frias do “jamais”...ah! vossos olhinhos a procurarem, em vão, o berço!...

Quereis o berço para nele, outra vez, gemerdes em menor desassossego vossa febre e vossa dor: naqueles gemidos abafados, pausadinhos, que vos foram levando ao fim... - Lágrimas em agonia, dos que ficaram...

Eu vos vejo e vos oiço ora, assim, em tormentos pela tempestade das trevas...ao tempo em que ao longe, por absurdo reflexo, vejo-vos também - em que halo! - a sorrirdes, batendo com chocalhozito às mãos; em quase invisível plano!

No halo, que alegria! Jura que se há de eternizar, de tão clara! serena alegria! - Vai e vem o chocalho, em repelões, nos bruscos dedinhos: imparáveis.

- Ah! vossos vagidos, no fragor plangente...oh! dor!

Qual dor mais dor possa pungir, entre as dores!?! - Vossos bracinhos se esticam...sem cessar! - E sem cessar, vossa carinha brilhante de lágrimas, amarfanhada de medrosa impaciência, vem à procura do que julgais, sem dúvida, que são nossos peitos: mas que é o fundo, cada vez mais fundo, da treva angustiosa...

- “Mas por que não vai você para casa e não se trata logo, rapariga? Deixa esta história de folias, que foi o Carnaval quem estragou sua saúde. Você ainda pode ficar boa.”

- “Qual, dona Emília! Morrer por morrer, morro dançando no Carnaval. Ele que principiou, ele que acabe...Olhe, vão ser

os três dias, sem parar: e ainda o sábado...com todas as maluquices que me derem à cabeça!" - Desabafou, após momento de cansaço agitado:

- "Vida é isso, dona Emília; por isso mesmo que a gente sabe que ela vai acabar logo, deve ir a gente gozando, enquanto agüenta!..."

Em tal tom dialogavam minha irmã e Mariquita Sales, semana antes do supremo delírio, na cidade. Como me lembro! - ela nem mais voz animava, a magríssima e rouca costureirinha! - Dali a uns vinte dias, sentando-se àquela mesma mesa de jantar, em que decorrera o feminino diálogo, meu cunhado anunciou:

- "...Ah! é verdade, sabem quem morreu? - Foi aquela menina, a Mariquita Sales, que cá esteve não há muito!..."

- "Quem te disse?..."

- "O Lopes, antigo patrão dela: ajudou até no enterro... - Também estava tão ruinzinha!...foi piorando, contou ele: já trabalhava com muita febre..."

Minha irmã, passando o prato de sopa ao marido, explicou:

- "Coisas do Carnaval..."

Coitada!", saiu-lhe em suspiro. "Eu já previa..."E conservando o rosto sereno, sob a auréola da lâmpada:

- "Aquela pequena foi sempre tão destemperada!..."

*- Este escritor marca uma certa originalidade, que consiste sobretudo em desferir corajosos arroubos de emoção.*

*Seu estilo aclara, pertinazmente, alcovas no subconsciente humano: e mesmo nos graves assuntos, sua expressão deixa, contudo, o colete um tanto aberto; na elegante fatiota do Solene!*

*Não é ele dos que despacham de si, em preocupação profissional, calhamaços mais calhamaços, para o embasbacamento de mal-letrado público: com a mira de obterem "recompensas" que vão desde o frenesi das romanescas até aos lauréis das conceituadas agremiações...*

*Nada disso: este escritor marca uma vastidão de despreconceituoso arejamento, porque nele o que escreve é única, é singelamente a alma!"*

- "Lá se foi! - pois não sabias?...Atirado em um hospital."

- "Coitado do Protásio!"

- "Lá no São Sebastião. - Também com aquela vida que o teimoso arrastava..."

- Oh! quando era ele pequenino, a senhora mãe de Protásio levantava-o em aclamação, toda convencida, e resolvia:

- "Há de ser como o pai: há de ser um general!"

E no sorriso orgulhoso da dama, não havia escrito:

- "Ele há de morrer à toa, num leito de hospital."

- Em muita robustez cresceu, em assaz vivacidade! Antes de qualquer outro garoto, subia ao perigo das árvores, dos barrancos. Espocava ditos brejeiros, de notável encanto precoce: um fogo de artifício aureolando a família!

À maneira do papai Bento Porto, comandava os outros petizes: sem discussão. Ele era o Principal. E nas bandeirolas do infantil esquadrão, não anunciava o vento que "ele" iria acabar sem ninguém, como reles soldado em um leito de hospital!

- Houve centelhas de estrelas nos olhos do menino escolar - "muito bem! promete lindo futuro o Portinho, apesar de travesso! Em matemáticas, então..." - Travesso ele o era, mesmo em moço se tornando: e - oh! que vamos mal...um certo vício...um brilho de copos às noturnas luzes do cabaré... - Mas ainda dominava aos amigáveis temores; com seu porte imperial!

Ninguém poderia suspeitar que se abrisse fresta para o querido escancarar porta, que o levasse a indigente leito de hospital!

- Baco teceu mais bastas guirlandas... Ah! Protásio!... Mocidade, dinheiro - evoé - espírito...aurora rubra de perdição, nas noites de Delfrio...evoé! antes que se vá acabar tudo como um borbulho d'água, na silenciosa noite: triste. Triste. (Só se ouve um gotejar melancólico na solidão...)

Oh! Protásio triunfal! Cuidado com o último ato em um catre de hospital!

- "Que horror! não sabem vocês? - bebe o Protásio cada vez mais! Já está ficando doente, o mísero. Mísero, sim: pois que até a maltrapilho se degradou! Vai-se virando todo pelo avesso: deu agora para *morder*. O homem que enchia o bolso de todo o mundo! Ficou vazio do dinheiro, e da capacidade de trabalhar."

Ascende ainda, todavia, um sorriso bom lá, no seu porte de gaúcho; monumental.

Por ora, não tomou conhecimento - não, não, - de morrer como humano trapo em um leito longínquo de hospital...

- ...Mas já chega próximo!... "Sim: isso rola de mal a pior. Protásio já não tem conserto: dez anos de tal vida...quem os agüenta? Fala até em se recolher ao São Sebastião...Pelo menos já não dormirá por aí, sabe Deus onde: nem agravará a tuberculose com as médias...e a bebida, que é só o que lhe vai ao estômago."

- Pobrezito!

- Vai-te cobrir um lençol tecido com a indiferença de todos os que levantavam a taça...vai descer sobre ti um vulto triste,

como o Cristo desceu em Emaús, e haverá a tristeza da terra, a tristeza do céu, a tristeza de ti...vais sentir uma saudade da alegria toda que iluminará o mundo, pelos tempos...e uma saudade merencória pelas alegrias que já foram tuas!...

- "Este está por dias! Também pelas visitas que recebe..."  
Como um sonho infantil se suma ele, aqui na enfermaria, com seu mistério para o Mistério: a modo assim brando, de como o embalava a senhora sua Mamã! Pois no berço fazia a boa-esperançosa adormecer o seu pimpolho, cantarolando as mais suaves cantigas, a fim de que fossem lindas as visões do pequenito: a fim de que aquela sua almazinha crescesse em glória de homem, cercada sempre de um halo angelical...

Ah! como poderia adivinhar (a cantar ela sempre, a Mamã!) que seu filhinho iria morrer atirado - oh! soluço! - sobre um triste leito de hospital!...

- Há pulsações de febre pelo espaço...Geme uma sanfona na noite tenebrosíssima. Há pelo espaço pulsações de doente insatisfação.

No quarto, que um tífio bico-de-gás enlanguesce de sombras, ei-lo acorcondado sobre a mesita, na faina de terminar o seu romance: pois que tem ele, dia ou dois dias avante, de se ir à cura de nervos lá, pela serra.

(No final do romance, o herói, tendo notícia que sua prima voltara da Europa, apressa-se ao encontro da antiga namorada, deixando ao abandono Sílvia Boêmia, a cortesã da Lapa; com quem se ligara ao léu de romanesco encontro em certo noturno bar: - aventura despontada mal se fora às estranhas a prima, amada do rapaz. E ora, depois de ano de variados incidentes, salpicados de uma quente graça juvenil a sorrir de alcova em alcova pelos bairros boêmios da cidade, iria se suicidar a rapariga em lúgubre cochicholo do beco do Moura: havendo-se convencido enfim de que o amante não tornaria, apesar de todos os rogos que conseguia ela, por vários meios, que lhe chegassem aos ouvidos: não à alma.)

Furores de soluços a molde Dama das Camélias, na tradição de Lucfola, à Manon Lescaut! E o seu *Sílvia Boêmia*, jorro de espírito doente, iria, de retorno, adoecer-lhe o espírito mais convulsivamente.

- "Estás idiota, de todo!", franqueava-lhe duramente a senhora que o educara, em Friburgo: a qual se transferira para o Rio; visitada por ele vez ou outra - Fizera-se indiferente ao mundo

exterior: vivia o rapaz somente no anímico tumulto do seu herói. No jardim solitário da casa do seu tio, com quem residia, mais solitário vagava ele de moita para moita, sentindo-se aristocratizado na sua melancolia sem mira: sem finalidade, que não fosse a de ser melancólico... Melancólico e superior! Jurava-se no esplendor de outro mundo, entre arroxeadas nuvens; percorrendo as nuvens, em crepes, as lágrimas das Insatisfações imortais...

Naquele momento, uma sanfona aprofundava a treva da noite profunda: - treva de inexprimível angústia na sanfona, pela noite - e o delirante engolfava-se no final do melodramático enredo, quando o herói, chegando ao cubículo do beco do Moura, depara com o corpo da amante aclarada no chão, aos raios do luar, que entrava pela clarabóia: e, junto ao rude hospedeiro, debruça-se "Raul Malheiros" sobre a palidez morta e, convulso como um cataclismo, depõe-lhe o grande beijo de saudade, de arrependimento; de fatalidade, na tristeza irredutível das coisas...

Oh! como chorava ele, escrevendo este epílogo! - em um sentimento que lhe rasgava todo o ser... Em que tempestuoso delírio!... e precipitava, em tiras sobre tiras, frases vendaváticas, soluções, toques funéreos de ambiente, na recordação do suicídio da pobrezita: cujos detalhes ele os estirava, mortalmente impressionantes!...

Que alucinação, na alucinante noite! Na rua, de triste aspecto suburbano (apesar de se hierarquizar ali, na Glória), um antiquado combustor-a-gás adoecia: do jardim vinha-lhe, pela porta do quarto, um sussurro febril de arvoredo a dormir, em noite estival. - E a sanfona - perdida ali pelo morro, em que anônimas mãos fossem - ia-lhe despedaçando cada vez mais a sensibilidade, tal rajada de insânia; a fim de erguer ele o desespero de uma fantasia...

...que ah! um dia o indiferente iria queimar: tira a tira de papel!

Tira, mais tira. - Momento a momento... tão longe já se fora a sarabanda dos espectros, na mórbida noite-profunda de sua imaginação!

- "Amanhã, não permitiremos que se abra a janela, ao despontar do dia: a fim de que, no nosso leito, não cheguemos a ver, com o Sol, a desilusão da festa!

Oh! tanto palestraremos sobre a festa: em que turbilhão veludoso de saudades, na madrugada alta! - A festa será o desencadear de todos os paroxismos de luz: perfumes; elegâncias: sonoras surpresas; espírito; femininas gracilidades, em meia máscara; de etéreos esquecimentos... - Todavia, eu prefiro estar assim, como agora estou, assistindo ao "preparar a festa": neste cantinho.

É-me mais grato do que a festa plena...Neste cantinho, esvaio-me em lonjura com o repuxo, que sussurra: cochilo entre as folhas, no escuro segredo das moitas! - Limo, lascas de pedra, os apodrecidos despojos de pau, que aqui se humilham...e os restos de tantas coisas que por este chão variam a simplicidade arruinada dos sereztizos que foram desmantelados, ao acaso dos dias...enchem-me a alma, os aspectos todos deste recanto, de uma serenidade solene!

Casto e solene serenidade. Uma enorme festa, de alvíssimos tons: e, lá dentro, fremem os preparativos da Alegria que meu amigo esplenderá para seus afeiçoados, a fim de exteriorizar um de seus freqüentes caprichos: opulentos sempre.

Tudo, onde repouso, enlanguesce uma antiga serventia: um decaído prestígio. - Suspiro eu de contento, junto à pequenez escondida das coisas, neste esconderijo. Engolfo-me em que suavíssimas musicazitas de singeleza! E em tamanho dulçor outrossim exulto, na esperança de que os "outros" venham a gozar a sua festa logo; dentro a magnitude da noite!...

Da Festa - todavia - faça-lhes o tempo para a saudade um cantinho, como este em que ora me amoleço: assim, bem fundo de um prazer maior..."

- "Dorme! dorme, Fredinho!

Deves estar cansado deveras: tanto brincaste com a garotada amiga!

Brincaste de amizade, antes que os tempos te mostrem, nessas mesmas bocas de sorrisos, espectrais dentuças concorrendo contigo para abocanhar o pão da vida!

Ah! - Dorme! Mas...não: quem o sabe?...venham a te sorrir essas bocas talvez, em conforto de solidariedade, na tempestade dos egoísmos! Dorme, Fredinho, o bom sono de nada prever...

Não sentes ainda o prestígio misterioso da feminilidade que, até numa menina, se agita! - A Dulcinha estava hoje, todo instante, a te puxar gaiatamente pelo casaco... - Não sentes o prestígio dessa perturbação de distância que elas trazem...e um dia, contudo, poderás descer em sofrimento, cada vez mais escuro no abismo, pelas Sorridentes iluminado; cada vez... - Dorme! Dorme!

Momento houve em que, na brincadeira do jardim, foste o "chefe".

- Ainda bem! - Passas por muito sensível...ora, vai fazendo de mandar, em brincadeira, Fredinho; antes que, mimoso de alma como és, te vejas guiado pelo Totonho! (Pois diz tua mamã que o Totonho é o mais "rude de todos os meninos da vizinhança".) Hah! hah! Totonho terá retrato nos jornais, com "Excelência": Totonho andarà só de *limousine*, entre cabeças curvadas bem para o chão; rir-se-á com escárnio, e chicote à mão, de todos aqueles que pretenderem acender uma lanterna diante de Totonho...

Dorme, Fredinho, enquanto Totonho te deixa dormir! Dorme!

Dorme! - Terás sempre um sorriso triste. - Todos os seres desprezdem, sem o sentir, um halo: que os envolve. Miríades de halos pelas eras...

Onde estarão as antenas para receberem essas sonoridades vivas das eras? Onde estarão as antenas, para receberem a queixa-de-decepção de todas as almas, pelas eras? - Dorme, Fredinho - Ainda abrirás olhos, Fredinho, para tantas auroras de esperança...Ah!

Que representas afinal, este minuto, no tumulto dos séculos? - És, apenas, uma criança que dorme, no tumulto dos combates sem termo.

Dorme, Fredinho!

Nuzito em tua cama, de meio metro. As flores ostentam a impudicícia do sexo, gloriosamente, em que corolas! Em que corola de inocência Fredinho, dormes o teu sexozito! - Oh! esvoaçam, em torno ao teu leito, os anjos que não têm menino, nem menina: mas que só têm asas! Dorme, filhinho! dorme em sossego! antes que a treva gosmenta da sexualidade, obsedante, talvez te faça desejar a morte: melancólico tu, no conflito entre tua delicadeza e os assanhamentos vesgos do instinto! Dorme! dorme! dorme!

Eu falo por ti: falo pelas ondas do teu destino...que um dia te falarão.

Bem profundo seja o teu dormir: mais, cada vez. - Profundo dormir foi o daqueles que, ressurrectos, dançam ora o cateretê macabro e cínico: - a dança dançam dos que, cínicos, não têm mais nada a perder, porque macabramente perderam a vida. (Batem ossos contra ossos, em caretas, na treva suspirosa.) - Oh! quem o diria? - dorme! - quem o diria que um dia: "lá se foi o Alfredinho Lopes...coitado! Afinal, ainda bem moço!" - e lágrimas, lágrimas a acompanharem, angustiosas como um mundo, a quem se vai à terra: na banalidade eterna de ser ir à terra...

- Dorme! dorme! oh! dorme, profundo, na inconsciência profunda!

Dorme, pequeno! Verás de longe a festa: de longe, verás o iluminado palácio, mas...festa maior será o te debruçares para o cantinho florido da moita, enquanto lá se desencadeia a incontinência das luzes, dos sons, das loucuras: na festa, lá! Lá...-Dorme, na inconsciência profunda!...

Dorme, no silêncio do teu palácio!

Dorme, Fredinho! (Essa é a *berceuse* do menino "diferente"...) )

Tens os braços para cima, a dormir. Dormes em ascensão: - vais-te em ascensão, assim gravezito?

Vais-te sumir, em um símbolo? - Oh! lágrimas angustiosas como um mundo, a acompanharem... - ( A Infância todavia, eterna, aqui se dourará para "outros". Ah!)

Dorme, Fredinho, em inconsciência!

- Nas eras, nos mundos, no infinito - uma simples criança, ei-la: a dormir...

- Noite alta: Babu se esvai a sono solto.

Cansado de haver chegado. Cansado, ele, desse encontro de dois mundos; em sua alma.

Um choque! um turbilhão! - Alma cheia de Paris.

Paris, ora, ali: entre as selvas, na agitação fulgurante de suas lembranças! - Babu ressona: sono de preta pesadona, sono que faz estremecer a cabana. - Ele... está ali alertamente acordado, na noturna mataria, com seu Paris no coração: tal sentinela que vigiasse a legendária cidade, em saudade, canto a canto!

Passara o dia atendendo a mil perguntas de curiosidade, com as quais o fisgaram todas as negrinhas do rancho. (Revelaram-lhe - ah! - que ele havia voltado menos preto!...) Enquanto tagarelavam o seu infundável querer - saber, batiam elas mandioca nos pilões; socadamente. Plom! plom! - África não é brincadeira, meus brancos! - Suavam as coitadinhas, no plom! plom! plom! corpo acima, corpo para baixo... Plom! - África não é tli...im...e pronto! aí está o que se deseja, em absurdo capricho que se fantasia: diante do mágico botãozinho.

Quantas vezes em Paris ou nos cais de Marselha ele perguntara a qualquer bêbedo em farrapos, daqueles inumeráveis que por lá tropegavam, se queria vir ganhar dinheiro plantando na terra dos pretos: - e o outro lhe abria um espanto, na cara avermelhando de suja, estivesse assim ouvindo a linguagem de outro mundo!...

- Ah! os pândegos! quando embarcam para cá, é com propósito de se virem encher de mando! Nós que bufemos no suor, à soleira, e nas febres: enxada à mão. Eles, mal arribam, estacam-se ali de pé, tesos que nem coqueiros com o chapelão "tropical" engrossando-lhes a cabeça...ahn! ahn! a mandar. Em voz grossa, a mandar.

Empinam-se com a idéia de que trouxeram o progresso; que é o progresso...para eles!

Sorria de si para si. Em todo caso, ainda fora feliz: fizera-se *spahi*, e o capitão, deixando-se seduzir pelo sorriso inteligente dos seus beíçolões, tivera aquela inspiração de mandá-lo à *Metrópole*. Na grande cidade, se arremetera a estudos: - não se tinha a queixar do governo, de professores, nem de colegas: de ninguém a se queixar na caminhada da sua instrução. Outros, porém, quantas atribulações não haviam curtido lá, pelas civilizadas terras, no ingrato destino de se diferenciarem da generalidade vivente pela pele escura, pelo nariz chato e por outras mais inferioridades!...

O que mais ouvia rouquejar em Montmartre, com peso de um dogma, entre as cintilações espirituosas das garrafas, é que "não se afigurava admissível que estivesse gente morrendo de

fome nas terras gastas da Europa, enquanto nos países novos dormiam selvagens debaixo das árvores em pleno sol, para à tarde apanhar dos galhos a papança! Num esticar lento de braços.

Por falso princípio de propriedade, os indolentes obstavam a que a audácia dos necessitados fosse lavrar as terras exuberantes e virgens; com o fito primário de matar fome à melhor parte da humanidade! “

Os patuscos!...- Dorme Babu, a sono solto: dorme a floresta, exalando uns ruídos de pesadelo: na noturna morbidez tropical! - Oh! de que vale ouvir a gente aqui, neste momento, a alma do mundo por qualquer desses rádios que, até na selva, desabafam almas do mundo? - ou se voar em horas às pontas do mundo? - ou se aprender por processos vertiginosos a linguagem de todos os povos?...

Do que, em tudo isso, se podem gabar os “superiores” da terra, se o coração dos homens se vai distanciando do coração dos homens? Se há, entre os mais cultos, o requinte de ferocidade que espanta, com o espanto de coisas incríveis...ao pasmo dos próprios africanos?!

O que presenciara ele, de disfarçadamente atroz, nas excursões civilizadas que fizera! Vinha-lhe à cabeça que, no alucinante mal-estar destes tempos, havia os estertores de novo planeta em formação. - Pois não era evidente que o mundo estava acabando, no mundo?

Os brancos haviam-lhe ensinado a religião deles: - despontava-lhe, ora, a conjectura de que aí, pelos continentes, estavam aparecendo Criadores, os quais, à imitação de sobas ali da sua terra, se iam empenhando em luta: forcejando, cada chefe-dos-chefes, por firmar universo da sua caprichosa concepção. Exclusivamente: despoticamente.

Sentia tudo tão antagônico, por essas vastidões! tão sem vontade sincera, tão sem jeito os ânimos de se compreenderem! Nem que fossem caos em fúria contra caos! Tremendo aniquilamento pelas adiantadas terras!...- Que conforto em retornar à floresta! apesar das suas saudades da Cidade Luminosa! Dormir, enfim, o verdadeiro dormir...

Ah! se por essas selvas se estendesse mandato de legítima, de sã civilização! Construtivo espírito de radical fraternidade humana, que enfeitiçasse mimo de alma à bruteza das brutas terras: nuas do encanto real, que é o encanto da conjugação delas com o homem...

Ah! quem dera que se realizassem as definitivas núpcias, de onde surgisse a laboriosidade ingênua do Futuro! Atividade de

um, singeleza viçosa de outra... a se penetrarem!

- Do capitão, sem dúvida, só recebera amenos reflexos da cultura dos brancos: em França, repetia, nada de humilhante o atingira. Os povos, esses, é que ele os achara de um nacional egoísmo, estúpido: como que se roendo a si mesmos de fanático patriotismo, "pois que, no seu nacionalismo sem medida, parecem se raspar até dos vitais elementos de humanidade", segundo acentuara, certo número, *Le Populaire* de Lião.

A mais calamitosa insânia! E para que insânia se precipitariam os irreconciliáveis, ainda mais tenebrosa? - Babu ressona, incansável.

Babu, a sua velha tia, dorme a sono solto o seu contento de havê-lo recebido: de havê-lo visto, a voltar forte e vitorioso...

Noite alta - Os quá! quá! quá! que chegam do mato, sairão dos macacos? (Talvez mal-dormidos monos, pela galharia...) - Bate o luar nas palhas que escorregam, em cobertura, sobre as choupanas... Que límpido silêncio, na agreste dessas regiões!...

..."O desabamento em chamas do castelo, quando acabar a dança - ah! - e os brancos do folgado..." - Babu se remexe no pobre leito, de esteira: Babu dorme, dorme!

Foi uma alegria quando ele desembarcou do trem, chegado de Dacar - Babu foi a primeira a abraçá-lo. - O velho tenente francês pronunciou uma alocução, chamando-o "herói dos liceus de França!"

Todas as raparigas esticavam para ele as risonhas carinhas negras, com a festa dos seus dentes brancos...

- "Eis aqui a casa! - Oh! as noitadas nas quais, em torno à mesa da sala de jantar, jogando a víspera ou o dominó no ameno e casto aconchego familiar, entre singelas galhofas lá íamos rompendo o tempo: até desoras.

Georgino, o madurão noivo, era mestre em gargalhadinhas dobradas: - a tia de Josefina, dona Constança, transformava-se em rubra e espremia umidamente os lábios, com seus olhinhos brilhantes, quando o maroto dizia "uma daquelas..." - Dona Manuela, a espanhola, quase só tagarelava em assunto "Guerra de Marruecos". Era eu inesgotável em inventar passatempos, de coloração esbranquiçadamente doméstica: quanto à Josefina, limitava-se ela a olhar e sorrir, algo grave, dir-se-ia veneravelmente discreta, revelando nos olhos e nos lábios uma natureza de invencível circunspeção. (Volume de caráter: critério: nem tanto plaino de espírito.)

Oh! tempos! - Eis aqui a casa: era isso lá, no sobrado: cá, embaixo, estreitavam-se quartos alugados a meio mundo, pela

necessidade das pobres mulheres. - Já há muito não existe a Josefina, nem existem os outros, exceção da velha tia que não sei bem onde manqueja os anos. - Em casamento viera abicar o noivado do madurão com a jovem circunspecta, e do casamento desabrochou filho: houve doenças e viuvez; houve miséria, além de morte. - Houve medfocres enterros, para míseras sepulturas...

Foi aqui...Que pena não poder eu me demorar quartos-de-hora mais! que pena ser eu tangido pela pressa banal em que vou! (Pressa das coisas corriqueiras, sempre com grandes ares!) - Tanto grato me saboreia recordar passagens tamanhas! ainda que fosse em relampejar de lembranças...

Tempos, oh! tempos! - A gente vai indefectivelmente a correr pela vida, sem dar quase nunca que vai a correr...Eu, com facilidade, reconstituiria aquelas patuscadas que o Georgino mirabolava na hora do chá...ah! cara inconcebível a do pândego, rindo e estalando as torradas: na boca afunilada, pela idade e pela galhofeira.

Hoje o riso dele é diferente: - o riso dele, e o dos outros, é diferente. - As caveiras riem seco, do desencanto de quase todas as esperanças: que falharam na jornada deles, dos pobres amigos.

Os amigos, afinal, se entenebreceram na noite...

- Está a tempo: deixem-me tomar o bonde! Por aqui, a melancolizar-se tanta saudade, a pleno sol! - ainda é o mesmo, o velho casarão!

- Quem hoje nele mora, nem suspeitará...

A Josefina amargou bastante para criar o filho! Coitada! quando faleceu - já pelos trinta e bastantes - fez-se no caixão feia e descarnada; em imagem da própria morte.

Contudo que moreno gracioso lhe havia esplendorado, cheio de feitiço, aos dezoito anos!..."

- Ó vós, que não nos quisestes contar o mais íntimo segredo, mas fostes confiá-los ao eterno Impenetrável!...

Rejeitastes, suicidas, os vulgares consolos da terra e vos aprofundastes em um conforto transcendente. - Correia Dias, Antônio Leitão, Hermes Fontes...e outros tantos...Gastão Estela - amigos meus, cujo desespero foi maior que a vida, e que entrastes no Mistério com um gesto de heroizito afrontando o supremo espírito: o espírito da Criação!

E o espírito da conservação-própria.

Suicidas, que vos afastastes incomensuravelmente dos homens pela inapreensível singularidade de vossa coragem, desmen-

tindo vós à existência como dom supremo - engendrades, no mais pasmoso imprevisito, a realidade de um terceiro mundo: o mundo das almas que se negam; entre os condenados e os benditos da eternidade.

Ó vós que éreis, em geral, de tão calmo e natural aspecto, como a normalidade ensolada de um meio-dia: contudo o cataclisma extravasou de vosso planeta para o Éter. - Que fundo momento aquele em que encostastes a morte aos ouvidos!... - Fizestes um vácuo na noção universal das coisas: na noção vivente das coisas. Desse vácuo como que me contamina eu, não vos podendo bem divisar na sombra das almas que se foram.

Almas que, não se reconhecendo, não nos reconhecem também - ó vós, cujos olhos parados tanto daria eu por enfrentar, todavia: na saudade absurda daqueles que nos quiseram deixar...

- "Transborda a alma nossa, Gilberto, para a emoção do Espaço. Feeria!

Lá, na sombra da imperecível saudade, ei-las...a *Petite-Fadette*, Joanhinha do Garrett, Inocência, as heróinas do Dickens, aromatizando como verbenas... - Ema Bovary.

Há uma vertigem de soluços na sombra através da noturna baía: pontilhada de luzes, a capricho de acasos...até ao renque audacioso que acendem os focos elétricos de Niterói!

Freme a baía, de romântica insatisfação.

Para cá, está o zunzum da cidade: automóveis, ônibus junto à calçada em que vamos, bondes, o distúrbio sonoro e veloz da vida: - debruço-me, ora, ao cais. - É esse o meu passeio de todas as noites, depois que deixo nossa casa entre os arvoredos ali, no morro da Glória: tempestuosa minha cabeça, das tumultuárias leituras de tantas horas! - Feeria! - Como desabrocho de emoção, neste espaço: incontível! Entre a alucinação viva da cidade e a sombra dos sonhos imortais - esplende a realidade de beleza, que a baía esplende! Sinto-me o senhor de tudo...

A divagar, em palácio encantado, com as minhas heróinas... vou ao léu, assim...na confiança de encontrar o segredo doloroso: o segredo magnificante de todas as coisas...de todos os sonhos: - o segredo de se não realizarem..."

(Velhos passeios meus pela Lapa, pela Glória: no caos sentimental dos vinte e poucos anos. - Ah! que saudade, amigos!)

- Sobre a montanha, a alma gloriosa incita a que se deixe pai e

mãe, a fim de segui-la: pois segui-la, entre o tumulto dos homens, é dar pai e mãe àqueles que, no erro, não têm consolo da solicitude verdadeira: que consiste em Paternal alimento ao coração.

- Sobre a montanha, a alma gloriosa proclama que no auxílio à alheia necessidade, não saiba a esquerda o que faz a direita; pois a caridade deve ser uma corrente de humana alma, de homem para homem, em anônimos jorros: quebrando diques de destra e de sinistra, quais sejam, na torrente do Universo.

(De longe, divisa-se o esplendor sobre a montanha: à distância tamanha! Lá, de longe, dominando o halo-de-sedução da cidade que outrora, só ele, fulgurava...)

- Sobre a montanha, a alma gloriosa ordena que se anime a gente de fé, numa alucinação fechando olhos a tudo que não seja o apelo do Bem: a arredar cordilheiras de maléficos obstáculos, como se sombras fossem...

- Sobre a montanha, a alma gloriosa lembra que crescem e são belos os lírios-do-campo, porque não os enegrece a seiva; nem a seiva os enfeia. Assim não se deve turbar nossa vital seiva, na egófica preocupação, demasiado obsedante, do "dia de amanhã": na mira de crescermos, o mais possível, semelhantes a um lírio-do-campo.

- Sobre a montanha, a alma gloriosa previne que ninguém é profeta em sua terra: - tal modo naturalmente o armou divina sabedoria, para que mais facilmente se espalhe a verdade pelo mundo: enxotada pelos mesquinhos, ao tempo que enxotam para o mundo o homem em quem a mesquinhez deles não pode crer: julgando, no seu subconsciente, não poder se vigorizar em superioridade quem roça, no dia-a-dia da vida, pela inferior natureza deles.

(Lá, na altura, o halo que circunda a Alma convida o humano ser para frescor e luz da Pureza: libertos dos tormentos - o ser mísero - que doloram em miasmas, cá pela planura implacável...)

- Sobre a montanha, a alma gloriosa adverte que nos devemos comunicar com Deus, não tanto nos templos onde se quer confinar o Criador; nem mesmo tanto na natureza, onde esplende em magnificência o poder material do Poderoso; mas, sobremaneira, no recato de nosso quarto com a alma, que é o mais legítimo dom de Deus: que é, em nós, tal uma pulsação de Deus.

- Sobre a montanha, a alma gloriosa - que é toda verdade e amor - aconselha que nos façamos dignos do amor do Pai, amando-nos uns aos outros, como nos ama Ele: e prega que aos irmãos façamos o que queremos que a nós mimoseiem os irmãos - a fim de que sejamos, qual de nós, a imagem dos outros: em afã de nos mergulharmos na beatitude de uma mesma alma, salmodicamente universal!

Tudo isso nos proclama, cercada pelo prestígio de um halo que as nuvenzitas lhe aduçoaram - a alma gloriosa! sobre a montanha.

- As estrelas pequeninas são, na realidade, formidandos mundos: - um mundo formidando é cada cristal, nas máximas: que fluem em sabedoria da Alma prestigiosa.

- Sobre a montanha, a alma gloriosa diz que sejamos perene-mente criancinhas, pois que dos pequeninos é o reino dos céus: - é o céu a limpidez contente, da singeleza. Diz que nos anulemos cá, embaixo, no propósito de nos exaltarmos em azul de firma-mento...

Aponta a que nos exilemos, em direção à maior Festa, que se festeja no humilde reconhecimento de nossa miséria...

...Amacia-se na Festa, em luz, o beato-reverso de nós mesmos...

Do alto da montanha, a alma gloriosa sermoneia, incansável: e alça sobre o tempestuoso empedernimento do nosso diabolismo a mais estrondosa bênção; que é a bênção da esperança...

- A singular expressão de desconforto amargou, de súbito, no rosto da velha: - viera a velha, a exemplo de outras pessoas, assistir da janela à passagem do enterro.

Rompendo a tristeza brumosa daquela manhã, o enterro vinha pelos altos e baixos da rua sem calçamento, com um cortejo de muita gente, que se demorava em passos lastimosos. - Pertencia o menino a bem conceituada família - De febre amarela é que falecera, havendo voltado do Rio, talvez quinze dias antes: e para exames na Instrução Federal é que fora, tendo chegado em triunfo de excelentes notas; que vivazmente colhera.

Em meio à auréola dos braços festivos, erguendo os "viva o Henrique!" por copos transbordantes da cerveja local, a doença apontou com irônicos esgares sinistros: arriou logo à cama o pequeno glorioso, e começaram os cuidados e as ânsias a se atropelar, no espaço que a desencantada festa desimpedira. Chamado o médico, especificara-se o mal: com a agravante de que "febre amarela levada para a Serra apresenta os prognósticos mais sombrios." - E os alucinantes momentos dias e noites chegaram, na versatilidade tantalesca do "está melhor, eu creio!" - "xi! entre nós, mas eu acho agora tão esquisito o pulso dele"... "enfim esperemos..." - "Já repararam como o rosto dele está ficando esverdeado?..." - Tântalo ia e vinha com aqueles desgraçados, em enervamento e pelos momentos afora... - A Mãe, que nunca perdera filho, tornou-se um espectro de abobalhamento: e as noitadas pasmosas iam empalidecendo aquelas angústias entre desmaios; - ia o médico, o

médico vinha sempre vão - até que, após um ataque de meningite, a sofredora existenciazinha ganhou o Sossego.

Entre os "colegas" que acompanhavam o enterro, caminhava eu, tido como seu amigo predileto: - pois na compreensão de umas delicadezas que ambos a mantínhamos distinguindo nossa alma infantil, ganháramos fama de "inseparáveis". Com o estímulo desse interesse particular pelo morto foi que, ao passar o féretro pela casa de *Madame Bernard*, deparei com a velhinha fitando olhos na dolorosa comitiva: em singular expressão! - Certo, aquela expressão dizia do tétrico que o tétrico era de ficar triste, para sempre, na longínqua sepultura de roça; enquanto iríamos nós, os outros meninos, em galharda trajetória pela vida! (A mísera criança imobilizada no fracasso de sua inteligência, desmentida pelo Nada...)

Esquecer-me-ei jamais daquele abanar de cabeça, lento, na "avó do Oto"! - desconsolado gesto de quem tanto vivera para quem vivera tão auralmente: enquanto os olhos da senhora se luziam de lágrimas!

Na matinal bruma tristonha parecia tal meneio de desconforto na alva cabeça, a primeira e a mais soturna pá de cal: dentre as pás de cal que iriam afundar o corpo do malogradozinho. - A se ir este, ora, passo a passo, no nosso suplicioso andar, pela longa rua de sua cidadezinha!

Prolongando o seu derradeiro passeio...

"...tétrico, como o momento em que um coração de mãe sente que se vai sumir, deixando no mundo filhinho de meses para se criar: e considerando que não se poderá lembrar o filho, jamais, dos profundos carinhos!...

Nem se poderá lembrar ele, sequer, do vulto materno! - Que soluços! afundando agonia no desesperado coração!..."

- A Crença da grande civilização futura será, provalvemente, um deísmo puro.

A revelação se fará, sobretudo, pela Natureza: o sábio e o poeta hão de se tornar os verdadeiros sacerdotes, quando qualidades morais primorosas reforçarem a excelência do espírito deles, e da sua sensibilidade.

A alma do homem é partícula da alma universal: o homem é um momento na Vida. Todavia, goza de relativa imortalidade, transmitindo algo de seu nos descendentes.

Daf a importância do amor. O impulso inato de amor e a própria Natureza lhe ensinarão a solidariedade com os outros homens: além disso, destinou-lhe a Divindade a luz da consciência, o instinto moral. Há no homem, portanto, "necessidade" de praticar o Bem; sem contar mesmo com prêmio da vida celestial.

O culto futuro será um hino a Deus, através do Cosmo e da felicidade humana: exuberantes de graças!

Haverá universal bem-estar em sentirmos Deus, na consciência que tenhamos do divino da Criação.

...E falaremos diretamente a Deus: sem profetas, de permeio.

...E exultaremos, em nós, com a glória imortal do Todo, que em nós espande: por breve que saibamos transitar ela, em nossa existência individual!

- Felizes os que à hora da morte podem divisar, na consciência do bem singelamente praticado, fresta que lhes anuncia a porta, entreaberta, do céu próximo!

Felizes os que à hora da morte, em um sorriso, esclarecem à angústia dos que junto a eles se pranteiam: "não chorem! pois a vida foi, para quem lastimais, um estirão de amenidade!" - Eles encantaram amenidade de benvolência pelas regiões que transcorreram: e as vagas mansas voltaram à praia, de onde se haviam as vagas aligeirado...

Não foram olhos - foram um olhar de compassiva doçura: não foram boca - foram a modulação de salmódicos louvores: não foram corpo - foram o espírito da Graça. Como um sonho de beatitude, passaram pelo enfado dos nossos dias na terra!

Felizes os que, beirando a finalizadora escavação que para eles monstruosamente se vai escavando, resumem-se em placidez de luz: e em sutil placidez luminosa se deslizam a voar, semelhando anjos, que demandam a verdadeira existência...

Felizes os que, à hora da morte, transidos de pequenez a igual de todos os humanos no terror do mistério, podem balbuciar contudo com assaz sentimento de tranqüilidade, perante o Escuro: "Boa noite!" Alçando braços para a vaga Mamã-Vastidão.

- Cerram pálpebras após, eles - os eleitos - em visão de confiante candura...

- Levanta mãos de bênção um espectro, no luar, que se beatifica por essas florestas; pela campina, que daqui se liberta...; pelo prateado rio - eis! - se beatifica!

Mãos de um salesiano o foram, sem dúvida, que se alçaram outrora durante a missa, na maloca: por anos poucos; pois que

flechadas fizeram calar logo o coração piedoso, no ardor da catequese... - De outro mundo, ora bendirão a solicitude que neste mundo, unicamente ela, encerra bondade!

Sorriem as praias alvas do Araguaia. - Sorriram, pelo dia afora, os lábios da Jandira, neta do moribundo Guaraci: aquela por quem você, ó tenente Rogério - confessa! - esquentava renitente xodó!

Como tudo é claramente manso: nesta braveza, de sertão! Oh! noite! Vago perfume de floresta, mistura de perfumes a penetrarem até a alma: - que agreste essência de saúde! Vago ruído, no emaranhamento de tantos ruídos, disparatados! - Verdade é que se nota, bem distinguível, o barulho das águas na corredeira: pelo rio. É bastante de se ouvir, outrossim, a molícia na viola do Chico Caetano, afrontando lá, no Posto, a solenidade da noite; com a imodificável banalidade dos queixumes, nos quais se acorvarda o amor!

A viola - seja como for - lhe escurece a alma, gostosamente: de saudades! - Quantas, as saudades! - vai o Rio de Janeiro tão sentidamente distante! - Surge-lhe à lembrança a casinha da rua Monte Alegre: por essas horas, ainda estará a Mamãe a coser com as duas meninas, na faina de entregar as encomendas...

O Rio, que outro mundo! - pior? mais de acordo com o destino dos homens? - que outro mundo, a imensa Capital! - Estourava-lhe na idéia o contraste entre o longínquo maravilhamento de luzes, insuperável tal o Definitivo, e a vazia vastidão daquele luar, amplificando o verde da solitude apavorante! - De tal maneira, o luar amplificaria o mundo, com um silêncio alvamento...

Sertão! - ora, eis a realidade aos seus pés, aos seus olhos: bugres, caboclos não mais entendíveis ao seu ânimo do que bugres, o Posto do governo, missionários no desvario da catequese... Um passo avante: a graça índia da Jandira, a abrir sorrisos em boca que se faz larga, que nem um estuário; para lhe permitir passar a caudal da alma rude.

Montarias rasgando pelo rio o esforço dos brônzeos remadores; pirarucus; onças faiscando olhos, à noite... - Tãmanha galeria de asperezas, de selváticas insipidezes... de qual modo amarrotam todas a sua pele fina, de carioca! - enxotado ele pela necessidade do ganha-vida para ali, para a função oficialmente rotulada: "defesa dos índios".

(Defender de que, aqueles mostrengos frutos-humanos da Natureza? - À gente defender, que apenas destra se patenteia em flechar o mísero cristão, que por essas ínvias lonjuras se encoraje: na ilusão de se cordializar com petrificados fetos da evolução...)

Ora, a generosa bobajada!

Via depois o seu alertado espírito, no estímulo da aluarada noite, vertiginoso tropel de sombras pelo espaço: - o amontoado fremente das existências futuras rompia a serenidade eterna do Alto, em evidente sofreguidão de descer para aquele ermo...

Vindouras criaturas - ah! Que seria o porvir, por aquelas paragens? - Era em estertórea confusão de pensamentos que ele, intimamente, clamava interrogando; a conjeturar após, amorosamente ansioso de conjeturar... - Inédito mundo! - Que despontaria no pasmo dos horizontes? Que nova linguagem traria o eterno vozerio da humanidade? que poema a mais sublimariam os homens, em homenagem ao espírito do "imparável", no curso do Universo?

- Irra! já marcam dez horas no seu relógio: - hora de recolher. - Silêncio de desaparecimento, em tudo. Parece que céu e terra dão-se entrevista no sossego e, juntos enternecem: para rezar, infinitamente abraçados...Reza dê gratidão por poder luzir, em tranqüilidade, a glória do céu e da terra! afastada dos vãos turbilhões, humanos.

Como adviriam os tempos? - Como se monstruosariam as novas máquinas de locomoções; os naviozitos para amansarem distâncias nos rios; os edifícios; os aviões conduzindo pressa, sempre insatisfeita, de passageiros às centenas; o rádio emaranhando aos ouvidos a alma frívola e a veneranda alma de todo mundo; o tumulto pandemoníaco das metrópoles? - Todo um novo cosmo se abrutalhando e se esplendorando por aquelas violentas selvas!...

Imprevistar-se-iam, ao certo, outras formas de miséria humana: na implacável miséria. A gente, pelos séculos, mexe o desencanto, como um amador de rádio: o qual, com aqueles pinozinhos de madeira, lá vai se entediando com a variedade das "estações": por mais variadas que se elas afanosem! Ora, preferível é gozar a lua como se aclara, no momento! engolfando em indefinição macia a braveza das coisas!

Do que a lua à braveza das coisas - em mais fundo esquecimento não engolfará a fantasmagoria das metropolitanas luzes, ao requinte das humanas dores: pelos salões da Civilização! - Oh! não: sem dúvida. - Ingente esforço teima no Brasil a de se puxar - tamanho - finalizando plantar aqui contudo mundo talvez piormente alucinante do que aquele em que se desesperam os atuais filhos de Santa Cruz! - Macabro esforço!

Fazia-se mais claro o ruído das águas, na corredeira - "Vamos-nos para o cheiro dos bugres: é fino aperitivo, tratando-se de pitéus em bucólico descanso!

Mais picante inebria, do que cheiro de capim-gordura - Vamo-

nos para o rancho: amanhã temos que visitar, com os caboclos, tantos roçados de milho! Que insípida faina, à soleira! - haver, para cúmulo, de atravessar os brejos no Bananal...”

Lá vai a lua: a ir sempre, em jeitos de dar a explicação singela de todos os enigmas da terra: no anulamento branco do que seja... - Duas nuvenzinhas que pela lua estão a se esgarçar - curioso! - vão formando perfeita boca de jacaré...

Igual boca àquela que ia engolindo, há dias, o cabo Cícero: na margem onde fica o Coqueiral Grande.

Que sustão, o que percorreu todo o acampamento!... - Não fosse o excelente tiro do 24, batendo junto ao ouvido do bicho...seria um cristão de menos, no Posto! (Aliás o 24 é o soldado de melhor mira, em todo o Araguaia.) - Quando desceram para puxar o monstro lá, da água, apareceu a filha do Zé Lopes, rompendo o jaraguá, com as pernas nuas: próximo à ribanceira.

Que sensação de aurora - tão fresca! - lhe alegrou o corpo, quando deparou ele com as brancas carnes da mocinha, triunfando nas duas colunas abaixo do vestido: - um tanto sombrio, o vestido.

Certamente, deu ele no reparo de todos, firmando olhos na sedução da imprevista elegância feminina: que esplendorava única - não havia a duvidar - por aquelas paragens!...

- “...Ao divisar o profundo palácio encantado de tua feminilidade: onde minha volúpia dançaria a bacanal de mimosas lascívias...

Do sofá onde estou, diante da mesita em que te debruças a cortar costura, diviso um clarão de carne, acima dos teus joelhos: e a atitude natural, tanto quanto grave, por ti tomada enquanto trabalhas, amolda de respeito e naturalidade a sensual gula, com que resvalo o olhar sob tua roupa. Pois vou numa lubricidade estranhamente casta, que não deseja ferir-te a florzinha do recato, em selvagem ereção de desejo: nem dominar-te em violentos transportes de ósculos e afãs - mas tão unicamente aspira a roçar pela tua pele, a pele de minha madureza! Minha áspera masculinidade, pela molícia do teu sexo. Só: nada mais...

Lento a roçar, preguiçoso: na tepidez macia; na modorra tonteante de sentirmos, singelamente, a diferença de que um é homem e que é mulher o outro: nada mais...Tu a espreitares em mim um mundo, que é mais sedutor do que o teu; no teu mundo, a sonhar eu mil estranhezas...Um mistério vindo do Mistério, e atravessando cada um de nós para invadir o outro; com alarde de trombetas noturnas...Um inebriamento, em que dois antagonismos se fundem na mais irreduzível unidade, exultante...oh! diz-me, em teu silêncio,

que me aceites para macio frenesi de ancas contra ancas! - Vaga volúpia nossa... descortino de alegre volúpia, sadia!...Que horizontes!...

Ancas tuas, quão amigas entre a gula ondulante de minhas ancas!... - Plácido oceano de insatisfações! - boiando nós em treva-veludo, do apagamento de todas as outras voluptuosidades: profundos nós na noturnidade do corpo de cada um, vertendo em esvaimentos para o âmago do corpo-comum: - e no âmago do nosso turbilhão, sorveremos um fluídico delírio! - Assim te quero bem, escorrendo sonhos pelo moreninho de tuas coxas, bastas...

Rompes teus panos atenta, sem nada perceberes...Uma única vez, me lançaste um olhar: distraído olhar.

Em tal momento mais me franqueaste a festa de teu corpo, desvendado: - sem por isso dares, por certo...Em tua simplicidade, longínqua: por que outros sonhos a se enlanguescer!..."

- "Afinal, elas são inocentes, nesse despudoramento..."

- "Exibem elas inocência de cão: nessa publicidade do corpo, parecem-se com os animaizitos quando exercem a deliciosa desapertura a dois, às claras, aí pela franqueza das ruas..."

- "Para que haja noite é necessário que se faça dia: se todos perambularem nus, perder-se-á o conceito do nu. Eis aí: a angelição da humanidade."

- "Alegam os progressistas que o nu mata a concupiscência; pois que a concupiscência está na sedução do mistério...O gozo não se entusiasma tanto com o despido mas em erguendo a ponta da roupa, para deparar com o clarão da "carne": - o prazer consiste em dominar a tepidez turbadora do segredo..."

(Copacabana: - quatro amigos discorrem à praia. Gente já de seus sessenta, os quatro desaclimatados: grisalhos, em relação aos costumes; um deles, todavia, algo "compreensivo"...).

- "O fato é que havia demasiado, no nosso tempo, o mal da sensualidade: só se abriam olhos para o acima-das-ligas nas mulheres. E definia-se o destino de um homem, sobre a terra, quase exclusivamente pela pauta de ser o tipo, ou não, iludido pela companheira: em pontas maiores ou menores à cabeça!

Ah! essa parva época, em que se avaliava do prestígio de um cavalheiro a se lhe bisbilhotar, em imaginação, a estradazita sexual da esposa como paradigma do que ele representava; obscurecendo-se todos os valores do esforçado!... Ardia a preocupação absorvente de examinar se a supracitada trilhazita estava sendo percorrida monogamicamente ou se pulsava franqueando-se em gostosas jornadas de adultério..."

- “Em tal sentido, acrescentávamos a nossa parvoíce latina, nossa parvoíce genuinamente brasileira... - Hoje os sexos se unem ao ar livre, desnudos, abrindo à sensualidade válvulas esportivas.”

- “Para mim será sempre o que lhes digo: até ao segundo, poderá haver ainda a escapatória do casamento no Uruguai. De dois homens para cima, não há que fugir: a dama vira meretriz...”

- “Os filhos virão mais sadios, pois trarão dos pais o sol, ar livre, o mar; incubarão o nervosismo dos engendrados em maliciosas dificuldades...”

- “Pleno ar, gíria, ingênuas pegaçoézitas... Não te iludas, Florêncio: há muita safardanagem nesta praia, macaqueante de Miami e de todas as praias imbecis do mundo: há aqui incongruência dos que destroem o gozo, pelos próprios excesso do gozo. É pena acender-se neste estirão, à noite, um verdadeiro poema de luz para estes depravados, que só enxergam muque, peito queimado ao sol e esfregaçoézinhas a nu! - Este bairro é de um desmazelo moral insuportável: é enervante de carnes... Carnes, sem que em torno às carnes se faça halo nenhum...”

- “Tudo em alegria barata: euforia de mulato gordo, em gente de mestiçagem de alma...”

- “Elas, esplendem a graça impudica... a graça com que as cortesãs célebres ostentaram, na história, o prestígio do eterno desejo de libertação... Não tens o gosto de maiores horizontes, Almeida!”

- “Chamar de Excelência - profanação! - a uma dessas mulheres, em pêlo que por aqui vagueiam... Curvar-se a gente, pesado de respeito, perante um animal-fêmea a que assim se simplificam essas damas; despidas de tudo aí, pelas praias!...”

- “Sem dúvida é o nudismo a tese mais convincente de que pode haver uma realidade plebéia: completo despido de tudo, na vida. - No nosso tempo, escorria muito de sonho pelos quadris elegantíssimos das sedutoras, em uma voluptuosidade como que distante, quase espiritual: que se diria casta...”

- “Vai aquela com ademanos de sirigaita: jeito de funcionária pública, comum modelo. Modelo ultramoderno: insofreguidão histórica de conquista-chefes. Sem preconceitos... Hah!”

- “Mágicas insinuações falavam elas, outrora, pela expressão do olhar, procuram hoje convencer do gostoso no ventre, pela eloquência maciça das coxas.”

- “São esses robustos pilares o que elas apresentam de mais frequentemente fotografável: pelo convite próximo ao “misteriozito”, é que elas pretendem se recomendar à posteridade!...”

- “Essas carnes inteligentes, Rocha - deixem lá! - resolveram o

que a cabeça veneranda não pôde solucionar: no problema capital dos séculos... - Reparem: já está insuportável o sol, de causticante.”

- Vamo-nos pois ver as nossas velhas.”

- “ Já esperam para o almoço, sem dúvida - O futuro trará maravilhas com essas doidivas! Ah! os olhos dos nossos netos!... - Não é aquele o Gonçalo Lopes com a mulher e as filhas?”

- “Pelo menos são as filhas, aquelas duas de calcinha preta: que estão a jogar peteca...”

- “E pelo modo de dar pulinhos na areia, o homem deve ser o Lopes: - vai tentando apumar uns arrancos de mocidade! - Já me ferve a cabeça ao sol!”

- Sempre galhardos nas intenções, os visionários da nossa idade que cá vêm aspirar saúde: nesta patuscada das ondas!...Que mais pitoresco aliás do que presenciar esses gozadores se fazerem mentalmente, filhos de seus filhos!? - Estão vocês custando a se despregar!...”

- “Resolvamo-nos, logo: - até para cabeças bem forradas, não deixa de ser perigosa esta maresia dos tempos...”

- “O Aristeu confessou-me que viu o corpo da Irene Pais pelo buraco da fechadura: - mas o fato é que não consegue ver a alma da rapariga, pelos olhos dela.”

- “No entanto, os olhos da bonitona são bem maiores que os buracos de fechadura, nos quartos do hotel.

Satisfaça-se, o incompetente, com o corpo que ele conseguiu espiar...”

- “Há uma transcendência na ação dos viventes. - Na carícia que faço a meu filho sinto algo que será mais, sem dúvida, do que regozijo pela eternidade de meu sangue. Esplenderá muito de desfisiologicamente desinteressado no amor dos esposos, aluarando esse ambiente incomparavelmente poético dos lares bem constituídos. E como descrever da sinceridade nas festas que ao dono prodigaliza o cão, por vezes tão à bruta recompensado?

Vai até pelos bichos, no mundo, uma torrente de sentimentos espantosos...Surpreendentemente hiperorgânicos! - Aleluia! - Que glória latejarmos nós desse “fora de nós”! Insinuação de Deus: do Espírito, que só pode traduzir o Divino. - Que glória latejarmos nós nessa expressão de Finalidade, que é o transbordamento da alma nossa para o Todo!

Nos confins, existe a escura região: misteriosa. Mas que dom

do Poderoso, que não a podendo nós transpor, pelo menos possamos vislumbrar esse formidando pórtico de luz, constituído por uma auréola de sublimidade; a boiar, essa, nos viventes acima das contingências orgânicas, que forçam a naturais egoísmos!

Do seu halo de Divindade, com o qual criou Deus o mundo e o mantém, nenhum fulgor excederá, por certo, o que espalhou em tão transcendente ambiência...

Graça maior para nós, o sentirmos cada vez mais em tal região - como um estímulo - o "desejo-cósmico" do Criador!

- "Cabeça reclinada contra o biombo do camarote, ela divaga olhar por entre os candelabros e as gambiarras do salão.

Sonha.

Sonha, enquanto *Lúcia* emociona o espaço, em arrepios de veludo sonoro; com a "ária da loucura". - É o visconde do Rio Negro que, transformado em *Edgar* - sonha ela este sonho - vem-lhe pousar mavioso beijo à frente: afastada, de leve, a cortina do virginal leito pelas mãos do fidalgo aventureiro. - Parece-lhe que divisou Joana, a velha escrava, sorrir de medrosa galhofa nos seus alvos dentes de negra: por entre a fresta da porta. Tremeu ela, no seu desconcerto, ao tempo em que o visconde Edgar arredava-se com rosto que se diria ameaçador. Depois...foi retornando, o senhor viscondezito.

Um leve susto apenas!...

Cada vez mais, *Lúcia* enche o espaço com a mágoa embaladora, que implora outros mundos. E ela sonha: sonha sempre - oh! aragem capotosa das cavatinas, por entre a ramagem cintilante dos candelabros!...

Castelos d'Escócia...rede balouçante sob a mangueira lá, na chácara: a mucama trazendo a cajuada, em meneios cautelosos... eles, os amantes, beijando lagos brumosos, ao pálido luar das frias terras e, ao mesmo tempo, um tépido embalo de tropical dolência, à tarde: entre os arvoredos de Botafogo, com a monotonia fina das cigarras...

*Lúcia* vaga em que distante existência!...Toda aquela sala do Provisório submerge no mundo estranho de uma agonia, comó se houvesse jamais conhecido vida: - a música desfaz as almas através de casacas, desfaz as almas através de crinolinias em certo sussurro mortiço de rede, em movimento de suspiros; e de lágrimas... Vai-se ela, ela se vem: a cochilar.

Sonha, a cochilar; já se apercebe em casa, tomando a ceia, modorrentamente; à triste luz que tresnoita o seu candelabro de

mão. Sonha modorrenta, assiã, a profundas horas; no velho palacete de seus avós. E não vê ela a nenhum momento, tonta de devaneio no seu camarote, que um *leão* de há muito a espreita ali, próximo: resolutamente embevecido.

Sem que ela o pressinta, ora, o romântico mancebo à Inspirada em dado arroubo se chega, segura-a pelos braços e...vai levando-a estonteada contra o delirante peito dele, para o longínquo...

Atravessa anos - mocidade, madureza da heroína, crepúsculo de graças - atravessa anos com ela o audaz; que nada mais é do que o personificado Devaneio de um poeta século vinte. Ao passado a foi buscar. - Atravessam noites e noites, no além-túmulo da romanesca criatura... Abre olhos, a menina, ao espanto de uma cidade alucinante: de luzes e do inconcebível alucinante de todas as belezas, em vastidão...

- "É meu Rio? É esta, a minha adorável 'Corte' dos mimosos dias?"

O *leão*, ofegante da esquisita jornada, debruça-se sobre a moça aos poucos, sorrindo, com todo o ar franco desses novos tempos. Ela esboça aos lábios uma alegria, tanto ou quanto pesarosa. - Os olhos da Palidez antiga engolfam, sem dúvida, os esplendores da moderna cidade na alma da Palidez, invencivelmente romântica: de luzes assaz mortíferas. Alma das noitadas no Provisório ah!... Das noitadas...

Mergulham os dois enamorados o turbilhão deles, fremindo amor no sonho imortal da Sombra: irrefreável de passar...

...Da sombra de Saudade, que discorre para os tempos: que dos tempos vem; fazendo de um só gemido os humanos gemidos, que se contornam em sombra.

Eternos, de tal maneira!

- Desce sobre minha alma o descampado da solidão.

Por que horas já iremos, nesta noite alta? - Escava-se o profundo em meu coração: é a hora em que me vou encontrar com a alma das outras criaturas; nessas aspirações de meu enternecimento...

- Sinto-me de todo áspero, quando topo com outro homem. Por quê? Porque enfrento a máscara dos homens: a couraça de defesa dos homens. - Emociona-se a solidão, nesta noite alta. O ser humano vai pulsar, verdadeiro, no silêncio: como pulsa o meu ser indomável!

- "A exaltação da personalidade conduz ao isolamento: o isolamento, caro meu, afastando do tumulto vão das coisas, descobre a verdadeira consciência da vida: que é a consciência melancólica da vida.

Daf a irredutível melancolia dos aristocratas.”

Alonga-se o silêncio, em um sentimento triste. Esses que por aí andam, de dia, trazem a falsidade: a verdade no ser deles se quer ocultar; em fisionomias enganosas; eles, ao sol, fogem de veras para o fundo deles próprios. Mas, a esta horas noturnas, se estão de insônia, como ora de deslumbrante insônia agito-me eu, a alma de todos desabrocha em uma cósmica realidade de esplendores: com prazeroso travo de melancolia.

- Só a solidão tem o segredo transcendente da verdade...Eis lá... o pórtico da Consciência luz, de pedrarias: na noite emocionada. Na treva em pulsações, de festivos imprevistos - o ânimo profundo dos viventes forma um pórtico: por ele transcorre a comitiva de todos os meus desejos, universais, de fraternidade. Hosana! posso, enfim, falar com os homens, sob os umbrais da humana consciência!

- Ao humano entendimento, hosana! No silêncio é sincera a alma dos viventes, porque se incorpora ela à única alma, universal: incorruptível. “Eternas aparências, até ao final do mundo, bem e mal serão: na Noite, o âmago real das existências desfia uma neutra vida, misteriosa. Certo cavernoso ruído: o subterrâneo do Caos”.

- Do Caos tão impregnado estou, que julgo haver assistido à Criação; camaradariamente com o Senhor!

Hosana! Na vaga atração em que me impulsiono...na atração até pelo que mal suspeito de vida, na escuridão dos séculos e do intérmino, haja em meu afã uma saudade dos tempos em que Deus criou os homens primeiros: com aquela euforia divina de criar!...

Glória! - Há, de dia, miríades de mundos, no mundo: em cada olhar, em tantos indecisos desejos, em cada dor ou arrebatamento. O mundo totalitário - ei-lo - que só Deus vê: e o presente, à noite, a alma dos homens.

- “Ora veja, Amaral: estudei astronomia toda a vida, e agora que sei um pouquinho desta sublimidade, já tremo no frio dos meus sessenta e cinco anos! Vou levar astros e ciência dos astros para o túmulo!”

- “E eu com o trombone, meu caro?! Exatamente quando se me completa a técnica e se me torna suficiente a prática do instrumento, é que me falta o sopro!

Na vida, não vale a pena esforço maior: é permanecer no indispensável para...não morrer antes do tempo...”

- “O que fica realmente é a mediocridade: que é o sol dos dias corriqueiros. - Tens aí os saís para a asma? Já não me sinto muito bem: temo o correr da noite.”

- “Aí está o vidro - Olha, Gonçalves, a vingança para nós é

- "Aí está o vidro - Olha, Gonçalves, a vingança para nós é que, cada vez mais, desaparece a inspiração: - vamos deixar um mundo vazio de legítimos encantos!"

- "O espírito da sociedade burguesa introduziu o mercantilismo em tudo; até na arte e na ciência pura. Evaporou-se do pensamento o espontâneo, o desinteressado, e a euforia de produzir".

- "Da mesma forma, a vulgarização democrática da arte tornou artistas a todos os bípedes do planeta! - Acabará por só respirarem Beethovens na terra. A mediocridade subiu de um ponto, Amaral: e é sábio estar com ela, porque não é sábio pelear com a quase-unanimidade. Especialmente com os anos que temos!"

- "De fato, entender-se com a mediocridade é entender-se com quatro sextas-partes do gênero humano. Sexto e meio compor-se-á de viciados de extrema danação: - apagado meiozinho, no resto, se reservará para os virtuosos heróicos, que não respeitam circunstâncias..."

Já gastaste todas as tuas injeções de iodo?"

- "Que há? pula-te, de novo, o coração? - Tu não tomas, com a devida fé, os remédios que te receitam: por isso não te fazem eles milagroso efeito. Pelo jeito, confias cada vez menos na santidade da medicina!"

- "Para que a medicina triunfasse dos nossos achaques, seria necessário que o médico conhecesse os segredos do organismo humano, em estado de saúde: ora, tu sabes que isso é uma utopia. Tomo as minhas drogas, pelo uso tradicional de se tomarem drogas..."

- "Aliás, na vida é tudo assim: o uso tradicional... Em que vai a gente confiar? Ainda hoje, confessava-me o desembargador Rabelo: - se os juristas fossem dar corajoso relevo aos fatores 'temperamento individual e circunstâncias' na prática dos delitos, desaparecia, no labirinto das relatividades, a noção de crime. E, daí, resultaria o conceito lógico de impunidade."

Acrescenta, meu bem, que a mais leve ponderação dos fatos nos evidencia como a proclamada Crença alteia-se, simplesmente, em ridícula balaustrada de nichos, encerrando eles abusões: a cercarem o Mistério. Abusões do mais pueril antropomorfismo, pelas quais juramos: ao mesmo tempo que rimos dos ídolos, que outros sectários ajoelhadamente adoram!

Ah! o elemento natural do homem é a mentira! o ilógico! E a ignorância é que vivifica!"

- "A que é devido gozarem as mulheres mais estrepitosamente com os brutais, que as hajam mesmo agredido? - ainda com aqueles que se arrojam sobre elas com arrojo maior de depravação? - ou com os amantes que mais lhes façam sentir o picante dos amores proibidos? Por que todo esse sabor de perversão? - Porque indica-lhes o instinto que o que

devem elas levar para a perpetuidade é, fundamentalmente, a hegemonia do pecado.”

- “O sentido mefistofélico é, realmente, o sentido da vida. - Contudo como aprazível penetra-nos à alma o sorriso dos homens pela rua, nas manhãs frescas e radiosas!”

- “Não leves a mal: mas quando vejo qualquer de vocês, artistas, maneando o trombone de sua inspiração, sejam músicos ou poetas, tenho idéia de que o sublime de vocês não se distancia de qualquer dama fazendo a capricho seu croché; ou armando notável penteado, diante do espelho!... Todos devem ser como eu, Amaral, que sorrio no escuro, dos fatos que me ocorrem na vida: ao pleno sol!...”

- “Este é o nosso momento épico: - o momento em que rimos no escuro... Mostramos nele alguma grandeza, de que somos capazes! Simulamos, assim, dar solução do escarninho ao gravebundo problema do Destino: é uma atitudezinha patusca de coragem... Cá por mim, afianço-te que não haverá indivíduo, mais do que eu, impregnado do espírito de acanalamento: de negação garota de todas as coisas... Nem às mulheres, tomo a sério!”

- “Na nossa idade, Amaral, as mulheres nos devem aparecer apenas como cidades longínquas: através de visãozita de seios ou de trechozinhos de coxas... no encanto incomparável da cobiça, em afastamento... - Voltando ao chão da realidade, lembro-te que a miséria humana é insolúvel, pois que, se nos metêssemos na solidão sadia de qualquer matagal, dentro de pouco ansiaríamos por voltar ao envenenado arejamento do tumulto...”

- “... Para dobrar o pescoço sob a canga do “governo”, com um secundário, fuão terciário ou mais reles quaternário encarapitado, lá, em cima do covarde comodismo das massas... Felizmente nós dois estamos próximo da única solução: que consiste naquele Escuro... - Sabes? topei hoje com a Judite. Como está velha e horrenda, a antiga Musa do teu estro e dos teus níqueis! Os moleques, quando ela sai, deram para chamá-la de ‘galinha’!”

Ora, vamos apagar a luz e dormir! - Coitada!

Apanhaste àquela ocasião uma chuvurada por causa dela... Lembras-te? Veio-te um reumatismo.”

- “Coitada! - De que nos irão chamar daí a pouco os moleques? - Pobre da ‘Galinha’!”

- “A ti, na rua, apelidarão de ‘barata’: por causa do teu capotão marrom. - Vamos dormir! Gente velha precisa de dormir... No mais, viva o trombone!”

- “Viva também a Astronomia! - Nós devemos passar por uns velhos gaiatos, hein!”

A Dorinha diz que nós ainda somos cheios de boa-vontade... Devia afirmar que tu ainda pretendes te conservar bem temível..."

- "Ela que venha...Eu não me responsabilizo pelo meu furor...Ora bolas, lá por beirar os setenta; não deixo de ter imaginação, de ter dedos; e especialmente de possuir tato e gosto juntos, em delicado órgão..."

Nós apanhamos cabelos brancos por patuscos, ó Gonçalves!"

- "Um pouco também por astronomia e trombone, seu injusto! - Hah! hah! Ora, viva a Dorinha! - Tu, prepara os sais, logo que a asma me pegar: põe o copo com água junto à minha cama, se me fazes favor!..."

- O paladar é o gênio dos cozinheiros: e a intuição, ou o dom de acertos nos julgamentos, é verdadeiro paladar.

Talvez me desacredite perante mim mesmo com certa estreiteza, unilateral, na visão dos outros homens: - descrédito de atenuado efeito, todavia, em que não sente bem o homem, de per si, mas lateja com o latejar único da humanidade. - De qualquer forma, tenho viciado paladar.

Exemplo: o "homem das bananas".

O "homem das bananas" era hóspede de uma pensão que eu freqüentava, à rua da Carioca: - a particularidade de tal companheiro de mesa consistia em que levava ele bananas, e as comia, muitas: sem conta. Mal provava dos pratos da casa.

Sempre que vejo esse antigo colega da papança - pensionista (de hoje, lá escorreram vintenta de anos) vem-me logo à idéia o comedor de bananas: assim eu o enxergo por inteiro. E o sinto assim.

É evidente que a topada criatura terá sua vida turbilhonante, como as outras vidas: que aquele rochedo ocultará um subterrâneo de escuros espasmos, fundamente cavernosos: que ali se glorificarão virtudes, e se dignificará uma individualidade!

Mas...as bananas...Só o pude conhecer pelas nacionalíssimas frutas da casa-de-comidas!

Suspeito que, nessa mesquinhez com que eu julgo ao antigo anônimo, vá junto, de cambulhada, a minha pessoal mesquinhez: na miséria própria dos meus julgamentos.

Incapacidade da alma que me distingue, para se elevar à tragédia alheia: - quando o previra eu?

Mas que hei de fazer, contra esse travo de consciência?

O acaso funesto de encontrar, levada ao sublime, a mania das bananas; naquela mesa de pensão...

- “A miséria vem, em maior frequência, de dentro para fora: brota sobretudo de fatores intrínsecos. De certa forma, o indivíduo pobre nasce com a tendência para a modéstia econômica e muitas vezes, com a tendência para uma geral modéstia, na vida.

Vai bastante de capacidade a respeito do elance: - os “outros” se esquentam de ousadia para o bem, e para o mal: o “necessitado” é, mais que tudo, um medíocre, desprovido de audácia. Não o anima, ao coitado, alento para o excepcional...”

Assim proclamava Araújo Sá, na mais contundente franqueza de antipático pensar, depois que, junto ao guichê em que estávamos, passara o bando de operários; desembarcado do trem- de-subúrbios.

- Estávamos na Leopoldina, em fila, à espera de comprar passagem para Petrópolis. - Viera o bando a correr, em tropel...

Que friso, pungente de caricata inferioridade, desfilara no tropel! Amarfanhados rostos sebosos, em brancos e mulatos, em negros: - chapéus de todas as formas sobre eles, anarquizadamente desaprumados à cabeça: roupas as mais variegadamente surradas e traposas, cambaias ao corpo em profundo desgosto: sapatos, tamancos, alpercatas...incontendo a rebeldia dos seu buracos num “toc-toc”, num “plaf-plaf” de arrebentar chão: aos pedaços já, tantos deles. Ausência de colarinho, ou aos sujos colaritozitos com gravatas atadas a descapricho; de inconcebíveis cores as gravatas, desbotadas, em molambos... e lá iam os homens, a correrem em grupos salpicados de certas vestes femininas, as quais alucinavam cores e figurinos carnavalescos, apoteosadas por broxadíssimas caretas de carmim. A tais fisionomias extravagantes penteados gordurosos, donde transpirava escorridamente capilar banha...

Corriam...aos magotes: - e uma pungência profunda inundava-me a alma, vendo-os passar. - Para onde iriam? - Para a escravidão.

Para a escravidão do trabalho, imposta pelos outros homens? Para a escravidão da sem-folga, dos tostões contados, das companheiras seduzidas, do “trabalho sem interesse, para o alheio”: para o precipício crescente da agiotagem; para a merendinha sem substância, com uma cervejada barata? Para toda essa polidolorosa escravidão desfilavam?...

Não, Araújo Sá o esclarecera: corriam eles para a escravidão de si mesmos, de sua impotência que nem os empurraria a bandidos, nem os permitia vitoriosos da opulência. - E quando voltassem a casa, lá topariam eles com o mesmo tédio desdentado de miséria, de sujeira, nas pessoas e nas coisas, tornado mais enervante pelo berreiro das crianças, arrastando ao chão sua fome entre poças vastamente urinosas: havendo ainda para pinacular a tumultuosa e esterquilínea paisagem o vocabulário reles de homens e de damas, das moçoilas, cujos ecos se entranhavam pelas frestas

dos móveis dismantelados; como o sacudir de estrondos.

- "Xi! saiam! lá vêm os operários!", gritara gaiatamente um rapazito de óculos na nossa fila, junto ao guichê: e, à perspectiva do bando convulso que vinha, cada um de nós se foi apertando ao próximo companheiro adiante, em jeito de defesa...

Doloria-me, bem profunda, a amargura: de desolação: de remorso que sentia meu egoísmo de não se poderem libertar eles, "como eu", lá para o repouso fresco das serras; de pena daquele total desencanto deles; de mal-estar por aquela ausência de higiene, que os ensebava e os amorrinhava no suor de dias...

- Já ia partir o trem.

A falta de água, nos subúrbios, concluía eu, é deveras uma calamidade! Fosse eu o diretor geral... "Sem higiene! pobrezinhos! Sem um consolo ameno na pele, com o liquidozito... Pobrezinhos! todos os males os honram com sua presença: de males." Um rancor me tomava, de Araújo Sá, ao vê-lo tão jovial! a pilheriar ele com um bojudão de bigodinho, no banco próximo do trem: que para o trem já havíamos entrado...

- "Célere! célere!... Que quer pronunciar o vento, agitando as tuas vestes?

Eia! à beira do oceano...

Depressa!

Um salto para o profundo...um salto acima do "terror das consequências"... Glória! Todo teu ser anseia, ao vento: os seres, todos, anseiam em teu ser. Supremo instante! - eia!...

- Farfalham, ao sol, mil irisações da Complexidade. O gozo da complexidade dos gozos: totalmente. Ao Espaço - sus!...cintila o oceano...Vamos, Audaciosa!

Toda de branco, exsurges! Glória! O branco realça, deliciosa, o frescor da tua mocidade. Depressa...além...depressa! além das decepções que o após-contento entenebrece...Ah! querida! para o vasto mar libertemo-nos.

É o abismo azul uma essência...

Célere! célere! Como se torce em lascívia o vento, modelando teu corpo! - Célere! estonteemo-nos com a essência de todas as ilusões... Sus! Uma ilusão és tu!

Sol sobre poeira, o crepúsculo é também uma ilusão: todavia... Que nos importam as nítidas formas? Eia! eia! eia! Ao largo!

Recalques desacorrentados, no mais profundo dos nossos instintos, choverão miríades de centelhas; à luz pagã! - Espalha o vento os teus cabelos, sorridente, em uma fúria de espalhar os

teus cabelos; em que sofreguidão de apelo! Célere! célere!

Vamos com a saudade de todas as alegrias que foram, e de todas as alegrias que virão: pelos tempos...Alto mar...exóticas regiões, longínquas...contigo...e contudo prevejo que me farás a perfídia de voltares, só, a outras distâncias mais esquisitas; no azul...

- Tu, só! - Quem o previra? - Depressa! - Tens o segredo de um encantado mundo...Sus! depressa! - Sê imperfeita, para que eu te complete em perfeição - Rápido!

Eia! rápido, para o mar largo e fundo. O vento esparze teus cabelos; esparze todo teu ser pelo espaço. O vento inunda o espaço, de teu triunfo. - Ao largo! - Atiremo-nos à dissolução dos preconceitos...ao universal império das simpatias, que solicitam as graciosas simpatias: sem peias, sem lei...Sus! sus!

- Sus! para que não se atrevam as "conseqüências do mal", criemos um mundo em que não haja lembrança do mal: - por ser um "outro mundo". Eia! o delírio do desejo é o infinito. - Sus! Rápido! rápido! para a saudade perene do Indefinível. - Como o sol doura teu prestígio branco!

Que ouro fulvo sobre tua mocidade! - Ergue o vento, em teu vestido, o abismo para cima, do teu esplendor: do teu fulgente recato: - o abismo que vai, em ascensão, arder no convite voluptuoso de teus olhos...Ah!

- Não te deixes escurecer pela melancolia da sensualidade, triste! Assim, amada! Para o mar ensolado!...

Depressa! depressa! Se desaparecemos, levemos um do outro a imagem: para o Profundo eterno.

Talvez vivamos, na Sombra, um eterno amor... - Mas...ao largo, ao anseio do vento...

Para o delírio oceânico do Imenso...depressa!

- Vitória!"

- "Ô...ô..."Caboclo!" toca! Ô...ô..."

- "Ué! aí, no 116, embarcou um..."

- Foi o dono da casa; aquele doutor alto, de cara marcada."

Vai pela rua o carro de boi, puxando-se pela languidez da tarde estival: - batem cascos, em oco som, sobre os lajedos irregulares do calçamento.

- "Dizem que ele deixou um filhinho: é um garoto esperto, que está sempre de velocípede no jardim... - Ô...ô...Como está lerdo hoje este animal!

Ô...ô..."

Pôs-se o outro rapazelho a olhar para uma mocinha que, à

calçada, se avermelha em enxotar danado de cão, teimoso; com propósito de fazê-lo entrar em casa...

Como volteia o bicho aos pinotes! - verdadeiro moleque de patas - despistando a menina!

- "Já está entrando grinalda para o enterro!

- Toca! - Ô...ô... "Caboclo"!

- "Tem uma moça chorando lá, na janela: pelo jeito, deve ser a viúva do homem - Como a gente vai hoje atrasado, seu Nico!..."

- Eu os divisava - oh! que sim! - divisava-os em parapeito de nuvens, a olhar para baixo, no espanto de grandes olhos; espectrais.

Espectrais eram eles, os queridos! - A Pequenita, o Papá, Ballivian e Nestor, Domeneck, Albertina, o Álvaro Pimenta... lá se agrupavam todos os inesquecíveis: espanto de pupilas ocas entornado cá, para o tumulto do mundo! - Doloria-os uma expressão de amargura; uma expressão de irreconhecimento...

Tudo tão mudado, ao sol, no terráqueo vale! Ah! enquanto na nova pátria deles, imutável Noite percorre a eternidade, arrastando sombrio marulhar de vazio...

Espiavam, espiavam. Espiavam, em abertos lábios pasmos, diante das amarguras novas. - Eram assim as humanas amarguras, ao tempo deles?

Não. - Percebi que, ao termo de alguns momentos, começaram a indagar aqueles olhos em pesquisa de alguma particular dor, dolorindo no turbilhão ofegante, onde nos inquietávamos: e que lhes fosse interessar, a cada duêndico olhar tal dor, em mira de por ele fazer penetrar o vivo martírio; até à alma de além-túmulo. - Maior sofreguidão de descerem do alto, em vôo de profundo consolo, trazendo escuro transcendente: os fantasmas generosos!

- "Ah! diletos mortos, não vos preocupeis com a nossa jornada! - para lá iremos: - para o imortal repouso, em que já funereamente vos esvaístes!"

Vós vos esvaístes, em sonhos: - ora, todavia, vós nos vigiais, do excelso e nubloso parapeito, com que mudo! com que crescente afã de tormentos!...

- Oh! a bela tarde!

Fecha os olhos, para veres os homens com teus olhos fechados: em "abstração" dos homens. - A essa excepcional luz crepuscular.

Diante dos homens, olha os homens dentro do teu esplendor. -

Amenidade! que fresco apaziguamento - tornou-se o ar um embalado de lonjura...

O crepúsculo é piedoso cair-de-pápebras. Que tarde! Todas as coisas do mundo aclamam a eterna reconciliação; pelos tempos afora - Oh! piedade!

Definitiva paz! *Excelsior!* - Sinto-me leve, sobre etérea leveza. - A dulçorosíssima tarde. Leve, em êxtase: - não há mais corpos...sinto-me bem, em êxtase infinito.

...Tudo se fala, de alma a alma: ser a ser, se entranha em cada ser: amor sutilíssimo. Em frescor. Azul esmaecido.

Bem-estar! a gente se extravasa nesse azul...pela aragem imortal...Oh! tarde!

- Um milagroso imprevisto!

- Nunca o absurdo de distância que separa os homens em raças e religião, em pátrias, se me evidenciou tão estupefaciente quanto naquela ocasião em que, palestrando com Raclin, contou-me a moça com emoção um fato da sua infância.

Raclin se traduzia em Rosa, na nossa língua: e quem colhia seu perfume e suas graças era o Pereira, negociante na praça do Mercado; o qual alugara quarto, como o alugara eu, nas solidões altas e arborescentes do Silvestre. - Raclin era turca, de nacionalidade e em certas estranhezas: em Istambul fizera-se ela ao sol da vida. Aí está um ponto essencial: - Raclin era turca: essencial para o que desejo eu comentar. Ora, estava Raclin a conversar comigo, debruçada ao balaústre que dava para o arvoredado e para a baía ao longe, quando, a propósito de qualquer vôo do assunto, contou-me que, ao seu tempo de criança, caíra do sobrado onde morava; lá, na terra dela; - e se machucara deveras contra o lajedo da rua. Logo depois, aos gritos que dera, lhe surgira a Mãe correndo, tendo vindo escada abaixo com afobação de socorrer...

- "Minha filha! Minha filha!"

Por mais extravagante que isso pareça, essa narração de corriqueiros fatos, como sejam: o de uma criança cambalhotar travessamente de um sobrado e de uma aflição materna despenhar-se após, para o corpo da filha - essa narração de singelas desventuras alargou-me subitamente em um espanto!...Não pelo fato em si, deveras; mas...por cientificar-me de que Raclin, a turca, passara por infância e possuía mãe! Não só isso: a mãe se condoera alucinadamente pelo desastre da pequena, como se condoeria qualquer mãe por aqui, em idênticas circunstâncias! - Tal o sentimento de distância que em mim de imprevisto acordou, em relação

à Raclin; na religião, língua, na raça, em civilização e na própria alma! apesar de tão juntos ali estarmos, de corpo a corpo, em boa camaradagem!

- Pelo que então - aclarava eu, mentalmente - os turcos não são só aqueles homens que ficam dias inteiros trepados rodantemente em cavalinhos de pau; ou escarrapachados em sórdidos cafés ao ar livre, fumaçando salivamente o *narguilé*; ou...distraindo-se no esporte vermelho de fincar o sabre na ventral maldição dos infiéis...

Não: também - olá! - engendram os turcos a gente sensível: animada por alma amorável, e extremosa de apiedação!...

- "Que é que você está olhando? - com esse olho grande?"

- "Eu, Raclin...eu não estou olhando nada...Ora, essa!..."

Mas o fato é que meu espanto teimava em espiar para uma vagueza de coisas no rosto da bonita oriental; picado o longo espanto por este estribilho:

- "Pelo que então, a mãe aflita lá foi aos tropeções..." E a moça contara ainda que os maternos lábios só deixavam de beijá-la, naquela ocasião de sua meninice, para clamarem por quem acudisse em estancar o sangue; que escorria na cabeça da criança!

- Ora, a turca!...Em tal imprevisto do meu pasmo eu sentia, ao mesmo tempo, um grande vexame pela parvoíce humana ser tão demorada a perceber...

Raclin voltara-se distraidamente para o arvoredor: armara jeito de se ir, tirando os braços da balastrada...

Na minha humilhação de parvoíce brotava, contudo, algo de colorido e de perfumoso: em flores de inédito aspecto!

... "Um mundo novo!...", aclamava eu, interiormente: em festa de alma, acompanhando a filha de Istambul que, então, já se sumia pela varanda...

Em certa dolente moleza sumia-se - a Exótica. Seus meneios davam um qual amortecimento, suspiroso, à aurora de universais compreensões; que em mim ia continuando a despartar...

- Que frescor! Flauta, pastora, aragem...

Pastoral!

O ameno pleno dia!...Chega um pouco desse tédio, que trazem sol e vento?...Voltará a brisa. Um pastor e a flauta: - carneirinhos, como que atentos, esticam a curiosidade, nos focinhos. - Derreamento de longínquo...

Na flauta, uma aragem fresca: de som. Na aragem, um fresco sonoro: de flauta. No branco singelo da pastora, um frescor de flauta e um frescor de aragem.

Oh! que mansuetude! Balem as ovelhas. Se a gente acaricia as ovelhas, parece que brinca a gente com o Esquecimento: em veludosa humildade. Nesse pleno sol, ameno.

A pastora olha, distraída, para seu sonho: para seu sonho, oh! por certo! A flauta refresca o ar, soprando alegriazitas: o pastor não tira atenção da companheira.

Há jeito que vai tudo acabar em uma preguiça...

A rapariga tem uns belos olhos azuis; dizem, de todo, com a leveza dessa pastoral.

Das flores, a aragem escorre um perfume: - em maciez.

A pastorinha vai fechando os olhos.

- Em que esvoaçador sorriso!...

- Ó vós, esportivos de todas as brutalidades! imperialistas de todos os vis herofismos! monstros nus de todas as impudências! cinematográfólogos e radiólogos dos mais matizados tons de sandice! - eu vos declaro, sobranceiro, que não adiro aos esgares selvagens de vossa moderna fisionomia!

Frívolos e aprimitivados que sois...eu vos juro que permaneço na Graça perene das coisas, em meio ao tumulto dos vossos prestígios provisórios!

- Ora, está finda a obra: vamos dormir!

Vou eu dormir em humildade, como em humildade irá dormir toda a pompa do vosso peito alçado em camisa-esporte, e toda a pompa de vossa cabeça programaticamente deschapelada aí: pela avenida das estrepitosas e rasas fachadas.

Para o sono iremos, no eterno amorfo misterioso; que é a escura corrente de todas as existências.

Ó vós, que sois o mundo contemporâneo, eu vos saúdo a despedir-me em indisciplina de desfraldar o Espírito: indomavelmente: extravagante ao vosso olhar, pasmo e escarninho...

Mas escarninho, a erguer olhos, vos respondo ora eu; nesta altivez de, alentado pelos séculos, vos enfrentar!

- Vamos aí pelo firmamento, no desvario dos mundos sem-conta: no desvario das luzes, dos movimentos, de ruídos das siderais rotações - eia! - vamos, nesse abismo de esplendor: sem limite.

E mais...em mirfades...mais mundos. Avante, em que delírio!

Onde está a Terra, com suas pompas? - De tão pequena, nem se a presente. - Avante! mais mundos...em que precipício da Criadora magnitude...Oh! a meticolosa jornada de determinações divinas, pelo intérimo! - Nada ao acaso.

Nada ao acaso.

Dentro de minha alma, disperso-me eu: num torvelinho de arrebatamentos...Maravilha!

Maravilha do infinito de orbes: - em que irisações!... Alucinante eu, de jamais chegar...

Maravilha de nunca-acabar de vidas, de frementes ambições, palpitações glórias e de mesquinhezias, nos orbes que giram, giram...indomináveis...Sem conta! - Magia do meu átomo de consciência - ei-la - vinda do nada que a Terra é: exultando gigantescamente eu, na aparência de que abarco o sem-termo do estirão de criações, na Voragem.

Na voragem palpitando de Deus.

E Deus farolando um Sol da minha humílima luz, entre o estrondo dos mundos! - Glória!

Festa de ser, no revolto sorvedouro: festa alardeando atração para o Splendor supremo... como se aclamasse eu, em minhas vibrações, haver-se tornado o meu egotismo, o único Egotismo triunfante!

- Nas sombras latejantes da recordação, aparece-me aquela escura praça, atravessada por um préstito carnavalesco: sobressaindo no cortejo uma mulher atirando beijos lá de cima, entre as luzes mortíferas do enorme carroção.

Carnaval longínquo, no tempo. Tudo muito emocionante, em apagamento. No carro em que estávamos, um de meus tios gritava de braços frenéticos para a noite, entre o barulho soturno da multidão. A praça mal iluminada com bicos-de-gás, moribundos. Tudo espectral, num sussurramento.

Tudo como tochas e como vozes cavernosas em certo lusco-fusco: quase treva.

Um sonho, a feitio dos sonhos quando se tem alguma febre: e quando se é, por natureza, algo nevropata.

Jamais me poderei esquecer desta impressão de carnaval, em tempo meu de menino - creio que era no antigo Rocío.

Tanto mais me não poderei esquecer quanto hoje - assim quanto no correr dos anos que lá se foram por mim atropelando - em fantasmagoria que feeriza o pandemoníaco carnaval de rua, acendendo préstitos policromicamente monumentais: em batalhas-de-confetes que se estilham pela irisação do ar, em todos os arrabaldes da cidade: em bailes pelas alucinantes noitadas que a imaginação não alcança, na excelssitude da luz, da devassidão, dos perfumes: em viciosas aventuras que a oportunidade dos três dias facilita aos acesos sentidos no subterrâneo das hospedarias escusas... em toda essa incomparável orgia, única no mundo, os meus amigos e o comum

dos homens - almas de multidão - se têm fartado de loucas libertações com pleno ser. Em plena vida!

Contudo eu, no carnaval da vida a igual do carnaval nos mascarados dias, hei permanecido sempre alheado, como em criança permaneci “aquela vez”, olhando pasmo para a alegria esquisita e abafada da longínqua praça... Esperando, como aquele dia, qualquer coisa de grande; que deveria vir... qualquer coisa alargadamente estranha de que aquilo era, sem dúvida a promessa...

No carro - lembro-me - eu estava um tanto encolhidinho. Alguém fez reparo nos meus olhos “que se tinham arregalado, de arrebitarem!”

De uns sons de clarim recordo-me também, que, naquela zoeira em penumbra, me causaram arrepio: de muito lúgubres; - que tal maneira me pareceram eles, ao meu vago sentir de criança...

- A tarde se desfaz.

Dedos luminosamente esmaecidos descem sobre as pálpebras penumbrosas das coisas: fatigadas de se haverem aberto para a agitação.

Maciez de cabeças reclinadas...A tarde se desfaz.

Casario de bairro distante, como em aguarela: nossa velha serviçal pitando modorrentamente, ao último degrau da escada: o arvoredado estufando o mistério de sua sombra: uma galinha renitente, ciscando na grama, sem se resolver a entrar para o poleiro: os veículos fazendo eco aplacado na rua lá, embaixo...eis! A tarde se desfaz: e o horizonte proclama, em luz, a redenção de todas as misérias nossas no estrépito do dia, que capitula...

Um hausto de imortalidade, todavia, nas horas que morrem!

- Por quê?...

- Um hausto de auroral promessa no bem-estar do desaparecimento...oh! as horas, em agonia, do humano cansaço!...

Por que repontará a vespertina esperança?

Certo, terão ressuscitado os que se foram: para a esperança da perenidade gloriosa! - Um último raio de sol esvai-se atrás da colina

- Forma-se um palor muito tênue, acariciando o céu.

De minha janela, parece-me à alma que diviso o primeiro reflexo da Eternidade.

- Em que êxtase, a divisar!...

(Plenitude)

## BIOGRAFIA

Adelino Magalhães nasceu em 2 de setembro de 1887, no bairro de São Domingos, Niterói, filho de Luiza Thompson Braga e de Adelino Augusto Magalhães. Dona Luiza era nascida em Niterói, descendente de portugueses e ingleses. Adelino Augusto era português de Alijó, comerciante próspero no Rio de Janeiro, dono da casa de presentes finos Ao Grão Turco, loja onde se reuniam escritores e artistas como Machado de Assis, Lima Barreto e Rocha Pombo. Adelino Augusto vivia grande parte do tempo em Paris, onde morava na rua Mozart 5, o que explica o fato de o escritor Adelino nunca ter residido com o pai.

Dona Luiza morreu seis meses após o nascimento de Adelino, sendo este criado pela avó materna, que então vivia com uma irmã casada com o barão Torres Homem, conhecido médico do Império.

Aos oito anos, Adelino seguiu para Nova Friburgo, sendo entregue à família do pastor Meyer, um luterano suíço-alemão. Adelino educou-se, entretanto, na religião presbiteriana, professada pela filha do pastor Meyer, que devotava afeição maternal a Adelino.

Quando rapaz, Adelino retornou ao Rio de Janeiro, indo morar com primos ingleses em um palacete no Flamengo, pertencente à família White.

Em 1904 entrou para a faculdade de Medicina do Rio, lá permanecendo até 1906, quando resolveu estudar advocacia, tendo se formado em Direito. Nessa época foi nomeado professor da Prefeitura do Distrito Federal, tendo lecionado História

e Geografia na escola Amaro Cavalcanti até sua aposentadoria.

Em 1916, um ano antes da edição de *Retrato do artista quando jovem*, de Joyce, publicou seu primeiro livro, *Casos e impressões*, e tornou-se sócio fundador da Academia Fluminense de Letras.

Em 1918 mudou-se para Santa Teresa, de lá nunca mais saindo, e veio a morrer na rua Aarão Reis 116, em casa ainda hoje existente.

Em 1920 fundou o Centro de Cultura Brasileiro, de caráter nacionalista. Durante essa época foi injustamente preso como comunista, juntamente com Paula Machado e Durval de Brito.

Em 1927, participou do grupo da revista *Festa* com Tasso da Silveira, Murilo Araújo, Andrade Muricy, Gilka Machado, Cecília Meireles e outros.

Em 1931, aos 44 anos, casou-se com Nair Fernandes, moça carioca de ascendência açoriana, que contava então vinte anos de idade.

Em 1932 nasceu seu único filho, Luiz Augusto.

Em 1946 publicou *Obras completas* pela Editora Zélio Valverde.

Em 1951 tornou-se diretor da escola Amaro Cavalcanti e, no ano seguinte, aposentou-se, após 37 anos de serviço público.

Em 1961 morreu sua esposa, dona Nair.

Em 1963 a Companhia Aguilar Editora publicou *Obra completa* de Adelino.

Em 1967, Adelino recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Nesse mesmo ano, a Editora Horst Erdmann publicou na Alemanha *Ein Nagel! Noch ein Nagel!* de Adelino,

na antologia *Die Reiher und andere brasilianische Erzaehlungen*.

Em 16 de julho de 1969 morreu Adelino Magalhães, de trombose cerebral, aos 82 anos.

Entre outros, foram grandes amigos de Adelino: Nestor Victor, Andrade Muricy, Murilo Araújo e Tasso da Silveira.

Fizeram parte do círculo de amizades de Adelino: Raul Deveza, Chlau Deveza, Mecenas Dourado, Hermes Fontes, Povina Cavalcanti, Silveira Neto, Gilka Machado, Ascendino Leite, Astrojildo Pereira, Galeão Coutinho, Cornélio Penna, Theo Filho, Procópio Ferreira, Villa-Lobos, Paula Machado, Roberto Morena, Pereira da Silva, Marques Rebelo, Djalma de Castro, Paschoal Carlos Magno, Danton Jobim, Jaime Paraíso, Cecília Meireles, Lima Barreto, Gilda de Abreu, Lídia Salgado, Francisco Karam, Brasília Itiberê, Agripino Grieco, Karl Eisenlohr, Renato Vianna, José Oiticica, Rocha Pombo, Afonso Schmidt, Edgar e Carlos Sussekind de Mendonça, Jackson de Figueiredo, Alfredo Orcades, Lucilio Albuquerque, Gago Coutinho, Pedro Calmon, Dulcina de Moraes e Odilon, Bidu Sayão, Jônatas Serrano, Conde de Affonso Celso e Gustavo Riedel.

Mais tarde, já na maturidade, conviveram com Adelino seus prezados amigos: Xavier Placer, Eugênio Gomes, Afrânio Coutinho, Pizzaro Drummond, Braga Montenegro, Paulo Armando e a pintora Djanira.

*Dados fornecidos por Luiz Augusto Magalhães, filho do autor.*

## BIBLIOGRAFIA

*Casos e impressões.* Rio de Janeiro: Tip. Revista dos Tribunais, 1916.

*Visões, cenas e perfis.* Rio de Janeiro: Tip. Revista dos Tribunais, 1918.

*Tumulto da vida.* Rio de Janeiro: Tip. Revista dos Tribunais, 1920.

*Inquietude.* Rio de Janeiro: Schettino, 1922.

*A hora veloz.* Rio de Janeiro: Tip. Revista dos Tribunais, 1926.

*Os violões.* Rio de Janeiro: Emp. E. Universal, 1927.

*Câmera.* Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1928.

*Os marcos da emoção.* Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1933.

*Íris - um capricho de temas.* Rio de Janeiro: Tip. Cidade do Rio, 1937.

*Plenitude.* Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural Guanabara, 1939.

*Quebra-luz - uns exercícios, na penumbra.* In: *Obras completas.* Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1946. v. 2.

*Obra completa.* Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

## SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O AUTOR

ARAÚJO, Murilo. A visão transfiguradora do real.  
In: MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

ATAÍDE, Tristão de. [Alceu Amoroso Lima].  
Literatura tumultuosa. In: ---. *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: Agir, 1948.

BRAYNER, Sonia. A consciência agressiva de Adelino Magalhães. In: ---. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

CARPEAUX, Otto Maria. Adelino Magalhães.  
In: ---. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Apêndice de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [1979].

CAVALHEIRO, Edgar. Adelino Magalhães.  
In: ---. *Evolução do conto brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955.

-----, MENEZES, Raimundo. Uma resolução, conto de Adelino Magalhães. In: ---. *Histórias de crimes e criminosos; uma antologia de contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

GOMES, Eugênio. Adelino Magalhães e a moderna literatura experimental. In: MAGALHÃES,

Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

LIMA, Herman. Adelino Magalhães. In: ---. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

LUZ, Fábio. Casos e impressões. Tumulto da vida (Adelino Magalhães). In: ---. *Estudos de literatura*. Rio de Janeiro: Oficinas gráficas do ginásio Vinte e Oito de Setembro, 1926.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo, org. *O conto da vida burocrática*. Prefácio e seleção. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1960].  
Panorama do conto brasileiro, v. 11.

MARTINS, Mário Rodrigues. *Evolução da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: s.e., 1945.

MONTELLO, Josué. *Caminho da fonte; estudos de literatura*. Rio de Janeiro: INL, 1959.

MURICY, José Cândido de Andrade. Adelino Magalhães. In: ---. *Caminho de música*. Curitiba: Guaíra, 1951.

---. Adelino Magalhães. In: ---. *A nova literatura brasileira; crítica e antologia*. Porto Alegre: Globo, 1936

---. Adelino Magalhães. In: ---. *Panorama do simbolismo brasileiro*. 2. ed. Brasília: MEC/ INL, 1973. v. 2.

- - - - - . Um impressionista. In: ---. *O suave convívio*; ensaios críticos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

PERDIGÃO, Henrique. Brasileiros/ Adelino Magalhães. In: DICIONÁRIO universal de literatura. Porto: Lopes da Silva, 1940.

PLACER, Xavier. *Adelino Magalhães: bibliografia*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1956. Separata do v. IV da Revista da Academia Fluminense de Letras.

- - - - - . O impressionismo da prosa de ficção. In: COUTINHO, Afrânio, org. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1958.

- - - - - . Roteiro para a "ilha" Adelino Magalhães. In: MAGALHÃES, Adelino. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

RIBEIRO, João. Adelino Magalhães. In: ---. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952. v. IX.

SILVEIRA, Tasso da. Adelino Magalhães. In: ---. *Definição do modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Forja, 1932.

VELHO SOBRINHO, João Francisco. Adelino Magalhães. In: DICIONÁRIO bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro: INL, 1937-1940.

VICTOR, Nestor. Adelino Magalhães. In: ---. *Os de hoje*: figuras do movimento modernista

brasileiro. São Paulo: Cultura Moderna, [1938].

----- . *Adelino Magalhães no paralelo 70*. Rio de Janeiro: Alba, 1957. Inclui ensaios de Paulo Armando, Andrade Muricy, Eugênio Gomes, Jaime Adour da Câmara, Murilo Araújo, Povina Cavalcanti, Pizarro Drummond, Stefan Baciu, Tasso da Silveira, Afrânio Coutinho, Xavier Placer.

----- . Casos e impressões. Visões, cenas e perfis. In: ---. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, [1924].

----- et al. *O precursor Adelino Magalhães*. Rio de Janeiro: s.e., 1947. Inclui depoimentos de Nestor Victor, Gilberto Beltrão, Fábio Luz, Tasso da Silveira, Tristão de Ataíde, Luís da Câmara Cascudo, Brasília Itiberê, Galeão Coutinho, Andrade Muricy, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Afonso Schmidt, Barretto Filho, Eugênio Gomes, Paulo Rónai, Murilo Araújo, Wilson Martins, Paulo Armando, Pizarro Drummond.

## *COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA*

A ERA DAS DEMOLIÇÕES/HABITAÇÕES POPULARES, de Oswaldo Porto Rocha e Lia de Aquino Carvalho. 1986. Volume 1.

AFORAMENTOS: INVENTÁRIO SUMÁRIO, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1987. Volume 2.

RIO DE JANEIRO: CIDADE E REGIÃO, de Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares. 1987. Volume 3.

A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS, de João do Rio. 1987, 1991. Volume 4.

O GARATUJA, de José de Alencar. 1987. Volume 5.

HISTÓRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Delgado de Carvalho. 1988, 1990, 1994. Volume 6.

AS MULHERES DE MANTILHA, de Joaquim Manuel de Macedo. 1988. Volume 7.

DIÁRIO DO HOSPÍCIO/O CEMITÉRIO DOS VIVOS, de Lima Barreto. 1988, 1993. Volume 8.

UM RIO EM 68, do Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. 1988. Volume 9.

DESABRIGO, de Antônio Fraga. 1990. Volume 10.

PEREIRA PASSOS: UM HAUSSMANN TROPICAL, de Jaime Larry Benchimol. 1990, 1992. Volume 11.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS: UMA DRÁSTICA CIRURGIA, de Evelyn Furquim Werneck Lima. 1990. Volume 12.

A MULHER E OS ESPELHOS, de João do Rio. 1990. Volume 13.

- MISTÉRIOS DO RIO, de Benjamim Costallat. 1990. Volume 14.
- BOM-CRIOULO, de Adolfo Caminha. 1991. Volume 15.
- O MUNDO DE MACHADO DE ASSIS, de Miécio Táci. 1991. Volume 16.
- DOS TRAPICHES AO PORTO, de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão. 1991. Volume 17.
- O RIO DE JANEIRO DA PACIFICAÇÃO, de Paulo Knauss de Mendonça. 1991. Volume 18.
- A CIDADE MULHER, de Alvaro Moreyra. 1991. Volume 19.
- OS TRANSPORTES COLETIVOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Maria Lais Pereira da Silva. 1992. Volume 20.
- NATUREZA E SOCIEDADE NO RIO DE JANEIRO, org. de Mauricio Abreu. 1992. Volume 21.
- NO RASCUNHO DA NAÇÃO: INCONFIDÊNCIA NO RIO DE JANEIRO, de Afonso Carlos Marques dos Santos. 1992. Volume 22.
- ESTAÇÃO RIO, de Maria Augusta Machado da Silva. 1992. Volume 23.
- NEGOCIANTES E CAIXEIROS NA SOCIEDADE DA INDEPENDÊNCIA, de Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein. 1993. Volume 24.
- AS TROPAS DA MODERAÇÃO, de Alcir Lenharo. 1993. Volume 25.
- BAMBAMBÃ!, de Orestes Barbosa. 1993. Volume 26.
- AS RAZÕES DO CORAÇÃO, de Afrânio Peixoto. 1994. Volume 27.
- JOÃO DO RIO: CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO, de João Carlos Rodrigues. 1994. Volume 28.
- AUGUSTO MALTA: CATÁLOGO DA SÉRIE NEGATIVO EM VIDRO, do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1994. Volume 29.

# COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

## Cadastro

Caso você possua algum interesse em cadastrar-se na COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA, preencha este formulário e remeta ao endereço indicado.

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

PROFISSÃO

Professor universitário

Professor de 1º e 2º graus

Estudante de graduação

Estudante de pós-graduação

Outra. Qual? \_\_\_\_\_

INSTITUIÇÃO COM A QUAL MANTÉM O VÍNCULO EMPREGATÍCIO OU ESTUDANTIL ACIMA CITADO \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Caso você desenvolva ou possua alguma pesquisa que tenha como tema a cidade do Rio de Janeiro, informe o título, apresente uma pequena sinopse, o número de laudas datilografadas e sua destinação (tese de doutorado, dissertação de mestrado, monografia de fim de curso, publicação de livro ou artigo, montagem de exposição, projeto técnico etc.) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

NO QUE SE REFERE À CIDADE DO RIO DE JANEIRO, QUAIS SÃO SUAS  
ÁREAS DE INTERESSE?

---

---

---

COMO VOCÊ CONHECEU A COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA?

---

---

---

Remeta este formulário para:

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO C/DGDI  
Rua Amoroso Lima nº 15, sala 112  
20211-120 - Rio de Janeiro - RJ

impacto provocado pela Semana de Arte Moderna, em São Paulo, 1922.

Insurgindo-se contra as formas tradicionais de expressão estética, Adelino Magalhães veio colocar-se como um antecipador de elaboradas técnicas narrativas, um inovador que impôs distorções à linguagem convencional, que incorporou o onírico e o alucinatório e que, de modo surpreendente, soube devassar cenas e fixar aspectos do cotidiano carioca.

*Diva Maria Dias Graciosa*

